

Skinner vai ao cinema 3



Organizadoras

Ana Karina Curado Rangel de-Farias
Michela Rodrigues Ribeiro



Skinner vai ao Cinema

Volume 3

www.walden4.com.br

Ana Karina Curado Rangel de-Farias
Michela Rodrigues Ribeiro
Organizadoras

2016
Instituto Walden4, Brasília

Skinner vai ao cinema (Volume 3), 1ª ed.

Organizado por Ana Karina Curado Rangel de-Farias e Michela Rodrigues Ribeiro

Brasília, Instituto Walden4, 2016

297 p.

ISBN: 978-85-65721-08-0

1. Psicologia
2. Behaviorismo
3. Análise do Comportamento

Capa: Rodolfo Nunes

Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-65721-08-0



9 788565 721080

SUMÁRIO

SUMÁRIO.....	i
AUTORES POR CAPÍTULO	ii
SOBRE OS AUTORES.....	v
PREFÁCIO	x
O SHOW DE TRUMAN: A ESCOLHA POR UM “CONTROLE MAIS LIVRE”	1
“NA NATUREZA SELVAGEM”: ANÁLISE FUNCIONAL E O ENSINO DE CONCEITOS DA ANÁLISE DO COMPORTAMENTO.	9
AS PONTES DE MADISON: O CONTROLE DE RESPOSTA POR CONTINGÊNCIAS E REGRAS.....	26
ANÁLISE COMPORTAMENTAL DA MENTIRA EM “O PRIMEIRO MENTIROSO”.....	42
MENTIRAS E SEGUIMENTO DE REGRAS EM “A VEZ DA MINHA VIDA”	63
“AS INVASÕES BÁRBARAS”: O ADOECIMENTO E A MORTE – UMA VISÃO ANALÍTICO-COMPORTAMENTAL	85
ENTRE OS MUROS DA ESCOLA: REFLEXÕES SOBRE EDUCAÇÃO ESCOLAR E CONTROLE AVERSIVO	117
LILLO & STITCH: ENSINANDO O “MAU” COMPORTAMENTO?	137
“KRAMER VS. KRAMER” – APRENDIZAGEM DE COMPORTAMENTOS E DE HABILIDADES SOCIAIS EDUCATIVAS PARENTAIS.....	153
“CISNE NEGRO”: UMA ANÁLISE DE PADRÕES COMPORTAMENTAIS DE ACORDO COM A PERSPECTIVA DA TERAPIA DE ACEITAÇÃO E COMPROMISSO.....	171
“TUDO PODE DAR CERTO” – UMA VISÃO ANALÍTICO-COMPORTAMENTAL DA HIPOCONDRIA E DO HIPOCONDRIACO BORIS.....	203
MARKETING SOCIAL E COMPORTAMENTO DO CONSUMIDOR: TENSÕES ENTRE O CONTROLE NO CONSUMO DE TABACO E A INDÚSTRIA DE CIGARROS EM “OBRIGADO POR FUMAR”.....	254
RELATOS SELVAGENS: UMA ANÁLISE COMPORTAMENTAL DE ATAQUES DE IRA..	274

AUTORES POR CAPÍTULO

Capítulo 1

“O Show de Truman”: A Escolha por um “controle mais livre”

Michela Rodrigues Ribeiro

Capítulo 2

“Na Natureza Selvagem”: Análise funcional e o ensino de conceitos da Análise do Comportamento

Paulo Guerra Soares, Sérgio Dias Cirino, Carlos Renato Xavier Cançado, e Carlos Eduardo Costa

Capítulo 3

As Pontes de Madison: O Controle de Resposta por Contingências e Regras

João Ilo Coelho Barbosa

Capítulo 4

Análise Comportamental da Mentira em “O Primeiro Mentiroso”

Nicolau Chaud de Castro Quinta, e Lauro Eugênio Guimarães Nalini

Capítulo 5

Mentiras e Seguimento de Regras em “A Vez da Minha Vida”

Jéssica Gomes Cordeiro, e Carlos Augusto de Medeiros

Capítulo 6

“As Invasões Bárbaras”. O Adoecimento e a Morte: Uma visão analítico-comportamental

Lorena Bezerra Nery, e Flávia Nunes Fonseca

Capítulo 7

Entre os Muros da Escola: Reflexões sobre educação escolar e controle aversivo

Natalie Brito Araripe, e Aída Teresa Dos Santos Brito

Capítulo 8

Lilo & Stitch: Ensinando o “mau” comportamento?

Lauriane dos Santos Moreira, e Ana Beatriz Dupré Silva

Capítulo 9

“Kramer Vs. Kramer”: Aprendizagem de comportamentos e de habilidades sociais educativas parentais

João Pedro Bohrer, e Carlos Augusto de Medeiros

Capítulo 10

“Cisne Negro”: Uma análise de padrões comportamentais de acordo com a perspectiva da Terapia de Aceitação e Compromisso

Marcileyde Tizo, Andréa Dutra , e Ana Karina C. R. de-Farias

Capítulo 11

“Tudo Pode Dar Certo”: Uma visão analítico-comportamental da hipocondria e do hipocondríaco Boris

Sheila Francisca Machado, e Raquel M. Aló

Capítulo 12

Don Jon: Pornografia, masturbação e relacionamentos amorosos

Felipe Rosa Epaminondas

Capítulo 13

Obrigado por fumar

Diego da Silva Lima, André Amaral Bravin e Fábio Henrique Baia

Capítulo 14

Relatos Selvagens: Uma análise comportamental de ataques de ira

Nagi Hanna Salm Costa, e Frederico Santos Veloso

SOBRE OS AUTORES

Aída Teresa dos Santos Brito

Doutora, pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Piauí (UFPI). Psicóloga Clínica Infantil e Adulto. Psicopedagoga, Formação em TEACCH e PECs (Sistemas de Comunicação Alternativos). Professora Dedicção Exclusiva da UFPI. Membro do Núcleo de Estudos em Educação Especial do Piauí (NEESPI) da UFPI. Áreas de atuação: Psicologia Clínica Infantil e Educação, na área de Inclusão, com ênfase no estudo de Tecnologia Assistida e ABA; pesquisa em comportamento verbal de crianças com autismo no Atendimento Educacional Especializado, através do uso de Comunicação Alternativa e Ampliada.

Ana Beatriz Dupré Silva

Doutora em Ciências do Comportamento, pela Universidade de Brasília (UnB). Psicóloga clínica no Espaço Conjunto, em Palmas (TO). Professora do curso de Psicologia do Centro Universitário Luterano de Palmas (CEULP/ULBRA). Áreas de atuação: Análise Comportamental Aplicada; Toxicologia Comportamental.

Ana Karina C. R. de-Farias

Mestre em Processos Comportamentais, pela Universidade de Brasília (UnB). Psicóloga clínica em consultório particular. Psicóloga da Equipe de Atenção Domiciliar (AED) – Hospital Regional do Gama – Secretaria de Estado de Saúde do Distrito Federal (SES-DF). Professora do Instituto Brasiliense de Análise do Comportamento (IBAC). Áreas de atuação: Análise Comportamental Clínica, Psicologia da Saúde.

André Amaral Bravin

Doutor em Ciências do Comportamento, pela Universidade de Brasília (UnB). Professor Adjunto da Universidade Federal de Goiás (UFG) – Campus Jataí. Áreas de atuação: Farmacologia e Toxicologia Comportamental, Análise Comportamental Clínica.

Andréa Dutra

Pós-Graduada em Terapia Comportamental, pela Universidade Católica de Goiás (UCG). Professora do Instituto Brasiliense de Análise do Comportamento (IBAC). Psicóloga Clínica. Áreas de atuação: Análise Comportamental Clínica.

Carlos Augusto de Medeiros

Doutor em Ciências do Comportamento, pela Universidade de Brasília (UnB). Professor e Coordenador do Curso de Mestrado em Psicologia do Centro Universitário de Brasília (UniCEUB). Psicólogo clínico. Áreas de atuação: Docência e supervisão;

Gestão em nível de Pós-Graduação; Análise Comportamental Clínica em Psicoterapia Comportamental Pragmática.

Carlos Eduardo Costa

Doutor em Psicologia Experimental, pela Universidade de São Paulo (USP-SP). Professor Associado na Universidade Estadual de Londrina (UEL) e docente permanente do Programa de Pós-Graduação (Mestrado) em Análise do Comportamento na UEL.

Carlos Renato Xavier Cançado

Doutor em Psicologia, pela West Virginia University (2011). Pesquisador no Departamento de Processos Psicológicos Básicos, Instituto de Psicologia, da Universidade de Brasília, e docente no Programa de Pós-Graduação em Ciências do Comportamento da Universidade de Brasília (UnB). Áreas de atuação: Análise Experimental do comportamento humano e não humano.

Diego da Silva Lima

Graduando em Psicologia, pela Universidade Federal de Goiás – Campus Jataí. Integrante do grupo de pesquisa do Laboratório de Processos Psicológicos Básicos. Áreas de atuação: Psicologia experimental e bases biológicas do comportamento.

Fábio Henrique Baia

Doutor em Ciências do Comportamento, pela Universidade de Brasília. Professor titular da Faculdade de Psicologia da Universidade de Rio Verde (UniRV). Presidente em exercício da Associação Brasileira de Análise do Comportamento (ACBr). Membro do Conselho Superior da Fundação de Amparo à Pesquisa (FAPEG). Diretor da Faculdade de Psicologia da UniRV. Áreas de atuação: Análise Comportamental da Cultura; Comportamento Social e Análise Experimental do Comportamento Humano

Felipe Rosa Epaminondas

Mestre em Psicologia, pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO). Especialista em Psicopatologia Clínica, pela PUC-GO, e em Psicoterapia com Foco na Sexualidade, pelo Instituto Paulista de Sexualidade. Psicólogo clínico e professor na Universidade Anhanguera de São Paulo. Áreas de atuação: Análise Comportamental Clínica, Psicopatologia.

Flávia Nunes Fonseca

Mestre em Ciências do Comportamento, pela Universidade de Brasília. Especialista em Análise Comportamental Clínica pelo IBAC. Psicóloga no Hospital Universitário de Brasília (HUB). Psicóloga na Unidade de Cuidados Paliativos do Hospital de Base de Brasília, Secretaria de Estado de Saúde do Distrito Federal (SES-DF). Áreas de atuação: Análise Comportamental Clínica, Psicologia da Saúde.

Frederico Santos Veloso

Especialista em Análise Comportamental Clínica, pelo Instituto Brasiliense de Análise do Comportamento (IBAC). Psicólogo clínico.

Jéssica Gomes Cordeiro

Formação em Análise Comportamental Clínica, pelo Instituto Brasiliense de Análise do Comportamento (IBAC). Graduada em Psicologia pelo Centro Universitário de Brasília (UniCEUB).

João Ilo Coelho Barbosa

Doutor em Teoria e Pesquisa do Comportamento, pela Universidade Federal do Pará. Mestre em Psicologia Clínica, pela Universidade de São Paulo. Foi presidente da Associação Brasileira de Psicologia e Medicina Comportamental (ABPMC, 2013-2014). Professor associado da Universidade Federal do Ceará. Áreas de atuação: Terapia Analítico-comportamental, Eventos Privados.

João Pedro Bohrer

Graduado em Psicologia, pelo Centro Universitário de Brasília (UniCEUB).

Lauriane Dos Santos Moreira

Mestranda em Desenvolvimento Regional, pela Universidade Federal do Tocantins. Especialista em Análise Comportamental Clínica, pelo Instituto Brasiliense de Análise do Comportamento (IBAC). Especialista em Saúde Pública, com ênfase em Saúde Coletiva e da Família, pelo Instituto Tocantinense de Pós-Graduação (2010). Psicóloga do Centro de Atenção Psicossocial Álcool e Outras Drogas III de Palmas – TO (CAPS AD III). Professora Assistente do Centro Universitário Luterano de Palmas (CEULP/ULBRA). Áreas de atuação: Análise do Comportamento e Cultura, Saúde Mental.

Lauro Eugênio Guimarães Nalini

Doutor em Psicologia, pela Universidade de Brasília (UnB). Docente do Departamento de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Psicologia (PSSP) da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO). Áreas de atuação: Aprendizagem Humana, Relações Verbais e Linguagem, Comportamento do Consumidor, Economia Comportamental.

Lorena Bezerra Nery

Mestre em Ciências do Comportamento, pela Universidade de Brasília (UnB). Especialista em Análise Comportamental Clínica, pelo Instituto Brasiliense de Análise do Comportamento (IBAC). Psicóloga clínica em consultório particular. Professora e supervisora clínica do IBAC. Psicóloga na Secretaria de Estado de Saúde do Distrito Federal (SES-DF). Área de atuação: Análise Comportamental Clínica, Psicologia da Saúde.

Marcileyde Tizo

Doutoranda em Ciências do Comportamento, pela Universidade de Brasília (UnB). Mestre em Psicologia, pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Especialista em Análise Comportamental Clínica, pelo Instituto Brasiliense de Análise do Comportamento (IBAC). Área de atuação: Psicologia do Ensino e da Aprendizagem.

Michela Rodrigues Ribeiro

Doutora em Psicologia, pela Universidade de Brasília (UnB). Professora do Centro Universitário de Brasília (UniCEUB). Áreas de atuação: Análise Comportamental Clínica, Práticas Educativas Parentais.

Nagi Hanna Salm Costa

Doutoranda em Ciências do Comportamento, pela Universidade de Brasília (UnB). Mestre em Psicologia, pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO). Especialista em Psicopatologia Clínica, pela PUC-GO.

Natalie Brito Araripe

Mestre em Psicologia, pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Psicóloga do Hospital Universitário/Maternidade Escola, em Fortaleza. Formação em Terapia Analítico-comportamental Infantil, pelo Instituto Brasiliense de Análise do Comportamento (IBAC). Áreas de atuação: Análise do Comportamento e Desenvolvimento Infantil.

Nicolau Chaud de Castro Quinta

Mestre em Psicologia, pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO). Psicólogo clínico em consultório particular. Professor das Faculdades Alves Faria (ALFA), Goiânia-GO. Áreas de atuação: Análise Comportamental Clínica, Detecção de Mentiras.

Paulo Guerra Soares

Mestre em Análise do Comportamento, pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Graduado em Psicologia, pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professor da Universidade Norte do Paraná.

Raquel Moreira Aló

Pós-doutora, pela Universidade de São Paulo. Doutora em Psicologia, pela West Virginia University. Professora Adjunta do Departamento de Processos Psicológicos Básicos do Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília (UnB). Áreas de atuação: pesquisa em princípios básicos do comportamento operante, Organizational Behavior Management (OBM), docência.

Sérgio Dias Cirino

Pós-doutor, pela West Virginia University. Doutor em Psicologia, pela Universidade de São Paulo (USP). Professor visitante na Osaka Kyoiku Daigaku, Japão (2007). Bolsista de Produtividade CNPq Nível 2 e do Programa Pesquisador Mineiro da FAPEMIG. Professor no Departamento de Psicologia e no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Áreas de atuação: História da Psicologia, Ensino de Psicologia, Licenciatura em Psicologia, Educação à distância, e Política de periódicos.

Sheila Francisca Machado

Pós-Graduanda em Avaliação Psicológica, pelo Instituto de Pós-Graduação de Goiás (IPOG). Especialista em Análise Comportamental Clínica, pelo Instituto Brasileiro de Análise do Comportamento (IBAC). Psicóloga Clínica. Área de atuação: Análise Comportamental Clínica.

PREFÁCIO

“Skinner vai ao cinema” tornou-se *xodó* de alguns profissionais da Análise do Comportamento, pela sua linguagem simples, seja para aplicação em sala de aula, com alunos de graduação ou pós-graduação, seja para sua prática clínica ou em outros ambientes nos quais análises funcionais sejam úteis. Neste terceiro volume, trazemos análises de conceitos relevantes para nossa abordagem, a partir de filmes interessantíssimos que ilustram o comportamento humano em diferentes contextos.

O livro inicia-se com a discussão de um tema bastante controverso em Psicologia: o controle. Este conceito é, muitas vezes, utilizado erroneamente para criticar a visão analítico-comportamental sobre as relações que o indivíduo estabelece com o mundo. No capítulo de Ribeiro, uma reimpressão do capítulo publicado em volume da coleção “Sobre Comportamento e Cognição”, o filme “O Show de Truman” serve como pano de fundo para uma importante discussão deste e de outros conceitos que o acompanham, como livre-arbítrio, liberdade e contracontrole.

O contracontrole também pode ser claramente ilustrado pelos comportamentos do personagem Chris, do filme e do livro homônimo “Na natureza selvagem”. No Capítulo 2, Soares, Cirino, Cançado e Costa realizam análises funcionais dos comportamentos de Chris, abordando sua história de exposição às contingências. Os conceitos de fuga-esquiva, generalização e equivalência de estímulos, aprendizagem por regras e modelação são utilizados para essas análises, facilitando seu entendimento e permitindo a ilustração de interpretações analítico-comportamentais para temas complexos.

Um exemplo de tema complexo é o de relações afetivo-sexuais. No terceiro capítulo, Barbosa analisa o filme “As pontes de Madison”, que conta uma história de amor extraconjugal, ambientada em um contexto sociocultural tradicional, entre o fim da década de 1950 e o início dos anos 1960. O autor demonstra a múltipla determinação do comportamento, a partir dos três níveis de variação e seleção, do conflito entre reforçadores primários e contingências sociais, e da distinção entre comportamento diretamente modelado pelas contingências e comportamento governado por regras. Ao definir eventos privados como produtos das contingências de reforçamento, discute brevemente o internalismo presente em explicações cognitivistas, por exemplo, contrapondo-o à visão analítico-comportamental. Por fim, aponta brevemente possíveis intervenções terapêuticas para a personagem principal, incluindo a aquisição de comportamentos mais assertivos.

Os dois próximos capítulos tratam de outro tema complexo e interessante. Quinta e Nalini apresentam a visão da Análise do Comportamento sobre a mentira. A discus-

são traz análises instigantes sobre o comportamento verbal, as funções do mentir e a impossibilidade de vivermos em um mundo sem mentiras. O filme “O primeiro mentiroso” aborda uma utopia curiosa: um mundo em que não há mentiras, em que todos dizem a verdade. É interessante ver o desenrolar dessa história e todas as implicações produzidas por essa condição.

Ainda sobre o tema mentira, o Capítulo 5, de Gomes e Medeiros, analisa os comportamentos de uma personagem do livro “A vez da minha vida”, em que o mentir se configura como um padrão comportamental em seu repertório. Os autores mostram como o seguimento excessivo de regras está relacionado ao desenvolvimento deste padrão e como as várias contingências nas quais a personagem vive contribuem para sua manutenção. A análise de um livro ao invés de um filme para a composição deste capítulo nos oferece mais um interessante recurso de ensino para conceitos da Análise do Comportamento.

Os três próximos capítulos tratam de assuntos de grandes áreas de estudo da Psicologia: Psicologia Hospitalar, Psicologia Escolar e da Educação, e Psicologia do Desenvolvimento. No Capítulo 6, tendo como base o filme “As Invasões Bárbaras”, Nery e Fonseca abordam os processos de adoecimento e morte no contexto atual, em que os cuidados paliativos vêm sendo cada vez mais discutidos em nível de saúde pública e privada. As autoras defendem a necessidade de ver o paciente como um todo e de respeitar suas decisões e as de sua família. Além disso, apresentam algumas das limitações do ambiente hospitalar no tratamento de doenças fora de possibilidade curativa, a definição de eutanásia em contraposição à distanásia e à ortotanásia, e a visão de finitude e morte para diferentes culturas e práticas religiosas. As escolhas do personagem principal acerca de sua morte são funcionalmente analisadas, a partir de conceitos relevantes da Análise do Comportamento, a saber: três níveis de variação e seleção dos comportamentos, contingência tríplice de reforçamento, operações estabelecedoras, e regras. O capítulo traz reflexões interessantes para nós como possíveis pacientes, familiares de doentes terminais e membros de equipes de saúde, e sugere outros filmes que abordam o tema.

No Capítulo 7, “Entre os muros da escola” é o filme utilizado por Araripe e Brito ao discutirem possíveis contribuições da Análise do Comportamento para a Psicologia Escolar e a Psicologia da Educação, tradicionalmente com ênfases em outras abordagens psicológicas. Os conceitos de controle aversivo, agências controladoras, aprendizagem, seleção pelas consequências, e operações motivacionais ou estabelecedoras, abordados pelas autoras, são úteis para demonstrar a relevância do desenvolvimento de repertório comportamental nos professores e de mudanças nas práticas escolares no que tange ao estabelecimento de planos de intervenção individualizados, que respeitem o nível de aprendizagem e o contexto sociocultural dos alunos.

Outra área de estudos, tradicionalmente marcada por distintas visões de homem e de causalidade de comportamentos, representada neste volume é a da Psicologia do Desenvolvimento Humano. Baseando-se no desenho “Lilo & Stitch”, Moreira e Silva utilizam os conceitos de exposição às contingências, regras e modelação para contrapor a visão analítico-comportamental a outras visões sobre aquisição de comportamentos por parte das crianças. Apresentam dados de pesquisas para discutir os efeitos da TV, filmes e histórias para a aprendizagem, seja de comportamentos considerados “bons” ou “ruins”, e enfatizam o papel dos pais na supervisão dessa aprendizagem.

Práticas educativas parentais também são o tema do Capítulo 9, de Bohrer e Medeiros, que apresenta a teoria das Habilidades Sociais Educativas Parentais (HSE-P) e conceitos básicos da Análise do Comportamento, como modelagem, modelação, regras, operações estabelecedoras e operantes verbais, para entendermos as mudanças contingenciais pelas quais passam a vida das três personagens principais no clássico “Kramer vs. Kramer”. O filme e sua análise podem ajudar psicólogos que trabalham com a orientação a pais no que se refere ao ensino de diferentes habilidades aos filhos, assim como à relação estabelecida com os mesmos.

O Capítulo 10, de Tizo, Dutra e de-Farias, apresenta uma das mais conhecidas abordagens terapêuticas da chamada terceira onda da Terapia Comportamental: a Terapia de Aceitação e Compromisso (ACT), a partir da análise do filme “Cisne Negro”. Este belíssimo filme pode nos ajudar a compreender a visão da ACT sobre sofrimento e comportamentos tidos como patológicos, e as autoras utilizam-no para discutir conceitos como a inflexibilidade psicológica, os contextos sócio-verbais de controle do comportamento e o uso de metáforas na prática clínica. Além da compreensão desta estratégia terapêutica, o capítulo oferece uma visão analítico-comportamental para o diagnóstico de comportamentos tidos como psicopatológicos e um possível plano de intervenção para a personagem do filme.

Machado e Aló apresentam o conceito e os critérios de diagnóstico tradicional para a hipocondria, utilizando o filme “Tudo pode dar certo”. Em seu capítulo, são apontadas as limitações do diagnóstico médico tradicional, discutidas as diferenças entre topografia e função de comportamentos, e ilustrados a multideterminação tanto dos comportamentos tidos como normais ou como patológicos (segundo o modelo seletivista proposto por Skinner) e o controle por regras. As autoras definem diagnóstico comportamental, descrevendo as etapas para sua formulação, e apresentam uma cuidadosa formulação comportamental do hipocondríaco Boris, que pode servir como modelo para a realização de formulações de outros casos.

No Capítulo 12, são também apresentadas discussões pertinentes sobre a classificação nosográfica e o ponto de vista da Análise do Comportamento. Epaminondas

analisa o filme “Como não perder essa mulher”, que serve de cenário para discussões sobre relacionamentos amorosos, transtornos sexuais, utilização de pornografia e a prática de masturbação. O personagem do filme só sente prazer sexual a partir de masturbação estimulada por pornografia e o capítulo nos apresenta hipóteses explicativas sobre como esse padrão comportamental se desenvolveu e como ele afeta as relações afetivas do personagem com suas parceiras.

Com o filme “Obrigado por fumar”, no Capítulo 13, Lima, Bravin e Baia trazem informações impressionantes sobre o consumo de tabaco. Os autores apresentam a área de pesquisa sobre comportamento do consumidor desenvolvida a partir dos conceitos e da lógica interpretativa da Análise do Comportamento, discutindo as tensões existentes entre o setor de consumo de tabaco e a indústria de cigarros. Discussões sobre o papel do *marketing* e do cenário de consumo, bem como sobre as consequências às quais o indivíduo tem acesso, ajudam o leitor a compreender as diferentes variáveis que estão presentes na determinação do comportamento do consumidor.

A exemplo da análise de comportamentos agressivos emitidos em situações extremas, realizada nos Volumes 1 (com o filme “Crash – No limite”) e 2 (com o filme “Instinto”), o presente livro termina com a análise do surpreendente filme “Relatos Selvagens”. Costa e Veloso abordam o entendimento da Análise do Comportamento sobre as emoções; propõem intervenções clínicas em caso de queixas relacionadas a comportamentos agressivos, incluindo desenvolvimento de habilidades sociais, autocontrole, instruções e utilização da relação terapêutica como estratégia de intervenção, tal como proposto pela Psicoterapia Analítica Funcional (FAP); e apontam possíveis estratégias de prevenção de tais comportamentos.

Esperamos que essas análises possam ensinar e divertir aos leitores, assim como fazem conosco!

Ana Karina C. R. de-Farias

Michela R. Ribeiro

As Organizadoras

CAPÍTULO 1

O SHOW DE TRUMAN: A ESCOLHA POR UM “CONTROLE MAIS LIVRE”

Michela Rodrigues Ribeiro¹

Universidade de Brasília, Centro Universitário de Brasília

Título do filme: O Show de Truman – O Show da Vida

Título original: The Truman Show

Ano: 1998

Diretor: Peter Weir

Produtores: Scott Rudin, Andrew Niccol, Edward Feldman e Adam Schroeder

Lançado por: Paramount Pictures®

¹ Este trabalho foi originalmente publicado em 2006, e está sendo reimpresso com autorização da Associação Brasileira de Psicologia e Medicina Comportamental (ABPMC). Referência do original: Ribeiro, M. R. (2006). O Show de Truman – A escolha por um controle mais livre. Em Hélio José Guilhardi & Noreen Campbell de Aguirre (Orgs.), *Sobre Comportamento e Cognição: Vol. 18. Expondo a variabilidade* (pp. 280-285). Santo André: ESE Tec.

O ensino de conceitos da Análise do Comportamento ou dos princípios da filosofia behaviorista radical pode se tornar uma tarefa árida para o professor, tendo em vista que se trata de propostas bastante divergentes das teorias internalistas e também da visão de determinação dos comportamentos de um indivíduo oferecida por nossa sociedade. O recurso de ensino comumente utilizado nos cursos de Psicologia é o laboratório didático. Dessa forma, são realizadas demonstrações e experimentações com participantes não-humanos ou humanos, em situações nas quais é claramente possível verificar a ocorrência de determinados fenômenos, como o condicionamento operante, a modelagem, o controle de estímulos, os esquemas de reforçamento, dentre outros. Em contextos como esse é comum, entretanto, observar uma dificuldade dos alunos em encontrar situações da vida diária nas quais tais conceitos possam ser aplicados. Exemplos de situações cotidianas, observações e aplicações práticas dos conceitos em atividades mais próximas da realidade do aluno, exercícios de análises de vídeos ou filmes, além de outros recursos didáticos, poderiam facilitar a compreensão, a utilidade e a importância da aplicação dos conceitos da área. Com esse intuito, o presente trabalho se propõe a analisar o filme “O Show de Truman – O Show da Vida” sob o enfoque analítico-comportamental.

“O Show de Truman – O Show da Vida” foi lançado em 1998, pela Paramount Pictures®, sob direção de Peter Weir, e conta a história de Truman Burbank (interpretado por Jim Carrey), que foi adotado por uma empresa de TV e que é a estrela de um *reality show*, no qual sua vida vem sendo apresentada desde seu nascimento, 24 horas por dia. Ele vive numa cidade cenográfica onde todos os habitantes são atores, inclusive sua esposa e sua mãe. Tudo o que acontece nessa cidade gira em torno da presença de Truman e ele, aos 30 anos, não percebeu que todas as situações que viveu foram planejadas. O idealizador desse gigantesco projeto é Christof, o diretor do programa (interpretado por Ed Harris), que tem a tarefa de controlar todo um conjunto amplo de ações e pessoas para atuar diante do astro principal. O diretor controlava o tempo, a fala e o momento que os atores deveriam interagir com Truman, as pessoas que deveriam exercer algum papel importante em sua vida, as notícias de jornal, rádio e TV a que Truman poderia ter acesso, as propagandas dos produtos patrocinadores, entre outros. Esse controle, contudo, não era ilimitado nem onipresente, e como mostra o filme, as falhas nesse controle foram decisivas para a descoberta de Truman sobre a verdade.

Este filme é bastante rico para analisar com os alunos. Diversos conceitos podem ser ensinados a partir dele, tais como reforçamento diferencial, condicionamento operante, condicionamento respondente, ética, responsabilidade de agências controladoras, controle comportamental, multideterminação do comportamento, contracontrole e liberdade. Estes quatro últimos conceitos serão mais enfatizados nesse trabalho.

Skinner (1974/1993) afirmou que a noção behaviorista radical de controle comportamental é bastante delicada e controversa. Segundo ele, “nenhum outro aspecto da posição behaviorista suscitou objeções mais violentas” (p. 163). As reações violentas se referem à constatação de que o ser humano não é o grande senhor de seu destino, de que sua vida não está simplesmente a mercê de seu livre-arbítrio ou de sua iniciativa criadora. A filosofia behaviorista radical entende que qualquer comportamento está sob controle de um conjunto de variáveis e estas estão em interação com o indivíduo que se comporta. Nesse sentido, nenhum comportamento acontece de forma indeterminada. Sempre haverá pelo menos uma variável e, na maior parte das vezes um conjunto delas, determinando (ou controlando) a ocorrência de um comportamento. E, ainda nas palavras de Skinner, “Não podemos escolher um gênero de vida no qual não haja controle. Podemos tão-só mudar as condições controladoras” (p. 163).

Um dos pressupostos da filosofia behaviorista radical, portanto, é o determinismo, que indica que todo e qualquer comportamento será determinado por variáveis genéticas e/ou ambientais, atuais e/ou históricas (Baum, 1994/1999; Skinner, 1953/1993, 1971/1977, 1974/1993). O determinismo se opõe ao libertarismo, no qual um indivíduo pode se comportar de forma absolutamente livre, de forma a escapar da ocorrência de qualquer tipo de controle, exercendo apenas seu livre-arbítrio. Mas é preciso ficar claro que, para o Behaviorismo Radical, o controle exercido sobre o comportamento do indivíduo não implica na presença de um agente controlador, ou de um controle intencional. Esse controle é exercido, como descrito acima, por variáveis genéticas e ambientais. Como o ambiente é multiplamente constituído, tanto por aspectos físicos quanto sociais, algumas vezes o controle pode ser exercido por algum(ns) membro(s) social(is) do ambiente, e outras vezes esse controle será meramente exercido por aspectos físicos. É importante lembrar também que a interação entre diversas variáveis controladoras pode ocorrer e este aspecto será discutido mais adiante.

Para Skinner (1974/1993, p. 163):

“Subestimamos amiúde o fato de que o comportamento humano é também uma forma de controle. (...) Uma pessoa age sobre o meio e aquilo que obtém é essencial para a sua sobrevivência e para a sobrevivência da espécie. (...) A compreensão, a previsão e a explicação, bem como as aplicações tecnológicas, exemplificam o controle da natureza. Elas não expressam uma ‘atitude de dominação’ ou ‘uma filosofia de controle’. São os resultados inevitáveis de certos processos de comportamento”.

O controle exercido sobre o comportamento, então, não é, necessariamente, fruto de um processo intencional, no qual haverá um agente controlador que se beneficiará em detrimento do indivíduo que está sendo controlado (Skinner, 1971/1977). Por ve-

zes, isto realmente pode acontecer, como no caso do diretor do programa de Truman, que decidia por uma série de acontecimentos, de modo a aumentar o interesse pela história e, conseqüentemente, ampliar a audiência. Há, porém, situações nas quais o controle sobre o comportamento acontece independentemente de qualquer agente controlador ou intenção. Como ocorreu quando Truman escapou dos “olhos” de todos e fugiu pelo mar.

O termo *controle* pode ser facilmente substituído pelo termo *influência*, especialmente quando se trata de comportamento operante. A definição de comportamento operante pressupõe a emissão de uma determinada resposta de acordo com sua probabilidade de ocorrência aumentada ou diminuída por algumas Consequências no passado. Consequências reforçadoras aumentarão a probabilidade de ocorrência de uma resposta no futuro e consequências aversivas diminuirão essa probabilidade. Nesse sentido, se as condições presentes em uma determinada situação indicarem chance de reforçamento ou de punição, tais condições poderão exercer influência sobre a ocorrência ou não da resposta. No caso de Truman, ficar de manhã no banheiro conversando com o espelho era uma resposta de alta probabilidade de ocorrência e que efetivamente aconteciam com frequência. Contudo, entrar em um barco para atravessar o mar era resposta de baixa probabilidade de ocorrência e que ele realmente não emitiu, mesmo tendo que deixar uma tarefa de seu trabalho pendente. Note que a probabilidade de ocorrência de uma resposta pode ser inferida a partir das condições presentes e passadas que influenciam a resposta, mas será melhor definida somente *a posteriori*, de acordo com a frequência da resposta.

Nos dois exemplos mencionados acima, o conceito de probabilidade de ocorrência da resposta pode auxiliar na compreensão de qual comportamento é mais provável de acontecer. Mas esse conceito também inclui a noção de que outros comportamentos, apesar de apresentarem baixa probabilidade de ocorrência naquela determinada situação, ainda assim são possíveis de serem emitidos. Essa possibilidade é definida pela presença de um contexto complexo e múltiplo de controle comportamental. O ser humano vive em um ambiente complexo e tem uma história passada também complexa. São inumeráveis as variáveis presentes e históricas que podem exercer alguma influência sobre o comportamento de um indivíduo. Esse fenômeno é denominado de multideterminação do comportamento. A multiplicidade de variáveis pode interagir de uma maneira em determinada situação e de uma maneira diferente em outra. Veja o caso, por exemplo, da decisão de Truman em fugir pelo mar. Ele tinha medo do mar porque havia perdido seu pai em um acidente no mar. Essa foi uma solução dada pelo programa para evitar seu interesse pelo mar e impedir sua saída da cidade cenográfica. Periodicamente, ele era exposto a alguma situação na qual era solicitado a entrar em um barco e não conseguia. Nessas situações, Truman era tomado por uma sensação de medo e as lembranças da morte de seu pai tornavam-se vívidas. Houve, porém, uma situação na qual o comportamento que

tinha baixa probabilidade de ocorrência foi emitido e Truman pegou um barco para fugir da cidade. Diante da desconfiança de que tudo girava em torno de si e da impossibilidade de sair da cidade por outros meios (não havia vaga em vôos, o ônibus estragou, ele foi impedido de fugir com seu carro), Truman viu no barco a única alternativa possível de fuga. Uma condição que era aversiva se tornou reforçadora dadas as variáveis situacionais daquele momento. Podemos incluir também duas variáveis importantes nessa análise: primeiro, o enfraquecimento do condicionamento respondente do medo, uma vez que o emparelhamento do mar com a morte do pai ocorreu no passado e não estava mais presente e, segundo, a volta do pai vivo, indicando a Truman que aquele sofrimento já não tinha razão de acontecer.

Sobre a noção de determinismo, é interessante notar adicionalmente que até mesmo quando há um agente controlador, com a real intenção de se beneficiar a partir do comportamento do outro, este agente também terá seus comportamentos controlados. Segundo Skinner (1953/1993), “o ambiente determina o indivíduo mesmo quando este altera o ambiente” (p. 419). Quando o diretor do programa tomou decisões sobre a vida de Truman, suas decisões não foram completamente arbitrárias ou livres, mas foram determinadas por variáveis como as exigências dos patrocinadores do show, a audiência, a reforçadora sensação de poder, entre outras.

Em situações nas quais pessoas ou agências controladoras (como o governo, a religião, os sistemas econômicos, etc.) exercem controle sobre os indivíduos, estes podem reagir contra tal controle, especialmente se houver a presença de condições aversivas. Essa reação é denominada de contracontrole (Sidman, 1989/1995; Skinner, 1953/1993, 1974/1993). Um indivíduo pode, por exemplo, organizar um grupo revolucionário para lutar contra um governo autoritário, ou pode apresentar um contracheque falso à igreja que o obriga a pagar o dízimo, ou ainda procurar estratégias para diminuir a mordida do leão na declaração do imposto de renda. Quando o controle é exercido por apenas uma pessoa, um indivíduo pode exercer contracontrole ao não atender ao telefone quando provavelmente é aquele amigo chato que está ligando, ou a criança pode ligar o chuveiro, mas não entrar, e passar um perfume, enquanto a mãe imagina que ela está tomando banho.

Até os 30 anos de idade, Truman viveu naquela cidade sem desconfiar que tudo era planejado e que sua vida era apresentada em um show de TV. Nos anos anteriores, ocorreram episódios nos quais alguém tentava atrapalhar o andamento do show e mostrar a ele que tudo não passava de uma grande encenação, com personagens comandados pelo diretor do show. Esses episódios, entretanto, não foram suficientes para Truman conhecer a verdade sobre sua vida. Nos dias que antecederam sua fuga, contudo, ocorreu uma série de situações que funcionaram como evidências para que ele percebesse a real situação e exercesse contracontrole. Essas situações foram: (a) caiu uma luminária do “céu”; (b) caiu uma chuva repentina somente

em cima dele; (c) Truman encontrou seu pai na rua vestido como um mendigo e rapidamente várias pessoas o retiraram de sua frente; (d) Truman encontrou um elevador falso em um prédio que não costumava entrar; (e) sua esposa apresentou comportamentos estranhos ao insistir em falar como se estivesse fazendo propagandas de produtos; (f) alguns eventos se repetiram em sua rua, entre outros. Para exercer contracontrole, Truman deveria se comportar de formas diferentes daquelas às quais estava habituado. Uma vez que ele apresentasse variação comportamental, haveria a possibilidade de encontrar situações não planejadas pelo programa. Ele próprio disse ao seu amigo “quando fico imprevisível, eles não sabem o que fazer”. A direção do programa, obviamente, tentou manter o controle punindo qualquer tentativa de contracontrole. Dessa forma, mandou o amigo dizer que tudo não passava de uma ilusão, a agência de viagens tinha cartazes indicando que era perigoso voar e não tinha passagens, o ônibus não funcionou, a esposa falou sobre a responsabilidade com as contas e a vontade de ter um bebê, etc.

Em situações nas quais pessoas ou agências controladoras exercem um controle positivo, em geral, o contracontrole não existe. O sentimento de liberdade está associado a estas situações. A visão analítico-comportamental propõe uma definição para liberdade que se apóia não na ausência total de controle, mas na presença de um controle positivo, no qual o indivíduo não sente a urgência ou necessidade de se livrar de alguma condição aversiva. Isso é ilustrado abaixo:

“O fato de o reforço positivo não produzir contracontrole não passou despercebido dos supostos controladores, os quais simplesmente mudaram para os meios positivos. Eis um exemplo: um governo tem de levantar fundos. Se o fizer por meio de taxaço, seus cidadãos deverão pagar ou ser punidos, e eles poderão escapar deste controle aversivo colocando outro partido no poder nas eleições vindouras. Como uma alternativa, o governo organiza uma loteria e, em vez de ser *obrigado* a pagar taxas, o cidadão voluntariamente compra bilhetes. O resultado é o mesmo: os cidadãos dão dinheiro ao governo, mas sentem-se livres e, neste segundo caso, não protestam. Não obstante, estão sendo controlados, tão poderosamente quanto o seriam por uma ameaça de punição” (Skinner, 1974/1993, p. 170).

Nesse caso, os indivíduos além de não exercerem contracontrole, muitas vezes podem oferecer ao governo muito mais dinheiro do que seria esperado arrecadar e ainda se sentem livres porque podem escolher entre jogar e não jogar ou escolher entre jogar uma quantia maior ou menor de dinheiro. Em relação ao filme, Truman se sentia mais livre na presença de seu amigo do que na presença de sua esposa. Seu amigo estava associado a momentos de diversão e prazer (situações que envolviam reforço positivo) e Truman podia confiar a ele todos os seus segredos. Já sua esposa cobrava dele responsabilidade e uma postura de conformismo perante as condições adversas (situações que envolviam reforço negativo e punição) e

Truman, por diversas vezes, se comportava de forma a evitar o controle aversivo imposto por ela.

A possibilidade de escolha também está presente na definição de liberdade para a Análise do Comportamento. Um maior grau de liberdade está associado a um maior número de alternativas de escolha para um indivíduo. Escolher um curso superior diante das diversas possibilidades que uma universidade oferece é considerado como mais livre do que fazer determinado curso somente porque aquele é o único que você pode pagar. Essa liberdade não pode, entretanto, ser confundida com livre-arbítrio, segundo o qual o indivíduo pode escolher tudo aquilo que desejar. Cabe aqui uma questão importante: o que determina o desejo de alguém? Uma visão que se baseia na noção de determinismo considera que até mesmo o desejo está sob controle de variáveis que podem ser identificadas. Esse desejo não surge do nada. Truman, por exemplo, tinha um desejo de viajar para Fiji. Antes de conhecer Sylvia, esse desejo jamais havia ocorrido. Somente depois do contato com ela, de viver momentos prazerosos ao seu lado e de ser informado que ela iria para Fiji, esta ilha se tornou importante e possivelmente reforçadora. O desejo de viajar para Fiji, então, estava sob controle dessas variáveis históricas. Truman, porém, não tinha acesso à alternativa de escolha de satisfazer seu desejo porque o contexto no qual vivia o restringia àquela cidade cenográfica. Nesse sentido, Truman não tinha liberdade, tanto porque não tinha alternativas de escolha, quanto porque vivia em um ambiente planejado por uma agência controladora, a produção do programa de TV e, quando ele tomou consciência de sua condição, todo esse controle se tornou aversivo.

As alternativas de escolha podem variar dependendo da situação e também do indivíduo que escolhe. Se dentre as alternativas oferecidas por uma agência controladora existe uma alternativa que não pode ser escolhida pelo indivíduo, ou porque ele não tem acesso direto àquela alternativa ou porque não tem o repertório necessário para se engajar naquela alternativa, esta opção acaba não sendo real. Por exemplo, Truman poderia descobrir toda a verdade se pudesse assistir na própria TV o seu programa ou ver pela internet informações sobre o show. Entretanto, a TV de sua casa só passava programas definidos pelo diretor e ele não tinha acesso à internet. Essas alternativas, portanto, não eram reais dentro da realidade que ele vivia.

Ao final do filme, Truman se vê diante de um dilema: é preciso escolher entre (a) viver em um ambiente protegido, conhecido e aparentemente seguro, porém artificial e planejado pela produção do programa, ou (b) viver em um ambiente natural e produzido por uma sociedade, porém desprotegido, desconhecido e imprevisível. Apesar de nunca ter vivido fora daquela situação e, portanto, não conhecer claramente a segunda alternativa, Truman optou por ela e foi embora. O título desse trabalho aponta para uma escolha de um “controle mais livre”, isto quer dizer que Truman não poderia escolher por uma vida isenta de controle, mas escolheu por uma situação na

qual ele também poderia participar do controle. Nesse sentido, ele se livrou da agência controladora de sua vida e permitiu ter seu comportamento controlado por novas agências, mas também por fazer parte de algumas outras. Para Skinner (1953/1993), “todos nós controlamos e somos controlados” (p. 410).

Referências

- Baum, W. M. (1994/1999). *Compreender o Behaviorismo: Ciência, comportamento e cultura* (M. T. A. Silva, M. A. Matos, G. Y. Tomanari, & E. Z. Tourinho, trads.). Porto Alegre: Artmed.
- Sidman, M. (1989/1995). *Coerção e suas implicações* (M. A. Andery & T. M. Sério, trads.). Campinas: Livro Pleno.
- Skinner, B. F. (1953/2003). *Ciência e Comportamento Humano* (J. C. Todorov & R. Azzi, trads.). São Paulo: Martins Fontes.
- Skinner, B. F. (1971/1977). *O mito da liberdade* (L. Goulart & M. L. F. Goulart, trads.). Rio de Janeiro: Edições Bloch.
- Skinner, B. F. (1974/1993). *Sobre o Behaviorismo* (M. da P. Villalobos, trad.). São Paulo: Cultrix.

CAPÍTULO 2

“NA NATUREZA SELVAGEM”: ANÁLISE FUNCIONAL E O ENSINO DE CONCEITOS DA ANÁLISE DO COMPORTAMENTO.

Paulo Guerra Soares
Universidade Norte do Paraná

Sérgio Dias Cirino
Universidade Federal de Minas Gerais

Carlos Renato Xavier Cançado
Universidade de Brasília

Carlos Eduardo Costa
Universidade Estadual de Londrina

Título do filme: Na natureza selvagem

Título original: Into the wild

Ano: 2007

Diretor: Sean Penn

Produtor: Sean Penn, Art Linson e Bill Pohlada

Lançado por: River Road Entertainment

Em 1992, o corpo de Christopher Johnson McCandless (Chris), um jovem de classe média de 24 anos e ex-aluno da Emory University, foi encontrado em um ônibus abandonado nas montanhas do Alasca, nos Estados Unidos. Junto a seu corpo foram encontrados livros e seu diário. Chris havia abandonado sua casa há 2 anos e tinha viajado pelos Estados Unidos, a maior parte do tempo pedindo carona. No Alasca, o jovem estava vivendo em um ônibus abandonado há algum tempo, alimentando-se de caça e frutas silvestres. Investigações revelaram que ele estava extremamente mal preparado para viver naquele lugar e que a provável causa de sua morte foi inanição. Chris não havia levado provisões suficientes e não tinha conhecimento avançado sobre caça e sobrevivência na mata. Contudo, algumas pessoas que conviveram com ele afirmaram que estava seguro sobre seus planos e que era impossível fazê-lo mudar de ideia.

O que fez um jovem aparentemente saudável, com uma condição financeira estável e descrito como uma pessoa inteligente se encontrar em uma situação como aquela? Por que Chris resolveu abandonar sua vida na cidade e se arriscar, sozinho, na natureza selvagem? O apresentador de um programa de televisão estadunidense sugeriu que Chris estaria “testando seus limites”. O escritor John Krakauer, autor do livro “Na natureza selvagem” (1996/2008), que descreve a vida de Chris, lança mão de explicações metafísicas e hereditárias: “impossível saber que convergência obscura de cromossomos, dinâmica familiar e alinhamento das estrelas foi responsável [pelo comportamento de Chris], mas Christopher Johnson McCandless veio ao mundo com dons incomuns e não seria desviado facilmente de sua trajetória” (p. 116).

O objetivo deste capítulo é apresentar uma interpretação analítico-comportamental do comportamento de Chris durante os anos em que deixou sua casa e viajou pelos Estados Unidos. Espera-se que a presente análise possibilite o uso do filme no ensino de conceitos da Análise do Comportamento, como história comportamental, comportamentos de fuga e esquiva e equivalência de estímulos, assim como no ensino da interpretação de fenômenos comportamentais baseada nesses e em outros conceitos analítico-comportamentais. Após uma descrição do conceito de análise funcional, será proposta uma análise interpretativa do comportamento de Chris, com base nas informações contidas no filme “Na natureza selvagem” e no livro homônimo de John Krakauer (1996/2008).

Análise Funcional do Comportamento

O comportamento dos organismos produz alterações ambientais que modificam a probabilidade de emissão de comportamentos semelhantes em outros contextos (Skinner, 1948/1978). De acordo com Skinner (1953/2000; ver também Catania, 1998/1999), uma análise funcional do comportamento dos organismos envolve a

descrição de relações entre o comportamento e as variáveis ambientais presentes e históricas das quais é função.

Em uma análise funcional do comportamento, faz-se a descrição (a) das situações em que o comportamento ocorre – os estímulos antecedentes; (b) o que o organismo faz; e (c) quais as consequências produzidas pelas ações do organismo. A relação entre (a), (b) e (c), denominada tríplice contingência, é uma unidade conceitual fundamental na análise funcional do comportamento dos organismos baseada na Análise do Comportamento. Cabe ressaltar que a decomposição do processo comportamental em estímulos antecedentes, respostas e consequências constitui-se como uma estratégia pragmática de análise. De acordo com Lopes (2008), as relações estabelecidas entre as respostas do organismo e as variáveis ambientais ocorrem ao longo de toda a vida do indivíduo, como um fluxo. Porém, para que seja estudado sistematicamente, é necessário fazer recortes, relativamente arbitrários, nesse fluxo. A análise funcional – utilizando-se da tríplice contingência como unidade de análise – é uma ferramenta que permite tais recortes.

É importante ressaltar também que a Análise do Comportamento é uma ciência histórica, influenciada pelo modelo selecionista de Charles Darwin (Skinner, 1981/2007; Staddon & Simmelhag, 1971; ver também Donahoe & Palmer, 1994). Dessa forma, as relações que são descritas por meio de uma análise funcional foram construídas ao longo da história de exposição de cada indivíduo a contingências de reforço e punição. Portanto, a “história de vida de um indivíduo é essencial para a compreensão de seu comportamento atual” (Meyer, 2001, p. 32). Comportamentos tornam-se mais ou menos prováveis em função de, no passado, terem produzido consequências reforçadoras ou punitivas, respectivamente, e também da similaridade funcional entre as contingências presentes e passadas. Assim, para explicar o comportamento de um indivíduo, deve-se descrever as variáveis presentes que controlam seu comportamento e a história que estabelece as funções controladoras destas variáveis (Costa, Cirino, Cançado & Soares, 2009; Freeman & Lattal, 1992; Okouchi, 2003).

A análise funcional do comportamento tem se mostrado uma ferramenta útil para entender o comportamento dos organismos. É importante ressaltar que as análises descritas neste capítulo foram baseadas no filme sobre a vida de Chris McCandless, que, por sua vez, foi baseado no livro de Krakauer (1996/2008), escrito a partir de informações contidas no diário de Chris e do relato de algumas pessoas que conviveram com ele. Ainda que fosse possível obter relatos verbais do próprio Chris, não poderíamos afirmar que a análise proposta pelo presente trabalho estaria completa, pois Chris poderia não ser capaz de descrever as variáveis das quais seu comportamento foi função (i.e., o comportamento verbal é também comportamento determinado por variáveis ambientais e não necessariamente serve como evidência de outras relações funcionais entre organismo e o ambiente; Skinner, 1957/1978). No pre-

sente capítulo, pretende-se apresentar uma *interpretação* do comportamento *baseada* em uma perspectiva que enfatiza a análise histórica da relação organismo-ambiente. Portanto, alguns eventos do passado de Chris foram selecionados e estabeleceu-se uma relação com a classe de comportamentos de abandonar sua casa e iniciar sua viagem. Uma análise do comportamento de Chris McCandless baseada nos relatos sobre sua vida contidos no filme e no livro pode auxiliar no entendimento de como relações semelhantes às que controlavam o comportamento de Chris podem ocorrer em outros contextos.

Antes da Viagem: Aspectos da História de Chris

Chris McCandless nasceu no estado da Califórnia, nos Estados Unidos, em fevereiro de 1968. Seu pai, Walt McCandless, era um ex-funcionário da NASA que presidia uma empresa de consultoria. Sua mãe, Billie McCandless, havia sido secretária de Walt na NASA e, depois, tornou-se sua parceira na empresa. Chris tinha uma irmã 3 anos mais nova chamada Carine. Quando os pais de Chris fundaram a empresa de consultoria, passaram por dificuldades financeiras que motivaram discussões e brigas constantes. Isso provavelmente contribuiu para a relação de proximidade entre os irmãos, como relata Carine: “acho que era uma das razões porque Chris e eu éramos tão próximos” (Krakauer, 1996/2008, p. 117).

Apesar disso, relatos de familiares indicam que o período da infância de Chris foi marcado por muitos momentos de alegria. Quando tinha 8 anos, Chris foi levado pelo pai para sua primeira viagem de mochila nas costas e para escalar uma montanha. Escalar tornou-se um hábito frequente de ambos. O avô de Chris, Loren Johnson, morava em uma cabana na floresta e tinha uma admiração especial pela vida selvagem. Segundo Krakauer (1996/2008), o “conhecimento do mato que o velho tinha, sua afinidade com a natureza, deixaram uma impressão profunda no menino” (p. 119).

Porém, apesar de se relacionarem aparentemente bem, Chris e seu pai tinham divergências. Walt sempre foi uma pessoa “acostumada a dar ordens” (Krakauer, 1996/2008, p. 115). Chris, por outro lado, parecia sempre agir conforme lhe cabia. Em seu último ano de colégio, disse aos pais que não gostaria de frequentar a universidade, argumentando que carreiras eram invenções do século XX e que não valiam à pena. Seus pais demonstraram bastante irritação com esta atitude e, com dificuldade, conseguiram convencê-lo de que era importante obter um diploma universitário. Durante os períodos de colégio e universidade, Chris era bastante estudioso e preocupado com desigualdades sociais. Suas notas estavam sempre entre as melhores da classe. Gostava muito de ler e tinha entre seus livros preferidos “Walden” (que, mais tarde, levaria para o Alasca), de Thoreau, manifesto contrário à sociedade industrial no qual o autor propõe o retorno a uma vida simples e autossu-

ficiente. Entre seus autores preferidos também estava Jack London, autor do livro “O chamado da floresta”, que conta a história de um cão domesticado que se deixa levar por seus instintos e se une a uma alcateia de lobos selvagens a fim de retirar-se da civilização. Outro autor de quem Chris parecia gostar muito era Tolstoi, conhecido por abandonar uma vida de riqueza para viver entre os menos favorecidos economicamente, defendendo a vida simples e pacífica como ideal.

Quando se formou no colégio, Chris comprou um carro velho e viajou pelos Estados Unidos durante as férias de verão. Quando estava na Califórnia, visitou antigos amigos da família. Neste momento, Chris descobriu alguns fatos do passado de sua família que desconhecia. Seu pai, quando começou a se relacionar com sua mãe, era casado com uma mulher chamada Marcia. Quando Chris nasceu, ele ainda não havia se divorciado e mantinha, em segredo, as duas famílias. Depois do nascimento de Chris, Walt e Marcia ainda tiveram outro filho. Quando a vida dupla de Walt foi revelada, ele se divorciou de Marcia e mudou-se da Califórnia com Billie, Chris e Carine. Estes fatos nunca haviam sido relatados a Chris e Carine. De acordo com Krakauer (1996/2008):

“O menino não conseguia perdoar os erros que o pai cometera quando jovem e estava ainda menos disposto a perdoar a tentativa de esconder os fatos. Mais tarde, declarou a Carine e a outros que a impostura cometida por Walt e Billie fazia ‘toda sua infância parecer uma ficção’” (p. 132).

O relacionamento de Chris com os pais mudou profundamente após essa viagem de verão. Ficou mais distante e interagiu cada vez menos com eles. Mudou-se para Atlanta para cursar a universidade e não tinha sequer telefone. Comunicar-se com Chris era muito difícil e até seus amigos estranharam as mudanças em seu comportamento. E assim permaneceu até sua formatura na universidade. Pouco depois, tomou uma decisão radical: arrumou sua bagagem, doou o dinheiro em sua poupança para um fundo de caridade e desapareceu da vista de sua família.

A Viagem

O filme “Na natureza selvagem” mostra claramente a relação que Chris estabelecia com o dinheiro e com outros ícones da sociedade ocidental na época em que viveu. Numa das cenas, por exemplo, Chris quebra cartões de crédito, identificações da universidade, e queima seu cartão do seguro social (equivalente ao CPF no Brasil). Essa cena marca o momento em que sua vida toma uma nova direção. Na cena seguinte, ele entra no carro e embarca numa viagem, de aproximadamente 2 anos, cujo destino final seria o Alasca.

Chris dizia que seu objetivo era ir para o Alasca para viver apenas com aquilo que a natureza lhe proporcionasse, sem a necessidade de outros bens materiais produzi-

dos pela sociedade, com os quais não se importava muito. Quando se formou na universidade, por exemplo, seus pais lhe ofereceram um carro novo, pois consideravam aquele que possuía velho e pouco confiável. Chris não aceitou e demonstrou insatisfação com a atitude dos pais. Para ele, os pais queriam lhe dar um carro novo para que os vizinhos não comentassem sobre quão velho estava o seu. Poucos dias após deixar Atlanta, abandonou seu carro e seguiu caminhando a pé. Antes de abandonar o carro, Chris armou uma fogueira e, segundo Krakauer (1996/2008), “num gesto que deixaria Thoreau e Tolstoi orgulhosos” (p. 40), ateou fogo em todo o dinheiro que levava consigo.

Chris também parecia não se importar com as pequenas desavenças que tinha com as autoridades (Krakauer, 1996/2008). Durante sua viagem, ignorou inclusive um aviso de que estava entrando em uma zona de testes militares e de acesso restrito ao exército. Chris parecia estar decidido a ir ao Alasca e a viver isolado na natureza. Comprou um rifle e fez aulas de caça. Quando perguntado se tinha licença para caçar, ele respondeu com desdém: “Claro que não. (...) O jeito como eu me alimento não é da conta do governo. Fodam-se as regras estúpidas deles” (Krakauer, p. 18). O filme mostra Chris descendo um perigoso rio em um caiaque sem utilizar capacete, ignorando os avisos de que deveria fazer um curso para aprender a remar. Tanto no filme quanto no livro, há relatos de Chris pegando carona em ferrovias, o que é proibido pelas leis estadunidenses. Como resultado, ele chegou a ser detido pela polícia por alguns dias.

Ao sair de Atlanta, Chris decidiu que precisava de um novo nome. Uma nova vida parecia exigir uma nova identidade. De acordo com Krakauer (1996/2008), esta atitude marca uma ruptura completa com sua vida anterior. Então, Chris McCandless passou a se chamar Alex Supertramp (*Supertramp* pode ser traduzido como “Super-andarilho” ou “Super-mendigo”). Nem o filme, nem o livro sobre a vida de Chris mencionam isso, mas pode-se supor que o nome adotado por Chris tenha sido influenciado pelo grupo musical britânico *Supertramp*, cujas canções criticam diversos aspectos da sociedade ocidental, como o processo de educação formal; Butchart & Cooper, 1987).

Durante sua jornada, Chris conheceu várias pessoas que o ajudaram com caronas, abrigo e propostas de trabalho. Algumas dessas pessoas tiveram destaque especial em sua aventura: Wayne Westerberg, dono de um elevador de cereais; Jan Burres e seu namorado Bob, um casal de *hippies* andarilhos; e Ron Franz, um viúvo e veterano de guerra. Em diferentes momentos, essas pessoas acolheram Chris como um membro de sua família.

Chris trabalhou para Westerberg duas vezes. Eles se entendiam muito bem e conversavam bastante sobre tudo. Por diversas vezes, Wayne e sua namorada, Borah,

tentaram convencê-lo a continuar trabalhando no elevador de cereais em vez de ir para o Alasca. Westerberg chegou até mesmo a aproximá-lo de sua família, algo que não costumava oferecer a seus empregados. Porém, por mais hospitaleiros que fossem, Wayne e Borah não conseguiram convencê-lo a desistir de ir para o Alasca: “Depois que Alex decidia alguma coisa não havia como fazê-lo mudar” (Krakauer, 1996/2008, p. 78).

Jan Burre e Bob deram carona para Chris e os três passaram alguns dias acampando juntos pela estrada. Jan tinha um filho, do qual não tinha notícias havia 2 anos. Por isso, a história de Chris e o fato de ter abandonado sua família aparentemente tiveram um impacto sobre ela. Jan perguntava frequentemente a ele sobre sua família, se eles sabiam onde ele estava, e o alertava sobre o quanto este tipo de atitude poderia machucá-los. O incômodo de Chris com as perguntas era tanto que ele dizia para Jan parar de tentar ser sua mãe. Jan e Bob tentaram convencer Chris a entrar em contato com seus pais e a ficar mais tempo no acampamento, mas não tiveram sucesso.

Outra pessoa que acolheu Chris como membro de sua família foi Ron Franz. Este ex-militar havia perdido a esposa e o único filho em um acidente automobilístico e, quando encontrou Chris, interessou-se por sua história. De acordo com Krakauer (1996/2008), Ron ofereceu dinheiro para que Chris pudesse continuar sua jornada, mas este tipo de ajuda era prontamente recusado. Chris passou alguns dias no apartamento de Ron e, antes de partir, recebeu um convite inusitado: Ron propôs que Chris o deixasse adotá-lo como seu neto. Chris declinou, dizendo para conversarem sobre o assunto quando ele voltasse do Alasca.

Dois anos após peregrinar pelos Estados Unidos e pelo México, Chris chegou ao Alasca. No final do inverno, quando a neve ainda estava alta, atravessou o rio Teklanika, que se encontrava parcialmente congelado, e montou acampamento em um ônibus abandonado. Permaneceu neste local por mais de 100 dias, vivendo da caça, frutos e plantas silvestres. Chris tinha feito aulas de caça e possuía um livro sobre a flora da região, o que permitia identificar quais plantas poderia comer. Curiosamente, uma das hipóteses para a morte de Chris é ele ter se enganado e ingerido uma planta venenosa.

Antes de morrer, todavia, Chris tentou voltar. Arrumou as malas, deixou para trás o ônibus abandonado e tentou voltar do Alasca para a civilização. O rio Teklanika, porém, havia descongelado e Chris não foi capaz de atravessá-lo. Decidiu, então, permanecer no ônibus. Krakauer (1996/2008) relata que as coisas pioraram para ele desde então: a caça tornou-se rara e já não conseguia coletar plantas e frutos suficientes para se sustentar. Antes de morrer reconheceu, por escrito, que a “felicidade só é verdadeira quando é compartilhada”.

Uma Análise Funcional do Comportamento de Chris

Após esta revisão de alguns aspectos da história de vida de Chris, o próximo passo consiste em descrever como estes eventos podem ter controlado o comportamento de Chris de abandonar sua família e se aventurar pelos Estados Unidos.

A primeira característica é que comportamentos como escalar montanhas e acampar pareciam ser intrinsecamente reforçadores e eram reforçados socialmente, inclusive pelo pai de Chris (sobre consequências intrínsecas e extrínsecas, ver Andery & Sério, 2004). O rapaz entrou em contato com este tipo de contingência ainda jovem, e este contato parece ter sido reforçador, já que Krakauer (1996/2008) afirma que escalar se tornou uma tradição para Walt e Chris. Em uma perspectiva analítico-comportamental, comportamentos que tenham sido reforçados no passado tendem a ser emitidos com maior frequência em situações semelhantes (Catania, 1998/1999; Skinner, 1953/2000). Seu avô materno também parecia reforçar comportamentos de Chris em relação à natureza e provavelmente Chris aprendeu suas primeiras noções de caça com o avô. Havia semelhanças entre o comportamento de Chris e de seu avô. Walt conta que o “pai de Billie não se enquadrava muito bem na sociedade (...). Em muitos aspectos ele e Chris eram bem parecidos” (Krakauer, p. 118). Uma interpretação é que o comportamento do avô serviu como um modelo para Chris de como se comportar em relação à natureza e a outros aspectos da sociedade em que viviam.

De acordo com Catania (1998/1999), as pessoas também aprendem a se comportar observando o comportamento de outras pessoas. Quando uma pessoa se comporta de acordo com um modelo, tende a entrar em contato com os reforçadores que controlam o comportamento do modelo. Assim, os reforçadores produzidos pelo comportamento da pessoa que segue o modelo aumentam a probabilidade de se comportar de acordo com o modelo em situações semelhantes. Uma primeira característica que poderíamos descrever de Chris, portanto, é a de alguém com alta probabilidade de emitir comportamentos que o colocassem em contato com a natureza. E, importante, essa característica foi modelada e reforçada durante sua infância e adolescência.

Enquanto esteve no colégio e na universidade, Chris costumava ler muito. Talvez regras de como se comportar descritas por seus autores preferidos tenham influenciado seu comportamento. Em um dos livros encontrados junto a seu corpo no Alasca, “Walden”, o autor sugere que “por simples ignorância e equívoco, muita gente (...) se deixa absorver de tal modo por preocupações artificiais e tarefas superflua-mente ásperas, que não pode colher os frutos mais saborosos da vida” (Thoreau, 1962, p. 261). Os efeitos das regras sobre o comportamento humano são descritos, por exemplo, por Skinner (1969; ver também Baum, 1994/2006, e Meyer, 2005). De

acordo com Skinner, regras são descrições de contingências de reforço e punição, ou aspectos dessas contingências, isto é, descrições de relações entre o comportamento e variáveis ambientais, ou, às vezes, apenas de aspectos do comportamento. Uma análise da citação de Thoreau, acima, permite identificar algumas destas contingências: ao se comportar em função de tarefas árduas estabelecidas socialmente (provavelmente em função de reforçadores negativos), as pessoas deixam de produzir reforçadores positivos (*e.g.*, trabalhar excessivamente ou ter preocupações artificiais pode ser importante em determinado contexto, mas ao se comportar desta maneira os indivíduos podem não entrar em contato com outros aspectos da vida, como relacionamentos, lazer, descanso). Em uma carta enviada a Ron, Chris o aconselha a mudar radicalmente de vida, emitindo (ou repetindo) regras que descrevem contingências semelhantes às aquelas descritas por Thoreau:

“Tanta gente vive em circunstâncias infelizes e, contudo, não toma a iniciativa de mudar sua situação porque está condicionada a uma vida de segurança, conformismo e conservadorismo, tudo isso que parece dar paz de espírito, mas na realidade nada é mais maléfico para o espírito aventureiro do homem do que um futuro seguro” (Krakauer, 1996/2008, p. 67).

Outros efeitos dessas regras podem ser observados em diversos comportamentos de Chris, principalmente naqueles relacionados aos bens materiais, como quando se recusa a aceitar um novo carro de seus pais ou quando doa seu dinheiro a instituições de caridade. Em uma carta à irmã, Chris, queixando-se do fato de os pais dizerem que lhe comprariam um carro novo, relata que deveria ser “realmente cauteloso em não aceitar nenhum presente deles no futuro porque pensarão que compraram meu respeito” (Krakauer, 1996/2008, p. 32). Durante a faculdade, Chris cursou disciplinas que versavam sobre desigualdades sociais. Pode-se supor que o comportamento de Chris em relação aos bens materiais resulte, também, de uma história de entrar em contato com a descrição destas desigualdades. Ao cursar uma disciplina na universidade sobre o *apartheid* na África, por exemplo, Chris pode ter entrado em contato com descrições de contingências (nos livros de História) que ressaltavam desigualdades sociais produzidas por regimes políticos, tão criticados por seus autores favoritos (ver Galizio, 1979, e Matos, 2001, por exemplo, para discussões sobre os determinantes do comportamento de seguir regras).

O comportamento de Chris, desde criança, parecia ser mais controlado por regras descritas por seus autores favoritos do que por regras descritas por seus pais. Krakauer (1996/2008) relata que, certa vez, Walt e Chris jogavam raquetebol e o pai, mais experiente, orientava o rapaz sobre possíveis falhas em seu modo de jogar, mas Chris ignorava qualquer tipo de instrução. Em outra ocasião, Walt e Chris (então com 12 anos) foram escalar um pico de mais de 4.000 metros de altura. Ao chegarem próximo ao topo, Walt sentiu os efeitos da altitude e decidiu voltar. Chris queria continuar e seu pai disse que ele não poderia sozinho. Walt, porém, relatou que

se ele “tivesse catorze ou quinze, teria simplesmente ido em frente sem mim” (Kraukauer, p. 119). Todavia, o não seguimento das regras apresentadas pelo pai pareciam não provocar conflitos mais intensos entre Chris e a família.

Uma característica do comportamento governado por regras é que esse comportamento deve, também, ser modelado por contingências (i.e., é um comportamento de ordem superior; cf. Catania, 1998/1999). Assim, mesmo quando o comportamento governado por regras é aparentemente insensível às consequências, ele pode ser afetado por elas. Pesquisas (e.g., Albuquerque, dos Reis & Paracampo, 2008; Calixto, Ponce & Costa, 2014; Galizio, 1979) têm demonstrado variáveis que influenciam o grau de controle de regras sobre o comportamento. No caso de Chris, o comportamento de seguir algumas regras de certos autores que lia era, provavelmente, mais reforçado (social ou naturalmente) do que o comportamento de seguir regras de seus pais.

Talvez um fato que tenha influenciado o comportamento de Chris de abandonar a família foi saber sobre o que havia acontecido em relação ao antigo casamento de Walt. Após descobrir, o comportamento de Chris em relação a seus pais mudou radicalmente. Em seu exemplar do livro “Walden”, o seguinte trecho encontrava-se sublinhado:

“Mais que amor, dinheiro e fama, dai-me a verdade. Sentei-me à mesa onde a comida era fina, os vinhos abundantes e o serviço impecável, mas faltavam sinceridade e verdade, e fui-me embora do recinto inhospito sentindo fome”² (Thoreau, 1962, p. 569).

Estas descrições de contingências contrastam com o comportamento dos pais de Chris, que não lhe contaram, por exemplo, que seu pai manteve paralelamente duas famílias. Na história de Chris, seguir regras emitidas pelo pai parecia ser pouco provável. A partir deste contraste entre o comportamento dos pais e as regras emitidas por seus autores (que pareciam influenciar consideravelmente seu comportamento), provavelmente os pais não tenham se tornado modelos de como se comportar.

Além disso, o comportamento dos pais de Chris parece ter adquirido função discriminativa muitas vezes estabelecida por eles por meio de contingências de reforçamento negativo³. Chris fugia deles sempre que possível. Em Atlanta, não possuía telefone. Visitava pouco os pais e escrevia-lhes raramente. Ao sair em sua viagem, fez questão de não deixar vestígios. Mandou, inclusive, devolver toda a correspon-

² Tradução livre dos autores a partir do original “Rather than love, than money, than fame, give me truth. I sat at a table where were rich food and wine in abundance, and obsequious attendance, but sincerity and truth were not; and I went away hungry from the inhospitable board”.

³ Estímulos reforçadores negativos são aqueles que, quando removidos ou evitados, aumentam a probabilidade das respostas que produziram a remoção ou evitação (Catania, 1998/1999).

dência que seus pais lhe enviaram. De acordo com Sidman (1989/1995), “Reforçamento negativo gera fuga. Quando encontramos um reforçador negativo fazemos tudo que podemos para o desligarmos, para escapar dele” (p. 106). Sair de casa e se afastar da vida dos pais se caracterizam como comportamentos de fuga emitidos por Chris. A própria decisão de escolher um novo nome indica um comportamento de fuga de qualquer aspecto que pudesse remeter à família. A constante evitação do contato com os pais caracteriza, também, comportamentos de esquiva (i.e., comportamentos que evitam ou atrasam a apresentação de reforçadores negativos).

Mas por que Chris escolheu este caminho? Por que abandonar tudo e sumir, de maneira tão radical? Ele não poderia simplesmente ter ido morar em outra cidade, outro país, longe dos pais? Além do fato de que seu pai⁴ e seu avô reforçavam estes comportamentos “aventureiros”, pode-se supor que, mais uma vez, este tipo de comportamento tenha sido controlado também pelas regras de seus autores preferidos. Em “Walden”, por exemplo, Thoreau (1962) discorre sobre a liberdade que a vida na natureza pode proporcionar:

“A absoluta simplicidade e o despojamento da vida que o homem levava nos tempos primitivos tinham pelo menos a vantagem de deixá-lo ser hóspede da natureza. Quando se sentia retemperado pelo alimento ou pelo sono, tinha a estrada novamente diante de si. Morava neste mundo como se fosse numa tenda e estava sempre palmilhando vales, cruzando planícies, galgando cumes de montanhas” (p. 292).

Então, Chris vagou durante 2 anos pelos Estados Unidos e México, a maior parte do tempo sozinho, entrando em contato com contingências que propiciavam reforçadores positivos que não existiam ou eram escassos anteriormente, e que eram amplamente descritos pelos autores de seus livros favoritos. O filme sobre sua vida mostra um momento em que ele retorna à cidade e observa novamente o modo de vida das pessoas e o contraste entre a riqueza e a pobreza. Estas contingências, contrárias às regras descritas em seus livros e não condizentes com os reforçadores com os quais havia entrado em contato, provavelmente controlaram seu comportamento de continuar em seu caminho. Dessa forma, como as contingências com as quais Chris entrou em contato durante a viagem produziam reforçadores positivos que antes não eram produzidos (ou eram produzidos em baixa frequência), comportar-se em função destas contingências tornou-se mais provável. Um tipo de situação semelhante é descrito por Skinner (1948/1978), no livro “Walden II”, que conta a história de uma sociedade planejada com base em princípios derivados da Análise do Comportamento. Na citação abaixo, o idealizador desta sociedade, Frazier, relata aos visitan-

⁴ Se, por um lado, o pai não era um modelo de como se comportar, em outras situações servia como modelo (ou pelo menos era fonte de reforçadores sociais) para alguns comportamentos de Chris relacionados a aventuras, escaladas, etc.

tes a possibilidade de que os habitantes dessa comunidade visitassem outras cidades:

“– É claro que as nossas crianças sabem do mundo lá fora! Nós simplesmente nos asseguramos de que elas saibam toda a verdade! Nada mais é necessário. Nós as levamos, de tempos em tempos, para a cidade e elas veem os cinemas, as igrejas, os museus, as residências finas. Mas elas também veem o outro lado — os hospitais da cidade, as missões, o lar dos indigentes, os bares e as prisões. (...) Isto, em si, seria suficiente [para que as crianças retornassem a Walden]” (p. 208).

Além dos reforçadores positivos, escapar das contingências aversivas arranjadas pelos pais também mantinha o comportamento de Chris de continuar afastado deles. Este padrão comportamental ocorria também quando Chris entrava em contato com contextos. Este processo, no qual o organismo se comporta de maneira semelhante na presença de estímulos semelhantes, é conhecido como generalização de estímulos (quando os estímulos são *fisicamente* semelhantes) ou equivalência de estímulos (quando os estímulos estão *funcionalmente* relacionados; Albuquerque & Melo, 2005; Sidman, 1994). Este padrão pode ser identificado, por exemplo, na relação de Chris com Jan Burres e Bob, com Wayne Westerberg e sua namorada e com Ron Franz. Estas pessoas tiveram uma característica comum em sua relação com Chris: aproximaram-se dele como se fossem um membro da família. Porém, “família”⁵, na história comportamental de Chris, indicava contingências aversivas. Assim como fugia e se esquivava do contato com sua família, ele fugia das perguntas de Jan sobre seus pais e de sua insistência em “tentar ser sua mãe”. Também fugia das tentativas de Westerberg de aproximá-lo de sua família e de insistir para que ficasse trabalhando mais tempo no elevador de cereais. Por fim, fugiu consistentemente das tentativas de Ron Franz de tentar adotá-lo e torná-lo membro de uma família. De acordo com Skinner (1953/2000; ver também Sidman, 1989/1995), comportamentos de esquiva podem ser emitidos quando o organismo entra em contato com estímulos aversivos condicionados, neste caso, contextos cuja função seja semelhante àquela estabelecida pelas contingências aversivas arranjadas pelos pais. Dessa forma, as contingências arranjadas por sua família e contingências funcionalmente semelhantes arranjadas pelas pessoas que Chris conheceu durante a viagem passaram a formar classes de estímulos equivalentes, que controlavam comportamentos semelhantes quando o rapaz era exposto a elas.

Porém, por mais que estas novas contingências vividas por Chris se assemelhassem a contextos relacionados à sua família, elas não eram exatamente iguais e Chris se expunha a elas com frequência (trabalhou para Westerberg em mais de uma

⁵ Ainda que a irmã de Chris possa ter arranjado contingências reforçadoras positivas dentro da família, os pais estabeleciam contingências tão aversivas que a irmã sozinha não foi capaz de manter Chris próximo a eles. Entrar em contato com a irmã significava entrar em contato com os pais.

oportunidade, visitou Jan Burres e Bob mais de uma vez). Todavia, o contato com novos reforçadores não foi suficiente para mudar a função de contingências relacionadas à sua história familiar. Dessa forma, Chris fugiu da maneira como pode de qualquer tipo de convivência íntima e prolongada com outras pessoas que se assemelhasse, minimamente, ao vivido com sua família.

Estes comportamentos de fuga e esQUIVA emitidos por Chris o levaram ao isolamento no ônibus abandonado no Alasca. As variáveis que podem ter controlado estes comportamentos parecem mais claras. Alguns reforçadores positivos que possivelmente seriam produzidos por este tipo de comportamento eram descritos, por exemplo, por Jack London, quando narra o orgulho sentido pelo cão Buck ao sobreviver no ambiente natural em “O chamado da floresta”: “Era um matador, uma criatura que caçava, vivia de seres vivos, sozinho, sem nenhuma ajuda, graças à sua própria força e valentia, sobrevivendo vitorioso num ambiente hostil onde só os fortes sobrevivem” (London, 1903/1999, p. 100).

Todavia, mesmo com esta descrição de contingências reforçadoras pelos seus autores favoritos, algumas questões ainda precisam ser respondidas: por que Chris tentou retornar do ônibus? E o que o levou a reconhecer que “a felicidade só é verdadeira quando compartilhada”? Provavelmente, com o tempo, ficar isolado tornou-se menos reforçador. Os reforçadores são relativos e não absolutos. A eficácia dos reforçadores muda com o tempo e uma dada consequência pode reforçar algumas respostas, mas não outras (Catania, 1998/1999).

“A relatividade do reforço nos lembra que não deveríamos esperar que a efetividade dos reforçadores seja constante através de diferentes respostas reforçadas, diferentes indivíduos ou mesmo em diferentes amostras de tempo do comportamento de um único indivíduo. A moral é que, quando um reforçador é efetivo sobre algum comportamento em algum contexto, não devemos supor que ele será efetivo sobre outro comportamento ou mesmo sobre o mesmo comportamento em outros contextos” (Catania, 2000, p. 27).

Durante a viagem, Chris entrou em contato tanto com reforçadores de viajar (conhecer lugares etc.) quanto com reforçadores sociais (em função das pessoas que conheceu). No entanto, após se isolar no ônibus abandonado, Chris entrou em contato com algumas contingências aversivas como, por exemplo, não conseguir atravessar o rio e enfrentar dificuldades para se alimentar, além do isolamento social. Como visto anteriormente, contingências aversivas aumentam a probabilidade da emissão de respostas de fuga e esQUIVA. Porém, desta vez, Chris parecia não ter como fugir delas, pois não havia como atravessar o rio. Estas contingências modificaram inclusive o comportamento dele em relação às pessoas. Seus pais haviam sido modelos de pessoas mentirosas, que contrastavam com as descrições de contingências às quais

Chris estava exposto (principalmente por meio de suas leituras). Durante a viagem, ele conheceu pessoas que não se enquadravam no modelo dos pais, mas Chris acabou fugindo de todas estas pessoas antes que a função que tinham em sua vida pudesse ser modificada por meio de novas relações que estabelecesse com elas.

As contingências aversivas com as quais entrou em contato durante o isolamento no Alasca (que, em algumas ocasiões, foi descrita por Chris como “temporária”) provavelmente controlaram o comportamento do rapaz de tentar voltar à civilização. Não se sabe ao certo o que planejava fazer quando retornasse. Talvez ele voltasse ao acampamento de Jan Burres e vivesse com eles ou voltasse a trabalhar para Westerberg. Talvez continuasse sozinho ou voltasse a viver com Ron Franz. Todas essas possibilidades pareciam produzir mais reforçadores do que as contingências arranjadas pelos pais ou mesmo que aquelas vivenciadas por Chris durante o isolamento no Alasca.

Considerações Finais

O objetivo deste capítulo foi apresentar uma análise de aspectos da história de Chris com base em conceitos da Análise do Comportamento. Espera-se que estudantes e professores possam utilizar o filme “Na natureza selvagem” e o livro de Krakauer (1996/2008) como recursos para o ensino e a discussão de conceitos da Análise do Comportamento. Após a descrição de uma parte da história de Chris, foi apresentada uma proposta de análise funcional de seu comportamento de abandonar a família e perambular pelos Estados Unidos e México.

A análise proposta no presente capítulo é interpretativa, no sentido de que não pode ser testada manipulando-se variáveis e observando os efeitos sobre o comportamento sendo estudado. Contudo, mesmo que o acesso às informações sobre a vida de Chris seja limitado, esta análise pode produzir reflexões importantes e, neste sentido, não difere de interpretações baseadas em conceitos derivados de análises científicas sistemáticas. Além disso, esta parece ser uma habilidade importante de ser aprendida e ensinada a analistas do comportamento, sobretudo quando seu trabalho será desenvolvido em áreas nas quais a interpretação é uma ferramenta central e a coleta sistemática de informações não é possível ou depende da descrição verbal de terceiros (como, por exemplo, a clínica comportamental).

Neste sentido, destaca-se o caráter didático do texto. A utilização de recursos literários e cinematográficos pode servir como um convite à reflexão sobre diversos tópicos de interesse no ensino de Análise do Comportamento. Skinner (1978), por exemplo, realizou diversas análises sobre relações de controle do comportamento verbal baseadas em obras literárias. Esta estratégia também foi utilizada por outros autores analistas do comportamento (ver, por exemplo, Amorim, 2001; de-Farias & Ribeiro, 2007/2014, 2014; Guilhardi, 2001). A ideia de usar filmes como recurso didá-

tico é difundida em várias disciplinas científicas (Oliveira, 2006), tomando-se cuidado para não reduzir a obra cinematográfica a um mero recurso de ensino e nem atribuir um valor didático excessivo ao filme, que foi concebido primariamente como obra de arte audiovisual (Napolitano, 2003). Este recurso pode permitir que os estudantes possam generalizar o conhecimento teórico e empírico para contextos práticos e passar a descrever relações funcionais entre o comportamento dos organismos e o ambiente em situações diversas. Também permite que alguns conceitos possam ser discutidos com os estudantes, já que exemplos destes processos comportamentais podem ser identificados no livro e no filme que narram a vida de Chris.

Referências

- Albuquerque, A. R., & Melo, R. M. (2005). Equivalência de estímulos: Conceito, implicações e possibilidades de aplicação. Em J. Abreu-Rodrigues & M. R. Ribeiro (Orgs.), *Análise do Comportamento: Pesquisa, teoria e aplicação* (pp. 245-264). Porto Alegre: Artmed.
- Albuquerque, L. C., dos Reis, A. A., & Paracampo, C. C. P. (2008). Efeitos de histórias de reforço, curtas e prolongadas, sobre o seguimento de regras. *Acta Comportamental*, 16(3), 305-332.
- Amorim, C. (2001). Quem é o Sr. Mortimer? Uma análise do comportamento de tirar conclusões de Sherlock Holmes e Watson. Em H. J. Guilhardi, P. P. Queiroz & M. C. Scoz. (Orgs.), *Sobre Comportamento e Cognição: Vol. 8. Expondo a Variabilidade* (pp. 339-349). Santo André: ESETEC.
- Andery, M. A. P. A., & Sérgio, T. M. A. P. (2004). Consequências intrínsecas e extrínsecas. Em C. E. Costa, J. C. Luzia & H. H. N. Sant'Anna (Eds.), *Primeiros Passos em Análise do Comportamento e Cognição* (Vol. 2, pp. 43-48). Santo André: ESETEC.
- Baum, W. M. (1994/2006). *Compreender o Behaviorismo: Ciência, comportamento e cultura* (M. T. A. Silva, M. A. Matos, G. Y. Tomanari, & E. Z. Tourinho, trads.). Porto Alegre: Artmed.
- Butchart, R. E., & Cooper, B. L. (1987). Perceptions of education in the lyrics of american popular music, 1950-1980. *American Music*, 5(3), 271-281.
- Calixto, F. C., Ponce, G. D., & Costa, C. E. (2014). O efeito de diferentes instruções sobre o comportamento em DRL e a sensibilidade comportamental. *Acta Comportamental*, 22(2), 201-217.
- Catania, A. C. (1998/1999). *Aprendizagem: Comportamento, linguagem e cognição* (D. G. de Souza, trad. coord.). Porto Alegre: Artmed.

- Catania, A. C. (2000). Ten points every behavior analyst needs to remember about reinforcement. In J. C. Leslie & D. E. Blackman (Eds.), *Experimental and Applied Analysis of Human Behavior* (pp. 23-37). Reno, NV: Context Press.
- Costa, C. E., Cirino, S. D., Cançado, C. R. X., & Soares, P. G. (2009). Polêmicas sobre história comportamental: Identificação de seus efeitos e sua duração. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 22(3), 317-326.
- de-Farias, A. K. C. R., & Ribeiro, M. R. (Orgs.) (2007/2014). *Skinner vai ao cinema: Volume 1*. Brasília: Instituto Walden4. Retirado de http://www.walden4.com.br/livros/w4/pdf/iw4_skinner_vai_ao_cinema_v1_2a_ed_2014.pdf.
- de-Farias, A. K. C. R., & Ribeiro, M. R. (Orgs.) (2014). *Skinner vai ao cinema: Volume 2*. Brasília: Instituto Walden4. Retirado de http://www.walden4.com.br/livros/w4/pdf/iw4_skinner_vai_ao_cinema_v2_1a_ed_2014.pdf.
- Donahoe, J. W., & Palmer, D. C. (1994). *Learning and complex behavior*. Needham Heights, MA: Allyn and Bacon.
- Freeman, T. J., & Lattal, K. A. (1992). Stimulus control of behavioral history. *Journal of the Experimental Analysis of Behavior*, 57(1), 5-15.
- Galizio, M. (1979). Contingency-shaped and rule-governed behavior: Instructional control of human loss avoidance. *Journal of the Experimental Analysis of Behavior*, 31, 53-70.
- Guilhardi, H. J. (2001). O toque do amor num universo de linhas paralelas: “Gritos e Sussurros” de Ingmar Bergman. Em H. J. Guilhardi, P. P. Queiroz & M. C. Scoz. (Orgs.), *Sobre Comportamento e Cognição: Vol. 8. Expondo a Variabilidade* (pp. 143-151). Santo André: ESETec.
- Krakauer, J. (1996/2008). “Na natureza selvagem” (P. M. Soares, trad.). São Paulo: Companhia das Letras.
- London, J. (1903/1999). *O chamado da floresta* (L. H. M. Correia, trad.). São Paulo: Ática.
- Lopes, C. E. (2008). Uma proposta de definição de comportamento no behaviorismo radical. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 10(1), 1-13.
- Matos, M. A. (2001). Comportamento governado por regras. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 3(2), 51-66.

- Meyer, S. B. (2001). O conceito de análise funcional. Em M. Delitti (Org.), *Sobre Comportamento e Cognição: Vol. 2. A prática da análise do comportamento e da terapia cognitivo-comportamental* (pp. 29-34). Santo André: ESETec.
- Meyer, S. B. (2005). Regras e auto-regras no laboratório e na clínica. Em J. Abreu-Rodrigues & M. R. Ribeiro (Orgs.), *Análise do Comportamento: Pesquisa, teoria e aplicação* (pp.211-228). Porto Alegre: Artmed.
- Napolitano, M. (2003). *Como usar o cinema na sala de aula*. São Paulo: Contexto.
- Okouchi, H. (2003b). Stimulus generalization of behavioral history. *Journal of the Experimental Analysis of Behavior*, 80(2), 173-186.
- Oliveira, B. J. (2006). Cinema e imaginário científico. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, 13, 133-150.
- Sidman, M. (1989/1995). *Coerção e suas implicações* (M. A. Andery & T. M. Sério, trads.). Campinas: Livro Pleno.
- Sidman, M. (1994). *Equivalence relations and behavior: A research history*. Boston: Authors Cooperative.
- Skinner, B. F. (1969). *Contingencies of reinforcement*. New York: Appleton-Century-Crofts.
- Skinner, B. F. (1948/1978). *Walden II: Uma sociedade do futuro* (R. Moreno, trad.). São Paulo: EPU.
- Skinner, B. F. (1953/2000). *Ciência e Comportamento Humano* (J. C. Todorov & R. Azzi, trads.). São Paulo: Martins Fontes.
- Skinner, B.F. (1957/1978). *Comportamento Verbal* (M. da P. Villalobos, trad.). São Paulo: Cultrix.
- Skinner, B. F. (1981/2007). Seleção por consequências (C. R. X. Cançado, P. G. Soares & S. Cirino, trads.). *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 9, 129-137.
- Staddon, J., & Simmelhag, V. (1971). The “superstition” experiment: A reexamination of its implications for the principles of adaptive behavior. *Psychological Review*, 78, 3-43.
- Thoreau, H. D. (1962). *The portable Thoreau*. New York: The Viking.

CAPÍTULO 3

AS PONTES DE MADISON: O CONTROLE DE RESPOSTA POR CONTINGÊNCIAS E REGRAS

João Ilo Coelho Barbosa
Universidade Federal do Ceará

Título do filme: As Pontes de Madison

Título original: The Bridges of Madison County

Ano: 1995

Diretor: Clint Eastwood

Produtores: Clint Eastwood; Kathleen Kennedy

Lançado por: Warner Bros

“As Pontes de Madison” é um belo filme do diretor Clint Eastwood, baseado no livro homônimo de Robert James Waller, publicado em 1992. O filme foi produzido em 1995, e seu diretor também atuou como um dos protagonistas: o fotógrafo profissional Robert Kincaid, contratado pela revista “National Geographic” para tirar fotos das belas pontes do Condado de Madison, no estado de Iowa.

Eastwood é um veterano ator que também tem se destacado como um competente diretor, tendo, inclusive, previamente ganho o Oscar de melhor diretor pelo filme “Os Imperdoáveis”, em 1992. No filme em questão, o ator contracena com Meryl Streep, cuja atuação neste filme rendeu-lhe uma indicação ao Oscar de melhor atriz. Sua personagem é Francesca Johnson, uma dona de casa casada há 15 anos e com dois filhos adolescentes. Italiana proveniente de família humilde, casou-se com Richard como uma forma de fugir da guerra e tentar uma nova vida na América.

O filme começa ambientado no presente, logo após a morte de Francesca, quando seus filhos, Michael e Carolyn, estão lendo uma carta deixada por ela com a narrativa de fatos que ocorreram quando os mesmos ainda eram adolescentes, no final da década de 50 e começo dos anos 60. A carta descreve um episódio ocorrido quando toda a família de Francesca se ausentou por quatro dias para ir a uma exposição de animais, deixando-a sozinha na fazenda.

À medida que leem a carta, o filme retoma aquele período, apresentando, inicialmente, a rotina da família Johnson, na hora do almoço. Aqui podemos abrir parênteses para ressaltar o que considero a maior qualidade do filme: a riqueza de detalhes na apresentação das relações afetivas, o que permite observar respostas abertas e levantar hipóteses sobre respostas privadas que, juntas, vão compondo um nítido retrato do padrão comportamental de cada personagem.

A primeira cena que remonta ao período narrado na carta mostra um almoço em família em um dia qualquer. Nela é possível perceber, por exemplo, como Francesca assume um papel de dona de casa dedicada, mas frustrada com o pouco afeto recebido pelo marido e pelos filhos. Isso pode ser facilmente identificado pela forma como é tratada. Ao chegar à sala, sua filha muda a estação e rádio que Francesca estava ouvindo sem pedir sua permissão e quase não há diálogo à mesa. Diante da situação, Francesca não come e fica apenas com uma expressão de frustração frente às atitudes que parecem desconsiderar ou menosprezar seus interesses. Esta parece ser a sua rotina.

Logo após a curta viagem da família, Francesca parece estar melancólica e, ao mesmo tempo, aliviada por não ter que cumprir tantas tarefas enfadonhas de cuidado com a casa. Já na manhã seguinte, Francesca encontra-se na área externa da casa quando um carro para em frente à casa e Robert, perdido nas estreitas vias de Madison, pede informações sobre a localização de uma das pontes que pretendia

fotografar. Diante da dificuldade de explicar todos os detalhes do caminho, Francesca se oferece para acompanhá-lo até a ponte. No caminho, o casal começa a se conhecer falando um pouco sobre suas vidas.

Ao descreverem um pouco de suas histórias de vida, desde o início fica claro que são pessoas bem diferentes, mas cada um tem características que atraem o outro. Robert parece se encantar com a beleza e a simplicidade de Francesca. Por sua vez, Francesca tem uma história de vida com poucos relacionamentos amorosos e vê em Robert algumas atitudes que sinalizam autonomia e liberdade, que parece admirar e que talvez tenha experimentado em sua adolescência, mas completamente tolhidos em sua atual condição de dependência do marido e das cobranças sociais quanto a um modelo de esposa submissa e resignada com o papel de dona de casa.

Há de se considerar o contexto cultural do final dos anos 50 e início dos 60 na região central norte-americana, fortemente tradicionalista e machista, desconsiderando os atuais direitos das mulheres no campo profissional e ambiente familiar. Mulheres desquitadas costumavam ser censuradas e as adúlteras eram praticamente segregadas do convívio social, como pode ser observado em cenas do filme.

Durante quatro dias, tempo em que a família de Francesca se ausenta, ela e Robert tiveram um breve, mas intenso, romance, que mudou profundamente suas vidas quanto às noções de amor, paixão e renúncia. Mas como uma repentina experiência amorosa pode fazer uma pessoa questionar o sentido de uma vida inteira já estabelecida? Esta é uma das questões que tentaremos discutir sob a ótica da Análise do Comportamento, especialmente no que se refere à análise das variáveis de controle do comportamento dos personagens.

Os Níveis de Variação e Seleção Atuando no Controle do Comportamento dos Protagonistas

Em contínua interação com o ambiente, nossos comportamentos são determinados por três grandes grupos de variáveis controladoras: o conjunto de variáveis estabelecidas ao longo da história da espécie; da vida do organismo; e da evolução da cultura a qual esse organismo pertence.

Algumas vezes, o controle exercido por essas variáveis é conflitante. Por exemplo: o controle exercido por variáveis evolutivas faz com que sejamos muito atraídos por alimentos hipercalóricos. Entretanto, o aumento da massa corpórea resultante do consumo excessivo desses alimentos pode ser fortemente punido socialmente. Ou ainda: um estímulo que provoque dor, por exemplo, aumentaria as chances de ocorrência da resposta de chorar. Contudo, uma vez emitida, tal resposta pode produzir consequências sociais aversivas, como risos e humilhações. Portanto, embora os

comportamentos de ingerir alimentos hipercalóricos e de chorar sejam prováveis de ocorrer por um controle filogenético, as contingências socioculturais também podem exercer controle sobre a resposta emitida, o que aponta para uma situação de contingências conflitantes.

Nossa discussão sobre o filme estará voltada para a identificação e discussão de conflitos observados entre as contingências de controle dos comportamentos de Robert e Francesca.

O Nível Filogenético

O nível filogenético está relacionado a respostas envolvidas na sobrevivência e na manutenção do organismo. O processo pelo qual a filogênese controla tais respostas passa pela seleção e transmissão de uma maior ou menor sensibilidade dos organismos a certos estímulos ambientais, de acordo com sua espécie. Assim sendo, respostas reflexas como sugar, piscar os olhos e tremer ocorrem de forma quase imediata na presença dos estímulos eliciadores respectivos: o seio da mãe, a luz intensa e o frio. Aquelas respostas garantem uma melhor adaptação do organismo na presença de condições ambientais específicas.

Em outros casos, algumas características dos estímulos eliciadores podem atuar como reforçadores capazes de manter e desenvolver repertórios comportamentais. Estímulos relacionados à interação da mãe com o seu bebê, como o cheiro, e expressões faciais da mãe também podem agir como potentes reforçadores para o desenvolvimento do repertório vocal inicial do bebê.

A temática do filme não aborda diretamente questões relacionadas à sobrevivência nem destaca respostas que indicam a preocupação direta dos personagens em sobreviver ou se reproduzir. Entretanto, assim como na vida cotidiana, o controle da filogênese está sempre presente em nossas ações, embora não ajamos apenas em função da preservação de nosso organismo.

Cabe ao analista do comportamento a tarefa de identificar as variáveis filogenéticas, ontogenéticas e culturais no controle das ações do dia-a-dia. No filme, é possível observar, por exemplo, como a atração sexual de Francesca por Robert controla algumas de suas respostas. Inicialmente com a espreita e admiração da aparência física de Robert enquanto este tomava banho, até culminar com a relação sexual. A situação em que Francesca observa Robert enquanto toma banho mostra como ela inicialmente parece resistir a fazê-lo, mas depois acaba cedendo. O exemplo evidencia como nossas ações são o resultado de um múltiplo, e muitas vezes conflituo- so, controle que envolve os três níveis de variação e seleção. A cena citada nos permite supor que as variáveis filogenéticas estavam controlando, em parte, toda uma cadeia de respostas de Francesca para com Robert e vice-versa.

O Nível Ontogenético

Quando aprendemos no laboratório de Análise Experimental do Comportamento a noção de reforçamento positivo e observamos o processo de aproximações sucessivas, responsável pelo encadeamento de uma sequência de respostas cada vez mais próximas da resposta final, nem sempre conseguimos imaginar de forma tão clara o processo de condicionamento operante ocorrendo por reforçamento diferencial em situações humanas.

A cena na qual Francesca acompanha Robert até a ponte que ele planeja fotografar é muito ilustrativa para observar esse processo comportamental em humanos. Em um primeiro momento, cada um trata o outro com formalidade e Robert faz uma série de perguntas a respeito da vida de Francesca. Fazendo isso e observando como ela se comporta ao responder às suas indagações, aos poucos vai conhecendo sua história de vida e percebendo que contingências poderiam aumentar a probabilidade de Francesca aproximar-se dele, em um típico caso de paquera e sedução disfarçadas, como convinha àquela época.

É muito interessante perceber como, agindo assim, Robert conseguiu identificar muitos detalhes sobre Francesca. Percebeu alguns de seus valores (ou suas regras e autorregras, para usar uma linguagem mais consonante com a Análise do Comportamento) e interesses (entendidos como prováveis reforçadores que controlariam seu comportamento), bem como foi capaz de reconhecer os temores dela frente à sua presença. Ao valorizar constantemente aspectos da vida de Francesca descritos por ela como sem valor, como a decisão de ter se casado e ido morar em Iowa, ou a sua rotina de dona-de-casa, Robert foi muito hábil na liberação de reforços que controlavam mais e mais a aproximação dela à sua pessoa, atribuindo importância e reconhecimento às experiências de Francesca. Além disso, suas observações o permitiram ir progressivamente retirando do contexto do encontro o sentimento de culpa que era provável estar ocorrendo privadamente. Dessa forma, Francesca progressivamente passou a agir de forma menos formal e começou a apresentar respostas que não costumava ter enquanto casada, como fumar ou estar sozinha na companhia de outro homem, agora mais controladas pelas contingências de reforço apresentadas por Robert.

O Nível Sociocultural

O terceiro nível de controle do comportamento diz respeito às práticas culturais que selecionam respostas do indivíduo relacionadas à manutenção de um grupo social. A vida em comunidade aumenta as chances de sobrevivência de um indivíduo, em comparação à vida isolada. Por outro lado, a convivência com outros traz inevitáveis

conflitos de interesse que, em culturas humanas, com frequência são mediados por regras de conduta. Caso contrário, dificilmente uma sociedade se manteria organizada ou estruturada por muito tempo.

Para Skinner (1990), assim como as pessoas isoladamente, as sociedades evoluem e se transformam. Para compreendermos melhor o contexto social envolvido na situação do filme é preciso conhecer os hábitos e regras sociais da década de 60, muito diferentes das atuais. Apenas no final dessa década é que se observa uma mudança cultural mais intensa no que se refere à questão sexual, especialmente com o surgimento do movimento feminista, que se estendeu ao início dos anos 70. Portanto, na época em que se passa o filme, predominava na sociedade norte-americana uma postura discriminatória, onde era esperada a submissão da esposa ao marido e frequente o preconceito contra mulheres desquitadas.

É possível imaginar, então, o peso das consequências sociais sobre sua escolha de abandonar a família. É o que, de fato, podemos observar em várias cenas do filme. Há exemplos de como a comunidade tratava uma mulher acusada de adultério e os pensamentos de Francesca descritos faziam referências a essas consequências. Sua verbalização expressa claramente a limitação de sua posição frente à possibilidade de fugir com o amante. Francesca afirma: “Não importa a distância que eu tome dessa casa, vou sempre carregá-la comigo. Vou senti-la quando estivermos juntos. Vou começar a culpar você pelo sofrimento. E então, mesmo esses quatro dias maravilhosos vão parecer algo sórdido, um erro”.

A situação também evidencia outro aspecto interessante quanto ao controle do comportamento por consequências: uma contingência poder exercer controle mesmo que não esteja mais contígua à resposta. Portanto, o Behaviorismo entende que o contato do indivíduo com contingências muda seu comportamento para sempre, embora muitas outras variáveis ambientais também possam ser contingentes a esse comportamento. Aquele evento mais distante no tempo afetará, com menor ou maior efetividade, novas ocorrências da resposta, mesmo que não estejamos conscientes desse controle.

Comportamento Controlado por Contingências e Comportamento Governado por Regras

Além dos níveis de controle que o ambiente exerce sobre o nosso comportamento, podemos fazer uma diferenciação quanto ao tipo desse controle, discriminando duas

categorias: o comportamento mantido por contingências e o comportamento governado por regras⁶.

O comportamento diretamente modelado por contingências refere-se àquele sensível às consequências por ele produzidas e que passam a controlar emissões futuras do mesmo comportamento. Imagine, por exemplo, uma adolescente que foi cortejada por um amigo de seu namorado e resolveu acabar o namoro para ficar com esse amigo. Contudo, o efeito imediato da sua resposta de acabar o namoro e falar que gostaria de começar a namorar o rapaz seja imediatamente seguido de uma negativa, com o rapaz alegando que não estaria interessado em namorar ninguém e que ela havia entendido mal a relação que tiveram, pois, para ele aquela teria sido apenas uma situação casual, sem nenhuma conotação de um início de relacionamento mais sério. É evidente que as mudanças produzidas por sua decisão de acabar o namoro afetarão a probabilidade de ocorrência da mesma resposta em situações futuras parecidas. Portanto, quando uma resposta sofre efeito direto de contingências ocorridas em sequência a emissões anteriores da mesma resposta, afirmamos que esta é uma resposta controlada por contingências.

O comportamento também pode sofrer controle de estímulos verbais. Tais estímulos podem ser concordantes ou divergentes em relação a outras contingências não-verbais. Nesses casos, descrições verbais que não correspondem às contingências não-verbais em ação podem concorrer pelo controle de uma resposta. Ou seja, o sujeito pode verbalizar uma relação comportamental, mas isso não garante que irá agir conforme as relações contingenciais verbalmente descritas.

Descrições verbais desse tipo podem se dar de forma aberta ou, mais frequentemente, de forma privada, já que há poucas restrições ambientais para sua ocorrência na forma de pensamentos.

A observação do controle por regras torna-se particularmente difícil porque: 1) quando ocorrem de forma privada são de difícil observação aos outros, que não a própria pessoa que está emitindo tal resposta; e 2) mesmo na presença de descrições verbais, é difícil garantir que uma resposta não-verbal esteja sob controle de regras, pois outras contingências podem estar exercendo controle prioritariamente.

Além disso, é preciso tomar cuidado para que o controle por regras não seja compreendido em uma perspectiva internalista. Mesmo quando considerarmos a possibilidade de estímulos verbais privados estarem controlando uma resposta, é importan-

⁶Embora estejamos propondo a diferenciação entre o controle por contingências e por regras, essa distinção não é consensual. Mais recentemente tem se discutido a ideia de que falar em comportamento governado por regras pode passar a falsa impressão de que, neste caso, as regras suplantariam o controle de contingências, quando o correto seria entender que todo comportamento é controlado por contingências. A questão é que, em condições específicas, verbalizações podem desempenhar funções comportamentais que competem com o controle assumido por contingências não verbais.

te ressaltar que esse controle só é mantido enquanto houver outras contingências que garantam a concordância entre as verbalizações que descrevem contingências e as próprias contingências, mesmo que em condições bem específicas. Quando isso não ocorre, é provável que o controle verbal enfraqueça. Entretanto, uma história de reforçamento particular pelo seguimento generalizado de regras pode levar o indivíduo a manter-se por mais tempo sob controle verbal, mesmo quando há incompatibilidade com as contingências em ação.

Diversas respostas de Robert e Francesca evidenciavam um frequente conflito entre reforçadores primários e contingências sociais advindas da comunidade da qual faziam parte. Já na parte inicial do filme é possível observar a rotina da família de Francesca, que nos permite conjecturar sobre as contingências de reforçamento que fizeram parte de sua história de vida. Percebe-se que as ações do marido e dos filhos não estão de acordo com aquilo que era esperado por Francesca e a incomodam. Apesar de solicitar atenção ao passar pela porta, ninguém se preocupa em evitar batê-la. Carolyn muda a estação do rádio que sua mãe estava ouvindo sem indagar se poderia fazê-lo e, além disso, quase não há diálogos à mesa. Diante da situação ela apenas observa, mas seu rosto e gestos corporais nos permitem supor que estava se sentindo frustrada e triste.

Uma visão analítico-comportamental diria que a cena confirma a relação entre contingências e sentimentos, onde tais estados privados não teriam uma função causal, sendo produtos do efeito de contingências específicas sobre o comportamento (Skinner, 1974, 1990). Dessa forma, podemos relacionar os sentimentos de tristeza e frustração vivenciados por Francesca à presença de contingências aversivas em sua vida familiar ou à retirada de condições ambientais prazerosas como sua ida à América.

Nas ocasiões em que Francesca fala com Robert sobre sua história de vida, fica evidente que a presença de condições aversivas e a falta de contingências prazerosas em sua vida era uma constante. Dessa forma, seu casamento com um soldado americano e sua ida para Iowa tem, pelo menos em parte, a função de retirar uma situação de extrema pobreza, aumentando as chances de sua sobrevivência. Mas como qualquer comportamento complexo, tal resposta também foi parcialmente controlada por outras contingências relacionados à sua história de reforçamento e a variáveis de ordem sociocultural.

Se, por um lado, sua decisão foi reforçada pela redução do risco de morte, a mesma resposta a levou a perder o contato com a família, amigos e outras contingências favoráveis à resposta de permanecer em Bari. A partir dessa constatação, podemos identificar o conflito de contingências que exercem maior ou menor controle sobre as

respostas de casar e ir morar nos Estados Unidos e os sentimentos daí resultantes. Uma descrição mais sistemática da situação pode ser assim descrita:

Tabela 1. Análise funcional da resposta de “casar”.

Operações Motivadoras	Estímulo Discriminativo	Resposta	Consequências
Condição de pobreza e situação de guerra	Pedido de casamento	Casar	1- Estímulos Reforçadores Positivos: Alimentos, roupas, atenção do marido
			2- Estímulo Reforçador Negativo: Guerra
			3- Estímulos adicionados: Atividades de rotina de cuidados com a casa
			4- Estímulos subtraídos: Família, amigos

O casamento e a mudança de país parecem confirmar o fato de que os eventos que constam das consequências 1 e 2 controlaram prioritariamente a resposta, tendo respectivamente as funções de reforçadores positivos e negativo. Já os eventos 3 e 4 exerceram um menor controle para aquela resposta, embora não possam ser desconsiderados quando se leva em consideração a possibilidade de enfraquecimento das condições reforçadoras em um momento posterior.

É importante considerar também a participação das condições aversivas no controle do comportamento. O fato de Francesca permanecer casada e morando na fazenda também estava condicionada a tais contingências, já que o contexto social da época era muito rígido. Como já dito, às esposas era esperado apenas que cumprissem o papel de dona de casa.

O surgimento de Robert alterou o valor reforçador das contingências mantenedoras da resposta de Francesca permanecer casada, desempenhando a função de uma operação motivadora (estabelecadora) que interferiu na forma como ela justificava para si mesma as razões de sua decisão de sair da Itália para acompanhar alguém por quem não é verdadeiramente apaixonada começa a mudar. Aos poucos, Robert passa a evocar eventos privados relacionados às lembranças de Francesca. Ao lembrar-se de eventos passados, Francesca observa melhor os contrastes com sua condição atual. A aversividade de sua vida simples e limitada aumenta à medida que volta a experimentar sensações prazerosas decorrentes de respostas que estavam em baixíssima frequência, como fumar, beber ou dançar.

A forma como Francesca passa de uma resignada dona-de-casa ao papel de amante, considerando a possibilidade de abandonar sua família e sofrer todo tipo de punição social decorrente de sua atitude mostra dois aspectos importantes sobre o efeito de contingências: 1) mudanças nas contingências são acompanhadas de mudanças de pensamentos e sentimentos, especialmente quando essas contingências mudam drasticamente; e 2) as condições de instalação de uma resposta não garantem sua manutenção. No caso em questão, uma vez tomada uma decisão, sua manutenção poderá requerer razões complementares para que continue prevalecendo diante de uma situação de conflito.

Em seus pensamentos, revelados no filme, Francesca evidencia a intensidade das mudanças nas contingências controladoras de seu comportamento com a presença de Robert: “Eu ficava pensando nele. Mal sabia o que fazer. E ele percebia tudo. O que eu sentisse ou quisesse ele procurava atender. E naquele instante, tudo o que eu sabia a meu respeito até então sumira. Eu agia como alguma outra mulher. Contudo, nunca antes fora tanto eu mesma”.

Eventos Privados como Produto da Ação de Contingências

“Eventos privados” podem ser caracterizados como relações comportamentais nas quais os estímulos ou respostas são inacessíveis ou apresentam grande restrição à observação pública direta. Portanto, consistem no que chamamos de pensamentos e sentimentos. Além disso, participam da seleção das respostas aqui envolvidas eventos ambientais provenientes dos níveis filogenético, ontogenético e cultural (Tourinho, 2006). Tourinho chama os eventos privados de “fenômenos complexos” exatamente porque envolvem aspectos respondentes, operantes não-verbais e verbais complexamente integrados. Para melhor discriminá-los e compreendê-los, é preciso estar atento a todos esses tipos de interação comportamental.

O acesso aos sentimentos de Francesca, por exemplo, não é direto nem completo, pois só conseguimos observar diretamente algumas de suas reações motoras corporais, especialmente as suas expressões faciais. Estas só são apontadas como indícios de sentimentos por nós devido à nossa história prévia de aprendizagem. Ou seja, a partir do nosso contato com situações semelhantes nas quais outras pessoas que observamos descreveram o que lhe estava ocorrendo privadamente e atribuíram um nome de sentimento para o que estava se passando com elas.

A extraordinária atuação dos atores nos permite observar sutis mudanças comportamentais que podem nos auxiliar na inferência dos eventos privados presentes na situação. Na cena em que Francesca acompanha Robert pela primeira vez até a Ponte Roseman Bridge, a protagonista inicialmente se mostra um pouco constrangida por estar na companhia de outro homem, mas à medida que Robert demonstrava

atenção e interesse pelo relato de sua própria vida, Francesca vai ficando mais à vontade.

Sua admiração pelo visitante parece aumentar ainda mais quando este diz conhecer e passa a descrever a cidade natal de Francesca, inclusive afirmando ter descido do trem antes do seu destino final apenas porque achou a cidade muito bonita. Nessa conversa, Robert acaba trazendo lembranças sobre a vida de Francesca na Itália. Analisando a mudança de sentimentos em relação a Robert, podemos constatar que as relações entre os estímulos: Robert, conversa sobre a cidade e a própria cidade de Bari, passaram a fazer parte de uma mesma cadeia de estímulos:

Tabela 2. Cadeia de estímulos Robert/lembranças.

Estímulos inicialmente sem função definida para a Resposta	Estímulo condicionado	Estímulo incondicionado	Resposta condicionada
Conversa com Robert sobre a cidade onde nasceu	Cidade onde nasceu	Familiares e pessoas conhecidas (cuidados, afeto e atenção)	Sentir-se alegre, feliz

Só não podemos afirmar que a relação descrita se constitui estritamente em um modelo de condicionamento respondente porque a forma como a conversa com Robert está relacionada com os outros estímulos é mais complexa, envolvendo componentes verbais, não tendo ocorrido um pareamento temporal direto entre esses estímulos.

Outras respostas de Francesca eram operantes, aumentando ou diminuindo de frequência de acordo com as consequências que produziam. Como exemplo desse processo, temos a resposta de permanecer próxima e interagindo com um homem, mesmo sendo casada. Na ausência do seu esposo, essa resposta provavelmente não ocorreria, até pela possibilidade de os vizinhos a verem com um estranho dentro da sua casa. Entretanto, quanto mais ela se aproximava de Robert, mais atenção, respeito e carinho ia obtendo, o que resultou no aumento da frequência de convites para que ele fosse à fazenda, apesar dos riscos de punição social. Detalhando os elementos dessa situação, podemos fazer a análise proposta na Tabela 3.

Tabela 3. Análise funcional da resposta de convidá-lo para ir ou permanecer na fazenda.

Operações Motivadoras	Estímulo Discriminativo	Resposta	Evento contingente	Processo comportamental
Poucas ocasiões em que recebia elogios e atenção	Presença de Robert	Convidá-lo para ir ou permanecer na fazenda	Atenção e elogios de Robert	Reforçamento Positivo

A alta frequência com que Francesca pede desculpas ou fala de forma negativa sobre sua vida nos faz supor um histórico importante de punições, resultando em um padrão de comportamento identificado como característico de uma pessoa com baixa autoestima.

Durante todo o tempo de convivência com sua amante, Robert foi hábil para identificar quando Francesca estava tendo sentimentos e pensamentos aversivos de desvalorização. Nessas ocasiões, sua atitude era sempre de ter cuidado para não concordar com a visão negativa de si mesma, o que pode ser compreendido como uma postura de audiência não-punitiva. Em suas colocações imediatamente após relatos autodepreciativos de Francesca, Robert conseguia retirar contingências aversivas previstas por Francesca, provavelmente porque faziam parte de sua história de vida. Isso pode ser visto em uma cena em que estão na cozinha:

F: Pode ser chato ficar de papo com uma dona de casa no meio do nada.

R: É a sua casa. Não é o meio do nada. E não é chato.

A situação pode ser analisada como um exemplo de punição positiva da resposta de se menosprezar, como visto na Tabela 4.

Durante um breve passeio ao luar, Francesca parece se preocupar com os vizinhos e convida Robert para tomar um conhaque dentro da casa. Mas, ao entrarem, ela parece mais tensa e distante, preocupando-se em lavar a louça e conversando menos. Robert percebe a mudança no agir de Francesca e infere que a mesma estivesse se sentindo culpada pelo fato de estar com um “estranho” em sua casa. E outra vez ele procura reduzir as contingências aversivas produtoras de culpa falando: “Francesca, não estamos fazendo nada de errado. Nada que você não possa contar aos seus filhos”.

É interessante usar essa situação para discutir as relações entre os eventos privados e outras respostas. A princípio, a análise mais provável de se fazer seria a de que os pensamentos sobre a inconveniência e a noção moral de que estivesse fa-

zendo algo errado tenha controlado a mudança de atitude de Francesca, o que corroboraria com a noção defendida pelos cognitivistas de que pensamentos controlam outros comportamentos.

Tabela 4. Análise funcional do comportamento de autocrítica.

Operações Motivadoras	Estímulo Discriminativo	Resposta	Evento contingente	Processo comportamental
[Supostos] relatos anteriores que descreviam Francesca como uma pessoa de pouco valor; Pouca atenção do marido e filhos	Presença de Robert	Criticar a si mesma	Correções de autodescrições depreciativas e modelo de descrições valorativas	Punição de relato depreciativo e modelação de relatos adequados

Uma visão mais coerente com o modelo selecionista não invalidaria totalmente essa afirmação, mas a colocaria dentro de um contexto explicativo no qual os pensamentos não são os principais determinantes de outros comportamentos. Como são tratados também como comportamentos, estão sujeitos ao mesmo tipo de controle ambiental, externo ao próprio sujeito. Dessa forma, o analista do comportamento consideraria mais produtivo buscar as variáveis de controle no próprio ambiente para entender como uma pessoa sente, pensa e age, como pode ser observado na Figura 1, que evidencia como essas três respostas estão interrelacionadas e sob controle do ambiente.

A forma mais tradicional de imaginar que agimos de acordo com o que pensamos ou com o que sentimos deve-se à proximidade temporal entre essas respostas privadas com o agir e à maior distância temporal entre o agir e as contingências de reforço presentes na história de vida da pessoa. Dessa forma, fica muito mais evidente que a ação ocorreu em seguida a um sentimento ou a um pensamento, mas seria necessário se perguntar que contingências estariam controlando os três tipos de resposta.

Na situação em que Francesca parece ter mudado rapidamente seu comportamento, afirmar que tal mudança se deu em função de um pensamento não explica toda a situação, pois exigiria que se explicasse o que causou o pensamento, e aí a explica-

ção novamente voltaria ao contexto externo. Se conhecermos a sua história de reforçamento relacionada àquele contexto, é possível entender as relações comportamentais de forma mais completa.

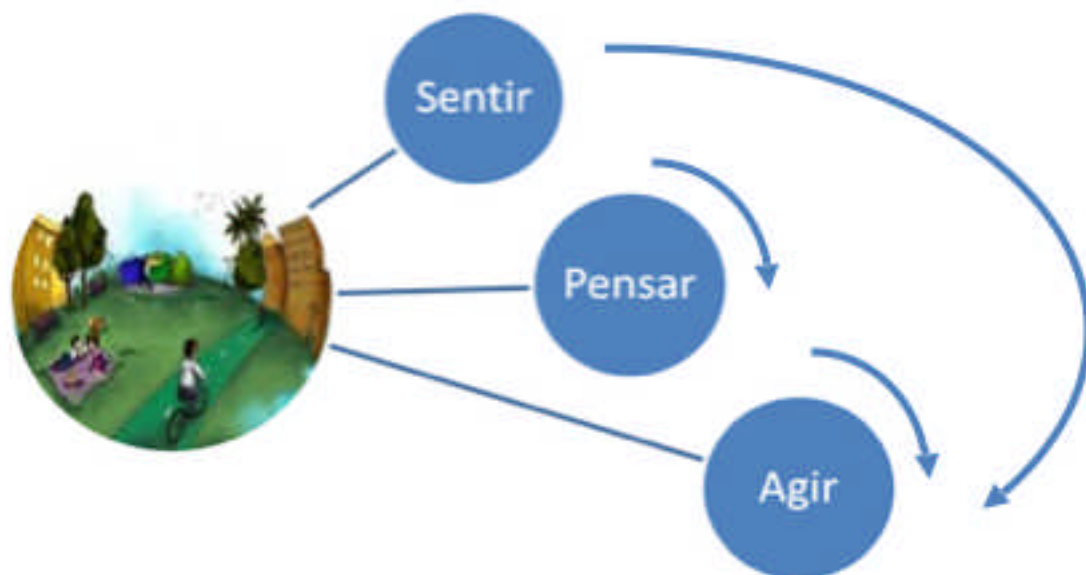


Figura 1. Sentir, pensar e agir.

É possível falarmos que a mudança observada no comportamento (que incluiria a sua forma de sentir, pensar e agir) de Francesca possa estar relacionada a formulações de descrições de contingências através de eventos privados relacionadas às consequências aversivas que a situação certamente produziria na família e na comunidade, dadas as ocorrências passadas vivenciadas diretamente por ela ou observadas em relação a outras pessoas.

Para ampliar a análise funcional do comportamento de Francesca, poderíamos inferir que naquele instante Robert sinalizou punição social através da seguinte relação: a resposta de dar atenção a Robert, um homem que não é seu marido, estando ela sozinha com ele em sua casa, seria seguida de diversos estímulos sociais aversivos, vizinhos lhe segregando, reações negativas do marido e dos filhos, dentre outras. Sendo estas relações formuladas através do contato com as tradições culturais da comunidade local.

Neste momento, as descrições contingenciais se estabeleceram como regras ao controlar os comportamentos relacionados a dar atenção a Robert: olhar para ele, conversar, sorrir, dentre outros. Vale lembrar que para ser considerada uma regra é necessário que a descrição controle o comportamento em detrimento das contingências atuantes, exatamente como aconteceu naquele instante.

Algumas Considerações sobre Possível Intervenção Analítico-comportamental Frente à Situação de Conflito

O filme evidencia uma situação de paixão, amor, mas também de intenso sofrimento. Submetida a uma situação tão conflituosa, poderíamos imaginar que haveria chance de Francesca apresentar um quadro depressivo diante da necessidade de corresponder às expectativas da família e da sociedade e, como consequência, encarar a perda da pessoa amada.

Em uma situação hipotética em que Francesca precisasse de uma ajuda profissional, como o terapeuta analítico-comportamental poderia ajudá-la? Para responder a essa pergunta é importante levantarmos alguns elementos básicos para o sucesso da terapia.

Em primeiro lugar, é importante destacar que a terapia não pode se dar por modelos totalmente preestabelecidos. Ou seja, antes de qualquer intervenção é preciso conhecer melhor o contexto e as condições de ocorrência das respostas problemáticas. Mesmo que não se tenha acesso a todos os fatores envolvidos com aquelas respostas que caracterizam um estado depressivo, é a análise funcional dessas respostas que norteará as intervenções do terapeuta.

Para conseguir acesso a informações que só o cliente pode fornecer com detalhes, é importante que a terapia seja caracterizada como um espaço de audiência não-punitiva. O termo foi empregado por Skinner (1953) na referência a uma postura do terapeuta diferente daquela predominante na sociedade de punir comportamentos considerados indesejados, mostrando-se compreensivo e evitando apresentar qualquer sinal de punição frente ao relato do cliente. Espera-se, com isso, que respostas em baixa frequência, pelo risco de punição, comecem a surgir na terapia. Na situação em questão, uma possível resposta seria ela falar abertamente de seus sentimentos, o que seria improvável de ocorrer em condições normais.

Outra diretriz importante para o sucesso da terapia é o cuidado do terapeuta em não se limitar à análise de poucas respostas relatadas de forma isolada, mas procurar entendê-las como parte de um padrão comportamental mais amplo e, a partir daí, passar a investigar as contingências de controle de uma gama mais ampla de respostas, nem sempre percebidas pelo cliente como pertencentes à mesma categoria das respostas já identificadas como problemáticas. No caso de Francesca, muito provavelmente suas respostas convergem para um padrão de comportamento de baixa autoestima, pois sua interação com as pessoas é predominantemente ansiosa e pouco assertiva. Ou seja, mais controlada por reforçamento negativo que por reforçadores positivos. Mesmo não sendo um psicólogo, Robert acaba realizando uma excelente intervenção nesse padrão de respostas e pode ser considerado até um bom modelo do que provavelmente um terapeuta realizaria: ele oferece modelos de

descrições verbais que não eram autodepreciativas e valoriza Francesca em relação a vários fatores.

Para concluir, seria provável encontrar em Francesca uma alta frequência de respostas de fuga e esquiva em situações de interação com os outros, o que certamente precisaria ser alvo de discussão e análise por parte do terapeuta e da cliente. Modelar novas formas de relacionamento mais assertivas que possam transformar as interações sociais de Francesca em eventos reforçadores seria um provável curso da intervenção terapêutica, podendo ser discutida até mesmo dentro da própria relação terapeuta e cliente.

Referências

Skinner, B. F. (1953). *Science and human behavior*. New York: McMillan.

Skinner, B. F. (1974). *About Behaviorism*. New York: Alfred Knopf.

Skinner, B. F. (1990). Can psychology be a science of mind? *American Psychologist*, 45(11), 1206.

Tourinho, E. Z. (2006). *Subjetividade e relações comportamentais*. Tese para concurso de professor titular não publicada, Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento, Universidade Federal do Pará. Belém, PA.

Capítulo 4

ANÁLISE COMPORTAMENTAL DA MENTIRA EM “O PRIMEIRO MENTIROSO”

Nicolau Chaud de Castro Quinta
Faculdades Alves Faria

Lauro Eugênio Guimarães Nalini
Pontifícia Universidade Católica de Goiás

Título do filme: O Primeiro Mentiroso

Título original: The Invention of Lying

Ano: 2009

Diretores: Ricky Gervais, Matthew Robinson

Produtores: Ricky Gervais, Dan Lin, Lynda Obst e Oly Obst

Lançado por: Universal Studios

“O Primeiro Mentiroso” é uma comédia romântica que conta a história de Mark Bellison (interpretado por Ricky Gervais, que é também produtor, diretor e roteirista do filme), um homem a princípio comum, que vive em uma realidade alternativa, um lugar muito semelhante ao nosso, mas com uma diferença importante: em seu mundo os seres humanos não desenvolveram a habilidade de mentir, não conhecem o significado de “mentira”, e não são capazes de esconder o que pensam e sentem. Mark Bellison é caracterizado como uma pessoa sem sucesso em várias áreas: não é um homem atraente, é gordo, não possui nenhum tipo de patrimônio material, seu trabalho como roteirista de filmes é considerado medíocre, e está prestes a ser demitido da empresa onde trabalha. As pessoas ao seu redor o consideram um perdedor. O que torna Mark Bellison especial é que, em determinado ponto da trama de “O Primeiro Mentiroso”, ele “inventa” a primeira mentira (daí o título original do filme: “The Invention of Lying”, ou “a invenção da mentira”).

O filme começa contextualizando o telespectador em um mundo onde não existem a mentira, o engano, ou mesmo a ficção: todas as pessoas dizem tudo o que pensam sempre, mesmo que aquelas informações não sejam úteis ao ouvinte ou possam gerar algum tipo de reação desagradável: “Eu não vou trabalhar hoje. Não é que estou doente, eu só odeio o trabalho” ou “Seu bebê é tão feio, parece um ratinho!” são alguns exemplos mostrados logo no início de “O Primeiro Mentiroso”. Uma característica interessante das relações interpessoais no filme é que, apesar de não haver mentiras, eufemismos ou qualquer tipo de artifício para poupar o sentimento do outro nas interações, as reações dos ouvintes são geralmente calmas, amenas, e demonstram pouca surpresa. Como exemplo, em determinada cena em um restaurante, ao servir a bebida o garçom diz “eu tomei um gole disso aí”, mas seu comentário não gera qualquer tipo de repulsa ou reprovação de quem está sendo servido, e o jantar prossegue normalmente.

Sendo uma comédia romântica, a trama gira em torno do interesse amoroso de Mark por uma garota chamada Anna McDoogles (interpretada por Jennifer Garner). Anna é bonita e bem sucedida profissionalmente, e só aceitou um encontro com Mark para atender ao pedido de um amigo em comum. Assim que se encontram, Anna é transparente ao dizer que não acha Mark atraente, ficou decepcionada e pessimista ao vê-lo, e só aceitou um encontro porque tem medo de passar o resto da vida sozinha. Os dois vão a um restaurante e conversam um sobre o outro. Em determinado momento no jantar, um garçom diz a Mark que Anna é “muita areia para seu caminhão”, o que em poucas palavras resume todo o impasse da relação que está para se desenvolver ao longo do filme. No dia seguinte ao encontro, Mark recebe um e-mail de Anna dizendo que não está interessada romanticamente nele baseado na sua aparência, sua situação financeira e sua posição na vida, implicando que não pretende vê-lo de novo.

Mark trabalha como roteirista em uma produtora de filmes, mas como não existe ficção nesse mundo, os filmes são apenas narrações de fatos históricos. No trabalho, Mark é considerado um dos roteiristas de menor sucesso da produtora *Lecture Films*. Sua secretária avisa que ele provavelmente será despedido, e diz que sempre detestou trabalhar com ele. Seu colega de trabalho e rival profissional Brad Kessler (Rob Lowe) entra em cena dizendo que também sempre odiou Mark, que o considera um perdedor, mas se sente ameaçado por ele porque há alguma coisa em Mark que ele não entende, e isso o incomoda.

Tendo fracassado no seu encontro, sem emprego, e agora consciente da visão negativa que as pessoas à sua volta têm dele, Mark volta para casa e descobre que não tem dinheiro para pagar o aluguel, tendo 24 horas para deixar seu apartamento. Neste ponto o filme configura toda a situação de fracasso e tragédia de Mark, que provavelmente constituem as variáveis importantes para ocasionar o que acontece em seguida.

Mark vai até o banco para sacar os 300 dólares que restaram em sua conta, que ainda não são suficientes para pagar o aluguel de 800 dólares. Ao falar com a caixa do banco, esta o informa que o sistema está fora do ar, de forma que não há como saber quanto Mark tem na conta. Em um mundo onde não há mentiras, as palavras têm poder de fato: a caixa pergunta a Mark quanto ele tem na conta. Neste momento, o filme mostra um *insight*⁷ de Mark, a hora em que ele percebe ser capaz de fazer alguma coisa que nenhuma pessoa já fez. A invenção da primeira mentira é mostrada em uma curta animação de atividade cerebral, impulsos elétricos dando origem a alguma coisa nova na cabeça do protagonista. Ele diz à caixa que quer sacar 800 dólares. Esta foi a primeira mentira. Imediatamente o sistema do banco volta ao ar, e a funcionária observa que só há 300 dólares na conta. Entretanto, desconhecendo o significado de uma mentira, ela admite que há um erro no sistema e dá a Mark todo o dinheiro que ele pediu.

Ainda que não consiga dar um nome para o que fez (o termo “mentira” nunca é usado no filme, exceto na narração), Mark fica extasiado com o que acabou de inventar. Ele descobriu que não só poderia falar coisas que não eram verdade, mas que essas falas exerciam controle sobre as outras pessoas.

Querendo descobrir a extensão do poder recém-adquirido, Mark vai ao bar se encontrar com os amigos e começa a testar suas mentiras. “Meu nome é Doug”, “eu sou um domador de leões usando uma peruca” e “eu sou negro” são algumas das mentiras que conta. Seus amigos acreditam imediatamente, mesmo quando os fatos ou as falas anteriores de Mark claramente contradizem as mentiras. A partir daí, o

⁷ “a resolução súbita de um problema quando dois ou mais repertórios diferentes, previamente aprendidos em separado, se interconectam sem treino direto em uma nova situação, produzindo sequências originais (novas) de comportamento” (Epstein, 1985, 1986, 1996, citado por Leonardi, 2011, p. 4).

protagonista passa a entender a extensão do poder que suas mentiras podem ter. Ele percebe que pode mudar sua vida da forma como quiser.

Suas primeiras providências são egoístas. Mark vai ao cassino e torna-se rico mentindo para os administradores sobre o resultado de seus jogos; volta ao seu antigo emprego com um roteiro fantástico e fictício para produzir um novo filme; e até mesmo diz a uma mulher bonita na rua que o mundo vai acabar se ela não fizer sexo com ele. Em seguida, ele descobre também que pode usar as mentiras em prol de outras pessoas: leva um mendigo ao banco e saca muito dinheiro para ele, mente para o vizinho suicida que tudo na sua vida vai ficar bem, e leva palavras de esperança para os idosos do asilo onde sua mãe está internada.

Mark também convence Anna a aceitar um novo encontro, argumentando que ele está “diferente”, ainda que não explique exatamente como. Tendo se decepcionado com a artificialidade de ter levado uma mulher para o motel com uma mentira (dizendo que o mundo iria acabar), Mark decide que tentará conquistar Anna sem mentir para ela.

Em determinado momento na trama, Mark é avisado de que sua mãe, Martha (Fionnula Flanagan) está se sentindo muito mal, e provavelmente irá morrer em breve. No hospital, ela diz ao filho que não quer morrer, e está com muito medo da perspectiva de encarar uma eternidade de vazio. Mark se sente muito mal ao ver a mãe assim, e decide contar uma mentira para fazê-la sentir-se melhor: diz que depois da morte as pessoas vão para um lugar muito bonito, onde estão todas as pessoas que amam, e não há nada além de felicidade. Logo em seguida, a mãe de Mark morre.

Incidentalmente, o médico e algumas enfermeiras escutam o que o protagonista disse à sua mãe. A notícia logo se espalha, e em pouco tempo a cidade inteira está curiosa para ouvir de Mark tudo o que acontece com as pessoas depois que elas morrem. Uma multidão se forma na porta de sua casa, e a cobertura da mídia garante que o mundo inteiro irá ouvir o que Mark tem a dizer. Entendendo sua responsabilidade, ele inventa dez fatos sobre o que acontece depois da morte e sobre um “homem no céu” que controla tudo que acontece no mundo, o que provoca certo tipo de efeito cultural imediato em civilizações do mundo inteiro.

O resto da trama se desenvolve focando o efeito das mentiras de Mark sobre o mundo, e no desenrolar de seu relacionamento com Anna. Vale mencionar que em nenhum momento Mark se coloca em apuros ou algum tipo de risco por ter contado uma mentira, e as pessoas continuam acreditando em tudo o que ele diz, garantindo que todas as suas mentiras sejam bem sucedidas.

O presente texto irá buscar elucidar o comportamento de mentir como fenômeno comportamental a partir do contexto da realidade alternativa proporcionado pelo fil-

me, e analisará a plausibilidade dos eventos desse mundo alternativo através de análises funcionais e de dados produzidos na literatura científica sobre a mentira.

O Comportamento de Mentir

Um tratamento apropriado do mentir como fenômeno comportamental requer uma definição operacional adequada dos termos envolvidos. O Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa define mentira como “ato ou efeito de mentir; engano, falsidade, fraude; afirmação contrária à verdade a fim de induzir erro; qualquer coisa feita na intenção de enganar ou transmitir falsa impressão”, e no verbete mentir acrescenta “dizer, afirmar ser verdadeiro aquilo que se sabe falso; causar ilusão a, dissimular a verdade, enganar, iludir; não revelar, esconder, ocultar” (Houaiss & Villar, 2009, p. 1274).

Na Psicologia Social, área que mais costumeiramente lida com o fenômeno psicológico da mentira, o fenômeno é definido como “um ato de, propositalmente, transmitir ao outro informação que o mentiroso acredita ser falsa. Mentirosos estão, por esta definição, deliberadamente enganando os outros; eles não estão o fazendo sem pensar, ou por erro” (DePaulo, 1988, p. 155). Grande parte dos estudos da área adotou definições muito semelhantes (Wells, Bruns, Wender & Stein, 2005; Wilson, Smith & Ross, 2003).

Tanto na definição do jargão popular quanto na definição teórica, notam-se elementos semelhantes: a saber, no que diz respeito (a) à transmissão de uma informação falsa (tida como verdadeira), e (b) à intenção ou propósito da mentira contada. Contudo, nem todas as definições psicológicas adotam estes dois critérios. Para Ekman (2001) na mentira “uma pessoa pretende enganar a outra, o fazendo deliberadamente, sem notificação anterior de seu propósito, e sem ter sido explicitamente requisitada a fazê-lo pelo alvo” (p. 28). O autor inclui este último critério para excluir do termo eventos como negociações, blefes em um jogo de poker e ficção como um teatro (Ekman, 1997). Neste sentido, a definição de Ekman difere um pouco do que se entende por “mentira” em *O Primeiro Mentiroso*, uma vez que no filme as pessoas não são capazes nem mesmo de expressar ideias fictícias para fins de entretenimento, como em um filme (os filmes produzidos pela empresa de Mark Bellison são narrações de fatos históricos).

Por outro lado, a definição de Ekman não inclui a transmissão de informação falsa como critério. A partir disso é possível uma classificação de dois tipos de mentira: a mentira por *falseamento* (na qual uma informação que se acredita falsa é transmitida como verdadeira) e a mentira por *ocultamento* (na qual uma informação verdadeira é intencionalmente omitida ou ocultada). Talwar (1999) também admite o ocultamento como um tipo de mentira. Este entendimento do mentir é mais compatível com o que acontece em *O Primeiro Mentiroso*, pois as pessoas no filme não são capazes de

falar inverdades e, muitas vezes, nem mesmo omitir o que pensam. Certo momento ilustrativo do filme mostra como o pai de Mark, Richard, foi preso tentando roubar uma casa: ao forçar a porta com um pé de cabra, o dono da casa abre e surpreende o ladrão, frustrando seus planos. Richard ainda tenta escapar dizendo “eu simplesmente vou embora e você não sabe meu nome”. O dono da casa pergunta seu nome, e o pai de Mark imediatamente responde “Richard Bellison”. Se Richard tivesse ficado calado, ele não estaria mentindo dentro de uma definição que considera a mentira apenas como a transmissão de uma informação falsa. A definição de Ekman, ao abarcar o ocultamento como um tipo de mentira, é mais congruente com a classe de comportamentos considerados como “mentiras” em O Primeiro Mentiroso.

Intenção x Função

A maioria das definições do termo “mentira” utilizadas na literatura psicológica enfatiza o componente intencional como essencial para a caracterização da mentira. A mentira difere do engano ou erro porque a incongruência entre a realidade e o que é falado é intencional.

O termo “intenção” parece se referir a algum tipo de evento no futuro que controla nosso comportamento. Quando digo “menti para ganhar a atenção daquela mulher”, parece que meu comportamento está de alguma forma dirigido ao futuro, que aquele evento futuro (a atenção da mulher) controla meu comportamento presente (a mentira). Sabemos, entretanto, que somente eventos que já aconteceram podem produzir resultados, de forma que tal concepção contraria uma das regras básicas do entendimento científico (Baum, 1994/2006).

A intenção também pode ser entendida como algum tipo de entidade interna ou mental que engrena ou produz nosso comportamento. Como algo que antecede ao próprio comportamento, a intenção, dessa forma, seria a causa do mentir. Falar de eventos internos ou mentais também gera problemas para uma análise científica do objeto em questão, porque não podemos identificá-los, localizá-los ou descrevê-los em uma análise comportamental. Nesse sentido, a intenção é geralmente inferida do próprio comportamento, de forma que uma formulação explicativa que parte da intenção seria circular (Baum, 1994/2006). Por exemplo, quando Mark diz à caixa do banco que tinha 800 dólares em sua conta, poderíamos dizer que o fez porque tinha a *intenção* de obter aquele dinheiro, ou a *intenção* de enganar aquela pessoa. Sabe-se, no entanto, que não é possível ter acesso a qualquer coisa que possa ser chamada de intenção em casos assim; o que se pode observar, no entanto, é o próprio comportamento de Mark acontecendo em função de contingências aversivas de controle cada vez mais fortes sem disponibilidade de nenhuma resposta de fuga/esquiwa, até que o comportamento de mentir ocorre.

Como alternativa a esses problemas, a Análise do Comportamento equipara ou substitui termos como intenção, propósito, motivo ou vontade por *função*. Em outras palavras, o responder é explicado pelas relações que estabelece com o ambiente no qual ocorre, e por um histórico de relações estabelecidas em ambientes semelhantes. Relações de dependência entre eventos ambientais e comportamentais recebem o nome de *relações funcionais* (Skinner, 1953/1998). Mesmo fora da Análise do Comportamento, algumas definições do mentir adotam a função como componente da definição de mentira (Bond & Robinson, 1988; De Waal, 1992; Smith, 2006; Walters, 2005). A noção de função baseia-se em um entendimento do comportamento como um processo relacional, e busca no ambiente, seja ele físico, social, biológico ou histórico, as variáveis relevantes para a explicação do comportamento (Todorov, 1989).

Em um esforço de tradução analítico-comportamental de termos que geralmente são entendidos como constituintes de uma definição de mentira, Sato e Sugiyama (1994) entendem que o comportamento intencional é aquele precedido por algum tipo de pensamento. Assim, alguém está agindo intencionalmente caso tenha pensado antes de agir. O pensamento que precede uma ação é um comportamento privado, e o comportamento cujo estímulo antecedente é estimulação privadamente gerada é considerado um comportamento governado por regras (Sato & Sugiyama, 1994). Portanto, para tais autores, o comportamento de mentir é essencialmente um comportamento governado por regras. Tais regras, entretanto, são apenas descritoras de consequências prováveis para o mentir, de modo que o mentir deve ser funcionalmente definido em termos de seus efeitos sobre o ambiente. Não é necessário que o comportamento seja precedido por algum tipo de pensamento para que possa ser considerado intencional (Baum, 1994/2006). Quando apertado o botão de um andar em um elevador, é razoável dizer que existe a intenção de chegar àquele andar, mas o que se entende por intenção está no fato de que a resposta de apertar o botão foi caracteristicamente reforçada com a chegada àquele andar no passado, e não que eu tenha pensado “quero chegar ao andar X” imediatamente antes de apertar o botão.

Nesse sentido, ainda que não seja diretamente controlado por eventos futuros ou explicado pela sua finalidade, pode-se dizer que o comportamento operante é orientado para suas consequências, o que daria ao operante um caráter eminentemente intencional. A descrição pública ou privada que um indivíduo dá de seus propósitos ou intenções, ainda que possa estabelecer algum tipo de relação funcional com suas ações, não é a explicação de seu comportamento, mas é em si próprio um comportamento cuja explicação também precisa ser buscada em contingências operantes (de Rose, 1982).

Ao incluir o ocultamento como um tipo de mentira, a definição utilizada por Ekman parece mais alinhada com uma concepção analítico-comportamental por não focar no componente topográfico do comportamento de mentir. Isso quer dizer que, apesar de serem topograficamente diferentes, o ocultamento e o falseamento são funcionalmente semelhantes como instâncias comportamentais daquilo que estamos considerando uma mentira.

Como comportamento operante e verbal, o mentir deve ser explicado através das consequências sobre o ambiente. Há basicamente dois grandes conjuntos de consequências que podem explicar a ocorrência do mentir: consequências positivamente reforçadoras e consequência negativamente reforçadoras (Pergher & Sadi, 2003). Pergher e Sadi (2003) fazem uma classificação de alguns tipos de contingências que podem gerar respostas de mentir, reforçadas positiva ou negativamente. A Tabela 1 relaciona estas contingências com exemplos tirados de “O Primeiro Mentiroso”.

O que a Tabela 1 mostra são exemplos de análise funcional: a explicação do mentir em termos de controle de variáveis ambientais antecedentes e consequentes, dispensando a necessidade de instâncias psicológicas explicativas como “intenção” ou “propósito”.

Assim, o comportamento de mentir é explicado através dos efeitos que produz sobre o ambiente e, sendo esses efeitos reforçadores, a probabilidade de que o mentir volte a ocorrer no futuro, sob circunstâncias semelhantes, é aumentada. O reforçamento característico de uma dada ocorrência do mentir é geralmente específico àquela mentira (como ilustra a Tabela 1). Observa-se adicionalmente um componente universal na função do mentir: colocar o ouvinte em um estado de privação de informações, ou colocá-lo sob controle de informações não verdadeiras. Nessa linha, Smith (2006) define mentira como “qualquer forma de comportamento cuja função seja fornecer aos outros informações falsas ou privá-los de informações verdadeiras” (p. 5). Assim, sempre existirão dois tipos de consequência para uma dada instância do mentir: uma consequência mais universal, e uma consequência específica que só será viabilizada a partir da primeira (Quinta, 2008). A possibilidade do reforçamento do mentir depende quase inteiramente da credibilidade daquela mentira: o ouvinte só poderá reforçar o mentiroso se estiver sob controle das informações que o mentiroso disponibiliza, ou seja, se ele acreditar na mentira. Como em O Primeiro Mentiroso as pessoas sempre acreditam umas nas outras, todas as mentiras de Mark são reforçadas. Considerando essa relação de contingência de 1 para 1 (ou seja, cada ocorrência do mentir é seguida por algum reforçamento), é fácil explicar a alta frequência de tal classe comportamental no repertório de Mark. Depois de inventar a mentira, Mark passa a mentir com frequência bastante alta, mesmo que algumas mentiras pareçam “bobas” ou sem função (“Eu sou um esquimó”). A explicação está

nas relações de contingência estabelecidas e no esquema de reforçamento em vigor.

Tabela 1. Tipos de contingências que controlam respostas de mentir de acordo com a classificação de Pergher e Sadi (2003) com exemplos de falas do filme “O Primeiro Mentiroso”.

Antecedente	Resposta	Consequência
Para fugir de um castigo		
Mark perdeu o emprego e é avisado pelo proprietário de seu apartamento que se não pagar o aluguel de U\$800 será despejado. Mark vai ao banco, mas tem apenas U\$300 em sua conta.	“Eu vou sacar oitocentos dólares.”	A caixa do banco entrega U\$800 a Mark, permitindo que ele pague o aluguel e continue morando em seu apartamento.
Para uma recompensa que não pode ser obtida de outra forma		
Mark é considerado um homem pouco atraente. Quer saber a extensão do poder que adquiriu aprendendo a mentir, e de acordo com a sugestão de amigos, quer usá-lo para fazer sexo. Encontra uma mulher muito bonita na rua.	“O mundo vai acabar se não fizermos sexo agora.”	A mulher vai ao motel com Mark.
Para ajudar uma pessoa a escapar de um castigo		
Mark está andando de carro com seu amigo Greg. Greg está bêbado, e é parado por um policial. O policial aplica o teste do bafômetro, e ao perceber que Greg bebeu, pede um suborno caro e ameaça prender Greg.	“Ele não está bêbado.”	O policial pede desculpas e libera Mark e seu amigo.
Para ser admirado		
Mark está no parque conversando com Anna.	“Eu já te contei de quando eu salvei um bebê de um prédio em chamas?”	Anna demonstra interesse na conversa de Mark, e um pouco adiante na conversa o elogia de várias formas.
Para escapar de uma situação social embaraçosa		
Anna prepara uma refeição para Mark e seu filho, mas a comida não está com a cara boa. Anna pergunta “o que vocês acham?”	“O melhor que você já fez!”	Anna sorri e diz “Que bom que vocês gostam”.

Ainda que, diferentemente do que acontece no filme, em nosso mundo as pessoas nem sempre acreditem em tudo que ouvem (de forma que nem todas as mentiras são reforçadas), a explicação para o comportamento de mentir no mundo real é exatamente a mesma. O mentir é estabelecido e mantido por contingências de reforçamento. Tais contingências determinarão também porque umas pessoas mentem mais do que outras, a forma como mentem, e em que contextos ou para quais pessoas mentem mais. Contingências de extinção e principalmente de punição existentes garantem que o mentir seja bem menos frequente no mundo real.

Em certo sentido, a função do mentir é idêntica à função do dizer a verdade. No cassino, quando Mark diz “eu acabei de fazer um Jackpot na máquina, mas o dinheiro não saiu”, podemos explicar a mentira através de suas consequências reforçadoras (o dinheiro). Alguém que realmente tivesse ganhado naquele jogo poderia ter dito a mesma frase, teria a mesma consequência, mas estaria falando a verdade. A função dos dois comportamentos é a mesma. A diferença está no contexto antecedente à resposta, na realidade de cada falante (DePaulo, Kashy, Kirkendol, Wyer & Epstein, 1996).

Mentir como Não-correspondência

A congruência entre aquilo que uma pessoa faz e o relato daquilo que ela faz, em Análise do Comportamento, é habitualmente estudada sob o termo correspondência. Muitos autores adotam a não-correspondência como tradução analítico-comportamental direta do termo “mentira” (Beckert, 2004; Pergher & Sadi, 2003). Além da mentira, outras áreas de interesse humano se beneficiam dos estudos sobre correspondência e não-correspondência, como a negação, a omissão, a promessa não cumprida, a aprendizagem verbal e o uso da fala como recurso terapêutico (Beckert, 2004).

O interesse principal desta área de estudo diz respeito a como as relações de correspondência entre comportamento verbal podem ser estabelecidas ou quebradas a partir de contingências de reforçamento. Um dado relevante e bem estabelecido da literatura mostra que relatos não-correspondentes (ou seja, independentes de um comportamento anteriormente emitido) podem ter sua frequência aumentada quando diferencialmente reforçados (ver por exemplo Ribeiro, 1989; Rogers-Warren & Baer, 1976). Em outras palavras, alguém poderia dizer que fez algo sem tê-lo feito de fato dado que tal fala produza consequências reforçadoras.

A consideração desse elemento como definidor da mentira permitira classificar alguns comportamentos de animais não-humanos como sendo instâncias de mentir. Por exemplo, Lanza, Starr e Skinner (1982) treinaram, numa caixa de condiciona-

mento com dois compartimentos acoplados, um pombo a relatar cores para outro pombo bicando em discos com sinais correspondentes, sendo que o responder da ave era reforçado por “relatos” precisos das cores. Para fazer com que o pombo relator “mentisse”, maior tempo de acesso ao alimento foi programado em uma determinada fase do experimento caso o relato fosse “cor vermelha”, independentemente da cor à qual havia sido exposto. O animal passou a “mentir” relatando a cor vermelha quando outras cores eram mostradas. O comportamento do pombo é funcionalmente muito semelhante àquilo chamado na literatura de “não-correspondente” (desde que, de alguma forma, possa-se entender a bicada do pombo como um “relato”). Ainda que o texto tenha sido uma tentativa inicial de criar um modelo experimental de mentira com pombos, os autores fazem uma ressalva em denominar tal comportamento como mentir já no próprio título do texto, através das aspas em O “mentir” no pombo (“‘Lying’ in the pigeon”, no original).

No entanto, o mesmo tipo de controle acontece, por exemplo, quando emitimos comportamentos que chamamos popularmente de *ironia*. Quando eu digo “achei a prova muito fácil” em um contexto no qual tive muitas dificuldades com a prova em questão (ou seja, faço um relato não-correspondente) e meu ouvinte tem condições de saber disso (por exemplo, fez a mesma prova, viu que eu tive dificuldades), o reforçador que controla essa resposta não depende de que o ouvinte seja enganado. Pelo contrário; o humor envolvido na situação só funcionará se meu ouvinte entender que estou sendo irônico, o que será fortalecido pelas propriedades não-verbais da fala (entonação, etc.). Neste caso, minha ironia não seria chamada de uma mentira. Desta maneira, ainda que a correspondência e a não-correspondência sejam processos importantes em várias instâncias daquilo que posso classificar como comportamento de mentir, não são critérios suficientes para distinguir mentiras de outros tipos de falas não-correspondentes. Ressalta-se que em O Primeiro Mentiroso, a incapacidade de mentir estende-se a qualquer tipo de falas não-correspondentes, de forma que as pessoas são incapazes de dizer ironias, chistes, blefes ou ficções.

Mentir como Comportamento Verbal

“Os homens agem sobre o mundo e transformam-no, e por sua vez são transformados pelas consequências de suas ações”. Assim, Skinner (1957/1992, p. 1) inicia sua obra “O Comportamento Verbal”, e com essas palavras procura sintetizar como funcionam as dinâmicas de interação e aprendizagem operante dos seres humanos com o mundo. O comportamento operante é, assim, aquele que opera sobre o ambiente, e sua forma e probabilidade de emissão são determinadas por suas consequências. O comportamento verbal é um tipo de operante, mas define-se por uma particularidade: seu efeito sobre o ambiente é viabilizado pelo intermédio de outra pessoa, um ouvinte. Apertar um interruptor de luz e dizer “acenda a luz” são respos-

tas que produzem o mesmo efeito sobre o ambiente, mas no segundo caso tal efeito só é possível com o intermédio de outra pessoa.

Considerada esta particularidade, Skinner (1957/1992) admite que o comportamento verbal não se diferencia de qualquer outra forma de outros operantes. Sendo assim, abandona todas as concepções tradicionais e linguísticas a favor de uma proposta empírica de tratamento do fenômeno verbal, fundamentada em dados experimentais da literatura operante. Skinner propõe uma taxonomia do comportamento verbal a partir de variáveis controladoras relevantes. De especial interesse para a compreensão do mentir são os operantes verbais tacto e mando, que, analisados do ponto de vista da correspondência e não-correspondência, são considerados equivalentes à verdade e mentira, respectivamente, de acordo com autores como Pergher e Sadi (2003) e Ribeiro (1989).

O tacto define-se como operante verbal cuja variável de controle relevante é um estímulo antecedente não-verbal (Skinner, 1957/1992). Ele recebe este nome porque funciona como forma de “contato” do falante com alguma parte do mundo, e este contato é indiretamente viabilizado a um ouvinte via comportamento verbal. Por exemplo, quando alguém diz “está chovendo”, considera-se que aquela pessoa está tateando a chuva, e sua fala permite que outra pessoa mantenha, mesmo indiretamente, algum tipo de contato com aquele evento ambiental. Assim sendo, “está chovendo” é um operante verbal que está sob controle predominante da estimulação não-verbal antecedente “chuva”, e por isso caracteriza-se como um tacto.

Ainda que o controle de tais repertórios verbais seja caracterizado pela estimulação antecedente, eles são instaurados mediante suas consequências reforçadoras. A comunidade verbal irá reforçar os tactos à medida que eles permitem um tipo de acesso à estimulação que controla tal operante. A Figura 1 mostra um exemplo de episódio verbal entre duas pessoas (A e B), envolvendo a emissão e o reforçamento de um tacto.

É importante notar que B só pode reforçar a fala de A caso também tenha acesso à estimulação não-verbal relevante. A consequenciação dos tactos garantirá que essa classe de operantes verbais estabeleça-se no repertório de um falante, e em situações nas quais B não mais tiver acesso direto à estimulação não-verbal, este acesso será indiretamente viabilizado pelo comportamento de A.

Analisando o tipo de episódio verbal envolvendo a emissão de tactos, nota-se que o comportamento do falante e do ouvinte são mutuamente reforçados: o falante é reforçado pela aprovação ou confirmação do ouvinte, um reforçador generalizado; e o ouvinte é reforçado pela possibilidade de estar sob controle de uma estimulação que de outra forma poderia não estar acessível a ele. Por exemplo, uma mãe se beneficia do fato de seu filho emitir tactos como “estou sentindo dores” uma vez que pode-

rá tomar as atitudes apropriadas, mesmo que ela própria não tenha contato com as dores em questão; por esse motivo, é vantajoso à mãe que disponha as contingências necessárias para que a aprendizagem de tal repertório pelo filho ocorra.

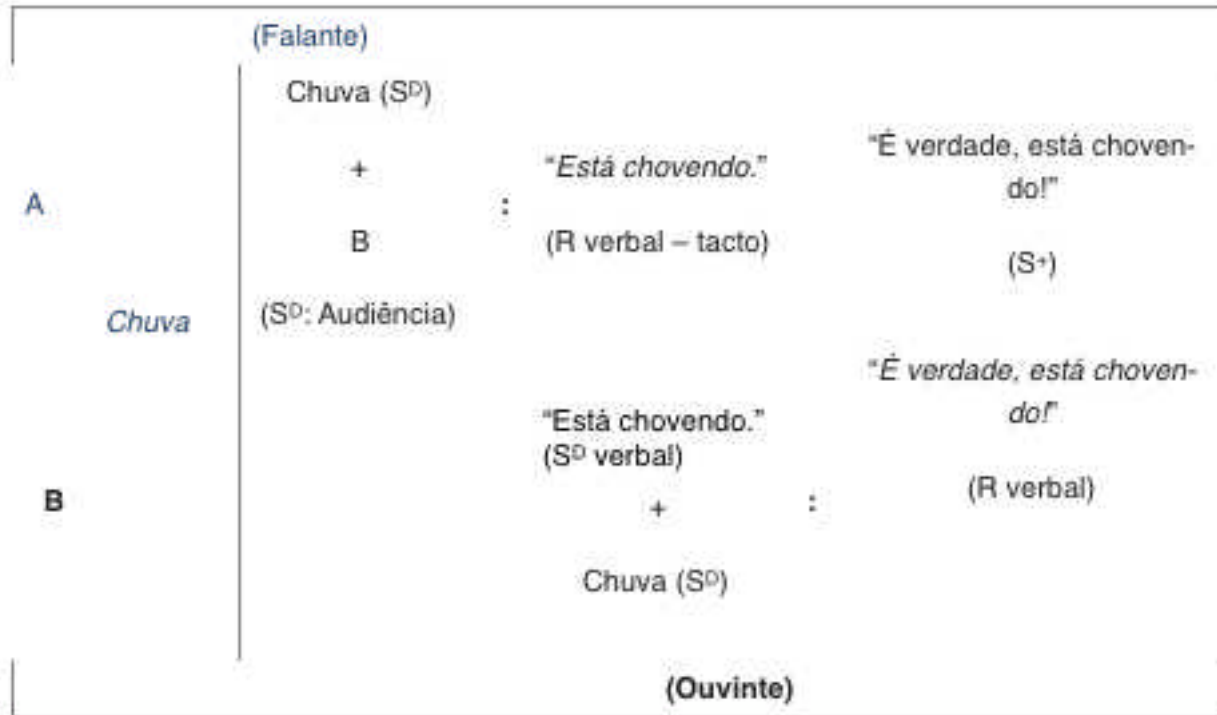


Figura 1. Episódio verbal ilustrativo de um tacto.

À medida que a relação entre a estimulação antecedente não-verbal e o comportamento verbal se mantiver intacta, instâncias de tacto configuram aquilo que poderíamos chamar de falar a verdade. Saindo do bar, Mark e seu amigo Greg são parados por um policial, que após aplicar o teste do bafômetro em Greg diz "você está bêbado". A fala do policial é um tacto, e é considerada verdade até o ponto em que a estimulação antecedente em questão seja correspondente (ou seja, Greg esteja mesmo bêbado, como indicado pelo aparelho do bafômetro).

Os tactos só serão vantajosos ao ouvinte, obviamente, se forem acurados – se forem verdade. Por esse motivo, as contingências que envolvem o ensino e a aprendizagem de tactos requerem que o ouvinte se comporte de forma a *acreditar* no que é dito pelo falante. Dada a vasta experiência que temos com contingências dessa natureza, é natural que tenhamos algum tipo de tendência a acreditar no que é dito pelo outro. A literatura empírica que investiga o modo como falas verdadeiras ou mentirosas são percebidas tem mostrado que, independente da proporção de verdades e mentiras ditas pelos falantes em situações experimentais, o ouvinte (nesses

contextos, o detector) tende a superestimar a proporção de falas verdadeiras. Tal fenômeno recebe o nome de *viés da verdade* (DePaulo & Kashy, 1998; Feeley & Young, 1998). DePaulo e Kashy (1998) reconhecem que o viés da verdade não é realmente um viés, mas apenas o reflexo de uma história de aprendizagem que de fato envolve um número de exposição a falas que poderiam ser consideradas verdade muito superior que a mentiras. Levando isso ao extremo, em um mundo onde todas as falas fossem sempre verdadeiras, como acontece em *O Primeiro Mentiroso*, decorre que o viés da verdade atinge um nível absoluto: as pessoas sempre acreditariam no que o outro diz.

O comportamento dos ouvintes no mundo do filme vai mais além. O controle estabelecido pelos tactos de um falante é tão poderoso que as pessoas se tornam incapazes de tatearem elas próprias. Por exemplo, quando Mark vai ao bar testar o poder das suas palavras em seus amigos, conta mentiras absurdas como “eu sou negro”. Ainda que os amigos de Mark estejam de frente a ele e sejam capazes de observar a cor da sua pele, esse estímulo antecedente não-verbal perde sua função por completo para dar lugar ao controle exercido pela emissão verbal de Mark. A literatura analítico-comportamental admite que o controle exercido por estímulos verbais pode gerar algum grau de insensibilidade às contingências (Meyer, 2005). Enquanto isso é representado no filme de forma exagerada e absurda, em nossa realidade é comum que o controle exercido por regras, descrições e sugestões sobreponha ao controle oriundo do ambiente não-verbal. É o que acontece quando nos privamos de comer coisas que achamos saborosas devido a orientações de revistas, médicos e outras pessoas que dizem que aquilo pode fazer mal; ou quando nos engajamos em atividades pregadas por uma instituição religiosa pela promessa de certos reforçadores que nos serão dados após a morte, ainda que nunca tenhamos contato com eles em vida.

Circunstâncias especiais podem fazer com que a relação entre a emissão verbal e seu controle antecedente se deteriore. Quando níveis maiores de reforçamento estão associados a formas verbais específicas, pode acontecer o que Skinner chama de *distorção do tacto*:

“Em um caso menor, o falante simplesmente ‘estica os fatos’. Ele superestima o tamanho de um peixe que ele pegou ou minimiza os perigos do ataque de um inimigo. Uma medida especial de reforço generalizado o levou a mal-interpretar um ponto em uma escala de mensuração” (Skinner, 1957/1992, p. 149).

Em casos extremos, o reforçamento diferencial de formas específicas é tão grande que a relação entre a emissão verbal e o controle antecedente quebra-se por completo, e acontece aquilo que chamamos de uma mentira. Retomando o exemplo da

primeira mentira do filme, na cena em que Mark vai ao banco sacar dinheiro para pagar seu aluguel, um tacto preciso, cujo controle pela estimulação antecedente se mantivesse intacto, seria “eu tenho 300 dólares na conta”. Vale observar que, ao mesmo tempo em que “eu tenho 300 dólares” é tacto “puro”, demonstrando estreita relação de controle entre a resposta verbal e a estimulação antecedente, a consequência dessa resposta também desempenha um papel importante, uma vez que o dinheiro recebido da caixa do banco também controla o comportamento de Mark. Mais do que isso, a forma da emissão verbal está diretamente relacionada à magnitude do reforçamento recebido. Essa parcela adicional de reforçamento atribuída à formas verbais específicas fez com que a relação entre resposta verbal e estimulação antecedente se deteriorasse, resultando na mentira “eu tenho 800 dólares”, não mais caracterizada como um tacto.

Na classificação proposta por Skinner, quando uma resposta verbal é definida pelo controle exercido por suas consequências, chamamos tal resposta de um mando (Skinner 1957/1992). Mais modernamente, considera-se um mando a resposta verbal cuja variável de controle relevante são operações estabelecedoras, termo que engloba tanto estados de privação como estimulação aversiva (Cunha & Isidro-Marinho, 2005). Ordens, pedidos, recomendações são falas que geralmente caem na categoria dos mandos. A forma do mando costuma especificar a consequência reforçadora relevante e/ou a resposta esperada do ouvinte. A Figura 2 ilustra um episódio verbal de mando e suas variáveis controladoras.

O mando “você poderia me dar um remédio para dor de cabeça?” é evocado pela operação estabelecadora *dor de cabeça* e reforçado pelo remédio. É importante notar que uma fala do tipo “estou com dor de cabeça” poderia ser evocada sob as mesmas circunstâncias e reforçada pelo mesmo evento, o que a tornaria funcionalmente equivalente ao mando descrito. No entanto, “estou com dor de cabeça” *aparenta* ser uma resposta verbal cujo controle relevante é uma estimulação antecedente não-verbal (a dor de cabeça), o que a caracterizaria como um tacto. Mandos com aparência de tacto são denominados na literatura de mandos disfarçados (Skinner, 1957/1992).

Uma vez que a mentira é comumente caracterizada como uma resposta verbal cuja relação com um “estado de coisas” do mundo real é quebrada, e definida por suas consequências positiva ou negativamente reforçadoras, muitos autores da Análise do Comportamento equiparam mentiras a mandos, assim como verdades a tactos (Pergher & Sadi, 2003; Ribeiro, 1989). Assim, a fala “tenho 800 dólares na conta”, ainda que topograficamente se assemelhe a um tacto, seria funcionalmente semelhante ao mando “me dê 800 dólares” por serem emissões verbais cuja fonte de controle principal é a consequência da resposta.

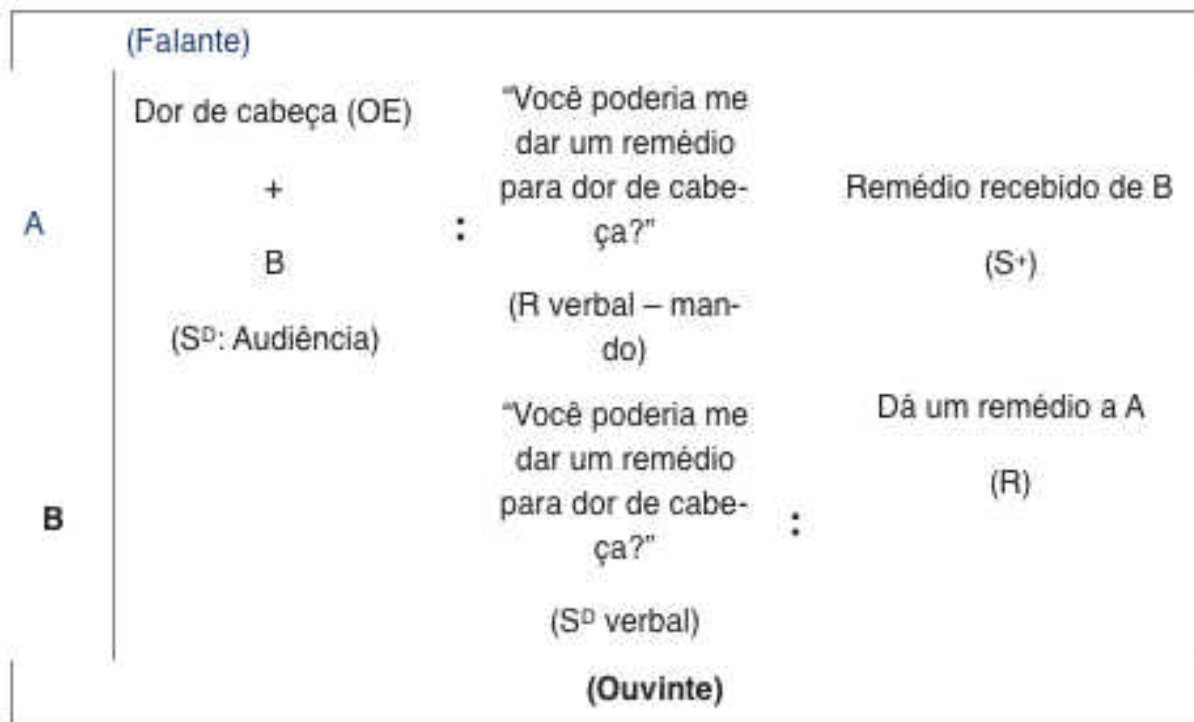


Figura 2. Episódio verbal ilustrativo de um mando.

Um Mundo sem Mentiras

Grande parte do esforço dos diretores do filme na criação do cenário de “O Primeiro Mentiroso” é voltada para mostrar o quão chocante e absurdo seria um mundo no qual todos fossem incapazes de mentir. Pessoas ofendem umas às outras sem motivos aparentes, se colocam em risco pela incapacidade de conter informações que podem prejudicá-las, e as propagandas de produtos e serviços denigrem aquilo que vendem para alertar os consumidores sobre seus males potenciais. O contraste com o mundo real é bastante evidente, o que provavelmente origina-se da constatação de que a mentira é um fato comum no nosso dia-a-dia. Estudos naturalísticos sobre o comportamento de contar mentiras revelam que as pessoas mentem todos os dias, em média uma vez a cada três interações sociais (DePaulo, Kashy, Kirkendol, Wyer & Epstein, 1996). Ainda que tais números possam variar de acordo com os critérios usados para definir o fenômeno, é fato que enganar, ocultar, distorcer ou esticar a verdade faz parte do repertório verbal de praticamente qualquer ser humano falante.

Mesmo assim, socialmente a mentira tende a ser percebida como algo negativo, um comportamento indicador de má índole ou falta de caráter, e um agente deteriorante dos relacionamentos interpessoais. Um entendimento behaviorista radical de tal fenômeno social pode revelar uma faceta diferente. Entende-se que comportamen-

tos que acontecem com frequência alta e regular de alguma forma foram selecionados e mantidos pelo ambiente. Sabe-se que o controle de todo comportamento humano origina-se de três níveis de seleção ambiental; (1) o nível filogenético, que envolve a evolução das espécies e os processos de seleção natural; (2) o nível ontogenético, referente à aprendizagem dos indivíduos e suas histórias particulares de interação, e (3) o nível cultural, que diz respeito ao controle de comportamento de indivíduos imposto pelo valor de sobrevivência da cultura (Skinner, 1981/2007).

O modelo selecionista de Skinner prevê que, para que algum comportamento se perpetue, ele deve produzir consequências úteis em pelo menos um dos níveis. A explicação do mentir mostra elementos de seleção derivados de cada um desses níveis. Enquanto ferramenta de sobrevivência, mentir pode representar uma vantagem evolutiva: o animal capaz de emitir falsos sinais pode despistar seu predador, aumentar suas chances de acasalamento, e obter privilégios entre seus membros do grupo (Bond & Robinson, 1988; De Waal, 1992). À medida que essas vantagens adaptativas resultem em maiores chances de sobrevivência, os traços ligados ao comportamento de mentir serão filogeneticamente selecionados, portanto geneticamente transmitidos. O filme revela de forma bastante clara como a mentira elevou as chances de reprodução do personagem principal; na cena final, seu filho demonstra capacidade de mentir semelhante à de Mark, o que poderia indicar que tal capacidade tenha contribuição genética. Se essa contribuição de fato existe no universo do filme, e dada a constatação de que os mentirosos apresentam óbvias vantagens naquele cenário, seria esperado que, geração após geração, a capacidade de mentir se tornasse cada vez mais comum, e o mundo de “O Primeiro Mentiroso” se tornaria progressivamente mais semelhante ao nosso.

Na esfera individual, pessoas podem se beneficiar de mentiras quando obtêm ganhos que não poderiam obter de outra forma, ou quando evitam problemas e situações embaraçosas. Ao longo de “O Primeiro Mentiroso”, várias vezes Mark usa sua capacidade de mentir ao seu favor: consegue ficar rico mentindo seus resultados em um cassino, famoso inventando mentiras que são divulgadas enquanto fatos históricos, e conquista a atenção de mulheres mentindo sobre coisas que já fez. As contingências imediatas de reforçamento explicam o porquê de Mark mentir em tão alta frequência. No nosso mundo, onde nem sempre se acredita na palavra da pessoa que mente, a extinção e a punição do mentir – ou seja, identificar o mentiroso e ocasionalmente condená-lo pela tentativa de enganar – garante que não sejamos tão oportunistas quanto Mark, e que o mentir ocorra em frequência menor. Histórias de reforçamento e punição variadas podem explicar diferenças individuais no comportamento de mentir. É possível ainda que efeitos colaterais de contingências aversivas – a punição do mentir – resultem também em uma piora na habilidade de mentir, o que é expressado através de sinais e expressões faciais que podem denunciar que uma pessoa está mentindo (Quinta, 2008). Sabe-se, no entanto, que os seres

humanos, de forma geral, não são detectores de mentira competentes (DePaulo, Kirkendol, Tang, & O'Brien, 1988; Ekman, 1996), de modo que a maior parte das mentiras que contamos não será percebida como tal, e por isso, têm uma chance significativa de sucesso, sendo assim selecionadas.

Talvez por estarem habituadas a ouvirem disparates e comentários excessivamente honestos o tempo todo, os personagens do filme “O Primeiro Mentiroso” parecem não se incomodar com comentários como “seu bebê é tão feio!”, “eu sempre te odiei”, e “você é um perdedor”. Sabemos, no entanto, que esse grau de sinceridade poderia ser um fator altamente nocivo aos relacionamentos interpessoais. Por esse motivo, culturalmente entende-se que algumas mentiras não só são aceitas, mas recomendadas. São as chamadas *mentiras brancas*, e têm a função de regular interações interpessoais, modificar impressões, manejar emoções, e fornecer apoio social (DePaulo e cols, 1996). Diferentes culturas podem ter concepções diferentes daquilo que é aceitável enquanto mentira. A manutenção de relacionamentos interpessoais e da coesão grupal viabilizados pelo comportamento de mentir pode explicar a sobrevivência desta prática em um nível cultural.

“O Primeiro Mentiroso” parece tentar fazer uma crítica social em alguns momentos, sobretudo quando mostra que algumas instituições sociais são inventadas em decorrência da invenção da mentira, como a religião e o marketing. Destaca-se, por outro lado, que a própria trajetória do protagonista Mark Bellison apresenta a transição de uma história de fracasso decorrente de um mundo impiedosamente honesto para uma nova vida trazida pela possibilidade de dizer coisas que não são verdadeiras, o que traz benefícios não só a Mark, mas a seus amigos, familiares, e pessoas que se acalantam nas histórias contadas por ele. A mentira pode originar-se de contextos sociais diversos, e pode ter resultados proveitosos, mas também nocivos àqueles envolvidos. Enquanto cientista, não cabe ao analista do comportamento julgar o mentiroso, e sim compreender e, nos momentos em que esse se configurar como demanda, oportunamente modificar as contingências sociais que levam ao comportamento de mentir.

Referências

- Baum, W. M. (1994/2006). *Compreender o Behaviorismo: Comportamento, cultura e evolução* (M. T. A. Silva, M. A. Matos & G. Y. Tomanari, trads.). Porto Alegre: Artmed.
- Beckert, M. E. (2004). Correspondência verbal/não-verbal: Pesquisa básica e aplicações na clínica. Em J. Abreu-Rodrigues & M. R. Ribeiro (Orgs.), *Análise do Comportamento: Pesquisa, teoria e aplicação* (pp. 229-244). Porto Alegre: Artmed.

- Bond, C. F., Jr., & Robinson, M. (1988). The evolution of deception. *Journal of Nonverbal Behavior*, 12, 295-307.
- Cunha, R. N., & Isidro-Marinho, G. (2005). Operações estabelecidas: Um conceito de motivação. Em J. Abreu-Rodrigues & M. R. Ribeiro (Orgs.), *Análise do Comportamento: Pesquisa, teoria e aplicação* (pp. 27-44). Porto Alegre: Artmed.
- de Rose, J. C. (1982). Consciência e propósito no behaviorismo radical. Em B. Prado Júnior (Org.), *Filosofia e comportamento*. São Paulo: Brasiliense. Disponível em: <http://www.terapiaporcontingencias.com.br/pdf/outros/Consciencia_e_Proposito_BehaviorismoRadical_JulioC.pdf>. Acesso em: 17/05/2015.
- De Waal, F. B. M. (1992). Intentional deception in primates. *Evolutionary Anthropology*, 1, 86-92.
- DePaulo, B. M. (1988). Nonverbal aspects of deception. *Journal of Nonverbal Behavior*, 12, 153-161.
- DePaulo, B. M., Kashy, D. A., Kirkendol, S. E., Wyer, M. M., & Epstein, J. A. (1996). Lying in everyday life. *Journal of Personality and Social Psychology*, 70, 979-995.
- DePaulo, B. M., & Kashy, D. A. (1998). Everyday lies in close and casual relationships. *Journal of Personality and Social Psychology*, 74, 63-79.
- DePaulo, B. M., Kirkendol, S. E., Tang, J., & O'Brien, T. P. (1988). The motivational impairment effect in the communication of deception: replications and extensions. *Journal of Nonverbal Behavior*, 12, 177-202.
- Ekman, P. (1996). Why don't we catch liars? *Social Research*, 63, 801-817.
- Ekman, P. (1997). Lying and deception. In N. L. Stein, P. A. Ornstein, B. Tversky & C. Brainerd (Eds.), *Memory for everyday and emotional events* (pp. 333-347). Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- Ekman, P. (2001). *Telling lies: Clues to deceit in the marketplace, politics and marriage*. Nova Iorque: Norton.
- Feeley, T. H., & Young, M. J. (1998). Humans as lie detectors: Some more second thoughts. *Communication Quarterly*, 46, 109-126.
- Houaiss, A., & Villar, M. S. (2009). *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva.
- Lanza, R. P., Starr, J., & Skinner, B. F. (1982). "Lying" in the pigeon. *Journal of the Experimental Analysis of Behavior*, 38, 201-203.

- Leonardi, J. L. (2011). *“Insight”: um estudo experimental com ratos*. Dissertação de mestrado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, Brasil.
- Meyer, S. B. (2005). Regras e auto-regras no laboratório e na clínica. Em J. Abreu-Rodrigues & M. R. Ribeiro (Orgs.), *Análise do Comportamento: Pesquisa, teoria e aplicação* (pp. 211-227). Porto Alegre: Artmed.
- Pergher, N. K., & Sadi, H. M. (2003). Verdade e mentira sob o ponto de vista da análise do comportamento. Em H. M. Sadi, & N. M. S. Castro (Orgs.), *Ciência do comportamento: Conhecer e avançar* (Vol. 3, pp. 147-162). Santo André: ESETec.
- Quinta, N. C. C. (2008). *Efeitos de contingências aversivas sobre o comportamento de mentir: Sinais e detecção*. Dissertação de mestrado, Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, Brasil.
- Ribeiro, A. F. (1989). Correspondence in children’s self-report: Tacting and manding aspects. *Journal of the Experimental Analysis of Behavior*, 51, 361-367.
- Rogers-Warren, A., & Baer, D. M. (1976). Correspondence between saying and doing: Teaching children to share and praise. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 9, 335-354.
- Sato, M., & Sugiyama, N. (1994). “Lying”. Em S. C. Hayes, L. J. Hayes, M. Sato, & K. Ono (Orgs.), *Behavior analysis of language and cognition* (pp. 165-180). Reno, NV: Context Press.
- Skinner, B. F. (1953/1998). *Ciência e comportamento humano*. São Paulo: Martins Fontes.
- Skinner, B. F. (1957/1992). *Verbal Behavior*. Massachusetts: B. F. Skinner Foundation.
- Skinner, B. F. (1981/2007). Seleção por consequências. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 9, 129-137.
- Smith, D. L. (2006). *Por que mentimos: Os fundamentos biológicos e psicológicos da mentira*. Rio de Janeiro: Elsevier.
- Talwar, V. (1999). *The development of lie-telling to conceal a transgression: Preaching but not practicing*. Dissertação de mestrado apresentada ao Department of Psychology, Ontario, Canada.
- Todorov, J. C. (1989). A psicologia como estudo de interações. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 5, 347-356.

Walters, S. B. (2005). *A verdade sobre a mentira*. Rio de Janeiro: Best Seller.

Wells, R. D., Bruns, B., Wender, E. H., & Stein, M. T. (2005). Scott: An 11-year-old boy with repetitive lying. *Developmental and Behavioral Pediatrics, 26*, 423-426.

Wilson, A. E., Smith, M. D., & Ross, H. S. (2003). The nature and effects of young children's lies. *Social Development, 12*, 21-45.

CAPÍTULO 5

MENTIRAS E SEGUIMENTO DE REGRAS EM “A VEZ DA MINHA VIDA”

Jéssica Gomes Cordeiro
Carlos Augusto de Medeiros
Centro Universitário de Brasília – UniCEUB

Título do Livro: A Vez da Minha Vida: E se Você Tivesse Chance de Mudar a sua Vida?

Título Original: The Time of My Life

Ano: 2011

Autora: Cecelia Ahern

Tradutor: Ronaldo Luís da Silva

Editora: Novo Conceito – Quarta edição

O comportamento verbal tem sido objeto de estudo de muitos analistas do comportamento em suas pesquisas (Barros, 2003; Medeiros, 2002; Vargas, 2007). Esta categoria comportamental deve ser analisada dentro da mesma lógica de outros comportamentos operantes (Baum, 1994/2006). A diferença entre um comportamento operante verbal e um não-verbal é apenas que, no primeiro, não existe uma interação mecânica entre respostas e consequências (Barros, 2003). Assim, estes comportamentos não devem ser analisados e classificados apenas a partir de sua forma, mas, principalmente, por sua classe funcional (Matos, 1991). No comportamento verbal, é necessária a emissão de consequência reforçadora por parte de um ouvinte (Baum, 1994/2006). É um comportamento complexo do ser humano e é passível de análises muito ricas. Diante disso, torna-se de grande importância todo estudo que traga mais material de discussão acerca deste tema.

Obras como livros e filmes podem ter como conteúdo situações muito comuns na vida das pessoas. No livro “A vez da Minha Vida”, obra de Cecelia Ahern, escritora reconhecida por seu *best-seller* “P.S. Eu te Amo”, a autora narra situações que ilustram perfeitamente algumas categorias comportamentais descritas na literatura técnica da Análise Comportamental, principalmente de manipulação do comportamento verbal e seguimento de regras. Assim, é possível usar essas situações como instrumento de auxílio para a compreensão dos conceitos. Para isso, foram analisados comportamentos da personagem principal usando as informações fornecidas pela autora. O foco foi nos comportamentos verbais, a análise funcional dos mesmos e a compreensão destes à luz da Análise do Comportamento.

O livro conta a história de Lucy Silchester, uma mulher de quase trinta anos que mora em um minúsculo apartamento com seu gato. Ela, apesar de não discriminar, tem passado por uma fase de muita perda de reforçadores. Lucy não tem afinidade alguma com seu trabalho e colegas e apesar de ter terminado seu último relacionamento há quase três anos, ainda não conseguiu se relacionar com outra pessoa.

Lucy vem de uma família afortunada e tradicional. Seu relacionamento com seu pai, Samuel, é péssimo. Ele sempre demonstrou considerá-la uma decepção, sempre sendo muito frio e rígido. Samuel é um advogado muito reconhecido em seu meio. Os dois irmãos de Lucy são bem sucedidos em seus empregos e a mãe, Sheila, é sempre muito delicada, educada e bem vestida. A família de Lucy costuma reforçar esse padrão comportamental de seguir rigorosamente as regras de etiqueta e manter as aparências da melhor forma possível. “Um Silchester não deve demonstrar fraqueza”, “os Silchester não choram”. Lucy, quando não está com essas pessoas, não costuma seguir algumas dessas regras, mas na presença deles, sente-se forçada a agir do modo que eles consideram adequado. Por esse motivo, reuniões familiares são extremamente aversivas para ela.

Grande parte do sofrimento de Lucy tem sido gerado por perda de reforçadores e um grande empenho em se esquivar de situações aversivas. Isso quer dizer que o reforço a que ela tem acesso é do tipo que impede o contato com elementos do ambiente que geram sensação de mal-estar (reforço negativo) e não do tipo que acrescenta elementos que proporcionam sensação de bem-estar (reforço positivo). Essa forma de agir se tornou mais frequente no padrão de Lucy após o término de seu último relacionamento. Blake, o seu ex-namorado, era fonte de muitos reforçadores para ela. Na companhia dele, Lucy costumava viajar, viver aventuras como saltar de asa delta, além de terem o hábito de cozinhar juntos. Todas essas atividades eram prazerosas para ela. Blake era considerado por todos um homem muito bonito e interessante, o que proporcionava a Lucy certo *status* por ser sua namorada. Ele parecia ser o homem perfeito. Atualmente, o ex-namorado tem um programa de televisão e vive viajando pelo mundo.

Lucy e Blake ainda pertencem ao mesmo ciclo de amizades. Nas saídas do grupo ele não tem estado presente por estar muito ocupado com o novo emprego, mas os amigos continuam sempre falando sobre ele. Diante de comentários e elogios que os amigos fazem ao seu ex-namorado, Lucy sente-se constrangida. Os encontros com eles passam a ser algo aversivo para ela. Diante disso, ela acaba evitando sair com eles ou indo embora mais cedo.

Ao terminar o namoro com Lucy sem motivos aparentes, Blake sugere que eles digam a todos que foi ela quem terminou, para que não passe pelo constrangimento de dizer que foi deixada. Lucy acaba aceitando a proposta de Blake. Para sustentar essa mentira, ela precisou emitir muitas outras. Isso acabou prejudicando ainda mais a relação com sua família e com seus amigos. Relações estas já distantes e enfraquecidas.

Um dia, Lucy começa a receber cartas de alguém marcando um encontro com ela. As cartas vinham da Agência Vida. O personagem Vida, a vida de Lucy, personificada, trabalha nessa agência. Essa é uma situação hipotética descrita no livro, em torno da qual gira toda a estória. Lucy já havia lido sobre esses encontros em uma revista que garantiam que o resultado seria se tornar mais feliz, bonita e realizada. A família de Lucy havia assinado um contrato com a Agência Vida, dando direito ao Vida de se encontrar com ela e tentar fazê-la mudar. Ela resiste, mas, devido à insistência das cartas, acaba tendo que ir ao encontro com Vida.

O primeiro encontro dos dois é extremamente aversivo para Lucy. Vida confronta Lucy, faz perguntas sobre seu empenho no trabalho e sobre Blake que ela não gosta de responder e aponta seus defeitos e erros. A partir do segundo encontro, as coisas começam a fluir melhor e eles começam a se dar bem. Vida impõe uma regra para Lucy: a cada mentira que ela contar, ele contará uma verdade. Esse foi o primeiro

passo para uma grande mudança de Lucy. No decorrer da estória, Vida intervém várias vezes a favor de uma transformação em seus padrões comportamentais.

Enquanto isso, Lucy conhece um homem chamado Don. Eles se dão muito bem, riem juntos e Lucy não mente pra ele. Eles acabam se apegando, desenvolvendo muito carinho um pelo outro, mas Lucy ainda está muito ligada a Blake. Lucy decide ir atrás de Blake e tentar retomar o namoro. Ela passa um dia com ele, mas acaba percebendo que, mesmo ele a querendo de volta, essa não seria de fato a melhor coisa a se fazer. Ao invés disso, ela decide dizer a Blake que quer contar a verdade para os amigos deles sobre como foi o término do namoro. Ele não concorda.

De volta para casa, Lucy convida sua família e amigos para jantar e acaba contando a eles todas as suas mentiras. Ela decide verdadeiramente não mentir mais. Tudo fica bem e Vida diz que ela não precisa mais dele. Essa separação gera respostas emocionais aversivas para Lucy, mas ela acaba superando e colhendo os frutos que esse período com Vida lhe trouxe. No final, ela acaba reconquistando Don e mudando realmente seu modo de se relacionar com diversos elementos de seu meio e envolvendo-se em contingências que lhe permitem mais acesso a reforçadores positivos.

Análise do Livro

Lucy

Nos capítulos iniciais do livro, é feita uma descrição da casa de Lucy, de seu ambiente de trabalho, de seu antigo namorado e da situação em que se encontra, tendo sido convocada para um encontro com sua vida. Diante dessa situação, ela emite um tato. Tatos são respostas verbais sob o controle de estímulos discriminativos não-verbais (Barros, 2003). A verbalização de Lucy foi: “Achava que minha vida estava indo muito bem. Eu me sentia bem. Tudo na minha vida era, absolutamente, excelente” (p. 18). Porém, essa já pode ser interpretada como a primeira distorção de tato apresentada no livro. Diz-se que um relato verbal foi distorcido quando sua topografia apresentar baixa compatibilidade com o evento antecedente que supostamente o controlaria devido a influências da audiência e da história de reforçamento pelo qual o falante passou (Chamati & Pergher, 2009). De acordo com Barros (2003), as manipulações do comportamento verbal acontecem com função de esqui-va de uma situação aversiva, sendo reforçada negativamente. Pode também ter função de adicionar estímulos reforçadores ao ambiente, inclusive consequências condicionadas generalizadas, pois a partir do reforço obtido, pode ser possível ainda ter acesso a outros reforçadores (Medeiros, 2013).

Ao ler a descrição de sua vida, fica claro que Lucy tem passado por muitas ocasiões de punição negativa, como quando foi demitida de um bom emprego e quando teve

que se mudar do apartamento que tanto gostava. Ela está vivendo um momento de sua vida em que não tem entrado em contato com muitas consequências reforçadoras positivas desde que seu namoro terminou. Diante disso, é possível observar que o tato de estar se sentindo “excelente”, não correspondeu aos seus antecedentes não verbais. Em vários momentos da narrativa, Lucy emite distorções com topografia bastante semelhante.

Essas distorções de tato podem estar sob o controle intraverbal, pela tendência de, sempre que perguntada sobre como ela está, dizer que está bem, mesmo que seja ela mesma que se pergunte isso. Intraverbais são respostas verbais reforçadas sistematicamente na presença de estímulos também verbais com os quais não possuem relação de similaridade formal (Skinner, 1957/1978). Os tatos distorcidos de Lucy também podem funcionar como um comportamento de esquiva, por ter como consequência eliminar estímulos punitivos tanto positivos, como demonstrações de pena por parte dos ouvintes e respostas emocionais nomeadas pela comunidade verbal de tristeza, quanto negativos, como a perda de estímulos reforçadores sociais.

Outra análise possível sobre esse mesmo comportamento é a de que Lucy tem pouca sensibilidade aos próprios comportamentos emocionais. Ela pode não discriminar os respondentes aversivos que podem estar sendo eliciados diante das perdas de reforçadores que tem vivido. Essa dificuldade de discriminação prejudica o desenvolvimento de autoconhecimento, que seria definido por Skinner (1953/1994) como um repertório descritivo de seus próprios comportamentos e das variáveis envolvidas no seu estabelecimento e manutenção.

O comportamento de Lucy de emitir tatos que não correspondem aos antecedentes não parece eliciar respostas emocionais aversivas nomeadas pela comunidade verbal de “culpa”. Em momentos em que distorceu seus relatos, Lucy pode ter discriminado que suas manipulações de tato tinham função de estímulo discriminativo para o comportamento das pessoas de emitir consequências reforçadoras generalizadas como elogios, sorrir para ela e abraçá-la. Assim, ela não discriminou que suas mentiras, se descobertas, poderiam ter funções aversivas para o controle do comportamento dos ouvintes (deixá-los chateados), o que talvez a faria sentir-se culpada.

Existe apenas uma situação no livro em que uma distorção de relato de Lucy teve como consequência em longo prazo uma resposta emocional aversiva, que foi no momento em que uma de suas distorções quase foi descoberta. Lucy emitiu uma justificativa distorcida para sua família sobre por que não trabalhava mais no seu antigo emprego. Quando um antigo colega conta a história verdadeira para seu irmão e ele tenta conversar com ela sobre isso, a reação de Lucy é emitir mais justificativas

distorcidas sobre os motivos que esse antigo colega de trabalho teria para inventar mentiras sobre ela. Este operante verbal é definido por Medeiros (2013) como tatos acerca dos motivos pelos quais agiu de determinada maneira, mas com uma topografia que não corresponde aos motivos reais. Lucy não parece se sentir “culpada” por emitir essa distorção de relato. Esses relatos distorcidos sobre o antigo colega de trabalho têm função de esquiva de consequências aversivas com as quais Lucy provavelmente entraria em contato caso sua distorção anterior fosse descoberta.

Família Silchester

Lucy, como narradora da história, descreve encontros com seus pais que oferecem alguns elementos úteis para uma leitura de como seria o relacionamento entre eles. Pela descrição, encontros familiares não são reforçadores para Lucy, pois ela não se sente à vontade como acha que deveria se sentir na casa de seus pais. Esses sentimentos de desconforto são respostas emocionais que foram condicionadas na história de vida de Lucy. Os comportamentos respondentes estão particularmente ligados a essa classe de respostas. Segundo Skinner (1974/2012), todos os animais, inclusive o ser humano, têm reflexos inatos ligados à sobrevivência e a partir desses reflexos pode ocorrer o condicionamento clássico que fará com que estímulos que não eliciavam determinado reflexo, passem a eliciar. Comportamentos podem ter função de estímulo para que outros comportamentos aconteçam. Diante disso, Medeiros (2013, p. 127) diz que “o próprio comportamento do indivíduo, ao exercer função de estímulo, pode ser emparelhado com estímulos que eliciam respostas emocionais”.

Em um ponto da narrativa, Lucy diz: “Minha família fazia parte de uma religião muito séria, chamada Igreja da Etiqueta Social. Os chefes de sua Igreja eram as Pessoas. Como tal, cada ação executada e cada palavra dita eram feitas com base no que as ‘Pessoas’ iriam pensar” (p. 22). Este trecho dá a ideia de um conjunto de regras que controlam o comportamento dos membros da família de Lucy.

Segundo Skinner (1969), as regras são verbalizações com função de estímulo discriminativo que tem como tema uma contingência. Ao longo da história de vida, os sujeitos passam por um histórico de reforço social do comportamento de seguirem regras (Skinner, 1969/1984). Sendo uma família tradicional e bem afortunada, nos meios em que circulam e nos grupos de que fazem parte, é provável que o seguimento dessas regras tenha como consequência reforçadores condicionados generalizados como admiração, reconhecimento e *status*.

Lucy apresenta um conjunto de comportamentos controlados por essas regras. Isso fica claro quando ela diz que: “Na minha família, não havia informalidade. Eles gostavam das aparências, da etiqueta. Eu teria vergonha de acabar com tudo isso” (p. 24). Fica claro também que o comportamento de seguir essas regras não está sob o

controle da contingência descrita na regra, e sim das consequências impostas pelo falante, no caso sua família e os amigos deles, tratando-se, portanto, de um *pliance*⁸, de acordo com Hayes, Zettle e Rosenfarb (1989).

Os reforçadores condicionados generalizados são controladores do comportamento de Lucy também. O seguimento de regras pode também estar sob o controle de reforçadores condicionados generalizados, pois a partir do reforço obtido por segui-la, será possível ainda ter acesso a outros reforçadores (Medeiros, 2013). No decorrer da história, é possível notar que Lucy segue essas regras apenas quando está na companhia deles, ou seja, sua família funciona como estímulo discriminativo para o seguimento da regra imposta por seus membros. A partir dessa fala de Lucy, também é possível entender que o não seguimento dessas regras eliciam respostas emocionais aversivas (vergonha). Uma hipótese de controle desse comportamento seria de que, no decorrer de sua vida, Lucy tenha, provavelmente, passado por um histórico de condicionamento por emparelhamento de um estímulo respondente aversivo como dor (ao ter o comportamento punido com um tapa, por exemplo) e por punições como críticas e julgamento da família.

Sobre as regras, Skinner (1974/2012) diz ainda que a aprendizagem por instruções é mais rápida que a aprendizagem por modelagem (contato com contingências), é generalizada mais facilmente e são especialmente úteis quando a contingência não é clara. A principal desvantagem do controle por regras é a redução da sensibilidade às mudanças na contingência (Paracampo & Albuquerque, 2005). Estar insensível às contingências quer dizer que o comportamento não acompanha as mudanças nas mesmas (Barros, 2010). Estas mudanças nas contingências são corriqueiras no ambiente natural, já que este é caracterizado pela fluidez (Skinner, 1974/2012).

Outra regra claramente imposta pela família de Lucy é “Os Silchester não choram” (p. 55). Essa regra foi imposta a Lucy desde que ela era uma criança e tem controlado seu comportamento desde então. Lucy diz que “raramente chorava e raramente sentia essa necessidade” (p. 55). Quando Lucy diz “Os Silchester não ignoravam as pessoas, ou faziam um drama ou um escândalo” (p. 64), mais uma regra pode ser identificada. Topografias de respostas nomeadas pela comunidade verbal como indícios de fragilidade ou descontrole, sempre foram considerados aversivas pelo pai de Lucy. Ela descreve uma situação de quando tinha apenas cinco anos e estava aprendendo a andar de bicicleta para mostrar o quanto seu pai sempre fora um tanto rígido quanto a isso. Ela conta “Ele estivera ao meu lado, me guiando ao longo da calçada da nossa casa, ainda que mais distante do que eu teria desejado, mas não queria dizer isso a ele, pois sabia que se decepcionaria comigo” (p. 55). Lucy, desde nova, sabia que respostas com topografia semelhante a esta, seriam

⁸ *Pliance*: O comportamento de seguir a regra está sob o controle de reforçadores que serão fornecidos pelo falante diante do seguimento da regra.

punidas por seu pai, e não emití-las pode ter se tornado uma autorregra: “Não devo emitir comportamentos que possam ser entendidos pelas pessoas como fragilidade”.

Autorregras, segundo Reis, Teixeira e Paracampo (2005), são verbalizações que o sujeito emite para si mesmo que vão controlar respostas subsequentes. Para os autores, essas regras podem ter sido elaboradas a partir do contato que o próprio sujeito teve com contingências passadas ou a partir da regra emitida por um falante confiável. Ainda para esses autores, é comum acontecer de essas regras não descreverem as contingências de forma precisa. O seguimento de autorregras desse tipo pode impedir o sujeito de entrar em contato com a contingência real (Jonas, 2004). Desse modo, a autorregra elaborada na infância de Lucy, de não demonstrar fragilidade, pode também ter exercido controle sobre comportamento anteriormente referido de dizer que está sempre bem, mesmo quando não esteja.

Outra regra sobre a qual Lucy fala é a de que ela não deve demonstrar seus sentimentos. Quando Lucy descobre que seus pais e irmão sabiam que Vida estava tentando marcar um encontro com ela, e que tinham autorizado isso, Lucy emitiu comportamentos entendidos culturalmente como raiva: levantou o tom de voz, relatou ter sentido vontade de gritar e foi embora sem dar muitas explicações. Porém, dias depois, quando sua mãe a pergunta sobre isso, ela nega. O diálogo foi (p. 119):

Mãe – Lucy, não tive oportunidade de conversar com você depois que saiu do almoço na semana passada.

Lucy – Eu sei, sinto muito ter saído apressadamente. A comida estava uma delícia, só lembrei que tinha de encontrar alguém.

Mãe – Sério? Pensei que tivesse sido porque eu assinei os documentos para o compromisso com sua vida.

Lucy – Não, não foi. [...] Eu estupidamente fiz um duplo agendamento, você sabe como sou esquecida às vezes.

Mãe – Ah, tinha certeza que você estava com raiva de mim. Tudo bem, pode dizer que estava com raiva de mim.

Lucy (relato privado) – O que ela estava falando? Os Silchester não revelam tais coisas.

Lucy – Claro que não! Você estava apenas cuidando de mim.

No pensamento de Lucy, diante da insistência da mãe em saber como ela se sentiu, está a regra “Os Silchester não revelam tais coisas” (p. 119). Ela teve seu comportamento controlado por essa regra e emitiu uma justificativa distorcida para o comportamento de ter saído repentinamente do almoço (segunda fala de Lucy). Na continuação desse diálogo, a mãe de Lucy diz “Pensei que, se houvesse algo errado, você poderia, talvez, vir a mim e falar sobre isso” (p. 119). Essa pode ser vista como uma nova regra, mas que não exerceu controle sobre o comportamento de Lucy. A regra de não falar sobre sentimentos, por estar relacionada a outras regras como a de não demonstrar fragilidade, exerceu controle sobre o comportamento da personagem.

Essa fala da mãe de Lucy, também pode ser interpretada como um indício de que essa regra de não falar sobre sentimentos é ineficiente para gerar reforçadores diante das contingências reais. A mãe coloca-se à disposição da filha para ouvir verbalizações dela sobre como se sente, inclusive caso houvesse “algo errado”. Discriminar comportamentos privados como emoções, chegando a falar sobre eles, pode servir de ocasião para que a probabilidade de discriminar também seus antecedentes e consequentes aumente. Analisando a função de seus comportamentos emotivos sobre o ambiente, ela se tornaria capaz de descrever a relação existente entre o que ocorre no meio e o que ela sente. Desse modo, ao discriminar as variáveis controladoras do próprio comportamento emocional (i.e., apresentar autoconhecimento), estaria em condições favoráveis de modificá-lo, alterando tais variáveis diretamente. Assim, nota-se que ao seguir a regra de suprimir o relato sobre seus sentimentos, ela não entra em contato com uma contingência que poderia lhe trazer reforçadores, já que a levaria a ter autoconhecimento.

Situação semelhante ocorreu depois do primeiro encontro de Lucy com Vida. Nesta ocasião, seu irmão, Riley, pergunta como foi o encontro e ela, mais uma vez, emite relatos distorcidos. Lucy responde que “Ele era agradável, só queria se apresentar e bater um papo, esse tipo de coisa, eu provavelmente não terei que encontrá-lo novamente” (p. 64). Esse relato não corresponde ao antecedente não verbal já que, na verdade, o encontro fez com que Lucy entrasse em contato com alguns estímulos aversivos. O comportamento de distorcer esse relato pode estar sob o controle da regra mencionada anteriormente de não transparecer fragilidade.

Para Lucy, precisar da ajuda de Vida era um indício de que ela não estava dando conta sozinha e isso era um estímulo extremamente aversivo para ela. Esse estímulo eliciava respostas emocionais aversivas (como vergonha), provavelmente condicionadas pelas consequências apresentadas pelo pai no decorrer de sua história. Assim, a distorção do relato teve função de esquivar dessas consequências aversivas que emitir um relato com alta correspondência ao antecedente eliciaria.

Amigos

Diante dos relatos de Lucy como narradora, é possível notar que a maioria dos comportamentos emitidos na presença de seus amigos tinha função de esquiva de consequências aversivas.

Para todos os amigos de Lucy, que também são amigos de Blake, foi emitida a distorção de tato “Lucy terminou com Blake”, e então, para sustentar esta distorção, ela emitia outras. Comportando-se dessa maneira, Lucy acabou afastando-se deles, mas, antes da convivência com Vida, ela não discriminava isso.

Na presença de seus amigos, Lucy emitia comportamentos de esquiva não verbal e esquivas verbais, como as distorções de tatos. Como exemplos de esquivas não-verbais, pode-se citar o comportamento de sempre ir embora mais cedo dos encontros entre os amigos e não ir quando Blake estava presente. Uma situação narrada por Lucy foi de um jantar em que seus amigos passaram grande parte do tempo falando sobre Blake e seu programa de TV. Lucy, neste momento, comportou-se sob o controle de uma das regras impostas por sua família, a de que “Os Silchester não falam enquanto comem” (p. 91). Mas, neste caso, as variáveis que a fizeram seguir a regra foram diferentes das que a fazem segui-la quando está na presença de seus familiares. Durante o jantar, ao se comportar de acordo com a contingência descrita nesta regra, um caso de *tracking*, de acordo com Hayes, Zettle e Rosenfarb (1989), Lucy evitou entrar no assunto de seus amigos e falar sobre Blake, o que provavelmente eliciaria respostas emocionais aversivas públicas e privadas como as que são nomeadas de “saudades” pela comunidade verbal. Ela diz que “assim, além de um aceno de interesse com a cabeça e de um levantar de sobrancelhas ocasional, não precisava participar da conversa” (p. 91). Isso mostra que respostas não verbais foram emitidas (mastigar, acenar e levantar as sobrancelhas) para que não fosse preciso falar, caracterizando, de fato, um comportamento de esquiva.

Em relação às distorções de tatos com função de esquiva emitidas na presença dos amigos, um exemplo a ser citado está presente na situação em que Lucy distorce as verdadeiras razões por ter sido demitida de seu último emprego. Emitindo uma justificativa distorcida sobre este tema, Lucy esquivou-se de revelar as respostas emocionais aversivas com as quais entrou em contato diante do fim do namoro. Ela estava triste e acabou bebendo além da conta e causou problemas com um cliente do antigo trabalho por estar bêbada, por isso foi demitida. Ao dizer que foi demitida por que não compartilhava dos valores da empresa, Lucy evitou também o contato com possíveis críticas e ainda teve condições de manter a distorção anterior sobre quem teve a iniciativa de terminar o relacionamento e de não ter sofrido com o término. Sempre tentava falar o mínimo possível neste assunto, esquivando-se de perguntas

invasivas e demonstrações de “pena”. Assim, esquivava-se também de mandos disfarçados de tato emitidos pelos amigos. Essa categoria comportamental é definida por Skinner (1957/1978) como uma verbalização com topografia de tato, porém função de mando. Um dos mandos disfarçados de tato emitido pelos amigos pode ser ilustrado quando eles retomam o assunto sobre o término do namoro de Lucy e Blake, mas com função de fazê-la explicar-se novamente, dizer por que fez isso. O comentário sobre o término, apesar de ter topografia de tato puro, na verdade seria reforçado pelo seguimento do mando dirigido a Lucy “fale sobre isso”.

Outra esquiva verbal que Lucy emitiu na presença dos amigos foi dizer que não assiste ao programa de Blake. Dessa forma, evitava dizer o quanto gostava do programa de Blake, situação que a colocaria numa posição de admiração a ele que, na presença dos amigos, poderia ser aversiva para ela. Lucy não emitia para os amigos relatos acerca das respostas emocionais que ainda eram eliciadas pela lembrança de Blake. Esses comportamentos podem estar sob o controle de duas regras: “Os Silchester não revelam tais coisas (sentimentos)” e “Não devo demonstrar fragilidade”, ambas já discutidas anteriormente.

Esta regra de não parecer uma pessoa frágil, tem um controle muito forte sobre o comportamento de Lucy. Em um diálogo com sua amiga Melanie, nota-se um indício disso (p. 94):

Melanie – Eu só me preocupo com você, Lucy.

Lucy (relato privado) – Eu congelei. Ela deve ter percebido, pois se afastou rapidamente.

Lucy – O que você quer dizer com “se preocupa comigo”?

Melanie – Não quis que isso soasse como um insulto! Você se sentiu insultada?

Lucy – Bem, não sei ainda. Não sei o que significa quando sua amiga lhe diz que está preocupada com você.

Lucy (relato privado) – Ela nunca tinha me dito aquilo, por que estava me dizendo agora? O que havia em mim que estava fazendo com que as pessoas, de repente, passassem a se preocupar comigo?

Quando Lucy diz que “congelou”, sugere que foram eliciadas respostas emocionais aversivas diante do relato de preocupação da amiga, como certo desconforto. Ela emite também comportamentos verbais privados (ocasiões comuns para dizer “pensamentos” na linguagem cotidiana) e parece estar se perguntando em que momento não seguiu de fato a regra de não demonstrar fragilidade. Pode ser que as con-

sequências do não seguimento desta regra eliciem mais respostas emocionais nomeadas pela comunidade verbal de “vergonha” na personagem.

Vida

No primeiro encontro de Lucy com Vida são emitidas várias distorções de relato por Lucy. Desde a primeira pergunta que Vida faz, ela emite fatos distorcidos como dizer que foi ela quem terminou o namoro com Blake; que comprou o apartamento em que mora (que na verdade é alugado), e que pediu demissão do antigo emprego (na verdade foi demitida).

Quando questionada por Vida sobre a correspondência de seus fatos com os antecedentes não verbais, Lucy diz a ele que “não são mentiras se o resultado é o mesmo” (p. 46). Ela explica para Vida que “se disser que comprei um apartamento novo, não é uma mentira, porque o fato é que eu não vivo mais no antigo e estou vivendo em um novo” (p. 46). Esse comportamento de Lucy é um exemplo de racionalização. Este operante verbal é uma forma de manipulação de relato. Mais especificamente, a racionalização é um fato distorcido sobre os determinantes de um comportamento. O que a diferencia da justificativa distorcida é o fato de que o indivíduo o faz sem autoconhecimento (Medeiros, 2013), ou seja, como se estivesse emitindo um fato puro (Pereira, 2013). Vida parece perceber o que ela está fazendo, mas não confronta Lucy diretamente sobre o comportamento dela. Usando a mesma lógica que ela usou ao racionalizar, ele a leva a falar em voz alta que ela e Blake não estão mais juntos. O diálogo foi o seguinte (p. 47):

Vida – E a última coisa que você disse?

Lucy – Que coisa?

Vida – Sobre seu namorado.

Lucy – É a mesma coisa. Dizer que eu o larguei é a mesma coisa que dizer, você sabe, o contrário.

Vida – Que ele a deixou.

Lucy – Bem, sim.

Vida – Porque...

Lucy – O resultado ainda é o mesmo.

Vida – E o resultado é...

Lucy – Que nós não estamos juntos. – Assim que disse isso, meus olhos se encheram de lágrimas.

Após a última fala do diálogo, Lucy conta qual foi sua sensação no momento. Uma resposta emocional condicionada foi eliciada, “o surgimento de lágrimas”. O efeito dessa intervenção foi fazer Lucy começar a, de fato, entrar em contato com o término do namoro e com todos os sentimentos eliciados por esse evento, apesar de ainda demonstrar bastantes comportamentos com função de esquiva: “(...) ele estava me fazendo dizer tudo aquilo, me fazendo pronunciar aquelas palavras em voz alta como uma estratégia para tentar me enganar e me levar a admitir algo que, ele pensava, eu não tinha lidado. Eu estava me sentindo triste pela pessoa que ele pensava que eu era. Mas eu não era aquela pessoa. Eu estava bem. Tudo estava bem” (p. 47).

Neste momento, nota-se que Lucy é forçada por Vida a entrar em contato com a função aversiva de uma contingência em vigor. O padrão da personagem frequentemente gira em torno de distorções de tato sobre esse tema reforçadas negativamente, como no exemplo acima. Há muitos fatores que influenciam a alta frequência de emissão deste comportamento, como as regras da família de Lucy. Porém, ao discriminar variáveis de sua vida que na verdade a fazem sentir-se mal, ela sofre. Apesar de ter sido uma sensibilização forçada por Vida, pode ter contribuído para o autoconhecimento da personagem principal.

Ainda no primeiro encontro com Vida, Lucy emite uma distorção de tato sob controle intraverbal, dessa vez sobre seu trabalho. Este operante verbal que pertence à classe de tatos distorcidos é caracterizada por Medeiros (2013, p. 8), pelo “fato de que a topografia da resposta verbal é a mesma contida em outras respostas verbais emitidas em circunstâncias similares”. O tato distorcido sob controle intraverbal emitido por Lucy foi: “Eu amo meu trabalho. Ele me dá uma enorme sensação de satisfação. Adoro trabalhar com pessoas, a comunicação com o público, o ambiente de negócios inovadores (...)” (p. 47). Na verdade Lucy não gosta de seu trabalho, porém o descreve dessa forma sempre que é arguida sobre ele por alguém. Ocorre também o seguinte diálogo com Vida sobre os colegas de trabalho (p. 48):

Lucy – É claro, o enorme benefício de meu trabalho são as pessoas com quem trabalho. São pessoas que me inspiram e me motivam a chegar mais longe e mais alto (...).

Vida – Ok. Essas pessoas que trabalham com você são as pessoas a quem você se refere, em particular, como Graham, o Pinto; Quentin, também conhecido como Caçote; Louise, a Vaca Intrometida; Mary, a Rata; Steve, o Salsicha; e Edna, a Cara de Peixe?

Lucy – Sim.

Vida – Lucy, você está mentindo de novo, não é?

Lucy – Na verdade, não. (...) Eles me fazem querer chegar mais longe e mais alto, no meu escritório, para que eu possa ficar longe deles. Vê? Não é uma mentira. Mesmo resultado.

Mais uma vez, Lucy está racionalizando. Ela emite esse comportamento em vários momentos da estória, tanto sobre seus atos distorcidos quanto sobre outros tipos de comportamentos. Em linguagem cotidiana, pode-se dizer que Lucy tem uma desculpa para tudo. Um exemplo de racionalização sobre comportamentos não verbais de Lucy pode ser observado no seguinte diálogo entre ela e Vida (p. 50):

Vida – Você é relaxada, perde tempo, nunca termina qualquer coisa que não seja uma garrafa de vinho ou uma barra de chocolate. Muda de ideia o tempo todo. Não consegue se comprometer.

Lucy – Estive em um relacionamento por cinco anos, como posso ter um problema com compromisso?

Vida – Ele a deixou há três anos.

Lucy – Então, estou tirando um tempo para estar comigo mesma. Para me conhecer melhor e toda essa baboseira.

A racionalização está presente na segunda fala de Lucy. Esse não é o real motivo para ela ainda não ter iniciado outro relacionamento com outro homem. Na verdade, ser a namorada de Blake ainda pode exercer funções reforçadoras sobre o comportamento de Lucy. Se ainda o tivesse, ela poderia ter uma casa melhor para poder receber seus amigos. Poderia ouvir as histórias dele, ter a companhia dele e o *status* de ser sua namorada. Ela ainda não discrimina que pode obter reforçadores se relacionando com uma pessoa diferente.

Vida também acabou ajudando Lucy a repensar algumas regras que geravam rigidez de comportamento e insensibilidade às contingências que estavam controlando seu comportamento. A regra de não chorar foi perdendo força no decorrer da estória. Vida conseguiu, ao acolher e compreender alguns momentos de fragilidade de Lucy, enfraquecer o emparelhamento pelo qual ela havia passado na relação com seu pai ainda quando criança. Desse modo, a relação entre chorar, demonstrar tristeza e vergonha e sensação de impotência, foi perdendo força. Isso foi bom para Lucy já que, depois disso, passou a aceitar a ajuda de Vida e diminuiu a frequência de comportamentos com função de esquiva diante de pessoas se colocando dispostas a ajudá-la de alguma forma.

Vida impõe uma regra a Lucy: a cada mentira que ela contasse depois do momento em que se conheceram, ele contaria uma verdade. O estabelecimento desta contingência arbitrária acabou sendo decisivo na mudança comportamental de Lucy. Pode-se dizer que esta intervenção de Vida faz sentido diante da lógica da Análise do Comportamento. Isso porque, quando Vida, diante de uma distorção de relato da personagem, emite como consequência uma verdade, ela acaba punindo este comportamento. Como discutido anteriormente, Lucy não tem acesso a estímulos aversivos quando distorce fato, seja emocional ou advindo de outra pessoa. A contingência muda completamente quando este comportamento passa a ser ocasião para o contato com estimulação aversiva, seja como respostas emocionais cotidianamente nomeadas de “constrangimento” ou até uma reação punitiva da pessoa que ouviu a verdade. O personagem Vida acaba tendo essa postura de produzir efeitos diferentes ao comportamento de Lucy, o que aumenta bastante a probabilidade de variação de repertório.

Vida chega a fazer uma análise funcional do comportamento de Lucy em um dado momento da história. De acordo com Skinner (1974/2012), analisar funcionalmente um comportamento é identificar quais condições ambientais o controlam, envolvendo antecedentes e consequentes. Ao descrever a tríplice contingência, pode-se analisar a função de qualquer comportamento operante. Lucy vivencia uma situação complicada no trabalho, situação esta a qual ela reage com intensas respostas emocionais, e emite um fato que não corresponde a este antecedente para sua mãe e Riley. Lucy diz para eles que não estava envolvida na situação. Sobre esse comportamento, o seguinte diálogo acontece (p. 130):

Vida – Por que você fez isso?

Lucy – Eu não sei. Não queria preocupá-los.

Vida – Bem, você é a compaixão em pessoa (ironicamente). Não foi para protegê-los, foi para proteger você. Então você não teria que falar sobre isso, não teria que admitir sentir alguma coisa. Sentir, essa palavra estranha de que você não gosta.

Lucy – Eu não sei. Talvez. O que você me diz soa muito complicado e eu não penso dessa forma.

Vida – Quer saber minha teoria?

Lucy – Vá em frente.

Vida – Alguns anos atrás quando Blake foi dispensado por você (ironicamente) (...) Naquela época, você começou a mentir para as pessoas e, por que mentiu para elas, ficou muito mais fácil mentir para si mesma.

Na segunda fala de Vida, ele descreve a função do comportamento de distorcer relatos que poderiam eliciar demonstrações de “pena”, presente no repertório de Lucy. Ele discrimina que, para Lucy, a distorção de relato tem função de esquiva da consequência aversiva “entrar em contato com sentimentos”. A análise de Vida é considerada incompleta por não considerar diversas outras variáveis, talvez não tão explícitas, mas que ainda assim exercem controle sobre o comportamento da personagem. A reação de Lucy a esse estímulo verbal que recebe, não foi de esquiva. Mas, ela mesma diz que não costuma pensar dessa forma, não aprendeu a analisar seus próprios comportamentos. Pelo contrário, como já discutido, ela passou por um histórico de condicionamento de comportamentos que tinham como consequência justamente eliminar o contato com emoções aversivas do ambiente.

Já na quarta fala de Vida, ele parece fazer referência especificamente às distorções de relato controladas por intraverbais, que são sobre sentir-se bem, “absolutamente bem” (p. 58) e sobre uma satisfação com o trabalho que na verdade não existe. Ele chamou essa distorção de relato de “mentir para si mesma”. Essa transcrição de um termo técnico (tato distorcido controlado por intraverbal) para linguagem coloquial (mentir para si mesma) faz algum sentido considerando que Lucy não discrimina que está de fato emitindo uma verbalização distorcida. Essas análises funcionais feitas por Vida, ainda que incompletas, têm alta probabilidade de serem precisas. Elas tiveram certa eficiência em promover mudança de comportamento em Lucy. A resposta de Lucy a esse estímulo foi começar a pensar sobre o verdadeiro motivo pelo qual faz as coisas e as verdadeiras funções de seus comportamentos ao invés de sempre emitir racionalizações ou justificativas distorcidas. Como exemplo disso, pode-se observar o tato que Lucy emite, como narradora, a respeito de Don: “Então, comecei a pensar no que ele (Vida) tinha dito. Sobre o número errado, sobre Don Lockwood, sobre por que não menti para ele. Não sei por que não menti para ele, mas a resposta mais óbvia era porque não o conhecia (pessoalmente), era um completo estranho para mim e a verdade não importava para ele” (p. 156). Neste momento, ela dá o primeiro passo para reconhecer que na verdade não conseguiu se expor às contingências que a permitiriam se aproximar de Don e de outros homens como consequência de seu comportamento ainda ser controlado pelos reforçadores obtidos no relacionamento com Blake e de ainda esperar que este relacionamento fosse retomado.

Além disso, a grande convivência e o fato de que Vida sabia muito sobre a história de Lucy, inclusive a versão verdadeira de suas mentiras, contribuiu para que o relacionamento deles se tornasse bastante íntimo. Na relação com Vida, Lucy acaba demonstrando fragilidade em algumas ocasiões. Há momentos em que ela fala de como está privada de reforço positivo e demonstra tristeza. Ela acaba também falando de seus sentimentos, comportamento descrito como inadequado nas regras que controlam o comportamento de sua família. Além disso, ela demonstra afeto e

às vezes raiva por Vida, comportamentos também descritos como inadequados pela comunidade verbal de sua família. Diante destes novos comportamentos de Lucy, Vida pode emitir consequências diferentes das que foram dadas na história da personagem.

Nenhum desses comportamentos que antes estavam em baixa frequência no repertório de Lucy, como a demonstração de sentimentos, foram consequenciados com grandes prejuízos à relação entre ela e Vida. Pelo contrário, o personagem Vida teve, ao longo da estória, uma postura de acolhimento e compreensão. Dessa forma, Lucy entrou em contato com a contingência real em detrimento de seguir a regra de não se abrir dessa maneira para as pessoas. Essa contingência favoreceu variabilidade comportamental e enfraqueceu o controle da referida regra. Assim, criou-se ocasião para que Lucy pudesse formular novas descrições sobre o relacionamento íntimo com pessoas, ou seja, ela poderia enfim formular autorregras com base no contato com as contingências em vigor.

Blake

Desde o início da narrativa, Lucy emite tatos sobre reforçadores com os quais entrava em contato com frequência quando namorava Blake. “Eu costumava cozinhar. Cozinhava quase todas as noites. Nas noites em que não o fazia, meu então namorado cozinava. Nós gostávamos disso” (p. 10); “Nos fins de semana, nós nunca ficávamos parados, subíamos essa e aquela montanha. Durante o verão, viajávamos para países sobre os quais eu nunca tinha ouvido falar. Pulamos de paraquedas duas vezes e já havíamos pulado de bungee-jump três vezes” (p. 10).

Lucy conta que após o término do namoro, ela não fez mais nenhuma dessas coisas. Assim, além de ter ficado privada da companhia de Blake, ela privou-se também de todas as atividades que tinham valor reforçador para ela durante o relacionamento. Pode ter ocorrido o emparelhamento de respostas emocionais reforçadoras, nomeadas pela comunidade verbal como felicidade e diversão, à presença de Blake. Lucy não discriminava que a companhia de outras pessoas e engajar-se outras atividades poderiam ter como consequência esses e outros reforçadores e assim, o namoro com Blake continuou tendo grande valor reforçador para ela.

Além desse emparelhamento de estímulos, outras variáveis foram controladoras de comportamentos do tipo chorar ao lembrar-se de Blake, ter comportamentos cotidianamente chamados de ciúme e sempre assistir ao programa de TV dele. Lucy emite os seguintes tatos sobre Blake: “Ele conseguia o equilíbrio perfeito de tudo” (p. 10), “Ele era perfeito” (p. 10) e outros com topografia semelhante. Esses tatos podem ter passado a exercer função de autorregra sobre esses comportamentos de Lucy, mesmo três anos depois do fim do relacionamento. Essa autorregra pode ter-se for-

talecido diante dos relatos dos amigos em comum de Lucy e Blake, aos quais ela se referiu como “comentários bajuladores”.

O comportamento de Lucy parece estar sob o controle desta autorregra, o que diminui a probabilidade de exposição a outras contingências reforçadoras. Ela não tem conseguido entrar em um novo relacionamento. Quando Don a convida para sair, apesar de as conversas deles, por telefone, terem valor reforçador para ela, Lucy não aceita o convite. Esse comportamento pode ter função de esquiva de uma consequência aversiva como uma nova rejeição. No entanto, Don dá indícios de que poderia oferecer reforçadores para Lucy, como nos momentos em que a faz rir. Portanto, esta autorregra parece não corresponder à contingência em vigor.

Outro ponto importante da relação de Lucy com Blake é a distorção de relato emitida pelo casal para diversos ouvintes (principalmente amigos e família de Lucy) acerca do término do relacionamento. Blake terminou o namoro com Lucy e sugeriu que eles distorcessem o relato acerca desse antecedente não verbal, dizendo que foi ela quem terminou. Lucy aceitou. A função dessa distorção de relato para ambos foi de esquiva de consequências punitivas condicionadas generalizadas. Para Lucy, essas consequências punitivas condicionadas generalizadas são demonstrações de “pena” por ter sido deixada, perguntas sobre o que ela teria feito de errado, pessoas emitirem tatos que tenham topografia do que se chama culturalmente de cobranças para que ela não fique solteira, entre outras. Já para Blake, tatos que sinalizassem desaprovação dos amigos (que também eram amigos de Lucy), perda do *status* de “uma pessoa admirável” que tinha inclusive para o pai de Lucy e perguntas sobre o motivo do término, entre outros, seriam as consequências punitivas condicionadas para o comportamento de emitir um tato puro.

Blake ainda tem grande valor reforçador para Lucy e uma das consequências disso é ainda sentir ciúmes dele. Skinner (1974/2012) considera o ciúme um comportamento que está ligado a diversas repostas emocionais e uma delas é o que é chamado cotidianamente de “raiva”. Ramos (1998, citado por Costa & Barros, 2009), diz que a classe de repostas cotidianamente chamada de ciúme é emitida quando existe ameaça, rivalidade. Quando assistia ao programa de Blake, Lucy ficava atenta a qualquer estímulo que pudesse sinalizar que ele poderia estar envolvido com outra pessoa.

Uma mulher em especial, Jenna, que fazia parte da equipe do programa e que Lucy já havia conhecido quando ainda namorava Blake, era percebida como a maior ameaça. Lucy, ao ver uma cena do programa em que Blake e Jenna brindavam durante um jantar, emite o seguinte tato: “Meu coração estava pesado, batendo forte no peito, senti que o sangue queria jorrar para fora das minhas veias (...)” (p. 210). A

partir disso, pode-se notar que respostas emocionais aversivas foram eliciadas diante do estímulo “Blake e Jenna juntos”.

Em outra situação, quando Lucy viaja para encontrar Blake e vê Jenna pessoalmente, emite outro tato: “Meu coração se contorceu da mesma maneira que costumava fazer quando pensava nela” (p. 301). Neste momento, nota-se que a presença de Jenna, mesmo sem a companhia de Blake, foi suficiente para eliciar respostas emocionais aversivas. Sobre essa reação emocional, o seguinte diálogo ocorre entre Lucy e Vida (p. 301):

Vida – Tenha cuidado, Lucy, ela é uma garota legal. E pensei que você tinha dito que eles não estavam juntos.

Lucy – Eles não estão.

Vida – Então por que você ainda a odeia?

Lucy – Por hábito, suponho.

Analisando a segunda fala de Lucy, pode-se dizer que o estímulo “Jenna” tem função de estímulo condicionado e passa a eliciar respostas emocionais nomeadas culturalmente de “raiva” ou “ódio”. Neste momento da narrativa, a personagem principal já sabe que Jenna não é de fato uma ameaça no sentido de impedi-la de entrar em contato com os reforçadores relacionados ao Blake, mas apesar disso, respostas emocionais aversivas continuam sendo eliciadas ao vê-la.

Quando Lucy reencontra Blake ela está decidida a reatar o relacionamento com ele. Porém, ao passar um tempo em sua companhia, acabou mudando de ideia. Ao encontrá-lo, ela não teve acesso aos mesmos reforçadores a que tinha acesso durante o namoro. Isso fica claro no seguinte tato: “Estava vendo-o como alguém. Menos como um Deus e mais como um amigo. Um amigo um pouco bobo, que tinha se perdido em seu caminho e encontrava-se obcecado com sua vida” (p. 316). Neste momento, ela discrimina que ao reatar o namoro ela não entraria em contato com os mesmos reforçadores que já haviam feito parte das contingências que envolviam Blake. Pode-se dizer que, ao entrar em contato com a contingência real, Lucy conseguiu abandonar as regras que descreviam contingências que envolviam Blake como grande fonte de reforçadores.

Considerações Finais

Diante das análises feitas neste capítulo, conclui-se que a Análise do Comportamento de fato oferece conceitos importantes para a compreensão de comportamentos complexos como o de mentir, por exemplo. Usando esses conceitos e a lógica sobre a qual a teoria foi construída, foi possível entender melhor quais antecedentes levaram Lucy à situação em que estava. A Análise do Comportamento, além de investigar a raiz de um comportamento, propõe maneiras de intervir.

Analisando os comportamentos de Lucy, foi identificada função de esquiva tanto em distorções de relato, como acontecia muito na presença de seus amigos, quanto no seguimento de autorregras, principalmente as ligadas à Blake. Este padrão comportamental estava fortemente instalado em seu repertório. Foi analisada também a relação de Lucy com sua família que é mediada pelo seguimento de regras rígidas. Ela se comporta de maneira discriminada na presença dos membros de sua família. Vida conseguiu ajudar Lucy a mudar elementos desse padrão comportamental que limitavam seu acesso a reforçadores. Ele a ajudou a se autoconhecer um pouco mais quando a ensinou (por modelo) a analisar funcionalmente seus comportamentos e reconhecer que alguns não eram os mais adequados para a ocasião em que ocorriam.

Com a conclusão da análise, ficou claro que Lucy passou por um processo de condicionamentos no decorrer de sua história de vida que levaram certos comportamentos, que a impediam de entrar em contato com uma variedade maior de reforçadores, a se instalarem em seu repertório. Nota-se também que esses comportamentos são passíveis de mudança a partir de uma mudança efetiva nas contingências. É possível manipular variáveis e produzir, dessa maneira, variabilidade comportamental e instalar um novo repertório que seja mais eficiente em proporcionar acesso a estímulos reforçadores.

Referências

- Ahern, C. (2011). *A vez da Minha Vida: E se você tivesse chance de mudar a sua vida?* (R. L. da Silva, trad.) Ribeirão Preto: Novo Conceito.
- Baum, W. M. (1994/2006). *Compreender o Behaviorismo: Comportamento, cultura e evolução* (M. T. A. Silva, M. A. Matos & G. Y. Tomanari, trad.). Porto Alegre: Artmed.
- Barros, F. S. M. B. (2010). Regras em Clínica e em Relacionamentos Amorosos: Um Estudo de caso. *Monografia de conclusão do curso de Psicologia da Faculdade de Ciências da Educação e Saúde*, Centro Universitário de Brasília – UniCEUB. Brasília-DF.

- Barros, R. S. (2003). Uma Introdução ao Comportamento Verbal. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, *V*(1), 73-83.
- Chamati, A. B. D. T., & Pergher, N. K. (2009). Modelagem do Comportamento de Falar a Verdade em Sessões de Terapia. *Revista Psicolog*, *V*(2), 65-76.
- Costa, N., & Barros, R. S. (2009). Ciúme: Uma Interpretação Analítico-comportamental. *Acta Comportamental*, *18*(1), 135-149.
- Jonas, A. L. (2004). Regras e Auto-regras no Contexto Terapêutico. *Integração*, *37*, 187-190.
- Hayes, S. C., Zettle, R., & Rosenfarb, I. (1989). Rule-following. Em S. C. Hayes (Org.), *Rule Governed Behavior: Cognition, contingencies, and instructional control* (pp. 191-220). New York: Plenum.
- Matos, M. A. (1991). As Categorias Formais do Comportamento Verbal em Skinner. Em M. A. Matos, D. G. Souza, R. Gorayeb & V. R. L. Otero (Orgs.), *Anais da XXI Reunião Anual de Psicologia*. Ribeirão Preto: SPRP, 333-341.
- Medeiros, C. A. (2002). Comportamento Verbal na Terapia Analítico Comportamental. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, *4*, 105-118.
- Medeiros, C. A. (2013). Mentiras, Indiretas, Desculpas e Racionalizações: manipulações e imprecisões do comportamento verbal. Em C. V. B. B. Pessoa, C. E. Costa & M. F. Benvenuti. *Comportamento em Foco 2*. São Paulo: Associação Brasileira de Psicologia e Medicina Comportamental – ABPMC.
- Paracampo, C. C. P., & Albuquerque, L. C. (2005). Comportamento Controlado por Regras: Revisão crítica de proposições conceituais e resultados experimentais. *Interação em Psicologia*, *9*(2), 55-65.
- Pereira, H. C. F. (2013). *“500 Dias com Ela”*: Análise Comportamental de Relações Afetivas. Monografia de conclusão do curso de Psicologia da Faculdade de Ciências da Educação e Saúde do Centro Universitário de Brasília – UniCEUB, Brasília-DF.
- Reis, A. A., Teixeira, E. R., & Paracampo, C. C. P. (2005). Auto-regras como Variáveis Facilitadoras da Emissão de Comportamentos Autocontrolados: O exemplo do comportamento alimentar. *Interação em Psicologia*, *9* 1), 57-64.
- Skinner, B. F. (1953/1994). *Ciência e Comportamento Humano* (J. C. Todorov & R. Azzi, trads.). São Paulo: Martins Fontes.

Skinner, B. F. (1957/1978). *O Comportamento Verbal*. (M. P. Villalobos, trad.) São-Paulo: Cultrix.

Skinner, B. F. (1974/2012). *Sobre o Behaviorismo* (M. da P. Villalobos, trad.) São Paulo: Cultrix.

Skinner, B. F. (1969). *Contingencies of Reinforcement. A Theoretical Analysis*. New York: Appleton-Century-Crofts.

Vargas, E. A. (2007). O Comportamento Verbal de B. F. Skinner: Uma Introdução. *Revista Brasileira de Terapia comportamental e Cognitiva*, IX(2), 153-174.

CAPÍTULO 6

“AS INVASÕES BÁRBARAS”: O ADOECIMENTO E A MORTE – UMA VISÃO ANALÍTICO-COMPORTAMENTAL

Lorena Bezerra Nery

Instituto Brasiliense de Análise do Comportamento, Consultório Particular

Flávia Nunes Fonseca

Hospital Universitário de Brasília, Instituto Brasiliense de Análise do Comportamento

Título do filme: As invasões bárbaras

Título original: Les invasions barbares

Ano: 2003

Diretor: Denys Arcand

Produtor: Daniel Louis e Denise Robert

Lançado por: Europa Filmes

Nos últimos anos, o Brasil, bem como outros países, vem apresentando mudanças em seu perfil demográfico em decorrência de fatores como o processo de urbanização, as medidas de saúde pública, os avanços da ciência e da tecnologia e a adoção de novos estilos de vida. Observam-se redução da mortalidade infantil, aumento da expectativa de vida da população e uma mudança do perfil de morbimortalidade, com a diminuição da incidência de doenças infectocontagiosas e da mortalidade relacionada a elas e o aumento da frequência de doenças cardiovasculares, neoplasias e doenças crônico-degenerativas e de óbitos causados por essas enfermidades (Instituto Nacional de Câncer [INCA], 2014; Prata, 1992).

Tais mudanças trazem consigo modificações de práticas relacionadas ao processo de saúde e doença. Em nível governamental, verifica-se cada vez mais o foco em ações de educação para saúde, prevenção orientada para indivíduos e grupos, formulação de legislações específicas no que se refere a protocolos de tratamento e enfrentamento de fatores de risco (INCA, 2014). Além disso, os avanços da medicina oferecem possibilidades de novas terapêuticas e métodos diagnósticos. Tornam-se comuns períodos prolongados de internações e o morrer vem se transformando em um acontecimento muitas vezes solitário, mecânico e impessoal, à medida que os pacientes são frequentemente removidos de seu ambiente familiar para findar seus dias em ambiente hospitalar (Kübler-Ross, 1969/1996).

Dessa forma, adoecimento, cuidados paliativos e terminalidade da vida apresentam-se como temas relevantes para reflexão e discussão sob a perspectiva da Análise do Comportamento. O presente capítulo tem como objetivo abordar tais temas tendo como base o filme “As Invasões Bárbaras”, que retrata o processo de adoecimento e morte do personagem Rémy (interpretado por Rémy Girard), diagnosticado com uma doença fora de possibilidades curativas atuais. O filme começa com Rémy já internado em um hospital público de Montreal, Canadá. Ao observar a gravidade do quadro, a ex-esposa do protagonista (Dorothée Berryman) telefona para o filho, Sébastien (Stéphane Rousseau), pedindo que venha participar dos cuidados. Apesar dos conflitos que levaram ao afastamento em relação ao pai, com o adoecimento, Sébastien vai ao encontro dos pais e propõe que Rémy seja transferido para os Estados Unidos, onde, devido aos recursos financeiros do filho, teria acesso a um tratamento em centro especializado e com melhores condições técnicas e estruturais para a realização dos cuidados paliativos necessários. O filho argumenta que nos EUA o paciente ficaria confortável e não iria sofrer. Entretanto, para a surpresa de Sébastien, o pai recusa o tratamento no exterior, relatando preferir permanecer próximo dos amigos nos momentos finais de sua vida. Diante do pedido de Rémy, Sébastien se engaja em vários comportamentos com o objetivo de proporcionar o que o pai considera um final digno, em contato com os reforçadores por ele mais valorizados.

Um dos focos de atuação de Sébastien foi a transformação do ambiente hospitalar. Inicialmente, Rémy compartilhava a mesma enfermaria com outros doentes, o que significava para ele uma limitação à sua privacidade. O hospital, que era público, apresentava recursos físicos e humanos restritos: superlotação, higienização inadequada, furtos frequentes de objetos pessoais dos pacientes, sobrecarga dos profissionais, falta de equipamentos e tratamento impessoal por parte da equipe médica, que mal sabia os nomes dos pacientes. Para proporcionar mais conforto a Rémy, Sébastien oferece suborno aos funcionários do hospital e faz uma reforma, criando um quarto com estrutura para atender às necessidades do pai, desde o aspecto da saúde e do conforto físico, até o aspecto psicossocial, com a possibilidade de receber amigos e familiares. No que se refere ao manejo da dor, Sébastien burla a lei e contrata uma usuária de heroína – Nathalie (Marie-Josée Croze) – para administrar a droga, tendo em vista a orientação de um amigo médico de que a substância seria a mais efetiva no controle da dor naquele caso.

Além disso, Sébastien fez contato com a irmã, que trabalhava em uma embarcação no Oceano Pacífico, viabilizando a comunicação do pai com ela via internet. Ele contata também os melhores amigos de Rémy, convocando-os a fazerem companhia ao pai doente. Oferece ainda dinheiro a alguns ex-alunos do protagonista para que o visitem no hospital, depois da descrição triste de que os alunos não demonstraram comoção com seu afastamento, por motivo de doença, da universidade em que lecionava. Ademais, considerando a característica afetiva do pai, homem sedutor e que valorizava contatos sexuais frequentes e com diferentes parceiras, o filho contrata uma prostituta para proporcionar a Rémy sua última experiência sexual.

Por fim, Sébastien realiza o derradeiro desejo do pai de passar seus últimos dias de vida junto dos amigos e familiares em uma casa na beira de um lago, de onde tinha boas lembranças. Todos se reúnem nessa casa e se despedem do amigo, que escolhe se submeter a um procedimento de eutanásia, cujo conceito será apresentado mais adiante. Nesse contexto do adoecimento do protagonista Rémy e de seu contato com a própria finitude, o presente trabalho se propõe a discutir, nos tópicos a seguir, de maneira mais aprofundada temas relevantes abordados no filme, como cuidados paliativos, eutanásia, diferentes perspectivas sobre a morte, e a morte na visão da Análise do Comportamento.

Cuidados Paliativos

A despeito dos avanços tecnológicos que levaram ao aperfeiçoamento dos cuidados médicos e à potencialização de seus resultados, algumas enfermidades ainda envolvem condições incuráveis que resultam em morte. Nesse contexto, destaca-se a importância do cuidado humanizado aos pacientes e às suas famílias, indicando a necessidade de se buscarem formas de aperfeiçoar os cuidados para aqueles que

se encontram fora de possibilidade de tratamento curativo. Cuidados paliativos são definidos pelo Ministério da Saúde como atenção total e ativa promovida por equipe multidisciplinar com o objetivo de melhorar a qualidade de vida, tanto do paciente quanto de seus familiares, diante de uma doença crônico-degenerativa que não responde a tratamento curativo. A assistência integral em cuidados paliativos deve envolver tanto a prevenção e o alívio do sofrimento quanto à identificação precoce, à avaliação e ao tratamento de dor e dos demais sintomas físicos, sociais, psicológicos e espirituais⁹. Abrange diferentes propostas: atendimento domiciliar, ambulatorial ou hospitalar. O paradigma dos cuidados paliativos é o cuidado e não a cura (Ministério da Saúde, 2013; Rodrigues, 2004). A definição proposta pelo INCA (2002) destaca, portanto, que a terapêutica paliativa não tem função curativa, de prolongamento ou de abreviação da sobrevida.

Ademais, de acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS), programas de cuidados paliativos devem oferecer suporte para que pacientes possam viver ativamente enquanto for possível até sua morte e devem auxiliar as famílias a desenvolverem estratégias de enfrentamento durante o tratamento do paciente e a lidarem com a perda do ente querido (Sepúlveda, Marlin, Yoshida & Ullrich, 2002). Outro aspecto relevante no que se refere à prática dos cuidados paliativos é que sua duração, em geral, varia de um dia a 18 meses, sendo seis semanas o tempo médio (Goldman, Beardsmore & Hunt, 1990).

A perspectiva atual de cuidados paliativos proposta pela OMS destaca que esse tipo de cuidados não deve ser relegado aos últimos estágios do tratamento. Hoje em dia, reconhece-se que os princípios dos cuidados paliativos deveriam ser colocados em prática o mais cedo possível no caso de qualquer doença crônica que possa levar à morte. Essa mudança de concepção está relacionada à compreensão de que problemas no fim da vida têm sua origem no início da trajetória da doença. Sintomas ou outros problemas não tratados precocemente serão mais difíceis de serem atenuados ou solucionados no fim da vida (Sepúlveda e cols., 2002). Assim, fica evidente a importância da atuação dos profissionais de saúde no sentido de identificar as necessidades dos pacientes em cuidados paliativos e de seus familiares. Dessa maneira, é possível planejar um apoio mais adequado, com possibilidade de identificar e prevenir dificuldades.

Faz-se relevante comentar que, diante dos avanços científicos e tecnológicos que possibilitaram um grande aumento nas taxas de sobrevivência em relação a uma série de doenças antes consideradas incuráveis, o objetivo primário de grande parte

⁹ O conceito de “espiritualidade” será abordado mais detalhadamente adiante, no tópico intitulado “A Morte em Diferentes Culturas e Religiões”.

das equipes de saúde é alcançar a cura (Parry & Chesler, 2005; Pemberger e cols., 2005). Wolfe e cols. (2000) destacam que, com a regra de que seu objetivo principal é salvar vidas a qualquer custo, pode ser difícil para os médicos mudarem de foco, ainda que as chances de cura sejam mínimas. Desse modo, aspectos como a toxicidade da terapia, a qualidade de vida e o controle da dor e de outros sintomas são comumente secundários a essa meta, negligenciando-se assim os cuidados paliativos.

De acordo com Wolfe e cols. (2002), expectativas não realistas por parte da equipe de saúde e da família a respeito do prognóstico do paciente podem constituir um obstáculo a uma integração mais efetiva dos cuidados paliativos no tratamento de pacientes com doenças em estágio avançado. Quando um paciente com baixa probabilidade de sobrevivência em longo prazo recebe terapia agressiva para tratamento de câncer, por exemplo, é apropriado que haja um tratamento paliativo concomitante, para que a sua qualidade de vida possa ser preservada o máximo possível.

Em circunstâncias de cuidados paliativos, pode haver um grande comprometimento do bem-estar físico e emocional do paciente. As relações sociais com amigos, familiares e com pessoas do contexto profissional também tendem a passar por grandes transformações. Peres, Arantes, Lessa e Caous (2007) destacam que há uma necessidade cada vez maior na área da saúde de que os pacientes sejam tratados de maneira holística, como pessoas e não como doenças, de modo que ignorar qualquer de suas dimensões – física, emocional, social e/ou espiritual – torna incompleta a abordagem humanizada do paciente. O cuidado humanizado inclui a escuta, o toque, a atenção, o acolhimento do sofrimento do próximo e o estar-com-o-outro. Dessa maneira, em cuidados paliativos, além do foco no controle dos sintomas, deve-se perguntar diretamente ao paciente o que ele considera importante realizar naquele momento e promover, sempre que possível, as condições necessárias para que suas prioridades possam ser concretizadas nesse período peculiar de sua vida (Peres e cols., 2007; Sales, Silva, Borgognoni, Rorato & Oliveira, 2008).

O filme “As Invasões Bárbaras” exemplifica bem o respeito às decisões do paciente diante dos cuidados paliativos e da aproximação concreta da morte. Sébastien, o filho, ao receber a notícia de um amigo médico de que não havia chances de cura para a doença de seu pai, avalia que teria condições financeiras de proporcionar a Rémy os cuidados mais especializados e qualificados do mundo e oferece ao pai essa oportunidade. Entretanto, Rémy recusa a proposta do filho, afirmando que prefere permanecer em seu país, ambiente familiar para ele, e na companhia de pessoas queridas. Embora, em um primeiro momento o filho discorde da decisão do pai, todas as escolhas de Rémy passam a ser respeitadas a partir de então. O diálogo a seguir mostra uma situação em que isso acontece:

Médico: Ele já começou a sofrer?

Sébastien: Talvez.

Médico: O melhor seria transferi-lo para cá (EUA). Não fazemos milagres, mas ele ficará confortável e não sofrerá. Somos bons nisso. (...)

Rémy: Não vou me exilar nos EUA. Não conheço ninguém lá. Defendi a nacionalização dos hospitais, aguento as consequências.

Em outra ocasião, esse respeito ao que é importante para o paciente novamente fica evidente no filme. Era o último dia de vida de Rémy, que havia optado pela eutanásia. Já em seus últimos momentos antes da aplicação da droga que daria fim à sua vida, o protagonista confessa ao filho que está com medo. Sébastien acolhe o relato do pai, afirmando: “Faremos o que quiser. Você decide”.

Programas de cuidados paliativos efetivos devem, portanto, considerar a importância de que os profissionais da equipe recebam treinamento para aprimorar sua habilidade de se comunicar com os pacientes e suas famílias. A equipe multidisciplinar de saúde, por vezes, não pode evitar a morte, mas é responsável por fazer com que esse processo ocorra da maneira mais pacífica e livre de sofrimento possível. Para atingir esse objetivo, é necessário um controle vigoroso da dor e de todos os sintomas físicos, bem como um suporte para as demandas existenciais, emocionais e sociais do paciente e de sua família (Contro, Larson, Scorfield, Sourkes & Cohen, 2004; Goldman, 1998; Postovsky & Arush, 2004; Sales e cols., 2008; Wolfe e cols., 2002).

Eutanásia

Conforme discutido anteriormente, os avanços da ciência no campo da saúde vêm permitindo a cura de diversas enfermidades, bem como o prolongamento da vida em situações que anteriormente definiam a morte próxima do indivíduo. Contudo, tal progresso da tecnologia implica na possibilidade de um prolongamento da vida atrelado a grande sofrimento para o paciente e seus entes queridos e a um consequente comprometimento da dignidade do doente (Cabrera, 2010; Kovács, 1998; Villas-Bôas, 2008). Surgem assim diversas questões éticas, religiosas e jurídicas envolvendo o direito à vida, os princípios da dignidade e da autonomia e o questionamento do valor da vida.

Kovács (1998) salienta que houve uma mudança na trajetória da morte no século XX. Na Idade Média, as mortes rápidas eram comuns, considerando o advento das guerras e das doenças com curso relativamente acelerado. Assim, temia-se morrer

de forma repentina e isolada. Atualmente, há muitas doenças que apresentam desenvolvimento lento e tratamento extenso, frequentemente associado a sofrimento e dor. Não raro, obtém-se um prolongamento da vida a um custo alto para o paciente, que permanece, por exemplo, por longo período afastado da família e dos amigos em ambiente hospitalar impessoal, com dores intensas, dependendo das decisões e dos cuidados de outras pessoas, sobrevivendo com a ajuda de aparelhos para a manutenção de suas funções vitais. Tal cenário representa, para muitos, uma vida sem dignidade e sentido. Dessa forma, hoje o que se teme é uma experiência de morte demorada e permeada de agonia.

Nesse contexto, discute-se o conceito de eutanásia. Santoro (2010, citado por Cabrera, 2010) define o termo como “o ato de privar a vida de outra pessoa acometida por uma afecção incurável, por piedade e em seu interesse, para acabar com os seus sofrimentos e sua dor. O móvel do agente, portanto, é a compaixão com o próximo” (p. 28). Cabrera expõe que o ato pode ocorrer mediante o emprego ou a omissão de práticas que poderiam apressar ou provocar o óbito. A autora apontou ainda dois pontos cruciais no que tange à eutanásia. O primeiro foi ressaltado por Hubert Lepargneur, e destaca que o termo eutanásia caracteriza preferencialmente situação na qual o paciente deseja livremente morrer, mas não consegue realizar seu intento por motivos físicos. Dessa maneira, para se analisar uma eventual descriminalização do ato, seria preciso considerar o caráter voluntário exigido para a prática da eutanásia, o que poderia ocorrer de forma explícita a partir da verbalização do próprio indivíduo, ou de forma implícita por meio de um pedido formalizado por familiares de um paciente que não tenha condições de expressar sua vontade. O outro ponto foi exposto por Javier Gafo Fernandez, que aponta a iminência da morte do interessado como aspecto característico da eutanásia, o que diferencia esse instituto do suicídio assistido. No caso de Rémy, o protagonista escolheu, por meio da eutanásia, abreviar a própria vida, diante da impossibilidade de cura de sua doença e do agravamento de seu estado clínico. Assim, no filme, o paciente exerceu um papel ativo no seu processo de adoecimento e morte, inclusive abrindo mão de alguns recursos médicos e tecnológicos que poderiam prolongar sua vida e priorizando a convivência com as pessoas que amava em seus últimos momentos.

Há ainda outros conceitos relacionados à intervenção humana no momento da morte que devem ser levados em consideração (Villas-Bôas, 2008). No contexto da distanásia, observa-se um abuso no uso de recursos terapêuticos, ou seja, o emprego de recursos de forma desproporcional, que lentificam e prolongam o processo da morte sem que haja um benefício para o paciente. Os termos obstinação terapêutica e tratamento fútil são utilizados para caracterizar esta prática. Assim, levanta-se a reflexão a respeito do significado do direito à vida, que não deveria incluir o adiamento indefinido da morte natural por meio do uso de todos os recursos disponíveis, mesmo aqueles contraindicados quando se objetiva o conforto do paciente. Como bem

salienta Villas-Bôas (2008), não existe um dever de sobrevida artificial, isto é, o prolongamento de uma existência que se tornou uma tortura para o paciente com o acréscimo de dias ou horas em sua vida quando o organismo se encontra em situação de falência global e irreversível, muitas vezes contra a sua vontade, não pode ser visto como um dever médico.

Por outro lado, tem-se o instituto da ortotanásia, que caracteriza a morte a seu tempo. O conceito se aplica a situações em que já não é possível buscar a cura do paciente. Dessa forma, não há interferência nem para encurtar o tempo natural de vida nem para adiar indevidamente o momento da morte. Os cuidados básicos ao paciente são mantidos com o objetivo de proporcionar conforto a ele e há condutas médicas restritivas com decisões de não tratamento e suspensão ou omissão de tratamentos fúteis (Villas-Bôas, 2008).

Cabrera (2010) aponta que, no Brasil, o crime da eutanásia não está especificado no Código Penal em vigor. Porém, o ato de um médico que tire a vida de seu paciente seria tipificado como crime de homicídio simples, previsto no Artigo 121 da citada Lei, estando o autor sujeito à pena de 6 a 20 anos de reclusão, ainda que tenha sido movido por ato de compaixão e solidariedade. Villas-Bôas (2008) expõe, contudo, que condutas médicas restritivas não caracterizam crime se os recursos restritos não proporcionarem benefícios efetivos para o paciente, sendo apenas uma condição de obstinação terapêutica. Assim, a indicação ou não sobre o emprego de uma medida é uma decisão médica que deve ser discutida com o paciente e sua família tendo em vista a garantia da dignidade da pessoa que se encontra no final de sua vida.

Kovács (1998) ilustra a complexidade do tema eutanásia ao descrever que ele envolve diversos personagens (paciente, família, equipe e instituição de saúde) e argumentos conflitantes. Por um lado, há aqueles que são favoráveis à vida a todo custo, que entendem a eutanásia como uma postura antiética por não se oferecer ao paciente todos os recursos possíveis para a manutenção da vida. Por outro, os defensores da chamada “morte com dignidade” argumentam que a insistência e o prolongamento de tratamentos em situações irreversíveis é que constituem um atentado à vida. Em última instância, o que é questionado é a validade da escolha pela morte em contraposição a um cenário de vida sem dignidade.

A Morte em Diferentes Culturas e Religiões

A morte e a finitude constituem características intrínsecas dos sistemas vivos, os quais estão todos submetidos a um processo irreversível que passa pelo nascer, o crescer, o decair e o morrer (Schramm, 2002). Apesar de ser fato que faz parte do cotidiano, a morte tem potencial para gerar angústia, visto que tem entre seus atributos mistério e incerteza e está relacionada a diversos medos: medo da morte do ou-

tro, medo da própria morte, medo da extinção e medo do que acontecerá após a morte (Caputo, 2008; Kovács, 1992). No filme, Nathalie, além de responsável por administrar heroína para controle da dor, acaba se tornando a principal pessoa com quem Rémy conversa abertamente sobre seus questionamentos a respeito da morte. Um diálogo entre os dois a caminho da casa no lago em que Rémy passaria seus últimos dias exemplifica o sofrimento do personagem diante da certeza da morte próxima e das incertezas trazidas por essa realidade, principalmente no que se refere ao sentido da vida:

Rémy: Ainda não consigo aceitar!

Nathalie: Sabe que é preciso!

Rémy: Não consigo me resignar!

Nathalie: É assim. É a lei. Quando fechar os olhos, milhões de outros estarão morrendo com você.

Rémy: Mas EU não estarei mais aqui. EU terei desaparecido para sempre. Se pelo menos tivesse aprendido alguma coisa... me sinto tão despreparado quanto no dia em que nasci. Não consegui encontrar um sentido. É isso que temos que buscar... às vezes... acho... que é isso que temos que buscar.

Arthur Schopenhauer compara as experiências da morte nos homens e nos demais animais, diferenciando-as. O homem é o único animal que sabe antecipadamente de sua própria morte. Segundo o filósofo, a compreensão sobre a finitude e a morte somente é possível nos seres humanos devido ao conhecimento sobre o tempo, que envolve o passado, o presente e o futuro. Essa dimensão temporal permite que o homem analise que, à medida que os dias passam, sua morte vai se aproximando. A percepção de que a permanente degradação da vida com o passar do tempo é a única certeza inquestionável gera reflexões sobre o sentido da existência, o que, frequentemente, leva o homem a recorrer a filosofias e religiões em busca de respostas. A consciência temporal permite que o ser humano sofra não apenas pelo presente, mas também nas dimensões do passado e do futuro. Os animais, em contrapartida, têm somente a dimensão do presente e, com isso, apenas sentem a morte quando ela se apresenta, no momento de sua chegada, e logo deixam de existir. A vida dos animais, portanto, consiste em um presente prolongado, vivido intensamente, sem reflexão sobre o que lhes acontecerá em seguida (Giacoia, 2005).

Nesse contexto da busca por respostas, as diferentes culturas se propõem a esclarecer o desconhecido da morte por meio de mitos, religiões, filosofia e arte (Caputo, 2008; Kovács, 1992). A título de exemplo, Giacoia (2005) descreve as práticas de diferentes culturas em relação à morte. Na sociedade mesopotâmica, os rituais de

sepultamento eram realizados com bastante zelo e grande importância era dada para a preparação do túmulo: com o objetivo de que nada faltasse na travessia e de que fosse registrada a pertença do morto a uma determinada linhagem ou família, os cadáveres deveriam ser enterrados junto a objetos que demarcassem sua identidade pessoal e familiar, como pertences, vestimentas e suas comidas prediletas. Já na sociedade hindu, a prática era contrária: os corpos deveriam ser incinerados. A transformação do corpo em cinzas e a destruição das marcas pessoais representavam a dissolução da vida terrena e a purgação de todos os pecados. A morte significava o acesso ao Absoluto, ao Eterno, ao Nirvana e à paz originária. Na visão judaico-cristã, a morte também tinha significado de passagem, uma transição para a verdadeira vida, que poderia ser tanto uma vida de sofrimento eterno e expiação dos pecados no inferno ou uma vida de felicidade, em eterna contemplação na presença de Deus no paraíso. Nessa perspectiva, não há que se temer um fim definitivo após a morte, mas tem-se um ideal de eternidade que se relaciona com as maneiras de se conduzir a vida da maneira certa.

A doutrina espírita kardecista aponta uma visão alternativa aos conceitos de céu e inferno encontrados em outras religiões. Abandona-se a ideia de condenação ao sofrimento eterno, sem aproveitamento do arrependimento, e também a de beatitude contemplativa dos eleitos durante toda a eternidade. Kardec (1865/1994) descreve que os espíritos são criados simples e ignorantes. Deus então concede aos espíritos o número de encarnações necessárias para seu progresso, até atingir o objetivo da perfeição. Nesse sentido, o estado espiritual seria o estado definitivo, já o estado corporal seria transitório e passageiro. Dessa forma, a verdadeira vida é a espiritual. A reencarnação pode acontecer em diferentes mundos, segundo o progresso do Espírito. Assim, a certeza da vida futura e imortalidade da alma, além da compreensão sobre a missão terrena libertariam os homens do temor da morte, podendo essa experiência ser encarada de forma calma e serena.

Há ainda culturas em que a morte é encarada como motivo para celebração. Algumas religiões afro-brasileiras, por exemplo, propõem que a morte, assim como a vida, deve ser festejada. No Candomblé, a morte não significa o fim da vida, mas uma mudança de plano de existência, constituindo parte do ciclo religioso e vital. O ritual festivo é necessário para que se assegure o eterno renascimento no outro plano existencial, garantindo, assim, a imortalidade. Dessa maneira, o morto é homenageado com comidas, bebidas, cantos e danças, de modo que não se sentirá sozinho durante o processo até o reencontro das divindades e dos ancestrais que o receberão no próximo plano. Acredita-se que, se o iniciado completa com sucesso seu destino e sua morte é celebrada de acordo com os festejos estabelecidos nos preceitos religiosos, ele se transforma em um ancestral que se juntará ao poderoso axé de ancestrais do terreiro, podendo, inclusive, contribuir na formação de novos seres (Bandeira, 2010).

No México, comemora-se o Dia dos Mortos nos dias 01 e 02 de novembro, ocasião em que os entes queridos falecidos são lembrados e homenageados. A festa faz parte da cultura popular mexicana e é resultado do sincretismo religioso envolvendo tradições indígenas e cristãs. Dessa maneira, busca-se uma aproximação com o mistério da morte, que é celebrada com alegria, cores, flores, oferendas de comidas, bebidas alcoólicas e caveiras de açúcar. Busca-se substituir sentimentos de dor, tristeza e saudade ocasionados pela morte por alegria e celebração. A festa do Dia dos Mortos exerce então importante função de preparar as pessoas para a realidade da morte como parte inevitável e natural da vida (Villasenor & Colcone, 2012).

Diante do diagnóstico de uma doença para a qual ainda não há a possibilidade de tratamento curativo, frequentemente o indivíduo busca um sentido para sua vida, um propósito que torne valorosa a sua existência, a sua história e, para tal, é comum que se recorra à espiritualidade. Assim, busca-se a essência da vida, à medida que ela se aproxima do fim, e essa demanda não pode ser suprida integralmente pelas tecnologias, nem mesmo pelas mais desenvolvidas. Nesse contexto, o aspecto da espiritualidade/religiosidade, que está presente em todas as culturas e sociedades, torna-se de grande relevância na prática da assistência à saúde, especialmente nos cuidados paliativos. Questões relacionadas ao significado da vida, da morte, da esperança, do amor, dos relacionamentos, do perdão surgem, portanto, com frequência quando se trata de pacientes com doenças sem perspectiva de cura ao lidarem com a aproximação da morte (Kübler-Ross, 1999/2003; Peres e cols., 2007).

Peres e cols. (2007), ao revisarem a literatura que relaciona os cuidados paliativos à religiosidade/espiritualidade, apontam que há inúmeros estudos cujos resultados mostram uma melhora dos indicadores de saúde emocional/psicológica e na adaptação ao estresse relacionado ao engajamento em práticas religiosas ou espirituais. Essas práticas, com frequência, atuam como fatores preditivos de medidas mais favoráveis de bem-estar e suporte social. Contudo, há também alguns riscos. Algumas crenças religiosas, como aquelas que propõem a noção de punição ou de salvação, a depender da forma como o indivíduo adequou ou não sua vida e suas escolhas aos princípios religiosos, podem intensificar o sofrimento, gerando sentimentos como culpa, arrependimento, medo, baixa autoestima e sensação de desamparo. Diante dessas contradições, os autores ressaltam a importância de que novos estudos investiguem a influência da religiosidade no tratamento de pacientes em cuidados paliativos.

A Visão da Análise do Comportamento

A Análise do Comportamento tem como objeto o estudo do comportamento, isto é, das interações organismo-ambiente (Todorov, 1989). Nessa perspectiva, a causalidade é compreendida a partir de um modelo selecionista. De acordo com esse mo-

delo, dentro de uma ampla faixa de possibilidades, os padrões comportamentais de cada indivíduo são selecionados, mantidos e fortalecidos por eventos antecedentes e consequentes. Assim, as explicações causais são dadas em termos de relações interativas entre o indivíduo e o ambiente. Essa visão considera a causalidade ao longo do tempo; portanto, não há um evento único ou uma causa que produz linear e diretamente um efeito comportamental, mas sim relações funcionais, de modo que o comportamento é considerado uma variável dependente em relação aos eventos ambientais, os quais seriam variáveis independentes. Nesse sentido, o comportamento é função de condições ambientais. A probabilidade de ocorrência de um comportamento no futuro é determinada pelas condições contextuais antecedentes e consequências por ele produzidas (Chiesa, 1994/2006; Marçal, 2010; Skinner, 1981; Todorov, 1989).

Denominam-se contingências de reforço as interações decorrentes de pelo menos três aspectos: 1) a ocasião em que ocorre uma resposta, 2) a resposta, e 3) as consequências por ela produzidas. Segundo Skinner (1953/2003), uma formulação adequada da interação entre um organismo e o ambiente deve conter estes três termos.

Tendo em vista esse modelo de causalidade, Moore (2008) aponta que, na filosofia do Behaviorismo Radical, o ambiente seleciona características comportamentais da mesma forma que seleciona características morfológicas, segundo a noção de evolução pela seleção natural proposta por Darwin. Há três níveis de seleção do comportamento por suas consequências: o filogenético, o ontogenético e o cultural. No nível filogenético, são selecionados repertórios comportamentais inatos, importantes à sobrevivência da espécie em determinado ambiente. No nível ontogenético, por sua vez, o ambiente cria novos repertórios ou modifica repertórios existentes de comportamento aprendido ao longo da história de vida de cada indivíduo. A unidade de análise utilizada para descrever comportamentos individuais no nível ontogenético é a contingência de reforçamento, que mostra relações funcionais entre o comportamento operante e o ambiente com o qual o indivíduo interage. O operante é definido como um grupo de respostas, que podem ter topografias diferentes e que constituem uma classe funcional por produzirem uma consequência comum (Glenn, 1986). E, complementando, no que se refere ao nível cultural, comportamentos são selecionados quando o ambiente cria novas práticas culturais ou modifica aquelas já existentes (Skinner, 1981).

Uma análise do comportamento dos indivíduos diante do adoecimento e da possibilidade da morte envolve reflexões nesses três aspectos. No que se refere ao nível filogenético, o adoecimento poderia ser considerado um fator de seleção. Contudo, com o advento do desenvolvimento da ciência e de novas tecnologias, frequentemente ocorre uma intervenção nesse processo de seleção natural, uma vez que há

atualmente a possibilidade de cura para inúmeras moléstias e, mesmo quando a cura não é possível, os tratamentos possibilitam um aumento da sobrevida.

Considerando o âmbito ontogenético, é relevante observar que, para cada pessoa, a qualidade de vida no adoecimento e a dignidade ao morrer podem envolver aspectos diferentes: há aqueles que preferem estar cercados de pessoas queridas, outros optam pela solidão ou pelo afastamento de suas redes sociais no momento em que se deparam com a deterioração de sua saúde; alguns buscam atividades reforçadoras que podem ainda ser realizadas, como ler, ouvir música, encontrar amigos, conversar, comer coisas saborosas e até mesmo atividades prazerosas, mas que oferecem risco de agravamento de sua condição de saúde, como consumir álcool e tabaco; outros preferem dormir e/ou se isolar como forma de esquiva de enfrentar a própria finitude; há ainda aqueles que se engajam na resolução de questões de ordem prática, por exemplo, documentos, conflitos interpessoais, preferências em relação ao velório/sepultamento. No que se refere ao ambiente, alguns preferem passar seus últimos dias em casa, outros se sentem mais seguros no contexto hospitalar (Kovács, 1998). Numa perspectiva analítico-comportamental, essas escolhas são influenciadas pela história de vida e pelas contingências de reforçamento atuais presentes no ambiente do indivíduo, caracterizando, portanto, o nível ontogenético. Dessa maneira, o que é importante/reforçador diante da possibilidade de uma morte próxima pode variar de pessoa para pessoa.

Segundo Morin (1988, p. 32), “é impossível conhecer o homem sem lhe estudar a morte, porque, talvez mais do que na vida, é na morte que o homem se revela. É nas suas atitudes e crenças perante a morte que o homem exprime o que a vida tem de mais fundamental”. A partir da reflexão desse autor, conclui-se que o adoecimento e a aproximação concreta da morte podem funcionar como operações motivacionais que alteram o comportamento das pessoas no sentido de buscarem, no fim da vida, um contato maior e mais intenso com aquilo que mais valorizam em sua existência e, muitas vezes, a valorização desses aspectos se intensifica diante das restrições impostas pela fragilização da saúde e/ou da condição de terminalidade da vida.

Na Análise do Comportamento, a motivação é compreendida a partir do conceito de operações estabelecedoras, quais sejam, estímulos antecedentes que podem alterar momentaneamente a efetividade reforçadora de um evento ambiental e evocar os comportamentos que o produzem (Michael, 1982, 1993; Miguel, 2000). Tanto a privação quanto a estimulação aversiva características do contexto das doenças sem possibilidade de tratamento curativo atual podem exercer a função de operações estabelecedoras: evocam comportamentos, por exemplo, busca por aproximação de amigos e familiares, e alteram o valor reforçador de eventos consequentes, como o contato com essas pessoas. Complementado, Björk, Wiebe e Hallström (2005) afir-

mam que estudos na área da saúde indicam que pacientes, familiares, amigos e profissionais, ao se depararem com a aproximação inevitável e concreta da morte, frequentemente passam a refletir sobre o que é mais importante na vida, de modo que novas prioridades são estabelecidas e, nesse contexto, o contato com familiares e outras pessoas queridas, muitas vezes, torna-se ainda mais importante do que era antes.

Um diálogo de Rémy com Nathalie, a jovem usuária de heroína que lhe aplicava a droga, exemplifica a análise sobre como determinados aspectos passam a ser mais valorizados diante da possibilidade concreta de finitude. No momento em que se depara com a sua doença e com o fato de que ela não tem cura, Rémy discrimina aquilo que se tornou mais valioso ao longo de sua vida, entre pessoas, lugares, objetos, atividades, alimentos, experiências e, inclusive, o próprio fato de estar vivo, que passa a ter mais valor para ele.

Rémy: Não dá muita importância à vida, dá?

Nathalie: Na verdade não.

Rémy: Eu era como você na sua idade. Podia morrer a qualquer minuto. Pouco me importava. É por isso que os jovens são os melhores mártires. É paradoxal, quando envelhecemos é que nos apegamos à vida. Quando começamos a subtrair... Restam-me 20 anos, 15 anos, 10 anos... Quando sabemos que é a última vez que fazemos alguma coisa... É a última vez que compro um carro... A última vez que vejo Gênova, Barcelona...

Nathalie: Não viverei tanto tempo.

Rémy: Como pode saber?

Nathalie: Overdoses são frequentes, sabia?

Rémy: Nem isso você pode prever. Talvez pare e viva até ficar bem velhinha. Não entendemos o passado, como podemos prever o futuro? Ninguém nunca sabe o que vai lhe acontecer. Exceto eu agora. Eu sei.

Nathalie: Sente medo?

Rémy: Claro que sim. Não quero deixar a vida. Não pode imaginar como a amei!

Nathalie: E o que tanto amou?

Rémy: Tudo. O vinho, os livros, a música, as mulheres... Principalmente as mulheres! Seus cheiros, suas bocas, a maciez das suas peles.

Nathalie: Conheceu muitas?

Rémy: Sim.

Nathalie: Com o tempo não começaram a se parecerem umas com as outras?

Rémy: Sim, um pouco, mas nunca me cansei delas.

Nathalie: Continua um sedutor?

Rémy: Não, não... Com a idade não é mais a mesma coisa.

Nathalie: Mas ainda pode beber vinho...

Rémy: Infelizmente meu fígado não permite.

Nathalie: Fez as viagens que queria?

Rémy: Hoje em dia, há turistas demais em toda parte.

Nathalie: Não é a sua vida atual que não quer deixar. É a sua vida passada e essa já está morta!

Rémy: Talvez...

Algumas escolhas de Rémy e de Sébastien no filme em relação ao rumo do tratamento do protagonista ilustram a importância da seleção ontogenética, uma vez que, a despeito da possibilidade de continuar seu tratamento em um dos melhores hospitais do mundo, o que o filho considerava a melhor opção, Rémy prefere permanecer no Canadá, próximo de pessoas significativas e, por fim, numa casa que lhe remetia a boas lembranças. É relevante ressaltar que, apesar de não concordar com o pai, Sébastien aceita sua decisão e, a partir daí, modifica sua postura, passando a ficar sensível aos desejos e às necessidades do pai ao longo de todo o processo até a sua morte. Nesse caso, observa-se que o adoecimento e a morte podem se configurar como operações estabelecedoras não apenas para o comportamento do próprio doente, mas também para os comportamentos das pessoas próximas a ele. A exemplo disso, há uma aproximação entre pai e filho, que tinham uma relação distante e passam a se interessar um pelo outro, o que fica claro quando o pai pergunta ao filho sobre seu trabalho pela primeira vez. Ademais, a ex-esposa, que em alguns momentos verbalizou sua dificuldade de lidar com as relações extraconjugais de Rémy, diante do contexto de adoecimento do ex-marido, passa a aceitar a convivência com ex-amantes dele.

A aproximação concreta da morte pode, ainda, funcionar como operação estabelecidora ao potencializar a probabilidade e o valor reforçador de conversas cujo tema

central é a finitude. De acordo com Kovács (1998), indivíduos saudáveis, em geral, evitam falar sobre esse assunto, o qual costuma ter teor aversivo, desagradável. Contudo, diante de doenças de prognóstico ruim e do risco de morte, reflexões sobre o sentido da vida e as incertezas relacionadas à morte tornam-se, com frequência, extremamente relevantes para pacientes e familiares.

Além das questões filogenéticas e ontogenéticas que permeiam o processo de adoecimento e morte, é necessário considerar a influência do nível cultural na forma com que o indivíduo lida com a terminalidade da sua vida, uma vez que o comportamento humano ocorre com frequência em contextos sociais. Segundo Skinner (1953/1998), a origem do comportamento social está no fato de que um organismo é importante para o outro como parte de seu ambiente. O comportamento denominado de social é o “comportamento de duas ou mais pessoas em relação a uma outra ou em conjunto em relação ao ambiente comum” (p. 325).

Na perspectiva da Análise do Comportamento, a cultura consiste nas práticas cotidianas, comuns das pessoas. As práticas culturais são muitas vezes chamadas de costumes no sentido de que são comportamentos usuais de muitos indivíduos que fazem parte de uma comunidade, comportamentos estes que se repetem ao longo do tempo entre indivíduos de uma geração e entre gerações de indivíduos e produzem consequências. Assim, a cultura consiste na seleção de comportamento operante, verbal e não verbal, aprendido como resultado de se fazer parte de um grupo. Em uma cultura, o grupo programa consequências para os comportamentos de seus membros (Baum, 1994/2006; Glenn, 1991, 2004).

Nesse contexto, há determinados padrões comportamentais esperados em relação ao adoecimento e à morte em cada cultura, por exemplo, conforme apresentado anteriormente, há culturas em que a morte é tratada com naturalidade e até como motivo de celebração, enquanto em outras, a morte está relacionada a sofrimento e receio de punição. No filme em análise, a cultura ocidental, de maneira geral, é retratada. É possível observar toda uma comoção do ambiente social em torno do doente: espera-se que amigos venham de longe para acompanhá-lo em seus momentos finais, que haja uma reconciliação/maior aproximação com a ex-esposa e com o filho, que haja mais expressão de afeto, que as pessoas demonstrem sofrimento pela despedida do ente querido, que todos se tornem mais tolerantes e compreensivos com o doente. Um exemplo claro disso é quando o filho contrata uma prostituta para proporcionar ao pai uma última experiência sexual, apesar de ter desaprovado sempre seu comportamento promíscuo. Em relação à expressão de afeto, há uma cena em que uma religiosa dá recomendações a Sébastien sobre como deve se relacionar com o pai nesse momento delicado: “Diga-lhe que o ama. Diga-lhe isso. E toque-o”. Em suma, esse processo de adoecimento e morte no Ocidente não é visto com

naturalidade, mas sim como um processo que envolve diversas perdas e gera sofrimento não apenas para o paciente, mas para todos os envolvidos.

Grande parte dos comportamentos socialmente aceitos em uma cultura é aprendida por meio de regras (*e.g.*, conselhos, leis, julgamentos de valor, histórias, provérbios, mitos, relatos de tradições e do folclore, músicas). Regras ou instruções são estímulos verbais que descrevem ou especificam relações de contingência, isto é, relações de dependência entre eventos ambientais ou entre eventos ambientais e comportamentos (Baum, 1994/2006; Skinner, 1974/2004). As diferentes funções das regras no contexto da saúde são um aspecto relevante no que se refere ao processo de adoecimento e de morte. Uma das regras que pode ser observada na trama em discussão é a de que, antes de morrerem, as pessoas devem encontrar um sentido para a sua vida, e outra regra relacionada a esta é a de que uma vida com sentido/valor deve ser produtiva e envolve necessariamente um legado. Em outras palavras, conforme ilustra o diálogo a seguir, o homem deve deixar a sua marca antes do fim da vida:

Rémy: Se eu tivesse ao menos sido capaz de escrever...

Nathalie: Nunca escreveu nada?

Rémy: Alguns artigos sem importância...

Nathalie: O que gostaria de ter escrito?

Rémy: O Arquipélago Gulag, o Sistema Periódico...

Nathalie: Acha que estaria nesse nível?

Rémy: Nunca.

Nathalie: Então?

Rémy: Pelo menos teria tentado, deixado uma marca. É importante ter sucesso em alguma coisa nessa vida... Mesmo em nossa própria medida, saber que fizemos o possível, o melhor que podíamos. Tenho certeza de que isso torna a morte mais tranquila... Mas fracassei em tudo...

Nathalie: Talvez... Mas pelo menos tem consciência disso. Há tantos professores satisfeitos que são insuportáveis... Não conheço sua filha, mas Sébastien não é bem um fracassado.

Rémy: Não tenho nenhum mérito nisso.

Nathalie: Não pode dizer isso. Não se sabe.

Observa-se, a partir desse trecho, que a regra de que uma vida com sentido/propósito deve ser produtiva especifica que a pessoa deve se engajar em comportamentos (*e.g.*, escrever um livro, casar-se, ter filhos, bom desempenho em atividades artísticas e/ou esportivas, atividades de caridade que tenham impacto social) que levem ao cumprimento de resultados/objetivos socialmente estabelecidos (consequências) e, uma vez que sejam atingidos esses critérios, há também um reconhecimento social (consequência) que pode contribuir para um efeito de maior serenidade diante da aproximação da morte. Por outro lado, os efeitos podem ser de angústia, culpabilização, desapontamento, frustração e arrependimento caso haja uma avaliação, por parte do indivíduo, ao fim da vida, de que suas escolhas não produziram esses resultados, como foi o caso de Rémy no diálogo exposto acima.

Rémy, no filme, apresenta suas reflexões sobre as escolhas que fez ao longo da vida e demonstra grande arrependimento por acreditar que não atingiu todo o seu potencial. A sua avaliação negativa é fortalecida pela crítica do filho em relação aos seus casos extraconjugais e pela discriminação de que a sua competência profissional não foi reconhecida na universidade em que trabalhava e tampouco ele foi valorizado como pessoa no momento de seu afastamento por ter adoecido.

Rémy: Fiz doutorado com Locken e Donaldson, em Berkeley, dois futuros prêmios Pulitzer. Não sei se eram melhores que eu, só sei que eram americanos. Então voltei para cá, comecei a ensinar, me casei e depois... Nada mais...

Sébastien: Estava muito ocupado com seus casos.

Rémy: Não tiveram grande alcance, como você mesmo diz. O que me faltou foi exceder as medidas, entende? Exceder! No fim das contas, tudo o que tive foram encontros lamentáveis em apartamentos mal aquecidos de Mont Royal. Fui substituído com dois dias de aviso por uma professora não titular. O reitor esqueceu-se de se despedir de mim. A secretária mais simples que vai parir tem direito a um bolo.

As regras, portanto, especificam o que se deve fazer, em quais condições se deve fazer e quais serão as prováveis consequências (Skinner, 1986/1996). Apesar de seu papel facilitador na aquisição de repertórios, as regras muitas vezes podem ser inaccuradas, isto é, incoerentes em relação às contingências em vigor ou podem ser excessivamente simplórias, negligenciando a complexidade de determinadas contingências, o que pode favorecer o estabelecimento de repertórios comportamentais pouco adaptativos ao se seguirem essas regras. Ademais, quando há uma mudança nas contingências, de modo que determinada regra não corresponda mais às contingências em vigor, o comportamento governado por regras pode permanecer de acordo com a regra, levando mais tempo para se adaptar às novas contingências do que o comportamento diretamente modelado pelas contingências de reforço e punição (*e.g.*, Paracampo, Souza, Matos & Albuquerque, 2001; Rosenfarb, Newland,

Brannon & Howey, 1992). Assim, embora as regras facilitem a aquisição, podem favorecer a insensibilidade do comportamento a mudanças nas contingências. No contexto da saúde, algumas regras inacuradas podem influenciar os comportamentos tanto da equipe, quanto de familiares e do próprio paciente.

De acordo com Sales e cols. (2008), a maioria dos profissionais de saúde tem como referencial de êxito curar doenças e salvar vidas. Assim, principalmente no caso da formação em medicina, o foco costuma ser a cura, de modo que a morte é considerada por muitos um fracasso. Essa regra pode contribuir para comportamentos da equipe pouco sensíveis às contingências, isto é, a equipe pode ficar insensível às necessidades do paciente naquele momento, tomando decisões características da obstinação terapêutica e, negligenciando, assim, aspectos fundamentais dos cuidados paliativos, como o controle de sintomas físicos e o bem-estar do paciente. Como aponta Kübler-Ross (1969/1996), não é fácil para a equipe mudar o foco para os cuidados paliativos e centrar-se no fato de que os doentes e seus familiares têm direitos e necessidades que devem ser satisfeitos independente do resultado final em relação à cura.

Uma regra que se relaciona à do foco na cura é a de que “se não há mais a possibilidade de cura, não há nada a ser feito”. Nesse caso, é possível que muitos profissionais de saúde inclusive evitem determinadas áreas de atuação em que os cuidados paliativos são frequentemente necessários, tendo em vista a regra de que seu trabalho não teria muito a contribuir em uma situação em que a cura não é possível. O INCA (2002) ressalta a importância de que os profissionais de saúde se tornem cientes de sua limitação, deixando de pensar a finitude como um fracasso, uma vez que a qualidade de vida, o alívio da dor e do sofrimento também são metas da medicina a que a equipe deve estar sensível.

Para a família e para o próprio paciente, entrar em cuidados paliativos pode significar que a equipe deixará completamente o tratamento e abandonará o paciente, deixando-os desamparados até a chegada da morte. Essa regra pode levar paciente e familiares a adotarem uma postura resistente diante da equipe que propõe a adoção de cuidados paliativos. Além disso, outra regra comumente observada nesse contexto é a de que a vida deve ser preservada a todo custo, o que também contribui para uma maior resistência à proposta dos cuidados paliativos, que são erroneamente classificados como uma forma de restrição dos cuidados adequados ao paciente, de forma a abreviar sua vida. A partir dessa regra, para a família, aceitar os cuidados paliativos significaria desistir do paciente, o que poderia gerar culpa e dúvida sobre a possibilidade de obter um resultado diferente caso os tratamentos com objetivos curativos fossem mantidos. Dessa maneira, uma compreensão mais acurada tanto do prognóstico quanto do significado de cuidados paliativos pode alterar as metas do tratamento e as expectativas dos profissionais e familiares, levando, portanto, a um

cuidado mais efetivo e adequado às necessidades reais dos pacientes (Steinhauser e cols., 2001; Wolfe e cols., 2002).

Nesse contexto das regras, há também os julgamentos de valor, definidos por Baum (1994/2006) como regras (estímulos verbais) que descrevem relações últimas que são sociais, ou seja, julgamentos de valor são o comportamento verbal que envolve as noções de “bom” e “mau”, de “certo” e “errado”. Um aspecto extremamente relevante é que a cultura ensina as pessoas a valorizarem determinados ideais, símbolos e padrões. A socialização de valores ocorre quando um indivíduo recebe aprovação contingente a comportamentos considerados socialmente aceitos (reforçamento) e censura contingente a comportamentos inaceitáveis (punição). Há, portanto, um condicionamento social que favorece que a maioria das pessoas se comporte de acordo com os valores da comunidade (Pierce & Epling, 1997). Dessa maneira, reforços sociais, bem como estímulos aversivos contingentes a determinadas maneiras de se comportar em relação ao adoecimento e à possibilidade concreta da morte próxima caracterizam os padrões estabelecidos por uma cultura quanto aos papéis¹⁰ que devem ser desempenhados em relação ao fim da vida, assim como o que é valorizado socialmente no que se refere aos comportamentos de pessoas que convivem com pacientes nessa situação.

Baum (1994/2006) aponta que a Análise do Comportamento aborda valores enfocando o que as pessoas fazem e dizem a respeito de objetos e atividades considerados “bons” ou “maus”, “certos” ou “errados”. Skinner (1971/2002, 1986/1996) propôs uma regra prática sobre o “bom” e o “mau”. Segundo o autor, valores são definidos por duas características: o efeito das consequências produzidas por um comportamento sobre esse mesmo comportamento e o sentimento que acompanha esse efeito. De acordo com a consequência, o efeito pode ser de fortalecimento ou enfraquecimento do comportamento que a produziu. Os sentimentos, por sua vez, simpli-ficadamente, são classificados como agradáveis ou desagradáveis. Consequências que geram efeito fortalecedor e sentimentos agradáveis são, em geral, consideradas boas; enquanto as que produzem efeito enfraquecedor e sentimentos desagradáveis são frequentemente consideradas más. Portanto, de maneira geral, as consequências chamadas boas são reforçadores positivos, e as más são punitivas/reforçadores negativos, assim como atividades consideradas boas são reforçadas, enquanto as consideradas más são punidas. Em geral, portanto, são boas: a presença da consequência reforçadora positiva, a ausência da reforçadora negativa e os sentimentos agradáveis que as acompanham. Diferentemente, são más: a presença da consequência punitiva, a ausência da reforçadora positiva e os sentimentos desagradáveis que acompanham essas consequências (Abib & Dittrich, 2004; Skinner, 1971/2002, 1986/1996).

¹⁰ Neste trabalho, a expressão “papéis” é utilizada em termos de repertórios ou padrões comportamentais socialmente estabelecidos.

Dessa maneira, para exemplificar, no caso do filme, diante da reivindicação do pai de permanecer no Canadá próximo dos amigos até a realização do procedimento de eutanásia, Sébastien aceita seu pedido e convida os amigos do pai para acompanharem-no em seus últimos dias de vida. Os amigos atendem à solicitação do rapaz, Rémy passa a ter companhia e todos reconhecem os esforços do filho em respeitar as escolhas do protagonista nesse momento (consequências reforçadoras positivas). Supõe-se que essas consequências produziram como efeito sensações de satisfação e dever cumprido em relação aos cuidados com o pai. De uma contingência como essa, pode resultar o valor de que o certo é que um filho deve fazer tudo para atender às vontades de seu pai doente e, portanto, Sébastien seria considerado um bom filho. Contudo, se a consequência contingente ao comportamento de atender ao pedido do pai, abrindo mão do tratamento mais sofisticado no exterior e aceitando a eutanásia, fosse a crítica dos amigos de Rémy afirmando que o filho deveria ter feito tudo que estava ao seu alcance para proporcionar ao pai o que usualmente seria considerado o melhor tratamento (consequência punitiva), mesmo que isso significasse contrariar o desejo do pai, os sentimentos gerados poderiam ser culpa e arrependimento. Nesse caso, resultaria o valor de que é preciso tentar preservar a vida a qualquer custo e, nesse contexto, Sébastien seria considerado um mau filho.

Outro conceito importante no que se refere ao nível cultural é o de agências controladoras, descrito por Skinner (1953/1998) ao tratar do comportamento de pessoas em grupo. Essas agências são mais organizadas do que o grupo como um todo e manipulam conjuntos específicos de variáveis de forma a obter um efeito sobre os indivíduos do grupo. Skinner apontou governo, religião, economia, educação e psicoterapia como exemplos de agências de controle. No que se refere à religião, o controle deriva de uma suposta conexão com o sobrenatural. A descrição do que é o Céu e o Inferno pode variar de cultura para cultura, mas envolve sempre reforçadores poderosos. Nesse contexto, o comportamento é classificado como “moral” e “imoral”, “virtuoso” e “pecaminoso”, “bom” e “mau”. O alcance do poder da agência religiosa depende do grau de eficiência do condicionamento de certos reforçadores verbais, em especial a promessa do Céu e a ameaça do Inferno. Dessa forma, o risco de perder o acesso ao Céu (ausência da consequência reforçadora positiva) ou a condenação ao Inferno (consequência punitiva) é contingente ao comportamento pecaminoso, já o comportamento virtuoso seria seguido da promessa de chegar ao Céu (consequência reforçadora positiva) ou alívio do perigo da eternidade no Inferno (retirada da consequência punitiva). A punição do comportamento pecaminoso gera uma condição aversiva, muitas vezes descrita como “sentimento de pecado”. A expiação ou absolvição dos pecados é mecanismo de fuga dessa condição, o que se configura como reforço poderoso para o comportamento virtuoso. Assim sendo, a bênção eterna ou a condenação na vida por vir depende apenas do indivíduo. O

controle sobre o fiel se dá não pela manipulação das contingências de reforço, mas ao tornar certas contingências reais ou alegadas mais eficientes.

No filme, há uma personagem que traz à tona a dimensão da religião: irmã Constance, uma religiosa que fazia visita aos pacientes do hospital em que Rémy estava internado. O paciente e Constance conversam sobre religião e o que acontece após a morte em diferentes momentos da trama. Na maioria das vezes, um tenta convencer o outro a respeito de seu ponto de vista. Há uma ocasião em que a irmã fala para Rémy sobre a importância da conversão religiosa para que ele possa ser salvo e ir para o Céu. Entretanto, o paciente responde que não gostaria de passar a eternidade tocando harpa para Deus, pois para ele seria mais divertido ir para o Inferno, uma vez que permaneceria na companhia dos amigos. Nesse caso, é relevante comentar a possível influência de outras variáveis na perspectiva de Rémy, por exemplo, ele pode ter crescido em uma família que não compartilhava desses valores religiosos e também, pelo comentário que ele fez a respeito dos amigos, os quais o acompanhariam no inferno, o grupo social ao qual ele pertence aparentemente tem como aver-siva a ideia tradicional que se faz do Céu. Assim, apesar de o acesso ao Céu se caracterizar como um poderoso reforçador que controla o comportamento de muitos indivíduos na cultura Ocidental, para Rémy, essa consequência não produz mudança em seu comportamento.

Em outra situação, Rémy, com o objetivo de pôr à prova a fé da irmã Constance, cita diversos fatos negativos sobre a história da Igreja Católica, como o genocídio de índios na ocasião da colonização das Américas, a qual envolveu o apoio da Igreja Católica. Em resposta, a irmã diz:

Irmã: Se o que diz é verdade e tudo não passa de uma série de crimes abomináveis, essa é uma razão a mais para existir alguém que possa nos perdoar, é o que penso.

Rémy: Você tem sorte.

Pela resposta de Rémy, observa-se que, mesmo afirmando não acreditar nos valores religiosos, ele reconhece a função que a crença na salvação pode ter no contexto da aproximação da morte. Ao contrário do sentimento de angústia e incerteza por ele experimentados nos momentos finais de sua vida, aqueles cujos comportamentos ficam sob controle da regra “fé inabalável na vida eterna no paraíso” provavelmente encaram a terminalidade da vida com mais serenidade e menos receios sobre o que está por vir e, além disso, sabem como devem se comportar para obter tal resultado, como exemplifica uma cena do filme em que Rémy deixa o hospital para passar seus últimos dias na casa do amigo na beira do lago. A irmã se despede dele beijando sua mão e diz: “Aceite o mistério. Se aceitar o mistério, será salvo”.

Por fim, considerando os fatores acima expostos, é possível fazer uma análise funcional da escolha de Rémy por passar seus momentos finais na casa do amigo na beira de um lago, acompanhado de seus entes queridos. Como antecedentes, consideram-se a ocasião do adoecimento sem possibilidade de tratamento curativo, a iminência da morte e a regra de que “a vida deve ter um sentido”. Algumas das consequências da escolha do protagonista foram: afastamento do ambiente hospitalar impessoal e desconfortável, acolhimento em um ambiente familiar e aconchegante, aproximação com o filho, contato reforçador com os amigos que não encontrava há tempos e conversas sobre momentos importantes que viveram juntos. Dessa forma, observa-se que o personagem passa a ficar menos sob controle da regra de que o sentido da vida está relacionado com produtividade, e parece encontrar um propósito para sua existência ao discriminar, a partir do contato com os amigos e familiares, a importância de ter criado vínculos de amor e amizade sinceros e duradouros, os quais foram essenciais para o enfrentamento da experiência de aproximação da morte. Essa reflexão é exemplificada quando Rémy se despede dos amigos antes de se submeter à eutanásia:

Rémy: Foi um prazer viver na companhia de vocês, queridos amigos. É o sorriso de vocês que levo comigo.

Nathalie: Foi um privilégio conhecê-lo.

Rémy: O prazer foi todo meu.

Os últimos contatos de Rémy com os filhos também contribuíram para a conclusão de que sua vida teve sentido ao levá-lo a reavaliar seu desempenho no papel de pai, o que ele demonstrou ser uma fonte de arrependimento e culpa ao longo do filme. Primeiro, ele se despede do filho:

Rémy: Estou com medo.

Sébastien: Faremos o que quiser. Você decide (Pai e filho se abraçam e encostam as testas).

Rémy: Sabe o que lhe desejo? Que tenha um filho como você.

Depois, recebem a última mensagem em vídeo enviada do Oceano Pacífico pela filha:

Sylvaine: Não o vejo há muito tempo, pai querido, meu papai, meu papi... Sentirei sua falta por toda a minha vida. Sou uma mulher feliz, encontrei o meu lugar. Não sei como fez, mas conseguiu me transmitir seu apetite pela vida. Você e mamãe fizeram filhos muito fortes. Acho que é um milagre. Sabe, o primeiro homem na vida de uma garota é o seu pai. Para mim você sempre será...

Verifica-se, portanto, que, embora tenham surgido várias regras sobre como se deve lidar com a proximidade da morte ao longo do processo de adoecimento de Rémy, o comportamento do protagonista em seus momentos finais foi muito sensível às consequências reforçadoras por ele valorizadas naquela ocasião, e as pessoas que com ele conviviam se mobilizaram para proporcionar-lhe contato com esses reforçadores.

Considerações Finais

Esse capítulo teve como objetivo promover reflexões sobre o processo de adoecimento e morte à luz da Análise do Comportamento por meio da história retratada no filme “As Invasões Bárbaras”. Apesar das influências de cada contexto histórico e cultural, bem como das limitações filogeneticamente determinadas (como a impossibilidade de cura para certas doenças), cada indivíduo considera alguns aspectos como fundamentais para a sua qualidade de vida, os quais podem ser muito particulares (Kovács, 1998). Outros filmes, como “A Culpa é das Estrelas” (2014), “Doce Novembro” (2001), “Biotiful” (2010), “Amor” (2012), “O Escafandro e a Borboleta” (2007), “Lado a Lado” (1999) e “Minha Vida sem Mim” (2003) também discutem o adoecimento e a aproximação da morte em contextos diferentes. “Menina de Ouro” (2005) e “Mar Adentro” (2004) são também sugestões de filmes que envolvem discussões sobre a eutanásia.

Quando se pensa em atender às necessidades e aos desejos de pacientes com doenças fora de possibilidades curativas atuais, é imprescindível a realização de cuidados paliativos adequados. Adiciona-se a isso a importância de um diagnóstico rápido para tomar decisões em relação ao tratamento e oferecer opções ao paciente. O filme retrata, de maneira muito semelhante à situação da saúde pública brasileira, fila de espera de até um ano para conseguir resultados de exames, hospital com aparelhos antiquados e com infraestrutura inadequada, tratamento impessoal por parte da equipe, todos fatores incompatíveis com o oferecimento de cuidados paliativos de qualidade¹¹. Kübler-Ross (1999/2003) aponta que, quando se trabalha com pacientes terminais, a prioridade é o conforto físico e a ausência de dor. Segundo a autora, os cuidados com as necessidades físicas do paciente devem vir antes de qualquer apoio emocional, de qualquer ajuda espiritual ou de qualquer outro aspecto

¹¹ No Brasil, o Ministério da Saúde criou o Programa Melhor em Casa, o qual faz parte do Sistema Único de Saúde (SUS), e oferece um serviço multidisciplinar de atenção domiciliar humanizada, que envolve ações de promoção à saúde, prevenção e tratamento de doenças, reabilitação e cuidados paliativos. Nesse caso, as ações de saúde são realizadas na própria casa do paciente, de modo a possibilitar cuidados hospitalares de qualidade no lar de quem se enquadra nos critérios estabelecidos pelo Programa. A proposta é que o paciente, assim como apresentado no filme em discussão, exerça uma função mais ativa em seu processo de tratamento, deixando de constituir apenas objeto de intervenção da equipe de saúde (Manual Instrutivo do Melhor em Casa, 2015). Várias cartilhas elaboradas no intuito de facilitar o cuidado, em domicílio, por parte da família, podem ser facilmente encontradas na internet. Um exemplo é a “Cartilha do Cuidador: Ajudando a cuidar em casa” (Martins, de-Fari- as, Lacerda & Ribeiro, 2015).

relevante. Ela afirma que é muito difícil ajudar emocional, psicológica ou espiritualmente um paciente à beira da morte se ele estiver sentindo muita dor ou se estiver dopado ou sedado a ponto de não conseguir mais se comunicar. Portanto, o ideal é que os pacientes recebam terapia adequada para controle da dor, mas, ao mesmo tempo, tenham sua consciência preservada até a hora da morte sempre que possível. O controle de sintomas é pré-requisito para o apoio emocional e contribui para um maior bem-estar geral da pessoa no fim da vida e para uma maior tranquilidade da família. No filme em análise, o manejo da dor de Rémy foi tratado como um aspecto prioritário, o que lhe possibilitou tomar decisões importantes sobre como gostaria que fossem os últimos momentos de sua vida. Ressalta-se que o foco no manejo da dor se deu por iniciativa do filho de Rémy e não por fazer parte do protocolo de cuidados do hospital para pacientes fora de possibilidade de tratamento curativo atual.

É relevante comentar que o filme se apresenta como um modelo de como um paciente pode assumir uma posição ativa em seu processo de morrer, assim como familiares e amigos podem demonstrar comportamento de sensibilidade às necessidades do paciente diante da aproximação da morte. Rémy demonstrou facilidade para discriminar e expressar o que era importante para ele naquele momento; seus questionamentos sobre as decisões em relação ao tratamento; além de suas reflexões a respeito da morte, com o medo e o receio que elas lhe traziam. A família e os amigos, por sua vez, mesmo que nem sempre concordassem com as escolhas do protagonista, atendiam a seus pedidos, na medida do possível, e exerciam função de audiência para suas análises sobre viver e morrer. Entretanto, destaca-se que, possivelmente, essa não é a realidade de muitos pacientes e familiares diante da aproximação da morte, uma vez que comumente são encontradas dificuldades para tratar de questões relacionadas ao morrer, conforme foi exemplificado por algumas regras discutidas no tópico anterior, como a de que se deve lutar pela vida a qualquer custo e a de que qualquer opção diferente da cura significa uma derrota.

Faz-se relevante comentar que não se pode ajudar um paciente em fase terminal sem considerar devidamente sua família. O papel desempenhado pelos familiares durante o período da doença e as reações destes contribuem muito para a própria reação do paciente (Kübler-Ross, 1969/1996). Frequentemente observa-se sobrecarga de alguns membros da família, os quais ficam responsáveis por cuidar do doente e resolver questões práticas, como casa/apartamento, seguro, conta no banco, plano de saúde e, além de tudo, precisam lidar com o sofrimento decorrente do contato com a degradação da saúde do ente querido. No filme, inicialmente, os cuidados de Rémy estavam todos sob a responsabilidade da ex-esposa, que depois passou a dividi-los com o filho, e contou, ainda, com o suporte social de amigos. Salienta-se que, embora todos tenham desempenhado funções ativas ao lidar com a aproximação da morte, o filme não retrata nenhuma disponibilidade, no contexto do tra-

tamento, de assistência psicológica especializada com foco na preparação para enfrentar essa experiência. Havia apenas algumas intervenções religiosas padronizadas pouco aprofundadas, que não consideravam a individualidade dos pacientes, a exemplo de uma situação em que a religiosa ofereceu a comunhão para um paciente que não era cristão.

Ainda no que se refere a dificuldades observadas em relação à assistência a pacientes fora de possibilidade de tratamento curativo atual, Contro e cols. (2004) enfatizam o aspecto estressante desse tipo de cuidado. Em seu estudo, profissionais de diferentes áreas envolvidos no tratamento de pacientes em cuidados paliativos referiram que se sentem pouco preparados para se comunicarem com pacientes e seus familiares sobre questões relacionadas ao fim da vida e sobre a transição para os cuidados paliativos. Além disso, sentem-se inexperientes no manejo da dor e de outros sintomas, descrevendo situações em que a dor poderia ter sido mais bem controlada. Esses profissionais apontaram que suas maiores dificuldades ao cuidar desses pacientes é lidar com o próprio sofrimento e a falta de suporte para tal. Afirmaram ainda que sentem falta de um espaço para reflexão e discussão a respeito das perdas. Assim, os autores concluem que a falta de treinamento e competência no manejo de sintomas e em habilidades de comunicação pode exacerbar o estresse dos membros da equipe e afetar a qualidade do tratamento. Ademais, destacam a necessidade de suporte psicossocial não só para pacientes e familiares, mas também para a equipe, uma vez que, para os profissionais de saúde, também é difícil lidar com a morte.

Em adição, a despeito de reconhecer-se a enorme importância de que os profissionais responsáveis pelos cuidados paliativos trabalhem em equipes multidisciplinares, há necessidade de mais interação entre membros de diferentes áreas, tendo em vista a grande complexidade inerente ao tema e o aspecto estressante do cuidar quando já não há chances realísticas de cura (Solomon e cols., 2005). A partir dessas reflexões, fica evidente a importância de que a transformação na maneira de lidar com a morte comece com mudanças na formação dos profissionais de saúde.

Tradicionalmente, as Invasões Bárbaras designam as migrações de vários povos germânicos para os domínios do Império Romano. Essas invasões foram apontadas como variável importante para a crise do Império. Os romanos denominavam “bárbaros” povos estrangeiros, que não falavam latim, não seguiam os costumes romanos e não participavam de sua civilização. No filme em análise, a expressão “invasões bárbaras” é utilizada metaforicamente para se referir à invasão do corpo saudável pela doença, impondo transformações e culminando na crise da existência de Rémy. O diagnóstico de uma doença fora de possibilidade de tratamentos curativos atuais traz a percepção de que tudo aquilo que era seguro e bem conhecido desaparece, sendo substituído por medo, incerteza, caos e solidão; assim, o paciente, bem como

sua família, depara-se com a vulnerabilidade da vida e com o fato de que é impotente diante da aproximação da morte (Beltrão, Vasconcelos, Pontes & Albuquerque, 2007; Björk e cols., 2005; Cardoso, 2007; Rabineau, Mabe & Veja, 2008; Santos & Gonçalves, 2008).

Em conclusão, o filme retrata o processo de escolha de Rémy pela eutanásia ao se deparar com uma condição de adoecimento incurável. Foi possível analisar aspectos filogenéticos, ontogenéticos e culturais que influenciaram sua decisão pelo que considerou uma morte digna. A trama contribui para que o público, ao se colocar no lugar de Rémy, também se questione e reflita sobre como seria seu comportamento em situação semelhante: o que seria necessário, quais seriam suas prioridades, quais seriam suas escolhas em busca de um fim com dignidade. Em última instância, o filme propõe o questionamento da vida como um valor absoluto e confronta o espectador com a contingência enigmática da morte.

Referências

- Abib, J. A. D., & Dittrich, A. (2004). O sistema ético skinneriano e consequências para a prática dos analistas do comportamento. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 17, 427-433.
- Amenábar, A. (Diretor), Amenábar, A., & Bovaira, F. (Produtores). (2004). *Mar adentro* [DVD]. Espanha: Sogepaq.
- Bandeira, L. C. C. (2010). A morte e o culto aos ancestrais nas religiões afro-brasileiras. *Último Andar: Caderno de Pesquisas em Ciências da Religião*, 19, 45-52.
- Baum, W. M. (1994/2006). *Compreender o Behaviorismo: Comportamento, cultura e evolução* (M. T. A. Silva, M. A. Matos & G. Y. Tomanari, trad.). Porto Alegre: Artmed.
- Beltrão, M. R. L. R., Vasconcelos, M. G. L., Pontes, C. M., & Albuquerque, M. C. (2007). Câncer infantil: Percepções maternas e estratégias de enfrentamento frente ao diagnóstico. *Jornal de Pediatria*, 83, 562-566.
- Björk, M., Wiebe, T., & Hallström, I. (2005). Striving to survive: Families' lived experiences when a child is diagnosed with cancer. *Journal of Pediatric Oncology Nursing*, 22, 265-275.
- Boone, J. (Diretor), Bowen, M., & Godfrey, W. (Produtores). (2014). *A culpa é das estrelas* [DVD]. Estados Unidos: 20th Century Fox.
- Cabrera, H. A. (2010). *Eutanásia: Direito de morrer dignamente*. Dissertação de mestrado não publicada, Centro Universitário FIEO, Osasco, SP.

- Caputo, R. F. (2008). O homem e suas representações sobre a morte e o morrer: Um percurso histórico. *Saber acadêmico*, 6, 73-80.
- Cardoso, F. T. (2007). Câncer infantil: Aspectos emocionais e atuação do psicólogo. *Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Hospitalar*, 10, 25-52.
- Chiesa, M. (1994/2006). *Behaviorismo Radical: A filosofia e a ciência* (C. E. Cameschi, trad.). Brasília: IBAC – Celeiro.
- Coixet, I. (Diretor), & Almodóvar, P. (Produtor). (2003). *Minha vida sem mim* [DVD]. Espanha/Canadá: El Deseo S.A.
- Columbus, C. (Diretor), & Columbus, C. (Produtor). (1999). *Lado a lado* [DVD]. Estados Unidos: Columbia Pictures.
- Contro, N. A., Larson, J., Scorfield, S., Sourkes, B., & Cohen, H. (2004). Hospital staff and family perspectives regarding quality of pediatric palliative care. *Pediatrics*, 114, 1248-1252.
- Eastwood, C. (Diretor), Eastwood, C., Ruddy, A. S., Rosenberg, T., & Haggis, P. (Produtores). (2005). *Menina de ouro* [DVD]. Estados Unidos: Warner Bros.
- Giacoaia, O. J. (2005). A visão da morte ao longo do tempo. *Revista Medicina*, 38, 13-19.
- Glenn, S. S. (1991). Contingencies and metacontingencies: Relations among behavioral, cultural, and biological evolution. Em P. A. Lamal (Ed.), *Behavioral Analysis of Societies and Cultural Practices* (pp. 39-73). New York: Hemisphere Publishing Corporation.
- Glenn, S. S. (2004). Individual behavior, culture and social change. *The Behavior Analyst*, 27, 133-151.
- Goldman, A. (1998). ABC of palliative care: Special problems of children. *British Medical Journal*, 316, 49-52.
- Goldman, A., Beardsmore, S., & Hunt, J. (1990). Palliative care for children with cancer – home, hospital or hospice? *Achieves of Disease in Childhood*, 65, 641-643.
- Haneke, M. (Diretor), Ménégos, M., Arndt, S., Heiduschka, V., & Katz, M. (Produtores). (2012). *Amor* [DVD]. Áustria/França/Alemanha: Canal +.
- Iñarritu, A. G. (Diretor), Iñarritu, A. G., Cuarón, C., & del Toro, G. (Produtores). (2010). *Beautiful* [DVD]. México/Espanha: Paris Filmes.

- Instituto Nacional de Câncer (2002). Cuidados paliativos oncológicos: Controle de sintomas – Conduas do INCA/MS. *Revista Brasileira de Cancerologia*, 48, 191-211.
- Instituto Nacional de Câncer (2014). Incidência de câncer no Brasil – Estimativa 2014. Disponível em: <http://www.inca.gov.br/estimativa/2014/index.asp?ID=2>, retirado em 08/11/2014.
- Kardec, A. (1865/1994). *O céu e o inferno* (M. J. Quintão, trad.). Rio de Janeiro: FEB.
- Kovács, M. J. (1992). *Morte e desenvolvimento humano*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Kovács, M. J. (1998). Autonomia e o direito de morrer com dignidade. *Revista Bioética*, 6, 61-69.
- Kübler-Ross, E. (1969/1996). *Sobre a morte e o morrer* (T. L. Kipnis, trad.). São Paulo: Martins Fontes.
- Kübler-Ross, E. (1999/2003). *O túnel e a luz: Reflexões essenciais sobre a vida e a morte*. São Paulo: Verus Editora.
- Marçal, J. V. S. (2010). Behaviorismo radical e prática clínica. Em A. K. C. R. de-Farias (Org.), *Análise Comportamental Clínica: Aspectos teóricos e estudos de caso* (pp. 30- 48). Porto Alegre: Artmed.
- Michael, J. (1982). Distinguishing between discriminative and motivational functions of stimuli. *Journal of Experimental Analysis of Behavior*, 37, 149-155.
- Michael, J. (1993). Establishing operations. *The Behavior Analyst*, 16, 191-206.
- Miguel, C. F. (2000). O conceito de operação estabelecadora na Análise do Comportamento. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 16, 259-267.
- Martins, N. F., de-Farias, A. K. C. R., Lacerda, T. L., & Ribeiro, I. (2015). Cartilha do Cuidador: Ajudando a cuidar em casa. Retirado no dia 02/01/15, do site <http://saudenodomicilio.blogspot.com>
- Ministério da Saúde - MS (2015). *Manual Instrutivo do Melhor em Casa*. Retirado no dia 02/01/15, do site http://189.28.128.100/dab/docs/geral/cartilha_melhor_em_casa.pdf
- Morin, E. (1988). *O Homem e a morte*. Lisboa: Publicações Europa-América.

- Moore, J. (2008). *Conceptual foundations of radical behaviorism*. New York: Sloan Publishing.
- O'Connor, P. (Diretor), Kastner, E., Reuther, S., Stoff, D., & Stoff, E. (Produtores). (2001). *Doce novembro* [DVD]. Estados Unidos: Warner Bros.
- Paracampo, C. C. P., Souza, D. G., Matos, M. A., & Albuquerque, L. C. (2001). Efeitos de mudanças em contingências de reforço sobre o comportamento verbal e não verbal. *Acta Comportamentalia*, 9, 31-55.
- Parry, C., & Chesler, M.A. (2005). Thematic evidence of psychosocial thriving in childhood cancer survivors. *Qualitative Health Research*, 15, 1055-1073.
- Pemberger, S., Jagsch, R., Frey, E., Felder-Puig, R., Gadner, H., Kryspin-Exner, I. & Topf, R. (2005). Quality of life in long-term childhood cancer survivors and the relation of late effects and subjective well-being. *Supportive Care in Cancer*, 13, 49-56.
- Peres, M. F. P., Arantes, A. C. L. Q., Lessa, P. S., & Caous, C. A. (2007). A importância da integração da espiritualidade e da religiosidade no manejo da dor e dos cuidados paliativos. *Revista de Psiquiatria Clínica*, 34, 82-87.
- Postovsky, S., & Arush, M. W. B. (2004). Care of a child dying of cancer: The role of the palliative care team in pediatric oncology. *Pediatric Hematology and Oncology*, 21, 67-76.
- Prata, P. R. (1992). A transição epidemiológica no Brasil. *Cadernos de Saúde Pública*, 8, 168-175.
- Rodrigues, I. G. (2004). *Cuidados paliativos – Análise de conceito*. Dissertação de mestrado não publicada, Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, SP.
- Rosenfarb, I. S., Newland, M. C., Brannon, S. E., & Howey, D. S. (1992). Effects of self-generated rules on the development of schedule-controlled behavior. *Journal of the Experimental Analysis of Behavior*, 58, 107-121.
- Sales, A. A., Silva, M. R. B., Borgognoni, K., Rorato, C., & Oliveira, E. T. (2008). Cuidado paliativo: A arte de estar-com-o-outro de uma forma autêntica. *Revista Enfermagem UERJ*, 16, 174-179.
- Santos, L. M. P., & Gonçalves, L. L. C. (2008). Crianças com câncer: Desvelando o significado do adoecimento atribuído por suas mães. *Revista de Enfermagem UERJ*, 16, 224-229.

- Rabineau, K. M., Mabe, P. A., & Vega, R. A. (2008). Parenting stress in pediatric oncology populations. *Journal of Pediatric Hematology/Oncology*, *30*, 358-365
- Schnabel, J. (Diretor), & Kennedy, K. (Produtor). (2007). *O escafandro e a borboleta* [DVD]. Estados Unidos/França: Miramax Filmes.
- Schramm, F. R. (2002). Morte e finitude em nossa sociedade: Implicações no ensino dos cuidados paliativos. *Revista Brasileira de Cancerologia*, *48*, 17-20.
- Skinner, B. F. (1953/1998). *Ciência e comportamento humano* (J. C. Todorov & R. Azzi, trad.). São Paulo: Martins Fontes.
- Skinner, B. F. (1971/2002). *Beyond freedom and dignity*. Indiana: Hackett Publishing.
- Skinner, B. F. (1974/2004). *Sobre o Behaviorismo* (M. da P. Villalobos, trad.). São Paulo: Cultrix.
- Skinner, B. F. (1981). Selection by consequences. *Science*, *213*, 501-504.
- Skinner, B. F. (1986/1996). *Upon further reflection*. New Jersey: Prentice Hall.
- Solomon, M. Z., Sellers, D. E., Heller, K.S., Dokken, D. L., Levetown, M., Rushton, C, Truog, R. D., & Fleischman, A. R. (2005). New and lingering controversies in pediatric end-of-life care. *Pediatrics*, *116*, 872-883.
- Spúlveda, C., Marlin, A., Yoshida, T., & Ullrich, A. (2002). Palliative care: The World Health Organization's global perspective. *Journal of Pain and Symptom Management*, *24*, 91-96.
- Steinhauser, K. E., Christakis, N.A., Clipp, E. C., McNelly, M., Granbow, Parker, J., & Tulsky, J. A. (2001). Preparing for the end of life: Preferences of patients, families, physicians and other care providers. *Journal of Pain and Symptom Management*, *22*, 727-737.
- Todorov, J. C. (1989). A psicologia como estudo de interações. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, *5*, 325-347.
- Villas-Bôas, M. E. (2008). A ortotanásia e o Direito Penal brasileiro. *Revista Bioética*, *16*, 61-83.
- Villasenor, R. L., & Concione, M. H.V.B. (2012). A celebração da morte no imaginário popular mexicano. *Revista Temática Kairós Gerontologia*, *15*, 37-47.
- Wolfe, J., Klar, N., Grier, H.E., Duncan, J., Emanuel, E. J., & Weeks, J. C. (2000). Understanding of prognosis among parents of children who died of cancer: Impact

on treatment goals and integration of palliative care. *The Journal of the American Medical Association*, 284, 2469-2475.

Wolfe, J., Grier, H. E., Kar, N., Levin, S. B., Ellenbogen, J. M., Salem-Schatz, S., & Emanuel, E. J. (2002). Symptoms and suffering at the end of life in children with cancer. *The New England Journal of Medicine*, 342, 326-333.

CAPÍTULO 7

ENTRE OS MUROS DA ESCOLA: REFLEXÕES SOBRE EDUCAÇÃO ESCOLAR E CONTROLE AVERSIVO

Natalie Brito Araripe

Instituto Federal do Rio Grande do Norte

Aída Teresa dos Santos Brito

Universidade Federal do Piauí

Título do filme: Entre os muros da escola

Título original: *Entre les Murs*

Ano: 2008

Diretor: Laurent Cantet

Produtores: Carole Scotta, Caroline Benjot

Lançado por: Imovision

Descrição do Filme



Figura 1: Entre os muros da escola

O objetivo deste capítulo é realizar reflexões sobre a escola como agência de controle do comportamento, assim como sobre o controle aversivo. Para tanto, utilizaremos o filme “Entre os muros da escola” (Entre les Murs, 2008), vencedor do “Palma de Ouro” em 2008, que retrata, em tom similar aos dos documentários, o cotidiano de uma sala de aula na França contemporânea. O capítulo está dividido seguindo a estrutura do filme: fazemos um resumo narrativo do filme e nele incluímos análises funcionais e teóricas de trechos relevantes da película. Após uma discussão sobre o enredo filme e a teoria analítico-comportamental, ampliaremos as análises, articulando-as com algumas teorias da Educação.

A história gira em torno das aulas do professor François Bégaudeau para a 7^a série, com alunos entre 13 e 15 anos, numa escola pública típica da realidade francesa no início do século XXI, onde há presença significativa de imigrantes. O ator principal também é professor na vida real e o filme é baseado em um livro que escreveu a partir de suas experiências em sala de aula. Os alunos do filme não são atores e tiveram muito espaço para improvisar, dado pelo diretor do filme, Laurent Cantet. Todos esses são fatos que tornam o filme impressionantemente “real”! As situações retratadas no filme, apesar de fazerem parte da realidade da França, não se distan-

ciam da realidade das escolas brasileiras, o que ficará claro no decorrer desse capítulo.

Conceitos Básicos da Análise do Comportamento Aplicados à Educação

Antes de iniciarmos a exposição da análise do filme, faz-se necessário esclarecer alguns pontos conceituais fundamentais para o entendimento do capítulo, relativos ao controle aversivo.

Skinner (1953/2003, 1974/2006) afirma que as nossas ações operam sobre o meio – comportamento operante – gerando consequências, que fortalecem ou enfraquecem tal relação. Quando fazemos um trabalho (ação), passamos na disciplina (consequência) e voltamos a fazer o trabalho, dizemos que a relação ação-consequência foi fortalecida. Quando fazemos o mesmo trabalho, mas somos reprovados e deixamos de fazer trabalhos posteriores, dizemos que tal relação foi enfraquecida. A relação entre a ação e suas consequências, ou as condições sob as quais a ação produz a consequência é chamada contingência.

Muitas vezes operamos nesse meio sendo controlados por adição de consequências que fortalecem a nossa ação (ou reforçadoras positivas). Essas consequências reforçadoras podem ser consideradas naturais, quando são produzidas automaticamente pela resposta (por exemplo, se engajar em atividade física para sentir prazer), ou artificiais, quando têm uma relação arbitrária com as respostas que a produzem (neste exemplo, engajar-se em atividade física para ser considerado bonito) (Catania, 1998/1999).

No entanto, nem sempre nos comportamos em função de produção de consequências que fortalecem nosso comportamento. Comportamo-nos também, ou deixamos de nos comportar, controlados por relações (contingências) aversivas. Chamamos de controle aversivo (Catania, 1998/1999) quando operamos sobre o meio e essa ação:

1. É fortalecida pela remoção de um estímulo aversivo (reforço negativo, nosso comportamento de fugir ou de se esquivar de algo, como quando usamos óculos escuros para retirar o excesso de luminosidade ou copiamos um trabalho de um colega para não tirar nota baixa); ou
2. É enfraquecida pela apresentação de consequências aversivas (punição positiva, como quando apanhamos ou levamos uma bronca e deixamos de fazer o que estávamos fazendo quando esse evento ocorreu); ou
3. É enfraquecida pela retirada de outras consequências apetitivas (punição negativa, como quando somos detidos ou temos alguma outra forma de retirada de benefí-

cios, e deixamos de fazer o que estávamos fazendo quando esse evento ocorreu), que também reduzem a frequência da ação.

Dessa forma, tem-se, em síntese, que o controle aversivo ocorre quando há contingências reforçadoras negativas ou contingências punitivas, controlando o comportamento. Ou seja, o controle aversivo pode ser operacionalizado em termos das operações mais frequentemente envolvidas nele (Skinner, 1953/2003).

A prática do controle aversivo tem vários efeitos colaterais. Um deles é o contracontrole. Skinner (1974/2006) afirma que contracontrole é a prática de se opor ao controle. Ele diz que “os controlados passam a agir. Escapam ao controlador – pondo-se fora do seu alcance, se for uma pessoa; desertando de um governo; apostasiando de uma religião; demitindo-se ou mandriando – ou então atacam a fim de enfraquecer ou destruir o poder controlador” (p. 164). Além do contracontrole, a prática do controle aversivo frequentemente gera reações emocionais fortes, como medo, ansiedade, fobias. Como explicita Skinner (1974/2006, p. 56),

“se (a pessoa) foi punida por seus iguais, diz-se que ela se sente envergonhada; se foi punida por uma instituição religiosa, diz-se que se sente pecadora; se foi punida por um órgão do governo, diz-se que se sente culpada. Se age no sentido de evitar outra punição, pode moderar a condição sentida como vergonha, pecado ou culpa.”

Não obstante, é importante ressaltar que, apesar de Skinner ter enfatizado em sua obra os efeitos negativos do controle aversivo em absoluto, alguns autores questionam o fato de ele não ter conceitualizado controle aversivo e mostram pesquisas que fazem contrapontos às falas de Skinner. Sobre esse tópico, cabe aqui uma das conclusões de um artigo elaborado por Martins, Carvalho Neto e Mayer (2013, p. 14):

“Conclui-se que Skinner, de modo geral, opõe-se à utilização de controle aversivo como primeira alternativa de intervenção, porém, em alguns momentos, justifica seu uso diante de situações extremas e não o prescreve genericamente. Tal constatação acerca dos posicionamentos de Skinner sobre o uso ou não de controle aversivo poderá contribuir para o esclarecimento de um dos principais debates da área, conhecido como controvérsia aversiva (ver Iwata, 1988; Mulick, 1990; Newsom & Kroeger, 2005). Em tal debate, diversos autores e profissionais discutem se intervenções comportamentais deveriam ou não adotar tecnologias baseadas em contingências aversivas. Revisões de literatura de diferentes décadas apontam tanto a eficácia do uso de punição, quanto o questionamento da ocorrência de efeitos colaterais negativos, em geral, salientando a maior eficácia de tratamentos mistos, com algum elemento aversivo (Matson & LoVullo, 2008; Matson & Taras, 1989; Prangell, 2010).”

Ressalta-se aqui que, apesar das discussões que questionam o conceito e os efeitos do controle aversivo, o objetivo desse capítulo não é o de aprofundar a discussão, e sim, o de operacionalizar os conceitos de controle aversivo e seus efeitos, sob a ótica dos autores clássicos na Análise do Comportamento, utilizando o filme “Entre os muros da escola” como instrumento para essa análise.

Outro conceito importante para a compreensão dos pontos abordados nesse capítulo é o de aprendizagem para a Análise do Comportamento. Aprendizagem, “de maneira geral, se trata da aquisição ou o processo pelo qual o comportamento é adicionado ao repertório do organismo; ou mudança relativamente permanente no comportamento” (Catania, 1998/1999, p. 385). É importante ressaltar então que, para que a aprendizagem ocorra, deve haver uma mudança relativamente permanente no comportamento, ou seja, só o ato de se planejar um ensino não garante a aprendizagem por parte do aluno.

O processo de aprendizagem de comportamentos ocorre por meio da seleção pelas consequências, a qual se dá em três níveis: filogenético, relacionado ao desenvolvimento da espécie e os resultantes biológicos que influenciam o comportamento do organismo; ontogenético, relacionado à seleção do comportamento pelas consequências ao longo da história de vida; e cultural, relacionado ao efeito dos grupos na evolução das culturas (Skinner, 1981/2007). Há que se dizer, assim, que os três níveis de seleção interagem de forma a determinar a ocorrência do comportamento. Esse modelo explicativo da Análise do Comportamento é diferente de outros modelos geralmente utilizados pela Psicologia da Educação, pois não considera uma relação simples de causa-efeito, e sim, um complexo emaranhado de contingências que se entrelaçam e selecionam os comportamentos.

Sendo assim, os comportamentos dos alunos e dos professores na escola e os comportamentos de ensino e de aprendizagem fazem parte desse processo complexo de aprendizagem e seleção pelas consequências. Dessa forma, teremos análises dos comportamentos de ensinar e aprender, encadeados e interdependentes (Kubo & Botomé, 2001). As análises apresentadas a seguir partem dos pressupostos aqui explicitados, e utilizam frases ditas pelos personagens do filme como base para a análise.

Entre os Muros da Escola e Análise do Comportamento

– *“Desejo aos novatos muita coragem”*

Essa é a fala de um professor veterano aos professores novatos na primeira cena do filme, quando os docentes, que iniciam o ano letivo, estão se apresentando uns para os outros. Fica bem claro na fala e no tom de voz dos professores, o desgaste da profissão docente, fruto de variáveis culturais que impõem exigências curriculares

extensas e distantes da realidade dos alunos, o que acaba tornando a escola aversiva e gerando contracontrole por parte dos alunos.



Figura 2: Professor François.

O controle aversivo pode trazer muitos efeitos colaterais negativos, como já citado. No contexto educativo, esses efeitos são bastante evidentes, a exemplo do que afirma Hübner (2012, p. 82):

“Castigos, retiradas de privilégios, humilhação são constantes no meio escolar e seus efeitos colaterais são dolorosos: Branco, ansiedade, medo, desligar-se, desistir, lentidão, adiar e autoconhecimento deficiente. Acrescenta-se, ainda a supressão de respostas, que é a paralisia diante de um contexto em que a coerção prevalece (o ‘branco’ em provas, o ‘não perguntar’, por exemplo) (Sidman, 1989/1995). Uma cultura anti-saber.”

– *“Tem noção do que significa perder 15 minutos de uma hora?”*

Primeiro dia de aula da 7^a série, alunos agitados, se conhecendo e conversando. O protagonista – professor François – diz que estão perdendo o tempo da aula com a conversa. Quando diz isso, a turma se cala, indicando que o comportamento dele foi reforçado negativamente pela turma (ou seja, a retirada de um estímulo aversivo, a bagunça, fortalece o comportamento de brigar com a turma). Já o comportamento

das pessoas da turma foi punido, (ou seja, reduziu de frequência após a adição de um estímulo aversivo).

Quando fazemos essas considerações, pode-se dizer que estamos analisando a função de um comportamento, ou seja, analisamos de quais contingências o comportamento é função. No caso do exemplo acima, temos comportamentos controlados por reforço negativo e por punição positiva. Ambos os processos são chamados de controle aversivo, anteriormente definido (Baum, 1994/2006; Catania, 1998/1999).

Nesse ponto, destaca-se o que dissemos sobre as aversivas e extensas exigências curriculares que devem ser feitas pelo professor e obedecidas pelo aluno. O ano letivo no filme já começa com contingências aversivas, quando um controla o comportamento do outro por meio de reforçamento negativo ou punição. Sobre esse ponto, cabe a análise de Medeiros (2012, p. 17) sobre a nossa maneira já naturalizada de conceber a educação:

“Além de professor e aluno serem vistos e analisados separadamente, o nosso olhar tem sido dirigido apenas para os aspectos formais e acadêmicos do aprender. O aluno possui sensações, desejos, valores... Enfim não apenas o que visivelmente aparece à nossa percepção... mas também sua subjetividade tem sido deixada de lado em nome da eficiência acadêmica.”

A questão é: sob qual contexto os 15 minutos nos quais os alunos estão se conhecendo são uma perda de tempo? Uma reflexão acerca do contexto no qual esses comportamentos ocorrem é fundamental para que se entenda essa configuração.

– *“Sei... vai anotar em casa”*

Quando o aluno Souleymane afirma que não quer anotar a atividade de sala, o professor responde: “sei... vai anotar em casa”. Em consequência, o aluno para de falar e baixa a cabeça, notavelmente constrangido, e alguns alunos riem. Tal comportamento pode ser caracterizado como ironia e funciona ocasionalmente, quando o professor consegue a atenção dos alunos (reforço social). Por funcionar de forma intermitente, o comportamento irônico é emitido com alta frequência pelo professor François. O comportamento verbal de fazer humor (no qual ironia pode ser encaixada) é controlado por múltiplas variáveis, sendo a audiência uma das principais fontes de controle (Hübner, Miguel & Michael, 2012). No caso do professor François, observa-se que ele se comporta bastante sob controle dos alunos (sua audiência), como já apontado por breve análise deste filme realizada por Marinotti, da Hora, Coimbra e Matheus (2011).

O problema de se usar ironia como forma de chamar a atenção da turma é que, ao mesmo tempo em que se pode obter reforço social de parte da turma, pode-se punir o comportamento da pessoa que foi atingida pela ironia, constringendo-a, a exemplo do que aconteceu na situação supracitada. Ou seja, mais uma vez, utiliza-se controle aversivo.

– *“Escolher nomes em função de cada aluno é impossível”*

Quando François coloca um exemplo no quadro, uma aluna pergunta-lhe o porquê de ele só colocar nomes pessoais tradicionais franceses, como Bill, e não colocar nomes mais próximos à realidade dos alunos. Em resposta a esse questionamento, o professor argumenta que escolher nomes em função de cada aluno é impossível. No entanto, muda o nome para um mais familiar ao contexto, o que demonstra claramente que ele estava sob controle do comportamento dos alunos.

Ao afirmar que seria impossível escolher os nomes em função de cada aluno, provavelmente ele está correto, haja vista que há mais de 30 alunos na sala de aula. O fato de as salas serem cheias, o que também ocorre no Brasil, torna muito difícil ficar sob controle das variáveis individuais dos alunos em sala de aula, o que seria ideal no enfoque analítico-comportamental. Keller (1967), um grande analista do comportamento, propôs um sistema de ensino individualizado (PSI), no qual enfatizou a importância de se respeitar o ritmo de cada aluno.



Figura 3. A sala de aula.

Além disso, no PSI, é recomendado que o curso seja dividido em pequenas tarefas, o que já ocorre nos currículos tradicionais. No entanto, no sistema comportamental de ensino, se o aluno não “passa” no curso, seus comportamentos não são punidos, como numa reprovação. Os problemas são demonstrados a esse aluno e ele é incentivado a estudar novamente. Ele não “sai da turma” e seus colegas são incentivados a ajudá-los. O material do curso deve ser modificado sempre que os alunos

necessitarem (ou seja, não é estanque como no sistema tradicional de ensino) e todo aluno, quando cumprir o módulo, deve receber nota 10. O professor tem a função de um mediador desse estudo e não dá aulas expositivas como regra (Hübner, 2012; Keller, 1967; Todorov, Moreira & Martone, 2009).

– *“Se eu não tivesse pulso firme, vocês não fariam nada”;*

– *“Desde quando a vontade de vocês é o que vale aqui?”; e*

– *“Vocês precisam entender que eu sou o professor, posso dizer as coisas, mas os alunos não podem!”*

Uma das maiores dificuldades que os professores enfrentam hoje – quando o professor, em regra, não mais é visto como inquestionável detentor do conhecimento – é o relacionamento com a turma. As falas acima, do professor François, ilustram bem esse problema. Como já destacamos, a matéria geralmente é extensa e entediante, mas, por outro lado, as operações motivadoras¹² dos alunos adolescentes, geralmente, estão bastante ligadas à efetividade do reforço social¹³ – comportamentos que concorrem com a atenção ao professor. Esse contraste torna a atividade de lecionar para adolescentes um grande desafio. Por isso, frequentemente, o professor François recorre a comportamentos autoritários, punindo comportamentos de interação dos alunos, como justificativa para ter o “controle da turma”. O problema do autoritarismo é que frequentemente gera supressão condicionada de vários comportamentos dos alunos (isto é, eles deixam de se comportar em várias situações na sala de aula). Skinner (1968/1972), no entanto, se opõe a esse tipo de supressão, ao afirmar que escola também é um local para conversas, que são essenciais na aquisição de repertórios. É importante ressaltar que não estamos defendendo que o professor não deve criar regras de convivência em sala de aula, e sim lançando um questionamento: os alunos não fazem nada por falta de pulso firme ou por não haver operações motivadoras para aprendizagem? Essa pergunta leva à outra: nos planejamentos de ensino, além de se planejar o conteúdo a ser ministrado, também são planejadas formas de criar contextos (operações motivadoras e estímulos discriminativos) adequados para a aprendizagem da situação?

– *“Não dá para ser criança para sempre!”;*

– *“Fui a uma festa onde só tinha gente coalhada”*

¹²Operações motivadoras são “eventos ambientais que alteram a efetividade reforçadora de um estímulo, assim como evocam todo comportamento que, no passado, foi seguido por tal estímulo” (Miguel, 2000, p. 1).

¹³Reforço social é a consequência reforçadora mediada por outras pessoas. Ocorre com alta frequência em grupos (Skinner, 1953/2003).

Essas duas falas são de personagens diferentes do filme e aparecem em momentos diferentes, mas ambas possuem um ponto em comum: o repertório comportamental na adolescência. O uso de gírias típicas de um grupo, a transição entre repertórios comportamentais de dependência, na infância, e de autonomia, na idade adulta, a sensibilidade a reforçadores sociais e de grupo são algumas dessas características tratadas por autores clássicos do desenvolvimento (*e.g.*, Cole & Cole, 2004) do adolescente, e operacionalizadas aqui na nomenclatura analítico-comportamental.



Figura 4. A sala de aula.

Para Bukstein (1995), na adolescência, o sujeito passa a executar tarefas ligadas à independência e ao desenvolvimento de comportamentos alternativos, o que torna mais provável a emissão de comportamentos de risco. Além disso, torna-se mais frequente o questionamento de regras impostas por agências de controle¹⁴. Espera-se que o professor responsável por uma turma de adolescente seja sensível a essas variáveis e estabeleça condições motivadoras compatíveis com os gostos e interesses comuns a essa idade.

– *“Vocês pensam muito em punir e jamais valorizam os alunos!”;*

¹⁴ Agências de controle são grupos geralmente bem organizados que frequentemente operam com sucesso na manipulação de um conjunto particular de variáveis. Os governos, as religiões, as escolas são exemplos comuns de agências de controle (Skinner, 1953/2003).

– “Vocês não exigem mais dos bons alunos. Ficam estagnados por causa dos alunos médios!”;

– “O dele está sempre bom. O nosso nunca!”

As três falas acima pertencem a momentos diferentes do filme. As duas primeiras são ditas por mães de alunos, durante a reunião de colegiado, quando os professores se questionam sobre como punir os alunos em seu mau comportamento. Esses questionamentos das mães, contudo, são imediatamente punidos pelos professores. Já a terceira fala é de um aluno, que reclama com o professor François, pois ele elogiara o trabalho de um colega, que sempre é elogiado, situação que é corriqueira no filme.



Figura 5. Reuniões no contexto escolar são comuns. No entanto, elas saem do muro da escola?

Em nossa experiência na Psicologia Escolar, é bastante frequente a queixa de que alguns professores ficam sob controle do comportamento de poucos alunos em detrimento dos outros. Isso gera frequentemente um sentimento de desamparo, uma vez que nenhum comportamento de alguns alunos é reforçado.

Numa concepção analítico-comportamental, o professor deve inicialmente identificar o repertório inicial do aluno – ou seja, o que o aluno já sabe – e, a partir daí, reforçar

os pequenos ganhos de cada aluno em seu nível atual (Hübner, 2012; Keller, 1967; Rodrigues, 2012).

Apesar de comumente o protagonista ficar mais sob controle de alguns alunos, em alguns momentos, ele tenta ficar sob controle dos diferentes níveis de aprendizagem dos alunos. Por exemplo, quando passa uma atividade de autorretrato para a turma, ele pede a um aluno que tem escrita insuficiente e gosta de tirar fotografias que faça um autorretrato por fotografias e até expõe o trabalho para a turma, dizendo: “Se um aluno faz um bom trabalho, gosto que a turma toda veja”.



Figura 6. O professor François ensinando a Souleymane a atividade.

Nesse caso, pela primeira vez, o aluno Souleymane participou de uma atividade na sala e ainda sorriu quando os demais alunos elogiaram sua atividade. Esse é um exemplo claro de como os princípios analítico-comportamentais funcionam. O professor manejou as contingências para que o aluno emitisse comportamentos relacionados ao conteúdo ministrado e ainda fez com que a turma os reforçasse.

- *“Não se cansa de brigar como um bobo?”;*
- *“Pode melhorar, desde que mude sua atitude”;* e
- *“Não é vingança, mas disciplina. Percebe a diferença?”*

Apesar de a relação entre Souleymane e o professor François ter melhorado, na primeira pequena discussão entre eles na sala, o professor retira Souleymane da sala, provavelmente sob controle da regra de “não perder a autoridade”, que expli-

camos anteriormente. Assim, mesmo que o professor fique sob controle de algumas contingências da sala, a regra de “ser a autoridade” parece controlar mais seu comportamento.

Na primeira discussão, ele já emite regras que definem contingências aversivas a fim de controlar o comportamento do aluno por meio de reforço negativo. Quando o professor diz “brigar como um bobo”, está sinalizando que, noutras contingências, o aluno, ao brigar, era ridicularizado por algumas pessoas, e o faz sentir vergonha, a fim de evitar (reforço negativo) fazer papel de bobo novamente. Na introdução, enfatizamos que o sentimento de vergonha, para Skinner (1974/2006), ocorre quando o comportamento de uma pessoa é punido pelos iguais. Ainda de acordo com o professor, o aluno pode melhorar, desde que “mude sua atitude”. Mas o que é mudar de atitude? Essa frase não parece dizer muita coisa. Em primeiro lugar, atitude é um termo vago, que pode refletir diferentes padrões de comportamento. Em segundo lugar, diz-se assim que a mudança partiria do aluno, indo de encontro ao princípio comportamental de que as contingências ambientais modificam o comportamento. Tal situação culmina na ida de Souleymane ao conselho de classe, onde decidem expulsá-lo e, mais uma vez, lhe atribuem culpa, quando um professor afirma “não é a escola que expulsará ele”, culpabilizando o garoto pela situação da expulsão.



Figura 7. O jovem Souleymane e sua mãe, ao saberem que ele foi expulso.

Este é o ápice do controle aversivo no filme: a escola expulsar o aluno que não se adaptou a seus “muros”. Vemos, nesse contexto, uma escola completamente alheia à realidade multicultural dos adolescentes que a frequentam, numa busca constante de “colonizar” os estudantes. E podemos questionar: o que eles aprendem? No último dia de aula, quando o professor François lhes pergunta o que aprenderam nesse ano, há uma aluna que parece nos responder. Seus colegas haviam dito “trigono-

tria e reprodução humana”, mas, enquanto o professor se prepara para sair, a sós, ela lhe diz: “Eu não aprendi nada”.

Ampliando o Debate: Articulação com Teóricos da Educação

O retrato que analisamos no filme, há tempos, vem sendo debatido no âmbito educacional e essa discussão está longe de se esgotar. Um dos principais focos da discussão é sobre como saímos desta encruzilhada: a de não produzir efeito, ou pior, de produzir efeitos negativos para todos os atores da escola. Atualmente, teóricos da Psicologia Escolar e da Psicologia da Educação, geralmente da abordagem histórico-cultural, não adeptos à Análise do Comportamento, tentam responder a essas questões ao se perguntar qual seria o real problema: a formação do professor, as questões dos processos de reflexão da escola, os saberes docentes, a associação entre teoria e prática?

O caminho apontado por diversos estudiosos é, na verdade, não procurar uma resposta isolada e descontextualizada. Para Patto (1990), a questão educacional deve ser considerada em suas conexões com eventos relacionados entre si, vinculados ao passado, presente e futuro, não dissociados de seus significados. A autora estuda a produção do fracasso escolar e aponta em sua obra, considerada um clássico dentro das áreas de Educação e Psicologia, suas causas, rompendo com o tratamento teórico-metodológico que tinham os estudos até então. Patto considera os processos psicossociais envolvidos nas práticas sociais da produção e reprodução do fracasso escolar.

Na Análise do Comportamento, compreendemos essa problemática como parte do nível cultural de seleção do comportamento humano, no qual se relacionam as práticas culturais e as agências de controle. Para Skinner (1953/2003), as agências de controle do comportamento estão inseridas em um contexto social, no qual manipulam um conjunto de variáveis de modo bastante efetivo, por serem mais bem organizadas do que o grupo como um todo. Em tais agências, geralmente, uma minoria detém o poder e o exerce sobre a maioria. Esse exercício de poder pode ser observado em contextos mais amplos – como entre o Estado e o povo –, mas também nas relações interpessoais – como aquelas entre professor e alunos, das quais nos ocupamos.

Discussão Analítico-comportamental dos Temas do Filme

O fracasso escolar é uma denominação comumente utilizada quando não há a aprendizagem escolar, que geralmente culminam em reprovações de ano. Viecili e Medeiros (2002), em pesquisa com alunos de escola pública, constataram que os professores utilizam mais coerção com os alunos com história de fracasso escolar,

enquanto usam de reforço positivo para os comportamentos de alunos sem história de fracasso escolar. Os autores afirmam ainda que:

“Nas instituições escolares, conforme comenta Zanotto (2000), ao longo das reformas educacionais, o controle aversivo foi ganhando características cada vez mais sutis, embora os efeitos gerados não sejam menos graves. Os castigos corporais foram substituídos, e os professores passaram a usar os próprios recursos didáticos como punição, como aponta Oliveira (1998): ‘dão aos alunos tarefas adicionais, livros para ler como castigo por alguma indisciplina’ (p. 13). Pode-se dizer que alguns professores acabam, por vezes, usando o ensino contra o próprio ensino.”

Essas e outras classes de controle aversivo na escola são um conjunto de práticas que foram e, muitas vezes, continuam a ser utilizadas dentro dos “muros” da escola. Mas por que, ainda hoje, se usa o controle aversivo como forma de educação? Para entender as práticas culturais aversivas presentes no ambiente escolar, precisamos compreender o contexto em que a escola se constituiu.

Esse porquê parece estar calcado em uma história de produção de comportamentos ineficientes. Nessa caminhada, a educação passou muitos anos concentrada em atribuir causas biológicas aos problemas nascidos na escola. Até o século XX, muitos autores consideravam somente as variáveis presentes no estudante como responsáveis pelo fracasso escolar. Aprender ou não aprender dependeria exclusivamente do aluno e as explicações para o não aprendizado seriam plenamente justificáveis no campo biológico. Atribuía-se, assim, a “culpa” de não aprender ao aluno, enquanto se desenvolvia, no campo educacional, o hábito de se diagnosticar quaisquer “comportamentos-problema” ou comportamentos desviantes da norma como patológicos. Levando a cabo esse pensamento, bastaria excluir os alunos “problematizados” para favorecer o processo educacional dos alunos “normais” – em detrimento, é claro, do aprendizado e do convívio social dos primeiros (Patto, 1990; Salvador e cols., 2000).

O uso dos aversivos é antigo. No Brasil do século XIX, o abandono de crianças nas Rodas dos Expostos¹⁵ era usado como solução para a educação de crianças ser deixada para trás. Do contrário, as crianças logo eram inseridas no mundo do trabalho, onde seriam mais úteis e evitava que fossem abandonadas, nas ruas. Para os pobres, era esse o destino, enquanto, para os ricos, a educação geralmente se dava em suas próprias casas. Quando inseridas em colégios, no entanto, não escapavam também ao uso de castigos físicos, que se tornaram marco de uma época, como

¹⁵ “A primeira roda instituída especificamente para receber crianças foi a do Hospital do Espírito Santo em Roma, em 1198. Já no século XV, a instalação de tais rodas em hospitais tornara-se prática corrente. Havia vários métodos de informar aos internos de que um bebê tinha sido colocado na roda. Normalmente, existia um pequeno sino do lado de fora da parede, junto à roda, para ser tocado pela mãe; havia também as rodas mais sofisticadas, em que o peso do bebê fazia soar automaticamente um sino dentro do hospital” (Russell-Wood, 1981, p. 233).

constatamos, até hoje, no conhecido dito popular: “dar a mão à palmatória” (Patto, 1990).



Figura 8. Controle aversivo na educação.

Era esse o princípio de “civilidade para educabilidade”, no qual civilizar pressupunha uma mudança de comportamento em direção ao controle dos sentimentos, traduzido no corpo, nos hábitos e nos costumes. O ser humano é um ser social, pois toda ação individual é também social, interdependente. Segundo o princípio, seremos tanto mais civilizados quanto maior for o autocontrole em prol da coletividade. Civilizar seria, portanto, mudar o comportamento e, para isso, regras de conduta, manuais de etiqueta e castigos são infligidos de forma naturalizada. Como produtos desse controle aversivo, temos embaraço, vergonha e repugnância ao ato de estudar (Elias, 1994; Veiga, 2012).

Após a virada do século XX, vai sendo produzida uma nova concepção da criança e de sua natureza e, com isso, começa a ocorrer uma transformação gradual no âmbito da educação. Nesse momento, os marcos estruturalistas, funcionalistas e associacionistas passam a questionar o significado subjacente ao fracasso escolar e de todos os aversivos nele contidos. Com o passar do tempo, estudos sobre o ambiente ganham força (Perini, 2003).

Com essas novas contribuições, incluindo aquelas de associacionistas, como Thorndike, surgem as ideias comportamentalistas. Nascendo em 1913, com o artigo “Psychology as the behaviorist views it”, de Watson, a Psicologia Comportamental não mais compreendia a psicologia como o estudo da consciência e da subjetividade, mas sim com base no materialismo e na objetividade (Perini, 2003). Essa nova

compreensão surgiria como alternativa às práticas educacionais citadas anteriormente e aos pressupostos que as sustentavam.

Revisando a proposta de Watson, Skinner evoluiu essa abordagem, através do rigor científico e lógico, com posições claras a respeito do objeto de estudo, da metodologia e da relação entre pesquisa básica e aplicada (Perini, 2003). Com o Behaviorismo Radical de Skinner, nasce o conceito de comportamento operante, definido como o comportamento no qual o indivíduo atua sobre o ambiente, modificando-o e sendo modificado por ele, de uma forma singular (Skinner, 1953/2003, 1968/1972). Essa forma de conceber o homem a partir de sua interação com o ambiente trouxe enormes avanços para a educação.

Skinner (1968/1992), em sua obra “Tecnologia de Ensino”, define ensinar como “o ato de facilitar a aprendizagem, no sentido de que quem é ensinado aprende mais rapidamente de quem não é” (p. 4). Esse arranjo de contingências nos parece um caminho adequado para a solução dos problemas educacionais, superando o arranjo problemático que vemos durante o desenrolar do filme. Na descrição do filme, vê-se que o professor François Bégaudeau parece não conhecer o repertório de cada aluno para montar planos individuais de intervenção, o que, infelizmente, parece se repetir em muitas escolas brasileiras. Apesar de a Psicologia Comportamental ter demonstrado a necessidade de contextualizar e individualizar o ensino, esse princípio – custoso, é verdade – continua não sendo aplicado, o que parece tornar o aprendizado cada vez mais aversivo.

Uma pesquisa feita por Caldas e Hübner, em 2001, revela que a maioria dos alunos se “desencanta” com o aprender na escola conforme avança nas séries escolares. A concepção de que aprender na escola é “muito legal” diminui com a progressão das séries escolares, enquanto a incidência de alunos que “não gostam de aprender na escola” aumenta gradualmente. Esse resultado aponta o descrédito que alunos e professores têm no processo educacional e descortina a necessidade de novos arranjos, novas propostas formativas para o profissional da educação.

De acordo com Rodrigues (2005), há aspectos importantes para um arranjo sistemático de contingências, enfatizando o papel ativo do professor em procedimentos necessários para a consecução de seus objetivos, tais como: minimizar ou eliminar contingências aversivas, fornecer condições consequentes ao comportamento do aluno, substituir progressivamente reforços arbitrários por reforçadores naturais, promover a manutenção e generalização¹⁶ de comportamentos após a instalação, respeitar o ritmo do aluno, graduar conteúdos por dificuldade, propor e executar estratégias e procedimentos de ensino (Rodrigues, 2005, 2007; Zanotto, 2000).

¹⁶ Generalização é um termo que se refere à emissão de um comportamento treinado diante de situações em que não houve treino (Catania, 1998/999).

Esse parece ser o caminho para a construção de uma educação tão eficiente quanto reforçadora – e não aversiva –, um processo interacional que ocorre no tempo. Entender e estudar essas interações nos ambientes de ensino são extremamente importantes para elucidar como ampliar as contingências de aprendizagem. Afinal, como aponta Skinner (1968/1972), nem aluno absorve passivamente o conhecimento, nem professor pode usar um método pré-estabelecido e aplicável a qualquer contexto e a qualquer aluno. Pelo contrário, o aluno deve desempenhar um papel ativo no aprendizado desse conhecimento, enquanto o professor precisa, em conjunto com a equipe e com a escola, arranjar novas formas e buscar novos manejos para o processo de ensino. Aplicam-se, assim, os princípios do condicionamento operante e da tecnologia comportamental à realidade da educação.

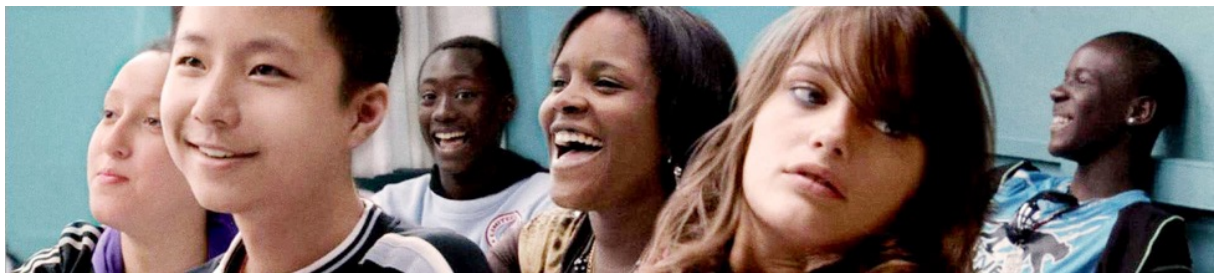


Figura 9. A diversidade entre os muros da escola

Referências

- Bukstein, O. G. (1995). *Adolescent substance abuse*. New York: Wiley Interscience.
- Caldas, R. F. L., & Hübner, M. M. C. (2001). O desencantamento com o aprender na escola: O que dizem professores e alunos. *Psicologia: Teoria e Prática*, 3(2), 71-82.
- Catania, A. C. (1998/1999). *Aprendizagem: Comportamento, linguagem e cognição* (D. G. de Souza, trad. coord.). Porto Alegre: Artmed.
- Cole, M., & Cole, S. (2004). *O desenvolvimento da criança e do adolescente*. Porto Alegre: Artmed.
- Elias, N (1994). *O processo civilizador* (Vol. 1). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- Hübner, M. (2012). O Skinner que poucos conhecem: Contribuições do autor para um mundo melhor, com ênfase na relação professor-aluno. Em J. S. Carmo & M. J. F. X. Ribeiro (Orgs.), *Contribuições da Análise do Comportamento à prática educacional* (pp. 73-85). Santo André: ESETec.

- Hübner, M. M. C., & Michael, J. (2012). Controle múltiplo no comportamento verbal: Humor brasileiro e operantes relacionados. *REBAC – Revista Brasileira de Análise do Comportamento*, 1(1), 7-14.
- Keller, F. S. (1967). Engineering personalized instruction in the classroom. *Revista Interamericana de Psicologia*, 1(3), 144-156.
- Kubo, O. M., & Botomé, S. P. (2001). Ensino-aprendizagem: Uma interação entre dois processos comportamentais. *Interação*, 5, 133-171.
- Marinotti, M., da Hora, C. L., Coimbra, C., & Matheus, N. (2011). Comportamento em cena: Entre os muros da escola. *Boletim Paradigma, Volume 6*, 33-37. São Paulo: Paradigma.
- Martins, T. E. M., Carvalho Neto, M. B. de, & Mayer, P. C. M. (2013). B. F. Skinner e o uso do controle aversivo: Um estudo conceitual. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 15(2), 5-17.
- Medeiros, J. G. (2012). Reflexões sobre o ato de ensinar dentro da concepção galileana de ciência. Em J. S. Carmo & M. J. F. X. Ribeiro (Orgs.), *Contribuições da Análise do Comportamento à prática educacional* (pp. 13-35). Santo André: ESE-Tec.
- Miguel, C. F. (2000). O conceito de operação estabelecadora na Análise do Comportamento. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 16(3), 259-267.
- Patto, M. H. S. (1990). *A produção do fracasso escolar: Histórias de submissão e rebeldia*. São Paulo: T. A. Queiroz.
- Perini, S. (2003). *Psicologia da Educação: A observação científica como metodologia de estudo* (M. J. Zambiasi, trad.). São Paulo: Paulinas.
- Rodrigues, M. E. (2005). *A contribuição do Behaviorismo Radical para a formação dos professores: Uma análise a partir das dissertações e teses no período de 1970 a 2002*. Tese de doutorado não publicada, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.
- Rodrigues, M. E. (2007). Formação de professores em Análise do Comportamento. Em *VIII Congresso Nacional de Psicologia Escolar e Educacional (VIII CONPE)* em CD-Rom. Minas Gerais, São João Del Rei.
- Rodrigues, M. E. (2012). Behaviorismo Radical, Análise do Comportamento e Educação: O que precisa ser conhecido? Em J. S. Carmo & M. J. F. X. Ribeiro

- (Orgs.), *Contribuições da Análise do Comportamento à prática educacional* (pp. 37-72). Santo André: ESETec.
- Russell-Wood, A. J. R (1981). *Fidalgos e Filantropos: A Santa casa da Misericórdia da Bahia, 1550-1755*. Brasília: Ed. Universidade de Brasília.
- Salvador, C. C., Alemany, I. G., Martí, E., Majós, T. M., Mestres, M. M., Goñi, J. O., Gallart, I. S., & Giménez, E. V. (2000). *Psicologia do Ensino*. Porto Alegre: Artmed.
- Skinner, B. F. (1953/2003). *Ciência e Comportamento Humano* (J. C. Todorov & R. Azzi, trads.). São Paulo: Martins Fontes.
- Skinner, B. F. (1974/2006). *Sobre o Behaviorismo* (M. da P. Villalobos, trad.). São Paulo: Cultrix.
- Skinner B. F. (1968/1972). *Tecnologia do Ensino* (R. Azzi, trad.). São Paulo: E. P. U.
- Skinner, B. F. (1981/2007). Seleção por conseqüências. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 9(1), 129-137.
- Sidman, M. (1989/1995). *Coerção e suas implicações* (M. A. Andery & T. M. Sério, trads.). Campinas: Livro Pleno.
- Veiga, C. G. (2012). Elaboração de hábitos civilizados na constituição das relações entre professores e alunos (1827-1927). *Revista Brasileira de História da Educação*, 9(3 [21]), 61-92.
- Todorov, J. C., Moreira, M. B., & Martone, R. C. (2009). Sistema Personalizado de Ensino, Educação à Distância e aprendizagem centrada no aluno. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 25(3), 289-296.
- Viecili, J., & Medeiros, J. G. (2002). A coerção e suas implicações na relação professor-aluno. *Psico-USF*, 7(2), 229-238.
- Zanotto, M. L. B. (2000). *Formação de professores: A contribuição da Análise do Comportamento*. São Paulo: EDUC.

CAPÍTULO 8

LILO & STITCH: ENSINANDO O “MAU” COMPORTAMENTO?

Lauriane dos Santos Moreira
Centro Universitário Luterano de Palmas

Ana Beatriz Dupré Silva
Centro Universitário Luterano de Palmas

Título do filme: Lilo & Stitch

Título original: Lilo & Stitch

Ano: 2002

Diretores: Dean DeBlois e Chris Sanders

Produtor: Walt Disney Pictures

Lançado por: Walt Disney Pictures

Há muitas gerações, é tradição o hábito de contar e ouvir histórias. A cultura tem perpetuado essa atividade ao longo dos séculos, principalmente em relação às histórias infantis. Os Irmãos Grimm (Jacob, 1785-1863, e Wilhelm, 1786-1859) contribuíram para uma maior difusão da literatura para crianças, pois escreveram o livro “Contos de Fadas para Crianças e Adultos” (entre 1812 e 1822), compilando as histórias conservadas por séculos através da tradição oral e que hoje são as mais conhecidas ao redor do mundo (Coelho, 1991).

Atualmente, além dos contos de fadas tradicionais, a indústria cinematográfica tem investido em desenhos animados infantis que abordam temas diversos e vêm ganhando cada vez mais espaço no cotidiano das famílias. Essas histórias, sejam elas em formato de livros, filmes, quadrinhos ou desenhos animados, podem possibilitar a discussão dos temas os quais abordam, combinando momentos de lazer e educação. Alguns estudos na área da Psicologia já foram realizados buscando compreender a influência dessas histórias na vida das crianças (ver Batista, Fukahori & Haydu, 2004; Bettelheim, 1980/2002; Gomide, 2000; Gomide & Sperancetta, 2002; Quinteiro, 2007/2014; assim como vários capítulos da obra organizada por Vasconcelos, em 2006), partindo da premissa que o ler, o ouvir e/ou o assistir são, em alguma medida, influenciadores do comportamento que as crianças venham a apresentar.

A análise aqui pretendida está atrelada à aquisição de novos comportamentos por parte das crianças através do assistir desenhos animados e do contexto em que essa atividade acontece, mostrando o que determina a alteração e/ou inclusão de comportamentos. Além disso, será discutida a importância do monitoramento das atividades dos filhos pelos pais e a relação dessas atividades com os comportamentos dos filhos. Segundo Baum (1994/1999, p. 258), “uma criança pode bater em outra, imitando um comportamento agressivo visto na TV, mas a continuidade da agressão vai depender de o comportamento ser reforçado ou punido”, o que mostra o papel fundamental dos pais como mediadores, supervisionando as atividades às quais seus filhos estão submetidos.

O desenho animado “Lilo & Stitch” (EUA, 2002), produção da Walt Disney Pictures e com duração de 85 minutos, despertou o interesse em elaborar esse estudo a partir de uma queixa formulada durante atendimento clínico em relação a esse filme. Ao assisti-lo, as crianças parecem se comportar de maneira semelhante aos personagens que dão título a essa obra. Dentre tais comportamentos, destaca-se gritar, agredir, fugir, babar e colocar o dedo no nariz. Apesar de o desenho ter um final em que os personagens não apresentam “comportamentos-problema”¹⁷, ainda assim as crianças parecem ser influenciadas pelo modo de se comportar apresentado no iní-

¹⁷ No entendimento da Análise do Comportamento, os repertórios comportamentais estão adaptados a cada história de vida. Assim, a rigor, não há comportamento-problema, apenas comportamento. No entanto, alguns comportamentos de um repertório podem apresentar efeito perturbador aos demais ou a um ambiente específico e, nesse sentido, alguns autores denominam-nos de “comportamentos-problema”.

cio do filme tanto de Lilo quanto de Stitch. Por outro lado, o filme também oportuniza a discussão de temas comuns no cotidiano, como o valor da família, o abandono, a adoção, dentre outros, facilitando a discussão de assuntos muitas vezes delicados tanto na clínica quanto no contexto familiar. Diante disso, surgiu a proposta de se fazer uma análise de contingências desse desenho animado, com vistas a esclarecer como as crianças podem aprender “comportamentos-problema” a partir de um modelo, assim como instrumentalizar terapeutas na orientação de pais ou mesmo diretamente com crianças que estejam em atendimento norteado pela Análise Comportamental Clínica.

A Abordagem Analítico-comportamental

A Análise do Comportamento, ciência proposta por Skinner (1904-1990), embasada na filosofia behaviorista radical, evidencia a importância do contexto ambiental em detrimento de causas mentalistas para explicação do comportamento. Para Skinner (1953/2000, p. 33), “o hábito de buscar dentro do organismo uma explicação do comportamento tende a obscurecer as variáveis que estão ao alcance de uma análise científica. Estas variáveis estão fora do organismo, em seu ambiente imediato e em sua história ambiental”. Além disso, neste tipo de análise são consideradas as variáveis filogenéticas (evolução da espécie), ontogenéticas (história individual de reforçamento) e culturais para a determinação do comportamento (Baum, 1994/1999; Marçal, 2010; Skinner, 1981/2007).

Os comportamentos operantes são o principal foco de estudo dessa abordagem, caracterizando-se por aqueles que afetam ou atuam sobre o ambiente, sendo influenciados por suas consequências. Assim, o repertório comportamental de um organismo é fruto da seleção dos operantes por suas consequências ao longo de toda sua história de vida (Matos, 2003; Skinner, 1953/2003, 1974/1995, 1981/2007).

A aquisição de novos comportamentos operantes se dá de diversas maneiras, destacando-se os processos de modelagem, modelação e comportamento controlado por regras. A modelagem é um procedimento capaz de gerar novas respostas no organismo através de aproximações sucessivas do comportamento final por meio de reforçamento diferencial, em que apenas as respostas que se assemelham ao comportamento que se deseja modelar são reforçadas e as outras não (Catania, 1998/1999). Skinner (1953/2000, p. 101) acrescenta que “um operante não é algo que surja totalmente desenvolvido no comportamento do organismo. É o resultado de um contínuo processo de modelagem”.

A imitação (ou modelação) é outra forma de aquisição de novo comportamento. Segundo Baum (1994/1999, p. 249), a existência de uma cultura seria praticamente inviável sem a imitação, já que, por meio dela, os indivíduos podem se comportar de novas maneiras que resultem em sobrevivência e reprodução no ambiente. A imita-

ção está na base do condicionamento operante, pois um comportamento tendo sido induzido por meio de imitação pode ser reforçado e modelado até atingir formas mais evoluídas.

Além disso, para Skinner (1989/1991), um operante é imitado devido à possibilidade de ocorrência das mesmas consequências reforçadoras. Skinner (p. 61) diz ainda que:

“os membros de um grupo imitam-se uns aos outros e servem como modelos. Reforçam conformidade e punem desvios. Em algum ponto da história do grupo, porém, comportar-se de forma parecida com os outros apareceu sob o formato de uma regra”.

Segundo Baum (1994/1999, p. 156), “o comportamento controlado por regras depende do comportamento verbal de outra pessoa (o falante), enquanto que o comportamento modelado por contingências não requer outra pessoa, requer somente interação com contingências”.

As pessoas estão sujeitas à aprendizagem por meio de regras, ordens e conselhos de outros. As regras são breves resumos do comportamento desempenhado, tratando-se, portanto, de um estímulo discriminativo verbal que aponta uma contingência de reforço (Baum, 1994/1999). Em geral, essas regras disponibilizam ao sujeito um modo de se comportar mais aceitável no âmbito social. Exemplos disso podem ser percebidos em diversas placas normativas espalhadas pelas cidades como “proibido uso de celular”, “não fume”, dentre outras. Os comportamentos controlados por regras têm uma característica peculiar, pois o sujeito é capaz de se comportar adequadamente em uma situação pela qual nunca passou antes, sem ter tido seu comportamento modelado por contingências consequenciais (Schimidt & Souza, 2003). Contudo, o sujeito só terá assimilado o significado de uma regra se houver engajamento no comportamento que ela especifica, passando por suas consequências, que por sua vez determinarão o seu cumprimento futuro (Skinner, 1989/1991).

Diante disso, pode-se dizer que analistas do comportamento observam um organismo se comportar de maneiras novas, procuram entender os determinantes desses comportamentos e em que sentido os processos de aquisição desses novos comportamentos são fruto de condicionamento operante, ou seja, são mantidos pelas consequências dos comportamentos (Skinner, 1989/1991). Nesse sentido, acredita-se que essa abordagem fornece embasamento suficiente para a análise aqui pretendida, dando destaque para os processos de imitação (modelação) e de controle por regras, pois são os que mais apresentam elementos para uma interpretação comportamental de Lilo & Stitch.

Resumo da História de Lilo & Stitch

626 é fruto de uma experiência genética de um cientista maluco de outra galáxia, criado com o único objetivo de destruir tudo que vê pela sua frente. Apesar de possuir inteligência e força acima do normal, 626 não possui nenhuma tendência à bondade. Por causa desse seu jeito nada sociável, ele foi obrigado a passar por um julgamento no Quartel General da Federação Galáctica no planeta Turo, quando foi condenado à exterminação e, seu criador, à prisão. Diante de tal sentença, 626 usa diversos artifícios numa tentativa desenfreada de fuga: morde, baba, atira, rouba, gargalha, grita, dentre outras coisas. Consegue, assim, fugir, caindo acidentalmente no Havaí. De lá não consegue sair, por sua nave estelar estar danificada e a densidade molecular de seu corpo não possibilitar que entre em contato com a água. Como é um foragido intergaláctico e pouco se conhece sobre sua natureza, Plinky (“profundo” conhecedor do planeta Terra) e Jumba (criador de 626) são indicados pela Federação Galáctica para levarem o alienígena de volta. Tentando fugir da equipe encarregada de capturá-lo, o alienígena se faz passar por cachorro e fica escondido em um canil.

Lilo é uma garotinha de 5 anos de idade, órfã, criada pela irmã mais velha, Nani. Não tem amigas e as garotas com as quais tenta se relacionar nunca querem brincar com ela. Lilo costuma desobedecer à irmã e tem várias brigas em função disso, quando grita, baba, corre e morde. Além disso, Nani é sobrecarregada com as tarefas de cuidar da irmã e trabalhar ao mesmo tempo para sustentá-las, não sobrando espaço para cuidar de si nem namorar. Lilo está a ponto de ser levada por um assistente social que questiona a qualidade dos cuidados que recebe, pois, em boa parte do tempo, fica sozinha em casa ou na rua. Para continuar com a guarda de Lilo, Nani tem que passar uma boa imagem para o assistente social, tarefa difícil pela forma de agir de Lilo e que ficará ainda pior de ser cumprida com a chegada de 626.

Lilo, ao ver uma suposta estrela cadente, faz um pedido – ter um amigo – pois diz precisar de alguém que fique com ela. Nani ouve o pedido de Lilo e, no dia seguinte, resolve levá-la ao canil para comprar um cachorro. Lilo escolhe 626 e lhe dá o nome de Stitch. Apesar da irmã e da veterinária do canil não concordarem que Lilo fique com Stitch, ela insiste e as duas acabam cedendo. A convivência entre Stitch, Lilo e Nani não é harmoniosa e Nani decide mandar o cachorro embora. Lilo, para defender o seu “cão”, fala para a irmã sobre *o’hana*, palavra ensinada pelo seu pai que significa família e que família significa nunca mais abandonar ou esquecer. A irmã, diante da lembrança dos ensinamentos do pai, resolve aceitar Stitch.

Lilo começa a perceber a tendência de Stitch em destruir tudo o que toca e, conforme a exigência do assistente social por um comportamento adequado do “cachorro”, resolve educá-lo de maneira que imite o cantor Elvis Presley, que é alguém romântico.

co, gentil, canta e, para ela, é um cidadão modelo. Stitch, após aprender os comportamentos de Elvis, vai à praia para se apresentar, mas uma multidão fica ao seu redor tirando fotos e gritando. Ele, então, rasga as próprias roupas, quebra o violão e ataca as pessoas. Nani, mais uma vez, perde o emprego que havia acabado de conseguir como salva-vidas por culpa de Stitch. David, candidato a namorado de Nani, resolve chamar ela e Lilo para surfar. Stitch, como dito, tem densidade molecular muito alta, o que o impede de ter contato com a água, pois corre risco de não sobreviver, mas mesmo assim vai surfar também. Plinky e Jumba, vendo nessa ocasião uma oportunidade de capturar Stitch, o puxam para o fundo do mar, derrubando Nani e Lilo, que quase se afoga. Stitch consegue se livrar da dupla que tenta pegá-lo e volta à praia auxiliado por David.

Na areia da praia, observando tudo isso, está o assistente social, que avisa que buscará Lilo no dia seguinte. Durante a noite, Stitch resolve ir embora, levando consigo o livro do Patinho Feio. Lilo insiste para que seu “cachorro” fique e relembra o significado de *o’hana*, mas aceita a sua decisão. Stitch vai para floresta e abre o livro na página em que o patinho feio diz estar perdido, e permanece ali esperando sua “verdadeira” família aparecer. Jumba aparece e diz para Stitch que ele não tem família, pois ele o criou.

Como até esse momento ninguém conseguiu capturar Stitch, a Federação Galáctica designa Gantu para pegá-lo. Enquanto isso, na manhã seguinte, David vai até a casa de Nani dizendo que lhe arranhou um emprego. Nani pede a Lilo que fique em casa e que não abra a porta para ninguém, pois ela terá de ir atrás de algo muito importante. Enquanto isso, Stitch, acuado por Jumba e Plinky, volta para a casa de Lilo para se esconder e, na perseguição, destroem toda a casa. Lilo liga para o assistente social pedindo ajuda. Nani, ao chegar, encontra a casa em ruínas e percebe que Lilo está sendo levada pelo assistente social. Contudo, Lilo foge do carro do assistente social e é capturada junto com Stitch por Gantu. Stitch consegue fugir, mas Lilo, não. Então, Nani, Stitch, Jumba e Plinky, influenciados pelo significado da palavra *o’hana*, se unem para salvar Lilo. Em meio a uma perseguição que passa pelo céu, vulcão, terra e mar, Stitch consegue impedir que Lilo seja levada para outra galáxia.

Todos falharam na tentativa de capturar Stitch. Então, a conselheira responsável pelas ordens de busca resolve vir pessoalmente à Terra capturar a experiência genética 626. No entanto, ao encontrar Stitch, ela percebe que seus comportamentos haviam mudado, pois ele conversa calmamente, diz que seu nome agora é Stitch e não mais 626, apresenta a “família” que ele encontrou e pergunta se pode se despedir. A conselheira fica surpresa e comovida com a mudança e resolve que a sentença de Stitch será cumprida na Terra, sob a responsabilidade de Lilo e sua irmã, protegidas pela Federação das Galáxias Unidas, possibilitando que continuassem juntos.

Análise de Contingências em Lilo & Stitch

De acordo com Sidman (1989/2003, p. 50) “o comportamento não ocorre no vácuo. Eventos precedem e seguem cada uma de nossas ações. O que fazemos é fortemente controlado pelo que acontece a seguir”. Com os comportamentos das personagens Lilo e Stitch não é diferente, pois as consequências do que fazem é que determinam a probabilidade de um comportamento ser emitido novamente, além dos fatores filogenéticos e culturais.

No caso de Stitch, o nível filogenético influencia fortemente seu comportamento, pois ele foi criado para destruir e comporta-se quase que invariavelmente agredindo, fugindo e gritando. Já Lilo emite vários comportamentos semelhantes aos de Stitch, mas as variáveis que determinam suas ações são fruto de reforçamento, pois vive em um contexto aversivo de perdas e agressões. No entanto, “o fato de um comportamento ter sido produzido por um processo (filogenético ou ontogenético) não significa que esteja ‘protegido de’ ou ‘imune a’ qualquer alteração ou regulação pelo outro processo” (Carvalho Neto & Tourinho, 2001, p. 3). Sendo assim, apesar do tipo de determinante principal de um comportamento, ele ainda está sujeito a alterações frente à influência dos três níveis citados.

Apesar de ter apenas 5 anos de idade, a menina Lilo já sofreu várias perdas: seus pais morreram, sofre dificuldades financeiras e não tem amigos. Lilo, apesar do esforço para se aproximar de outras meninas de sua idade, sempre é rejeitada devido a seus “comportamentos-problema”. Exemplo disso é que, ao ser chamada de “louca” por uma colega de escola, Lilo morde e bate na menina e, como consequência, é repreendida pelo professor e as colegas se afastam dela. Em seguida, ao perceber que as colegas vão brincar de boneca, ela se oferece para brincar também e as meninas a deixam falando sozinha. Noutro momento, Lilo pede desculpas para a colega que mordeu e esta não aceita. Pode-se perceber que as tentativas de Lilo de fazer amizade sempre são frustradas, mesmo quando ela usa sentenças verbais que geralmente causam aceitação, como pedir desculpas, por exemplo. Neste caso, os comportamentos tidos como adequados emitidos por Lilo têm menor probabilidade de ocorrer novamente, pois as consequências não foram boas para ela.

Lilo também não tem um relacionamento fácil com sua irmã, pois a menina não costuma seguir as ordens de sua tutora. Diante da não colaboração de Lilo, a irmã grita, briga, ameaça e Lilo reage do mesmo modo, ou seja, Lilo também aprende por modelação já que a irmã é um modelo. Segundo Sidman (1989/2003, p. 241), “esgotada a nossa paciência por uma criança mal comportada, gritamos, estapeamos e espancamos”. Além disso, ambas vivem sob as pressões de um assistente social que exige responsabilidade e emprego de Nani para que não perca a guarda de Lilo, o que traz ainda mais conflito para essa interação.

As dificuldades de interação entre Nani e Lilo também podem ser entendidas pela perspectiva dos estudos sobre desenvolvimento humano. Conforme Dessen (2005), o comportamento agressivo pode ocorrer bem antes dos 5 anos de idade, podendo ser decorrente de desconforto físico, busca de atenção e vínculo mãe-filho inseguro. Sobre este último aspecto, pode-se considerar que houve um rompimento abrupto do vínculo pais-filhos com o falecimento dos pais de Nani e Lilo. Nani, por necessitar atender a exigências práticas da sobrevivência das duas irmãs, fica sem tempo para restabelecer a vinculação afetiva dentro do contexto familiar.

Além disso, Nani tem apenas 19 anos de idade, início da vida adulta e momento em que novas exigências costumam surgir, como escolha profissional, relacionamentos amorosos mais duradouros, preocupar-se em morar sozinha, ter autonomia. Todos esses planos ficam temporariamente suspensos pela perda dos pais, forçando Nani a acumular responsabilidades, o que pode favorecer estresse e surgimento de conflitos (Bee, 1994/1997). Tais pressões justificariam a falta de autocontrole de Nani com gritos e outros comportamentos agressivos direcionados à Lilo.

Com relação aos comportamentos de Lilo, considerando, ainda, uma perspectiva do Desenvolvimento Humano (que procura descrever certas constâncias de comportamentos em determinadas faixas etárias, mas que hoje se sabe não serem tão rígidas como se pensava inicialmente [Weber, 2005/2012]), a criança de 5 anos procura se sentir importante, mostrar que sabe fazer as coisas, passa a ter brincadeiras que exigem interação com outros (e não mais somente perto dos outros), o que faz com que passe a vivenciar o que se costuma chamar de relações de amizades, ou seja, que envolvem empatia e brigas.

Obviamente, não parece apropriado, dentro da perspectiva analítico-comportamental, acreditar que comportamentos mais adequados seriam emitidos apenas pela passagem do tempo. Assim, nesta visão, os comportamentos dos pais e dos filhos se ajustam aos contextos, pois se concorda com Sidman (1989/2003, p. 241) quando aponta que:

“é demais esperar de nós mesmos que saibamos reagir o mais efetivamente possível em cada situação, que saibamos agir sempre sabiamente não importa quais as pressões do momento. E, assim, nós sempre cometemos erros, fazendo aquilo que traz alívio imediato, a despeito, ou na ignorância, do que possa acontecer mais tarde”.

Contudo, não está aqui sendo pregado que se deve aceitar a vida tal como ela é, mas ter o conhecimento de que as relações entre eventos ambientais e as ações das pessoas estão profundamente ligadas. E é a partir da compreensão dessa relação que as pessoas podem tentar modificar as contingências às quais estão subme-

tidas, visando obter melhor interação, sendo muitas vezes útil conhecer o que já foi descrito ao longo do tempo sobre cada faixa etária.

Lilo e Stitch se encontram em função de Lilo querer um bicho de estimação, já que se sente muito sozinha. Stitch, um ser criado para destruir, é confundido com um cachorro e passa a fazer parte dessa família. O contexto familiar, com a chegada de Stitch, torna-se ainda mais conflituoso, pois ele não colabora para facilitar a convivência, já que, além da destruição inerente a seu ser, tem como único interesse se esconder ou fugir de seus perseguidores, enquanto Lilo quer que ele faça parte da família.

Para os adultos que assistam ao filme, essa pode ser uma ocasião para esclarecer às crianças sobre os diversos tipos de família existentes e que o padrão “pai-mãe-filhinhos” é só mais um modelo de família. Sobre isso, Dessen e Braz (2005) dizem que a concepção de família na contemporaneidade é aberta à diversidade e afasta-se de conceitos baseados em normalidade, passando a ser entendida como um sistema que é complexo e que recebe influência de fatores internos e externos, dentre estes os socioculturais.

Stitch é sempre agressivo em suas interações com outros sujeitos e se diverte diante de situações em que alguém se machuca ou sofre. Como exemplo, temos o episódio em que David queima o palco e Stitch bate palmas e dá gargalhadas. Outro momento é quando Stitch atira uma bola no rosto de um rapaz na praia e novamente gargalha frente à dor do outro.

Gomide (2000) explica que crianças e adolescentes estão sujeitas a se comportar de modo agressivo observando um modelo que tem seu comportamento agressivo reforçado. A pesquisadora realizou dois experimentos para chegar a essa conclusão. O primeiro envolveu 360 adolescentes, os quais foram expostos a filmes violentos com e sem herói violento e, em seguida, tiveram seus comportamentos agressivos medidos durante jogo de futebol. O Experimento II ocorreu com 160 crianças, as quais tiveram seu comportamento agressivo verificado antes e após assistirem a filmes violentos. O estudo envolveu ambos os sexos e apontou que, nas crianças e adolescentes do sexo masculino, o comportamento agressivo aumentou após assistirem a filme com herói violento, sendo que com as mulheres isso não ocorreu. No entanto, quando o filme de violência trazia situações de abusos diversos, o aumento do comportamento agressivo foi verificado tanto no sexo masculino quanto no feminino.

A ideia defendida neste capítulo é consonante com os achados de Gomide (2000), pois se acredita que, ao assistir às cenas de “comportamentos-problema”, as crianças estão sujeitas a imitá-los, principalmente se há reforço para tal comportamento, seja nas interações do filme ou por parte da plateia. O próprio filme exemplifica tal

relação, pois, na cena em que Stitch assiste na televisão uma aranha gigante destruir uma cidade, ele começa a imitá-la, gritando e fazendo movimentos com os braços como se estivesse pronto para atacar. Noutra momento, Stitch constrói uma cidade de brinquedos e livros para, em seguida, destruí-la, mais uma vez imitando a cena que havia visto anteriormente na televisão.

Diante das perturbações causadas por Stitch e da exigência por parte do assistente social para que seja “um cidadão modelo”, Lilo começa a treinar Stitch para que se comporte como o cantor Elvis Presley que, para ela, é um cidadão modelo. Através de imitação, Lilo vai inserindo novos comportamentos no repertório de Stitch, como dançar, tocar violão e ser romântico. Essas cenas mais uma vez ilustram o processo da modelação, já que Lilo utiliza filmes de Elvis Presley como exemplo de comportamentos a serem seguidos. Stitch imita todos os novos comportamentos, mas durante sua primeira apresentação como cantor agride as pessoas, rasga suas roupas e grita, em função dos *flashes* e do tumulto em torno dele. Assim como Lilo, Stitch também não teve consequências reforçadoras para seus comportamentos tidos como socialmente adequados; é claro que aqui por uma circunstância com a qual Lilo não contava: o assédio exagerado dos fãs de Elvis.

Assim como Stitch aprende a se comportar como Elvis vendo seus filmes, Coelho (2008) conseguiu êxito utilizando filme de animação para treino de uso ao toalete. Na intervenção, foi utilizado filme de animação para tratar de um caso de encoprese infantil, a partir de diagnóstico comportamental prévio, no qual se identificou que a aprendizagem vicária através de filme poderia ser adequada. A animação foi produzida especialmente para o caso em questão, uma menina de 4 anos de idade que apresentava encoprese secundária retentiva, a qual assistiu junto com a psicóloga à animação que trazia bonecas fazendo atividades rotineiras, incluindo uso do toalete. No atendimento em que o filme foi apresentado, a criança defecou no consultório e manteve-se usando o vaso diariamente por um período de 18 meses. Tanto o estudo de Coelho (2008) quanto de Gomide (2000) apontam para a mesma conclusão: os filmes podem promover mudança comportamental e, conforme o manejo que se faça deles, a mudança alcançada pode resultar em diminuição dos “comportamentos-problema” ou o aumento deles.

Lilo e Stitch vão, gradualmente, deixando de emitir os “comportamentos-problema”. Lilo, tendo Stitch como seu bicho de estimação, começa a discriminar que cuidar de alguém “terrível” não é fácil e que as pessoas tendem a se afastar de quem sempre age de modo antissocial.

Lilo não precisou experimentar todos os comportamentos de Stitch que resultaram em consequências ruins para aprender que aquele não era o modo mais adequado de agir. Sendo assim, pode-se constatar que os organismos estão sujeitos a apren-

der com os outros por meio da observação, situação em que o comportamento de um permite que o outro atue com base nos estímulos disponíveis apenas para o primeiro (Catania, 1998/1999).

Além disso, Stitch passa por mudanças ainda mais drásticas do que as de Lilo, pois inicialmente ele não possuía um nome, não tinha família e tampouco comportamentos sociáveis. A convivência em um ambiente familiar que, apesar de ser conturbado, valorizava seus membros e emanava afeto foram os principais fatores dessa mudança. A significação que esta família atribui à palavra havaiana *o'hana* foi fundamental para este processo de adaptação de Stitch.

De acordo com Skinner (1953/2000, p. 335), “as palavras ‘simbolizam’ ou ‘expressam’ idéias ou significados, os quais então são ‘comunicados’ ao ouvinte” e, muitas vezes, aparecem como regras verbais, nas quais os comportamentos necessários e suas consequências são descritos. No caso da palavra *o'hana*, ela é a ocasião na qual não se pode emitir comportamentos que gerem abandono ou esquecimento, tendo como consequência um melhor relacionamento entre os membros da família. Stitch experimentou essa regra em dois momentos: quando Lilo tenta impedi-lo de ir embora e quando o próprio Stitch decide fazer o resgate de Lilo, sendo suficiente para que ele a seguisse.

Skinner (1989/1991, p. 61) diz que “descobrimos o significado de uma regra quando nos engajamos no comportamento especificado por ela e quando somos afetados pelas consequências”, sendo exatamente isso o que ocorreu com Stitch. Ele foi submetido às consequências dessa regra ao não ser abandonado nem esquecido e reagiu do mesmo modo quando Lilo estava em perigo. A história do Patinho Feio que havia lhe indicado que ele era alguém sozinho não fazia mais sentido.

Stitch é um sujeito diferente de Lilo e Nani, veio de um lugar também diferente e suas ações, apesar de haver semelhança com as de Lilo, não condiziam com muitos valores presentes nessa família. No entanto, apesar das divergências, ele foi acolhido, aceito, amado e, na convivência, adaptou-se àquele estilo de vida. A discussão dessa situação pode ser proveitosa para famílias que têm filhos adotivos, mostrando que, mesmo não tendo laços consanguíneos e apesar de histórias de vida pouco semelhantes (no caso de adoção de crianças maiores), eles são queridos.

Weber (1995) explica que a adoção atualmente defende o direito da criança à convivência familiar e comunitária, e que, apesar de as pessoas afirmarem que adotariam uma criança, tal prática se torna difícil em decorrência de vários fatores. Bebês são facilmente adotados, mas adoções tardias (crianças mais velhas), morais (crianças deficientes ou com graves problemas de saúde) e interracialis são pouco frequentes, o que justifica os pais abordarem essa temática ao assistirem ao filme com a crian-

ça, já que tanto Lilo quanto Stitch são casos potenciais de adoção, semelhantes aos descritos.

Uma cena que exemplifica o acolhimento e a aceitação que Stitch recebeu da família, e que pode ser utilizada para abordar questões relacionadas à confiança na família, é aquela na qual Stitch surfa com Nani, David e Lilo. Como dito anteriormente, Stitch possui densidade molecular maior que a da água, não podendo entrar em contato com ela, sob risco de perder a vida. No entanto, ele sobe na prancha de surfe com David, apesar do perigo. A princípio, mostra-se apreensivo, mas, no decorrer do passeio, vai relaxando e demonstrando confiança no grupo, causando espanto nos seus perseguidores interplanetários.

Ao final do desenho animado, Lilo, Nani e Stitch formam uma família e isso se torna claro durante a conversa de Stitch com a Conselheira da União Federativa da Galáxia. Nesse diálogo, a conselheira basicamente refaz os questionamentos feitos no início do filme, quando Stitch está diante da corte no Quartel General da Federação Galáctica, momento no qual fica claro que Stitch não tem um nome, nem apreço por nada nem ninguém. Nesse segundo interrogatório, Stitch se apresenta com o seu nome, dado por Lilo, e apresenta sua família, que ele diz ser incompleta, mas que é dele, que foi ele quem achou. Diante dessas palavras, a conselheira se surpreende e considera que agora ele se encontra num nível diferente de interação com os outros, tendo ultrapassado o *status* de experiência genética destinada à destruição.

É um final emocionante que chega a gerar lágrimas no público que o assiste. Contudo, não há demonstração de aprovação explícita como as gargalhadas que acompanham o início do filme pela plateia. É interessante constatar que, diante dos comportamentos “bons”, a plateia chora e, diante dos comportamentos “ruins”, a plateia dá boas gargalhadas. Portanto, os comportamentos que receberam estímulos reforçadores como consequências imediatas por meio das risadas foram o gritar, o babar, o fugir, o agredir, tendo estes maior probabilidade de ocorrência no público que assiste, ao contrário dos comportamentos no final do filme, que geralmente não recebem estímulos reforçadores explícitos para sua manutenção, por se tratar de cenas menos engraçadas. Mais preocupante é o fato de que, muitas vezes, levam parte dos espectadores às lágrimas, por seu tom emotivo. Caso isso não seja discutido com as crianças, elas podem deixar de discriminar a beleza que existe em se demonstrar emoções agradáveis por meio de lágrimas, sendo um comportamento tão relevante e promotor de relações saudáveis quanto rir e gargalhar.

O desenho é de fato muito divertido tanto para os pais quanto para os filhos. As cenas em que Stitch ou Lilo se comportam inadequadamente são as mais engraçadas. É fácil constatar porque as crianças tendem a imitar os comportamentos de gritar, colocar o dedo no nariz, agredir e babar das personagens em detrimento dos com-

portamentos pró-sociais. Ao verem seus pais/familiares/outras crianças darem risadas frente às perturbações das personagens, as crianças são induzidas a agir do mesmo modo, pois esperam ter a mesma consequência de aprovação, risadas e atenção. Os pais são colocados, então, diante do desafio de educar introduzindo regras cujo seguimento, muitas vezes, envolve consequências atrasadas. Ou seja, os pais demonstram ou dizem aos filhos como fazer certas coisas, mas muitas vezes as consequências que reforçariam o comportamento dos filhos tendem a ser atrasadas (Skinner, 1989/1991). No entanto, segundo Albuquerque e Paracampo (2010), deve-se ressaltar que a consequência não estaria somente no futuro, mas que a regra formulada é fruto de experiências passadas, que assinalam qual a melhor forma de agir em dada situação. Desse modo, os pais, ao orientarem os filhos, devem apresentar regras bem formuladas, contendo os três termos de uma contingência, o que substitui as consequências remotas na explicação de um dado comportamento, auxiliando-os na educação dos filhos quando desaprovam ou incentivam alguma ação.

É possível perceber influências “boas” e “ruins” nesse desenho animado, o que mostra, mais uma vez, a importância da companhia e monitoramento dos adultos nessa situação e em tantas outras às quais as crianças estão submetidas diariamente.

Considerações Finais

Com o avanço da tecnologia, muitas crianças têm em casa aparelhos de DVD que facilitam o contato com desenhos animados e, frequentemente, os assistem várias vezes seguidas. No entanto, os pais parecem acreditar que, por se tratarem de filmes infantis, seus conteúdos tendem a ser leves, educativos ou inocentes. Um erro, pois o fato de ser infantil não confere ao desenho o título de adequado para a criança assisti-lo sem nenhuma ponderação.

Segundo Delgado (2001, p. 1), “a TV encarrega-se de levar ao público a realidade do mundo exterior; não importa se é ou não real, corresponde ou não à história, mas sim o que é o mundo de fato”. Nesse sentido, os pais devem se dispor a assistir ao desenho animado antes de o apresentarem a criança para ver que tipo de “realidade” ele mostra ou acompanhar a criança nessa atividade, fazendo a mediação da história assistida com o que acontece no cotidiano daquela família e na sociedade a qual pertence.

Vale lembrar que os produtores de desenho animado, os desenhistas e animadores não devem estar cientes de que determinadas cenas, personagens e situações influenciam o comportamento da criança. É utopia pensar que, em função dos avanços tecnológicos na área de desenhos animados, eles tragam apenas histórias com “bons” exemplos e comportamentos pró-sociais. Entretanto, o que se espera não são animações que mostrem apenas um padrão socialmente aceito de comportamento, mas que as crianças possam assistir a qualquer tipo de desenho animado

infantil, tendo contato com diversas realidades e contem com a participação dos pais ou outros responsáveis para fazerem correspondências entre as cenas do desenho com o cotidiano.

Por outro lado, os pais também não devem ficar como sentinelas frente aos momentos que seus filhos estão assistindo à televisão, mas diante de um comportamento novo que a criança emita, não devem descartar a possibilidade de ela o ter adquirido dos desenhos animados que costuma assistir antes de rotulá-la como “mal-criada”. Reproduções de falas de personagens são bastante comuns e, muitas vezes, a criança não contextualiza se cabe repetir determinada fala ou não no seu ambiente social; os pais devem estar atentos a isso para instruí-las da melhor maneira, tendo em vista que as pessoas não são iniciadoras de suas ações, mas o palco onde as interações do comportamento com o ambiente se dão (Matos, 1995).

Diante das explanações feitas, não há como negar a influência até de transmissões voltadas ao público infantil, tanto para o “bem” quanto para o “mal”. De qualquer maneira, os desenhos animados podem funcionar como aliados na educação das crianças, se os pais souberem manejar as contingências ali presentes, e a Análise do Comportamento pode elucidar e auxiliar esse processo.

A televisão de modo geral parece possuir um poder fantástico frente aos telespectadores, conseguindo controlar mudanças de comportamentos públicos, opiniões e atitudes. Sendo assim, seria complementadora deste capítulo a realização de uma pesquisa que verificasse a eficácia da mediação dos pais em relação aos seus filhos frente a algum desenho animado ou outro programa televisivo que venham a assistir, ocasião em que as análises aqui feitas pudessem ser testadas, comprovadas e/ou refutadas.

Referências

- Albuquerque, L. C. de & Paracampo, C. C. P. (2010). Análise do controle por regras. *Psicologia USP, 21*, 253-273.
- Batista, A. P., Fukahori, L., & Haydu, V. B. (2004). Filmes com cenas de violência: Efeito sobre o comportamento agressivo de crianças expresso no enredo de uma redação. *Interação em Psicologia, 8*, 89-102.
- Baum, W. M. (1994/1999). *Compreender o Behaviorismo: Ciência, comportamento e cultura* (M. T. A. Silva, M. A. Matos, G. Y. Tomanari & E. Z. Tourinho, trads.). Porto Alegre: Artmed.
- Bee, H. (1994/1997). *O ciclo vital* (R. Garcez, trad.). Porto Alegre: Artmed.

- Bettlheim, B. (1980/2002). *Psicanálise dos contos de fadas* (A. Caetano, trad.). Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Carvalho Neto, M. B. de & Tourinho, E. Z. (2001). Notas sobre a dicotomia “inato” versus “aprendido”. *Interação em Psicologia*, 5, 123-132.
- Catania, A. C. (1998/1999). *Aprendizagem: Comportamento, linguagem e cognição* (D. G. Souza, trad. Coord.). Porto Alegre: Artmed.
- Coelho, N. N. (1991). *Panorama histórico da literatura infanto/juvenil – Das origens indo-européias ao Brasil contemporâneo*. São Paulo: Editora Ática.
- Coelho, L. dos S. G. (2008). Aprendizagem vicária de treino de toailete através de filme de animação: estudo de caso em ludoterapia comportamental. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 28, 846-861.
- Delgado, O. C. (2001). Programas infantis na televisão, o caso Teletubies. Em *Anais do 24º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*, Campo Grande, MS. CD-ROM.
- Dessen, M. A. (2005). Construindo uma ciência do desenvolvimento humano: Passado, presente e futuro. Em M. A. Dessen & Á. L. Costa Júnior (Orgs.), *A ciência do desenvolvimento humano: Tendências atuais e perspectivas futuras* (pp. 264-278). Porto Alegre: Artmed.
- Dessen, M. A., & Braz, M. DA P. (2005). A família e suas inter-relações com o desenvolvimento humano. Em M. A. Dessen & Á. L. Costa Júnior (Orgs.), *A ciência do desenvolvimento humano: tendências atuais e perspectivas futuras* (pp. 113-131). Porto Alegre: Artmed.
- Gomide, P. I. C. (2000). A influência de filmes violentos em comportamento agressivo de crianças e adolescentes. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 13, 127-141.
- Gomide, P. I. C., & Sperancetta, A. (2002). O efeito de um filme de abuso sexual no comportamento agressivo das adolescentes. *Interação em Psicologia*, 6, 1-11.
- Marçal, J. V. S. (2010). Behaviorismo radical e prática clínica. Em A. K. C. R. de-Farias (Org.), *Análise Comportamental Clínica: Aspectos teóricos e estudos de caso* (pp. 30-48). Porto Alegre: Artmed
- Matos, M. A. (1993). Análise de contingências no aprender e no ensinar. Em E. S. Alencar (Org.), *Novas contribuições da psicologia aos processos de ensino e aprendizagem* (pp. 141-163). São Paulo: Cortez.

- Matos, M. A. (1995). Behaviorismo metodológico e behaviorismo radical. Em B. Rangé (Org.), *Psicoterapia comportamental e cognitiva: Pesquisa, prática, aplicações e problemas* (pp. 27-34). Campinas: Editorial Psy.
- Pinto, R. D., & Ferreira, L. F. (2001). Ciência do comportamento e aprendizado através de jogos eletrônicos. *I Seminário Jogos Eletrônicos, Educação e Comunicação – construindo novas trilhas, no GT2 – Jogos Eletrônicos e Educação*, Salvador, BA. CD-ROM.
- Quinteiro, R. S. (2007/2014). Autoconhecimento e responsabilidade em irmão urso. Em A. K. C. R. de-Farias & M. R. Ribeiro (Orgs.), *Skinner vai ao cinema: Volume 1* (pp. 89-100). Brasília: Instituto Walden4. Retirado de http://www.walden4.com.br/livrow4/pdf/iw4_skinner_vai_ao_cinema_v1_2a_ed_2014.pdf.
- Schmidt, A., & Souza, D. G. (2003). Controle instrucional: Discussões atuais. Em C. E. Costa, J. C. Luzia., & H. H. N. Sant'anna (Orgs.), *Primeiros passos em análise do comportamento e cognição* (pp. 33-53). Santo André: ESETec.
- Skinner, B. F. (1953/2000). *Ciência e comportamento humano* (J. C. Todorov & R. Azzi, trads.). São Paulo: Martins Fontes.
- Skinner, B. F. (1974/1995). *Sobre o Behaviorismo* (M. da P. Villalobos, trad.). São Paulo: Editora Cultrix.
- Skinner, B. F. (1981/2007). Seleção por consequências. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, vol. IX, nº 1, pp. 129-137.
- Skinner, B. F. (1989/1991). *Questões recentes na análise comportamental* (A. L. Neri, trad.). Campinas: Papyrus Editora.
- Sidman, M. (1989/2003). *Coerção e suas implicações* (M. A. Andery & T. M. Sérgio, trads.) Campinas: Editora Livro Pleno.
- Vasconcelos, L. A. e cols. (2006). *Brincando com histórias infantis: Uma contribuição da análise do comportamento para o desenvolvimento de crianças e jovens*. Santo André: ESETec.
- Weber, L. N. D. (1995). Da institucionalização à adoção: Um caminho possível? *Revista Igualdade – Ministério Público do Paraná*, 9, 1-9.
- Weber, L. (2005/2012). *Eduque com carinho*. Curitiba: Editora Juruá.

CAPÍTULO 9

“KRAMER VS. KRAMER” – APRENDIZAGEM DE COMPORTAMENTOS E DE HABILIDADES SOCIAIS EDUCATIVAS PARENTAIS¹⁸

João Pedro Bohrer
Centro Universitário de Brasília

Carlos Augusto de Medeiros
Centro Universitário de Brasília

Título do filme: Kramer vs. Kramer

Título original: Kramer vs. Kramer

Ano: 1978

Diretor: Robert Benton

Produtor: Stanley R. Jaffe

Lançado por: Columbia Pictures

¹⁸Trabalho apresentado na disciplina Produção de Artigo, no Centro Universitário de Brasília.

Estudos no campo das práticas educativas parentais têm demonstrado que existem fortes relações entre o repertório comportamental dos filhos e as práticas educativas dos pais (Bolsoni-Silva & Loureiro, 2011; Bolsoni-Silva & Marturano, 2008; Coelho & Murta, 2007). Isso ocorre porque os pais, normalmente, são parte integrante das contingências que controlam os comportamentos dos filhos. Exatamente por isso, existem trabalhos desenvolvidos por analistas do comportamento que visam orientar e treinar os pais sobre suas práticas educativas, utilizando-se, muitas vezes, de livros e obras cinematográficas como recursos didáticos (Coelho & Murta, 2007; Gomide, 2004; Kazdin, 2010; Soares, Souza & Marinho, 2004). Com relação às obras cinematográficas, de-Farias e Ribeiro (2007/2014) entendem que elas também podem ser utilizadas como exercícios de análise, contribuindo para a aprendizagem de pessoas interessadas em Análise do Comportamento.

Por ser uma abordagem interacionista, a Análise do Comportamento entende que os comportamentos só podem ser analisados a partir das trocas que os organismos estabelecem com o ambiente. Skinner (1957/1978, p. 15) diz que “os homens agem sobre o mundo, modificam-no e, por sua vez são modificados pelas consequências de sua ação”. Essa lei pode ser facilmente exemplificada nas relações parentais, assim como em qualquer outro tipo de relação entre pessoas em que os comportamentos dos indivíduos são modificados pelas consequências que provocam. Isso significa dizer que os pais modificam os comportamentos dos filhos que, por sua vez, também modificam os comportamentos dos pais. Nesse sentido, cabe aos pais observar e, quando necessário, modificar as relações contingenciais que existem entre os seus próprios comportamentos, os comportamentos dos filhos e o ambiente em que ambos estão inseridos (Soares e cols., 2004). Ao constituírem um conjunto de estratégias com a função de orientar os filhos, os comportamentos emitidos pelos pais são denominados por Gomide (2003) como práticas educativas parentais. Estas são o foco de análise do presente trabalho.

Neste trabalho, procurou-se observar as práticas educativas parentais presentes no filme “Kramer vs. Kramer”. Sua relevância se dá pela ampliação de possibilidades de análises que poderão ser utilizadas, a título de exemplo, por profissionais e estudantes em grupos de intervenção para pais. Ao utilizar os pressupostos do Behaviorismo Radical e os conceitos da Análise do Comportamento aplicados a uma obra cinematográfica, pretende-se (a) utilizar recortes do filme que sejam relevantes para caracterizar elementos da educação parental; e (b) hipotetizar sobre as possíveis variáveis de controle na modificação de comportamentos dos personagens.

Um filme, ainda que seja uma obra de ficção, é capaz de ilustrar contingências reais oferecendo condições para que sejam feitas análises funcionais, pois apresenta situações semelhantes às situações naturais (de-Farias & Ribeiro, 2007/2014). Contudo, não foi encontrado na literatura um referencial teórico para formalização de pro-

cedimentos metodológicos para análise de filmes à luz da Análise do Comportamento. Ainda assim, a literatura apresenta trabalhos que se utilizam de obras cinematográficas para realizar análises diversas (*e.g.*, Moreira, 2007/2014; Pergher & Dias, 2009; Rolim, 2011). No presente trabalho, o procedimento adotado foi a apresentação descritiva de comportamentos dos personagens em cenas relevantes do filme, seguidas de um levantamento de hipóteses das variáveis controladoras dos comportamentos. Também foi realizada uma análise de classes de respostas possíveis com base na teoria das Habilidades Sociais Educativas Parentais (HSE-P) (Bolsoni-Silva & Loureiro, 2010).

Considerações Teóricas

Para a análise que se segue, alguns conceitos devem ser apresentados de forma mais detalhada, a fim de proporcionar uma compreensão maior dos termos utilizados. Os conceitos utilizados são oriundos da Análise do Comportamento, tendo no Behaviorismo Radical sua base filosófica.

Aprendizagem

O que é aprendizagem? Como defini-la operacionalmente, de forma satisfatória, a ponto de se tornar consenso entre os analistas do comportamento? Catania (1998/1999, p. 385) propôs que a aprendizagem, “de modo geral, se trata da aquisição ou o processo pelo qual comportamento é adicionado ao repertório de um organismo; uma mudança relativamente permanente no comportamento”. Desse modo, é possível dizer que aprendizagem acontece quando comportamentos são modificados, quando alguém consegue emitir comportamentos que não emitia antes.

Skinner (1968/1972) defende que aprender não significa, necessariamente, ter sido ensinado. Os elementos de contingência presentes em um processo de modificação de comportamento apresentam-se na forma de leis universais e podem até ser arranjadas para produzir modificação de comportamentos; mas ainda que não haja uma tentativa arbitrária de arranjo das contingências, o processo de aprendizagem sempre ocorre quando se observa que a probabilidade de emissão de um dado comportamento foi alterada em decorrência do contato do organismo com o ambiente.

Condicionamentos Respondente e Operante

Sabendo que a Análise do Comportamento entende aprendizagem como modificação do comportamento em decorrência da interação do organismo com o ambiente, deve-se compreender que, de acordo com ela, as modificações podem ser estudadas sob os rótulos de condicionamento respondente e condicionamento operante.

Respondente e operante são duas classificações feitas a tipos de comportamento (Skinner, 1974/2006). O comportamento respondente se refere a respostas do organismo eliciadas por alterações no ambiente em uma relação denominada reflexo, como, por exemplo, reações fisiológicas eliciadas por modificações no ambiente. Já o comportamento operante se refere a comportamentos que operam o ambiente, sendo afetados por suas consequências. Andar, falar, pensar e comer são exemplos de comportamentos operantes (Moreira & Medeiros, 2007).

Esses dois tipos de comportamentos podem ser aprendidos ao se tornarem condicionados. Os comportamentos eliciados por estímulos antecedentes são os denominados respondentes. Estes podem ser aprendidos caso ocorra o emparelhamento de um estímulo neutro com um estímulo incondicionado ou com um estímulo previamente condicionado. O condicionamento respondente (também conhecido como Condicionamento Pavloviano ou Condicionamento Clássico) caracteriza-se pela aprendizagem de um novo reflexo, quando estímulos que não eram capazes de eliciar determinadas respostas passam a fazê-lo (Moreira & Medeiros, 2007). Já o condicionamento operante é observado quando a frequência de determinado comportamento operante torna-se controlada pelas consequências que o próprio comportamento provoca, influenciando a probabilidade de sua ocorrência no futuro (Keller, 1974; Moreira & Medeiros, 2007).

Tipos de Consequência

Para caracterizar o condicionamento operante, foi dito anteriormente que a probabilidade de ocorrência de um comportamento operante no futuro é influenciada pelas consequências que ele provoca. Estas consequências podem aumentar ou diminuir as probabilidades de ocorrência do comportamento, sendo chamadas, assim, de reforço ou punição, respectivamente (Baum, 1994/1999; Holland & Skinner, 1961/1975). Diz-se que um comportamento é reforçado quando as consequências da resposta aumentam as chances de essa resposta voltar a ocorrer; diz-se que foi punido, quando as consequências da resposta são capazes de enfraquecê-la, isto é, diminuir suas chances de voltar a ocorrer (Catania, 1998/1999; Keller, 1969/1973; Skinner, 1961/1969).

As consequências podem ser naturais ou arbitrárias, a depender se são um produto direto ou indireto do próprio comportamento, respectivamente (Moreira & Medeiros, 2007). No caso do estímulo reforçador, este é chamado natural quando o próprio ambiente produz a consequência reforçadora para o comportamento, como no caso de uma criança que tem o comportamento de escovar os dentes controlado pela consequência do hálito puro e refrescante. Diante desse mesmo comportamento, um exemplo de reforçamento arbitrário pode ocorrer quando a mãe oferece à criança a

possibilidade de jogar seu videogame por mais 20 minutos se escovar os dentes antes de dormir.

Controle Aversivo

Conforme dito anteriormente, as consequências punitivas tendem a diminuir a frequência ou suprimir o comportamento que as produziu, tornando-o menos provável de ocorrer novamente (Baum, 1994/1999; Moreira & Medeiros, 2007) e podem ser de ordem positiva ou negativa. Além disso, outros comportamentos podem ocorrer com a função de evitar estímulos aversivos. Conforme também foi dito anteriormente, esses são comportamentos reforçados negativamente. Eles podem ser chamados de fuga ou esquiva. A fuga é o comportamento reforçado negativamente com a função de interromper o contato com um estímulo aversivo, enquanto a esquiva é um comportamento, também reforçado negativamente, porém com a função de evitar o contato com o estímulo aversivo (Catania, 1998/1999).

As punições positiva e negativa, além do reforço negativo, são tipos de consequências capazes de exercer o chamado controle aversivo do comportamento (Catania, 1998/1999; Moreira & Medeiros, 2007). Assim, o comportamento que produz uma consequência punitiva tende a enfraquecer-se, e outros comportamentos de fuga ou esquiva podem aparecer com a função de evitar ou interromper estímulos aversivos, respectivamente. Comportamentos sob o controle aversivo produzem efeitos colaterais como, por exemplo, a eliciação de respostas emocionais. Sobre essa questão, Moreira e Medeiros (2007) alertam para um tipo de ocasião muito comum nas relações dos pais com os filhos:

“Existem algumas desvantagens na eliciação de respostas emocionais. Uma desvantagem comum ocorre quando o administrador da punição observa as respostas emocionais do organismo punido. Essas respostas emocionais eliciam outras respostas emocionais no indivíduo que pune, comumente conhecidas por respostas emocionais de pena ou culpa. Elas são aversivas, e o indivíduo que pune, pode passar a liberar reforçadores ao organismo punido como forma de se esquivar dos sentimentos de pena ou culpa” (p. 75).

Comportamento Controlado por Regras

Baum (1994/1999, p. 157) apresenta a definição de regra feita por Skinner (1953, 1969) como sendo um estímulo discriminativo verbal que indica uma contingência. Segundo o autor, aquilo que denominamos ordens, instruções ou conselhos também cabem nesta definição, pois são todos estímulos discriminativos verbais que descrevem alguma contingência.

Para exemplificar, é possível pensar nas relações parentais, haja vista que os pais costumam tentar controlar os comportamentos dos filhos emitindo ordens, instruções e conselhos, ou melhor, regras. Quando os pais dizem ao filho “coma toda a refeição para ganhar a sobremesa”, eles estão estabelecendo uma regra. A sentença verbalizada pelos pais é o estímulo discriminativo; a relação entre a ação da criança de comer (ou não) a refeição com a consequência de ganhar (ou não) a sobremesa é a contingência que a regra indicou.

Mas ao falar do controle que a regra exerce sobre o comportamento, Baum (1994/1999) salienta que sempre haverá duas contingências envolvidas, uma em curto prazo (a “contingência próxima”) e outra em longo prazo (a “contingência última”). No exemplo apresentado, é possível supor que a contingência próxima ocorre no momento em que o filho acata a ordem e recebe a aprovação dos pais por se comportar dessa forma; quanto à contingência última, não é preciso supô-la, pois é aquela descrita na regra: receber a sobremesa depois de ter comido a refeição.

Operação Estabelecadora

Operação estabelecadora é um conceito de motivação que visa identificar os eventos ambientais necessários para que algum objeto ou estímulo possa ter função reforçadora ou punitiva (da Cunha & Isidro-Marinho, 2005). Assim, é possível que eventos ambientais estabeleçam novos valores na efetividade de uma consequência, seja fortalecendo ou enfraquecendo comportamentos. Um evento ambiental como a privação de alimento pode fazer com que haja um aumento no valor reforçador do alimento (Skinner, 1953/2000). Neste caso, o alimento se torna mais reforçador se o organismo estiver em situações de privação. Consequentemente, aqueles comportamentos que possibilitem ao organismo a aquisição do alimento tornar-se-ão mais prováveis de ocorrer em situação de privação do que em situação de saciedade.

Imagine a situação em que uma mãe que diz ao filho que o levará à lanchonete após ele arrumar o quarto. A mãe tenta estabelecer a perspectiva de ida à lanchonete como consequência reforçadora para o comportamento do filho de arrumar o quarto. Mas isso não basta. Caso o filho esteja em situação de privação, então, de fato, a perspectiva da ida à lanchonete terá valor reforçador ainda maior para este comportamento. Em sentido contrário, caso a mãe verbalize a mesma regra logo após a uma refeição em que a criança foi saciada, é provável que a consequência reforçadora descrita na regra tenha seu valor reforçador diminuído. Com isso, o comportamento de arrumar o quarto naquele momento terá sua probabilidade de ocorrência diminuída.

Habilidades Sociais Educativas Parentais (HSE-P)

As habilidades sociais educativas (HSE) foram definidas como “aquelas intencionalmente voltadas para a promoção do desenvolvimento e da aprendizagem do outro, em situação formal ou informal” (Del Prette & Del Prette, 2001, p. 94). Os autores chegaram a essa definição tendo como base o termo habilidades sociais empregado por Argyle (1980, citado por Del Prette & Del Prette) para se referir às classes de comportamentos que se estabelecem nas relações professor-aluno e que são necessárias ao processo formal de ensino. Esses autores entendem que essa definição é funcional: se as classes de comportamentos que envolvem as habilidades sociais produzirem mudanças no repertório comportamental dos educandos, então as habilidades sociais podem ser chamadas, neste caso, de Habilidades Sociais Educativas (Del Prette & Del Prette, 2008).

Seguindo nessa linha, Bolsoni-Silva e Maturano (2008) utilizam o termo Habilidades Sociais Educativas Parentais (HSE-P) proposto por Silva (2000). Neste caso, o termo se restringe ao conjunto de habilidades socioeducativas dos pais. Ou seja, são classes de comportamentos da prática parental, pois ocorrem em função de gerar mudança no repertório comportamental dos filhos, especificamente. Essas habilidades se caracterizam por classes de respostas, tais como “estabelecer limites e/ou regras”, por exemplo. As autoras também informam que esse exemplo de classe de respostas pode envolver respostas “topograficamente diferentes”, como “dizer não” ou “solicitar mudança de comportamento”, mas que podem pertencer à mesma classe por assumirem uma mesma função.

A partir do Roteiro de Entrevista de Habilidades Sociais Educativas Parentais (RE-HSE-P), Bolsoni-Silva e Loureiro (2010) propuseram a classificação das habilidades sociais educativas parentais em três grandes categorias. São elas: (a) comunicação, entendida como uma categoria de prática educativa em que os pais emitem comportamentos de “perguntar e estabelecer conversação”; (b) expressão de sentimentos e enfrentamento, entendida como uma categoria de prática educativa com emissão de comportamentos verbais que expressem “sentimentos positivos e negativos, opiniões, demonstração de carinho e brincar”; e (c) estabelecimento de limites, entendida como uma categoria de prática educativa com emissão de comportamentos “identificar e consequenciar comportamentos socialmente habilidosos e não habilidosos, estabelecer regras, ter consistência, concordar com o cônjuge, cumprir promessas, identificar erros e pedir desculpas” (Bolsoni-Silva & Loureiro, 2011, p. 62).

Resumo do Filme

Lançado em 1978, o filme “Kramer vs. Kramer” foi estrelado por Dustin Hoffman e Meryl Streep, e até hoje é muito comentado. O filme conta a história de um processo de separação de um típico casal de classe média americano. Ted Kramer é publicitá-

rio que pensa e vive intensamente para o trabalho, tendo um ótimo emprego em uma grande agência de Nova York. Joanna Kramer, esposa de Ted, não suporta mais sua vida, pois se sente entediada.

A rotina de Ted Kramer sofre um grande impacto após a separação inesperada, o que ocorre no mesmo dia em que seu chefe o escolhe para gerenciar a campanha e a conta do novo e maior cliente com que a agência fechou contrato. A esposa sai de casa deixando o filho Billy de 6 anos sob sua responsabilidade. De uma hora para outra, Ted precisa aprender a se tornar um pai mais presente, ao mesmo tempo em que tenta ajustar-se à nova realidade do emprego que agora exige muito mais empenho dele. Sendo um típico *workaholic*¹⁹, Ted enfrenta algumas dificuldades para conseguir aprender a melhorar a qualidade de suas interações com o filho, passando por um intenso processo de adaptação.

Quando tudo parece estar se normalizando, Joanna reaparece pedindo a guarda do filho e inicia-se uma disputa judicial pela criança. Diante disso, sua vida profissional sofre as consequências da nova situação e, às vésperas da audiência com o juiz, Ted é demitido do emprego. Em um curto período de tempo, Ted precisa conseguir um novo emprego para que possa provar ao juiz que tem condições de criar o filho.

Alguns dias após a audiência, Ted recebe do advogado a informação de que o juiz decidiu conceder a guarda à mãe. Ele ainda pensa em recorrer, mas desiste ao saber que, caso recorra, o filho será envolvido no processo. Ao final do filme, na hora de buscar a criança na casa do pai, Joanna desiste da guarda e decide deixar o filho continuar morando com o pai.

Análise e Discussão de Recortes do Filme

O tema central de “Kramer vs. Kramer” é a separação do casal, o qual se desdobra em várias outras questões como as de gênero, trabalho, composição familiar, judicialização da vida privada, bem como educação dos filhos, além de tantos outros. Em se tratando de educação dos filhos, é um filme muito útil para fazer análises funcionais de comportamentos de pais e filhos em contextos diversos, a fim de compreender os desafios da difícil tarefa de educar uma criança.

Caracterização dos Personagens

Ted Kramer é um publicitário que vive intensamente para o trabalho e parece gostar muito do que faz. É bem provável que as perspectivas de sucesso e crescimento profissional apontadas pelo mercado publicitário e os elogios do chefe funcionassem

¹⁹ O termo foi empregado pela primeira vez pelo psicólogo norte-americano Wayne E. Oates para designar pessoas viciadas em trabalho. Em um artigo intitulado “On Being a Workaholic” (1968), o autor tomou emprestado o termo “alcoholic” (pessoas viciadas em álcool) para compor a nova expressão.

como estímulos reforçadores condicionados generalizados para classes de respostas como permanecer no trabalho após o horário de expediente e levar trabalhos para casa. Em termos cotidianos, seus comportamentos em relação à profissão o caracterizam como um típico *workaholic*.

Joanna Kramer é a esposa de Ted que sai de casa logo no início do filme sem dar muitas explicações, permanecendo ausente até a metade da película. É provável que ela não possuísse um repertório comportamental compatível com as situações aversivas que ocorriam nas tarefas de educar o filho e/ou cuidar da casa dentro de um casamento como o seu. Quando retorna, tenta explicar a Ted o motivo de ter saído de casa, dizendo: “Toda a minha vida me senti mulher de alguém, ou mãe de alguém, ou filha de alguém. Durante todo o tempo em que estivemos juntos, nunca soube quem eu era. Foi por isso que tive que ir embora”.

É possível inferir que os comportamentos de Joanna estivessem sob controle de diversas práticas de reforçamento socioculturais, que, por meio de regras e modelos, estabelecem como as mulheres devem se comportar quando cumprem os papéis de filha, esposa e mãe. Os comportamentos voltados ao cumprimento desses papéis são, muitas vezes, estabelecidos por reforçadores condicionados generalizados²⁰, regras e modelação²¹. Nesse sentido, receber aprovação social como consequência aos comportamentos de orientar e cuidar do filho pode funcionar como reforço condicionado generalizado. Provavelmente tal aprovação sinaliza a possibilidade de contato com outros reforçadores provenientes da pessoa que aprova. Também é provável que, ao longo dos anos, Joanna tenha ouvido regras que descrevem o que é e o que não é ser uma boa mãe. Somado a tudo isso, deduz-se que Joanna também tenha aprendido seus comportamentos compatíveis ao papel de filha, esposa e mãe ao observar os comportamentos de outras mulheres, bem como as regras que orientavam seus comportamentos e as consequências obtidas por elas.

A hipótese que se levanta no caso de Joanna é que, na medida em que Ted diminuía seu tempo em casa e aumentava sua dedicação ao trabalho, os comportamentos dela que atendiam aos papéis de mulher tenham resultado em estímulos aversivos e na perda de reforçadores. É provável que várias vezes Joanna tenha sido obrigada a lidar sozinha com certas dificuldades para cuidar do filho. Também se imagina que tenha emitido comportamentos que ela considerava incompatíveis com aqueles aprendidos pelos modelos e regras socioculturais. Diante dessa situação, supõe-se

²⁰ Segundo Baldwin e Baldwin (1986/1998), reforçadores condicionados generalizados se referem a estímulos que se estabelecem como reforçadores por predizerem muitas espécies de reforçamento em condições e circunstâncias diversas, a exemplo do dinheiro, que pode ser utilizado para obter contato com reforçadores positivos e evitar o contato com estímulos punitivos.

²¹ Segundo Baldwin e Baldwin (1986/1998), aprendizagem por modelação ocorre quando, por meio de observação, a pessoa utiliza as informações a respeito do comportamento observado para orientar seu próprio comportamento.

que muitas respostas de fuga e esquiva tenham sido evocadas. Joanna chegou a relatar que não tinha amigas. Talvez a possibilidade de contato com outras mães sinalizasse situações aversivas, caso essas ficassem “contando vantagem” sobre o modo de lidar com os filhos.

Billy Kramer é o filho do casal, uma criança de 6 anos que, aparentemente, não apresenta problemas de comportamento. Contudo, ficam evidentes as ocorrências de respostas emocionais aversivas após a separação dos pais. Provavelmente, as interações dele com a mãe promoviam a ocorrência de diversos estímulos reforçadores, os quais foram retirados repentinamente de seu ambiente, tendo em vista que sua mãe saiu de casa sem comunicar ao filho e permaneceu ausente durante alguns meses. Tal evento pode ter funcionado como punição negativa para uma infinidade de comportamentos de Billy. É possível pensar no caso de uma criança que passa a se apresentar mais calada, ou ensimesmada, após um evento como este. Neste caso, entende-se que alguns comportamentos relativos a interações verbais diminuíram de frequência. Isso ocorreu com Billy em um primeiro momento após a separação dos pais. Mais precisamente, pode-se supor que a retirada de alguns estímulos reforçadores provenientes da interação com a mãe tenha funcionado como punição negativa para os comportamentos relativos à comunicação verbal de Billy.

Modelagem de Comportamentos na Relação Parental

Há um exemplo claro do processo de modelagem na cena em que Ted ensina o filho a andar de bicicleta. A cena mostra o pai ajudando Billy a se equilibrar na bicicleta. Ao mesmo tempo, na medida em que Billy consegue se equilibrar, o pai procura dizer coisas como “isso aí, garoto!”, “continue assim, muito bem!”, “você está ótimo”. Tais palavras vão exercendo função de reforço para aquelas topografias de respostas necessárias ao equilíbrio de Billy em cima da bicicleta, pois aumentam a frequência das respostas que o mantêm equilibrado. Ainda que não saiba, Ted está tentando selecionar esses comportamentos por meio de reforçadores arbitrários, tendo em vista que suas palavras de “incentivo” não são um produto direto das respostas de Billy. Porém, os reforçadores que modelam as respostas de Billy não são apenas esses arbitrariamente liberados pelo pai. Há também reforçadores naturais modelando os comportamentos da criança. Sentir o vento batendo no rosto, perceber a paisagem passando mais rápido ou sentir-se equilibrado, são prováveis exemplos de estímulos reforçadores naturais, pois são produzidos diretamente pelo ambiente.

Os comportamentos de Ted também são modelados. Após a separação do casal, ocorreram mudanças contingenciais significativas nas interações entre Ted e Billy. Ver o filho aprendendo novos comportamentos e expressando respostas emocionais com sorrisos, como ocorreu ao aprender a andar de bicicleta, por exemplo, aumentaram a frequência dos comportamentos de Ted, levando-o a interagir mais com o

filho. Ao mesmo tempo, aquelas consequências reforçadoras sinalizadas pelo mercado de trabalho que eram capazes de controlar algumas respostas de Ted (permanecer no trabalho até altas horas é um exemplo) perderam a efetividade de antes, fazendo como que essas respostas diminuíssem de frequência. Talvez as consequências produzidas nas interações com o filho tenham exercido uma função abolidora²² dos reforçadores presentes no contexto de trabalho, caracterizando uma diminuição momentânea da efetividade reforçadora (da Cunha & Isidro-Marinho, 2005), a partir do momento em que tais consequências se tornaram menos eficazes que antes no controle das respostas de Ted.

Uma das cenas mostra Ted sentado no sofá à noite, desenhando uma peça publicitária que deveria ser apresentada no dia seguinte. Billy está sentado no chão, em frente à mesinha de centro da sala, brincando com um helicóptero de brinquedo em cima de outras peças já desenhadas e pedindo para que o pai o veja. Ted não dá a atenção, ou seja, não oferece o reforçador, e as respostas de Billy mudam de topografia. Billy aumenta a intensidade do “som do aviãozinho”, amplia o seu “espaço de voo” e acaba colidindo o aviãozinho com um copo de café, derramando o conteúdo sobre os desenhos do pai que estavam sobre a mesa. Certamente, a consequência de perder todo o trabalho não se tornou mais aversiva a partir do momento em que a esposa saiu de casa, pois isso seria aversivo mesmo antes da saída. Tal consequência apenas se tornou mais provável de ocorrer, pois, se a mãe ainda estivesse em casa, Billy poderia estar interagindo com ela, o que evitaria o acidente. Ocorre que, após a separação, Ted passou a entrar em contato com consequências que não enfrentava antes, pelo menos não com a mesma intensidade. Ou seja, o repertório comportamental de Ted sofreu modificações. Novos comportamentos também ficaram sob o controle de consequências que não ocorriam com a mesma frequência de agora.

De qualquer forma, a cena citada corrobora com o que é apresentado na literatura. Com a suspensão de um reforçador que controla um determinado comportamento, é esperado que haja um aumento na variabilidade da topografia da resposta (Moreira & Medeiros, 2007). No caso citado, o comportamento de pedir para que o pai o olhasse ocorria em função da atenção que o pai poderia oferecer. Ao continuar concentrado na atividade do trabalho, Ted não liberou o reforçador e o comportamento de Billy foi se modificando até ocorrer o acidente. Ao mesmo tempo, o comportamento de permanecer exclusivamente concentrado no trabalho foi punido, cessando imediatamente e dando lugar ao comportamento de oferecer atenção, que era o reforçador sob o qual os comportamentos de Billy estavam sob controle.

²² Segundo da Cunha e Isidro-Marinho (2005), operações abolidoras são “operações ambientais que suprimem a efetividade de um evento reforçador e a ocorrência de comportamentos que tenham sido reforçados por esse evento reforçador” (p. 30).

Conciliar o trabalho com a educação do filho parece ser difícil para Ted, pois são tarefas que exigem respostas muitas vezes incompatíveis. A posição que Ted ocupa na empresa exige dele respostas que vão além daquelas que provavelmente estavam descritas na função do cargo. Há um momento em que o chefe chega a questioná-lo se não seria melhor entregar Billy para algum parente durante um período, sinalizando a perda do emprego como uma consequência possível. Em outro momento, o chefe pede a Ted para que ele fique além do expediente, pois está havendo uma confraternização com a participação de clientes “muito importantes”. Ted pede desculpas por não poder ficar, pois tem que buscar o filho na escola. Ele vai embora com os braços carregados de caixas, papéis e pastas, a fim de continuar o trabalho em casa.

Diante do panorama apresentado, é possível compreender a função das respostas que Ted não emitia e passou a emitir. Levar para casa mais trabalho que o de costume, acordar mais cedo, preparar as refeições, levar e buscar o filho na escola e nas festas, colocar de castigo, dar broncas, levar para passear, pedir à secretária para resolver assuntos pessoais, são exemplos de respostas que passaram a fazer parte do repertório de Ted. Evitar perder o emprego ou ouvir o chefe sinalizar desconfiança quanto à sua capacidade de conciliar a vida pessoal com o trabalho parecem ser reforçadores negativos que controlam esse conjunto de novas respostas. São comportamentos sob controle aversivo, pois se estabeleceram em função de reforçadores negativos e punições. Porém, a nova rotina e o aumento da qualidade e da frequência da interação de Ted com o filho estabeleceram novos reforçadores, outrora indisponíveis, ao se divertir com o filho e ao vê-lo aprendendo novos comportamentos.

À medida que o filme segue, é possível ver como as contingências das interações entre Ted e Billy são capazes de modelar os comportamentos de ambos. Billy vai aprendendo que seus comportamentos são capazes de controlar os comportamentos do pai. Ao demonstrar suas insatisfações ou fazer comparações com a mãe, seu pai passa a ter comportamentos diferenciados em relação a ele, tais como pedir desculpas, se justificar e fazer agradados. Levar sorvete para casa quando o filho pede de forma “manhosa” é um exemplo. É o que acontece quando Ted, ao sair do trabalho, se atrasa para buscar o filho em uma festa de aniversário. Billy, aparentemente irritado com o ocorrido, diz ao pai que as outras mães (ênfaticamente a palavra “mães”) chegaram no horário certo. O pai responde se desculpando e isso, provavelmente, reforça o comportamento queixoso de Billy. Na cena que se segue, Billy passa a desafiar as ordens do pai, questionando algumas regras e limites como as maneiras de se comportar à mesa, por exemplo, e fazendo comparações entre Ted e Joanna.

Após permanecer meses sem dar notícias, Joanna envia uma carta ao filho. O pai, sem saber o conteúdo, chega a casa demonstrando entusiasmo, conta a Billy que a

mãe o enviara uma carta e abre-a para ler. Porém, na carta, a mãe apenas explica os motivos de sua escolha, sem dar indícios de quando voltará a ver o filho. Antes de terminar de ouvir, Billy pega o controle remoto e aumenta o volume da televisão e, em seguida, Ted pára de ler a carta. O comportamento de Billy teve a função de interromper a leitura da carta, pois este evento eliciava respostas emocionais aversivas nele. Ao mesmo tempo, funcionou também como punição positiva ao comportamento do pai de ler a carta, pois introduziu novos estímulos ao ambiente capazes de cessar o comportamento dele.

As situações apresentadas exemplificam o processo de modelagem de comportamentos. Sabe-se que a probabilidade de ocorrência dos comportamentos operantes aumenta ou diminui de acordo com as consequências que ele provoca no ambiente (Baum, 1994/1999). Dessa forma, os comportamentos são selecionados e, com o passar do tempo, um repertório comportamental vai sendo estabelecido. O que ocorre nos exemplos citados é que, com o aumento dos momentos de interação entre Ted e Billy, um se tornou forte fornecedor de consequências para os comportamentos do outro em um fenômeno de interdependência. Contudo, vale salientar que, pelo fato de serem multideterminados, os comportamentos de Ted e Billy são selecionados por outras consequências que se encontram fora dessa relação de interdependência.

Ao que tudo indica, Ted parece ser uma pessoa que consegue se adaptar mais facilmente às mudanças nas contingências que Joanna. Talvez Joanna estivesse passando por um processo de depressão. O fato é que, muito provavelmente, ela estava em contato constante com situações aversivas na rotina da casa. Acordar cedo todos os dias, enfrentar sozinha os momentos de desobediência do filho, levar e buscar na escola, preparar a refeição do filho e do marido diariamente, ficar sozinha em casa, são algumas das situações possíveis. Também é possível imaginar que, em quase todas essas situações, os comportamentos de Joanna não estivessem sendo positivamente reforçados. O contato com situações aversivas e com a ausência de reforçadores pode contribuir para o processo denominado de depressão, sendo comum haver uma redução na frequência de comportamentos que sejam reforçados positivamente (Ferster, 1968/1979). Na rotina de Joanna, é bem provável que suas respostas não fossem positivamente reforçadas. Pelo contrário, é mais provável que ocorressem em função de evitar situações aversivas (reforço negativo).

A separação do casal ocorre por decisão da mãe, deixando o filho sob os cuidados do marido. Isso não é muito comum em nossa sociedade, tendo em vista que é observada uma frequência muito maior (ainda mais no final dos anos 1970) de casos em que o marido deixa o lar. Ao saber que a esposa pretende sair de casa, Ted a questiona sobre seus motivos e pede a ela que pense no filho. Joanna se justifica dizendo: “Não presto para ele. Sou péssima com ele. Não tenho paciência. Ele fica

melhor sem mim”. Cabe aqui discutir a resposta com base no conceito racionalização. De acordo com Medeiros (2013), respostas de racionalização são “tatos distorcidos para si mesmo como ouvinte acerca das variáveis controladoras de um dado comportamento” (p. 167). Se uma pessoa emite uma resposta de tato a fim de justificar sua ação, pode ser que a topografia de sua resposta não possua relação com as variáveis que de fato controlam sua ação, mas para caracterizar-se como racionalização é necessário que falante e ouvinte sejam a mesma pessoa e esta não esteja ciente da distorção feita na descrição. A resposta de Joanna tem topografia de tato, pois é um operante verbal que apenas descreve uma situação sem especificar o reforçador (Baum, 1994/1999), mas com característica de tato distorcido na medida em que teve a função de fuga/esquiva e em que a consequência que controlou a emissão do comportamento era generalizada e reforçava negativamente a resposta emitida (Medeiros, 2013), evitando uma resposta emocional aversiva de culpa. Caso emitisse tatos puros como “não aguento mais cuidar dele”, “o Billy me irrita”, ou “quero pensar mais em mim”, provavelmente aumentariam as chances de sentir-se culpada. Assim, a fala de Joanna pode ser compreendida como racionalização, pois permitiu interromper (ou pelo menos diminuir) o contato com as respostas emocionais aversivas caso ficasse emitindo tatos puros para justificar sua saída.

Aumento das Habilidades Sociais Educativas Parentais (HSE-P)

Diversas situações no filme apresentam os desafios que Ted precisa enfrentar para educar o filho, pois coube a ele essa responsabilidade após a separação. Ted vai desenvolvendo habilidades comportamentais úteis para as práticas educativas, que podem ser traduzidas como HSE-P (Silva 2000). Bolsoni-Silva e Maturano (2008, p. 130) apresentam uma lista de habilidades que exemplificam as HSE-P, tais como “manter conversação; fazer perguntas; (...) expressar sentimentos positivos e negativos; demonstrar carinho; brincar com o filho; expressar opiniões; estabelecer limites; cumprir promessas; (...) auto-avaliar-se quanto a ‘erros’ na forma de educar e; discriminar e consequenciar comportamentos adequados dos filhos”. As autoras entendem que é importante desenvolver essas habilidades, principalmente as que envolvem comunicação, e que a falta delas pode contribuir para que as crianças desenvolvam problemas de comportamento.

É possível notar habilidades que envolvem comunicação nos comportamentos de Ted, como a de manter conversação e expressão de sentimentos. Quando acorda, na primeira manhã logo após a separação, Billy pergunta ao pai onde está a mãe e o diálogo se estabelece da seguinte maneira:

Billy: Cadê a mamãe?

Ted: Deus... Tudo bem, já digo. Quer saber cadê a mamãe?

Billy: Ela precisa me levar pra escola.

Ted: Ela me mandou levá-lo. Vou te dizer aonde ela foi. Sabe, às vezes, quando você não se dá com seu amigo e briga?

Billy: Sim.

Ted: Daí você quer ficar sozinho um pouco, certo?

Billy: Sim.

Ted: Bem, às vezes mamãe e papai se desentendem e um dos dois quer ficar sozinho por um tempo.

Billy: Quando a mamãe volta?

Ted: Logo, logo! Venha, vamos tomar o café. Só eu e você!

As habilidades que envolvem comunicação, expressão de sentimentos e enfrentamento são importantes para as práticas educativas parentais na medida em que funcionam como fatores de proteção (Bolsoni-Silva & Loureiro, 2011; Bolsoni-Silva & Maturano 2008; Soares e cols., 2004). Ao que parece, Ted pretendeu contar o que ocorreu e, ao mesmo tempo, evitar que o filho entrasse em contato com respostas emocionais aversivas por saber que a mãe saiu de casa. Em outras palavras, Ted queria evitar que o filho se sentisse abandonado pela mãe, mas dizendo a verdade sobre o que ocorreu. A estratégia de Ted foi manter a conversação utilizando exemplos de situações semelhantes vividas pelo filho nas interações sociais dele. Dessa forma, Ted ofereceu estímulos discriminativos capazes de criar condições para que Billy se lembrasse de situações semelhantes vividas por ele. Ao lembrar, Billy provavelmente entrou em contato com contingências semelhantes a outras já vivenciadas. Diante disso, é provável que a magnitude dos estímulos aversivos presentes no relato do pai tenha diminuído, ou seja, ajudou a diminuir o impacto da notícia.

Ted vai melhorando suas habilidades comunicativas ao longo da história. Isso permitiu que ele conhecesse melhor as funções que determinadas consequências exerciam sobre os comportamentos do filho. Uma das cenas já citada, em que Billy está brincando na sala e chamando a atenção do pai enquanto ele trabalha, se repete de forma semelhante ao final do filme. Na primeira vez, Billy se comportou pedindo a atenção do pai e seu comportamento não foi reforçado. O desfecho da cena foi uma enxurrada de café sobre o trabalho de Ted. Já na cena ao final do filme, o cenário é semelhante ao anterior, com Billy também sentado no chão, perto da mesa de centro, desenhando e fazendo perguntas ao pai, enquanto ele trabalha sentado no sofá. Porém, dessa vez, o pai responde às suas perguntas e depois o pega no colo. A habilidade de manter conversação parece ter sido ampliada. Talvez Ted tenha aprendi-

do que, em situações semelhantes, tal habilidade pode fazer com que um reforçador condicionado generalizado muito poderoso, conhecido como atenção, salve seus trabalhos.

Considerações Finais

O filme apresenta diversas situações em que os comportamentos dos personagens vão se modificando a partir das mudanças ambientais, o que proporciona uma aproximação à ideia behaviorista de causalidade externa em vez de interna (Skinner, 1953/2000). Nesse sentido, a história contada na obra “Kramer vs. Kramer” ilustra contingências capazes de provocar mudanças comportamentais nos personagens, porém de forma incompleta. O mesmo ocorre com os relatos verbais com que o analista do comportamento se depara na clínica, tendo em vista que o comportamento humano é complexo e multideterminado.

Em se tratando de práticas educativas parentais, é provável que muitos pais encontrem dificuldades para provocar as modificações desejadas no comportamento dos filhos, principalmente se não estiverem atentos ao contexto em que os comportamentos ocorrem. Além disso, a grande mídia contribui negativamente com uma grande quantidade de programas, entrevistas e reportagens que trazem explicações simplistas e atribuem os problemas de comportamento a causas internas. Diante disso, filmes como “Kramer vs. Kramer”, além de tantos outros, podem ajudar psicólogos que trabalham com orientação a pais a encontrar cenas ilustrativas sobre a importância das modificações contingenciais quando o objetivo é mudança comportamental.

Referências

- Baldwin, J. D., & Baldwin, J. L. (1986/1998). *Princípios do comportamento na vida diária* (L. F. Ciruffo, M. J. E. Vasconcellos, S. R. C. Pereira & S. S. Castanheira, trads.). Belo Horizonte: UFMG.
- Baum, W. M. (1994/1999). *Compreender o Behaviorismo: Ciência, comportamento e cultura* (M. T. A. Silva, M. A. Matos, G. Y. Tomanari & E. Z. Tourinho, trads.). Porto Alegre: Artmed.
- Bolsoni-Silva, A. T., & Loureiro, S. R. (2010). Validação do Roteiro de Entrevista de Habilidades Sociais Educativas Parentais (RE-HSE-P). *Avaliação Psicológica*, 9(1), 63-75.
- Bolsoni-Silva, A. T., & Loureiro, S. R. (2011). Práticas educativas parentais e repertório comportamental infantil: comparando crianças diferenciadas pelo comportamento. *Paideia*, 21(48), 61-71.

- Bolsoni-Silva, A. T., & Maturano, E. M. (2008). Habilidades sociais educativas parentais e problemas de comportamento: Comparando pais e mães de pré-escolares. *Aletheia*, 27(1), 126-138.
- Catania, A. C. (1998/1999). *Aprendizagem: Comportamento, linguagem e cognição* (D. G. Souza, Coord. trad.). Porto Alegre: Artmed.
- Coelho, M. V., & Murta, S. G. (2007). Treinamento de pais em grupo: Um relato de experiência. *Estudos de Psicologia*, 24(3), 333-341.
- da Cunha, R. N., & Isidro-Marinho, G. (2005). Operações estabelecedoras: Um conceito de motivação. Em J. Abreu-Rodrigues & M. R. Ribeiro (Orgs.), *Análise do Comportamento: Pesquisa, teoria e aplicação* (pp. 27-44). Porto Alegre: Artmed.
- de-Farias, A. K. C. R., & Ribeiro, M. R. (2007/2014). Prefácio da primeira edição. Em A. K. C. R. de-Farias & M. R. Ribeiro (Orgs.), *Skinner vai ao cinema: Volume 1* (pp. vi-vii). Brasília: Instituto Walden4. Retirado de <http://www.walden4.com.br/livros/w4/pdf/iw4_skinner_vai_ao_cinema_v1_2a_ed_2014.pdf>.
- Del Prette, A., & Del Prette, Z. A. P. (2001). *Psicologia das relações interpessoais: Vivências para o trabalho em grupo*. Petrópolis: Vozes.
- Del Prette, A., & Del Prette, Z. A. P. (2008). Um sistema de categorias de habilidades sociais educativas. *Paideia*, 18(41), 517-530.
- Ferster, C. B. (1968/1979). *Princípios do comportamento* (M. I. R. Inez, M. A. C. Rodrigues & M. B. L. Pardo, trads.). São Paulo: HUCITEC.
- Gomide, P. I. C. (2003). Estilos parentais e comportamento anti-social. Em A. Del Prette & Z. A. P. Del Prette (Orgs.), *Habilidades sociais, desenvolvimento e aprendizagem: Questões conceituais, avaliação e intervenção* (pp. 21-61). Campinas: Alínea.
- Gomide, P. I.C. (2004). *Pais presentes, pais ausentes: Regras e limites*. Petrópolis: Vozes.
- Kazdin, A. E. (2010). *O método Kazdin: Como educar crianças difíceis*. São Paulo: Novo Século.
- Keller, F. S. (1973/1969). *Aprendizagem: Teoria do reforço* (R. Azzi, L. Zimmerman & L. O. S. Queiroz, trads.). São Paulo: EPU.
- Leme, V. B. R., Bolsoni-Silva, A. T., & Carrara, K. (2009). Uma análise comportamentalista de relatos verbais e práticas educativas parentais. *Paideia*, 19(43), 239-247.

- Medeiros, C. A. (2013). Mentiras, indiretas, desculpas e racionalizações: Manipulações e imprecisões do comportamento verbal. *Comportamento em foco, Volume 2* (pp. 157-170). São Paulo: ABPMC.
- Medeiros, C. A., & Medeiros, N. N. F. A (2011). Psicoterapia comportamental pragmática. *Comportamento em foco, Volume 1* (pp. 417-435). São Paulo: ABPMC.
- Moreira, M. B. (2007/2014). “Curtindo a vida adoidado”: Personalidade e causalidade no behaviorismo radical. Em A. K. C. R. de-Farias & M. R. Ribeiro (Orgs.), *Skinner vai ao cinema: Volume 1* (pp. 1-23). Brasília: Instituto Walden4. Retirado de <http://www.walden4.com.br/livros/w4/pdf/iw4_skinner_vai_ao_cinema_v1_2a_ed_2014.pdf>.
- Moreira, M. B., & Medeiros, C. A. (2007). *Princípios básicos de Análise do Comportamento*. Porto Alegre: Artmed.
- Oates, W. E. (1968). On being a “workaholic”: A serious jest. *Pastoral Psychology, 19*(8), 16-20.
- Pergher, N. K., & Dias, M. A. (2009). O carteiro, o poeta e Skinner: Um estudo sobre a metáfora. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva, 6*(1), 1-14.
- Rolim, S. F. F. (2011). “Ensinando a Viver” - Um exercício de interpretação de um filme sobre comportamento verbal distorcido. *Comportamento em foco, Volume 1* (pp. 561-570). São Paulo: ABPMC.
- Silva, A. T. B. (2000). *Problemas de comportamento e comportamentos socialmente adequados: Sua relação com as habilidades sociais educativas de pais*. Dissertação de Mestrado não publicada, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos.
- Skinner, B. F. (1953/2000). *Ciência e comportamento humano* (R. Azzi & J. C. Todo-rov, trads.). São Paulo: Martins Fontes.
- Skinner, B. F. (1957/1978). *O comportamento verbal* (M. da P. Villalobos, trad.). São Paulo: Cultrix.
- Skinner, B. F. (1962/1972). *Tecnologia do ensino* (R. Azzi, trad.). São Paulo: Herder, Ed. da Universidade de São Paulo.
- Soares, M. R. Z., Souza, S. R., & Marinho, M. L. (2004). Envolvimento dos Pais: Incentivo à habilidade de estudo em crianças. *Estudos de Psicologia, 21*(3), 253-260.

CAPÍTULO 10

“CISNE NEGRO”: UMA ANÁLISE DE PADRÕES COM- PORTAMENTAIS DE ACORDO COM A PERSPECTIVA DA TERAPIA DE ACEITAÇÃO E COMPROMISSO

Marcileyde Tizo

Instituto Brasiliense de Análise do Comportamento

Andréa Dutra

Instituto Brasiliense de Análise do Comportamento

Ana Karina C. R. de-Farias

*Instituto Brasiliense de Análise do Comportamento, Secretaria de Estado de Saúde
do Distrito Federal*

Título do filme: Cisne Negro

Título original: Black Swan

Ano: 2011

Diretor: Darren Aronofsky

Produtor: Mike Medavoy

Lançado por: Cross Creek Pictures-Phoenix Pictures

A Terapia de Aceitação e Compromisso (ACT), criada por Hayes e Wilson (1994), é uma proposta terapêutica que tem por objetivo enfraquecer processos de aprendizagem desenvolvidos em decorrência de contextos sócio-verbais presentes em nossa comunidade. Estes processos podem levar à não aceitação e à tentativa de controle e esquiva de determinados sentimentos como forma de solucionar problemas psicológicos. Essas tentativas de controle direto do medo, ansiedade, raiva, ciúmes ou outros sentimentos perturbadores podem alimentar ainda mais o problema. De acordo com Hayes, Pistorello e Biglan (2008), a esquiva de experiência (ou esquiva experiencial) é baseada num processo natural da linguagem, ou seja, em um modelo que é culturalmente ampliado com o foco em “sentir-se bem” e em evitar a dor. Infelizmente, tentativas de se evitar situações pessoais desconfortáveis tendem a aumentar sua importância funcional e, às vezes, sua magnitude e frequência. Tais situações se tornam mais salientes como objeto de controle, sendo verbalmente ligadas a resultados conceitualmente negativos e, assim, evocam pensamentos e sentimentos negativos (Dutra, 2010; Sousa & de-Farias, 2014).

A comunidade verbal estabelece uma série de contextos verbais que podem alterar a nossa compreensão e dificultar a aceitação dos sentimentos como sendo um processo natural de respostas a determinadas contingências ambientais devido à história da espécie. Aprendemos a acreditar que os sentimentos são as causas dos comportamentos públicos e que devemos controlar tais sentimentos para que os comportamentos públicos sejam modificados e os problemas resolvidos. Aprendemos a responder literalmente às palavras (ou seja, as palavras passam a significar muito mais do que elas realmente poderiam significar) e a aceitar e apresentar razões verbais como explicações causais de nossos comportamentos (ou seja, pensamentos e sentimentos como causas válidas e sensatas para os comportamentos públicos). E, finalmente, por considerar que eventos privados são causas de comportamentos públicos, o indivíduo tende a lutar para controlá-los, intensificando a presença de tais eventos (Hayes, Kohlenberg, & Melancon, 1989).

Dessa forma, a comunidade verbal estabelece um padrão de respostas no qual o indivíduo aprende a buscar explicações para seus comportamentos em outros comportamentos²³, percorrendo um caminho sem volta. Isso tende a causar um sofrimento psicológico maior ao indivíduo, resultante da formação de uma inflexibilidade psicológica (Hayes, 1987, 2004) que, por sua vez, pode resultar em processos considerados associados ao que se denomina psicopatologia.

A inflexibilidade psicológica, as atitudes da esquiva de experiência e a fusão cognitiva (Hayes e cols., 2008; Hayes, Wilson, Gifford, Follette, & Strosahl, 1996) geram resultados negativos a alguns indivíduos que podem se deparar com níveis mais al-

²³ Para o Behaviorismo Radical, filosofia na qual Hayes e colaboradores se apoiam, sentimentos são comportamentos privados (Skinner, 1974/2006).

tos de dor psicológica e perturbações do que outros indivíduos. Funcionam-se como um círculo vicioso. A inflexibilidade psicológica (i.e., controle instrucional excessivo) é um processo no qual o indivíduo encontra-se tão rigidamente controlado ou atrelado a eventos de sua vida que o comportamento do mesmo passa a ser guiado por redes verbais relativamente inflexíveis em detrimento das contingências contatadas do meio (Hayes e cols., 2008). Nesse contexto, a esquiva de experiência torna-se uma estratégia comum adotada pelo indivíduo para se esquivar ou evitar o contato com tais contingências de vida. Em si, tais experiências não são necessariamente prejudiciais, mas elas podem ser estendidas a outras situações, causando prejuízos ao comportamento. A esquiva de experiência representa ou exemplifica a tentativa de alterar a forma, frequência ou sensibilidade de eventos íntimos (Hayes e cols., 1996), e essa tentativa de se evitar estimulações aversivas tende a aumentar sua importância funcional e, conseqüentemente, o sofrimento psicológico. A fusão cognitiva, por sua vez, refere-se à predominância da regulação verbal do comportamento sobre todos os outros processos comportamentais, e é mais um processo ligado à psicopatologia no qual os pensamentos negativos são tratados como um referente para o indivíduo, ou seja, esses pensamentos passam a exercer forte controle sobre o responder (Hayes e cols., 2008). Entretanto, como afirmaram esses estudiosos, com o entrelaçamento dessas contingências, o indivíduo torna-se refém de sua própria história e de seu eu-conceitual (i.e., conceito de si como um local ou perspectiva, como nunca errar, sempre obedecer, etc.), dificultando seu engajamento ou contato com novas contingências. Fechando o círculo, essa fusão resulta na inflexibilidade psicológica que, por sua vez, nos distancia da experiência direta com as contingências.

Diante dessa forma de agir que o indivíduo pôde aprender até então, a ACT trabalha no sentido de preparar o indivíduo para aceitar e enfrentar seus próprios pensamentos, emoções e lembranças relacionadas ao sofrimento que, geralmente, o indivíduo tenta evitar (i.e., busca-se bloquear a esquiva emocional), assim como para buscar reforços alternativos e levá-lo a assumir e manter comportamentos que sejam mais “adaptativos” (i.e., que sejam mais efetivos para a produção de reforçamento positivo ou para redução de estimulação aversiva externa), ao invés de lutar para eliminar as fontes de sofrimento (i.e., o indivíduo deve se comprometer com a mudança) (Hayes e cols., 1999). Discriminar os comportamentos mais adequados para a ocorrência dessa aceitação e o comprometimento com a mudança são eventos importantes e fundamentais nessa proposta terapêutica. A difusão cognitiva pode ocorrer pela queda na crença em eventos privados como causas de comportamentos, ou seja, a maneira pela qual o indivíduo interage com esses eventos é alterada (Hayes e cols., 2008), pois esses eventos estão presentes, parecem incomodar, mas não estão sujeitos a controle direto, e sim sinalizando que tem “algo fora” (i.e., nas contingências ambientais) que os está produzindo e que pode ser controlado diretamente.

Para a ACT, enquanto proposta terapêutica, alcançar seus objetivos, algumas etapas são seguidas: (a) desamparo criativo: promover respostas de desesperança acerca da resolução daquilo que o indivíduo julga ser o problema. Trata-se da tentativa de levá-lo a perceber que, dentro do contexto em que está tentando lidar com o problema, não há solução – na verdade, sua forma de resolução (*e.g.*, controlando seus eventos privados) é o problema; (b) controle de eventos privados: ajudar o cliente a identificar as contingências que o levam a esquivar-se de seus eventos privados. Deve-se conscientizá-lo de que o principal problema é a tentativa de controle imediato de aspectos de seu comportamento, já que essa tentativa de controle é ineficaz; (c) discriminação entre o eu (contexto) e o comportamento: promover a separação entre a pessoa que se comporta e o comportamento, criando um contexto em que se torne possível a aceitação de reações emocionais indesejáveis. Ou melhor, o terapeuta busca modelar um repertório no qual o cliente não se defina unicamente pelo comportamento perfeccionista, por exemplo, sendo esse apenas um de muitos comportamentos que o indivíduo é capaz de emitir; (d) escolha e valorização de uma direção: questionar com o cliente acerca de seus valores para a vida e a direção que quer seguir, conhecendo que os sentimentos não estão sujeitos ao controle direto, mas que ações apropriadas podem solucionar o problema; (e) abandono da disputa: encorajar o indivíduo a abandonar a luta contra seus sentimentos e a aceitá-los. Isso tende a aumentar a exposição e a promover o enfrentamento diante de eventos antes evitados, originando mudanças em seu repertório; e, finalmente, (f) o compromisso com a mudança comportamental. Nesta etapa, busca-se estabelecer o comprometimento do indivíduo com o objetivo ou a direção apontada como relevante no processo terapêutico, tendo ao final desse processo reduzido a sua esquivas emocional e aumentado a sua habilidade de assumir e manter compromisso de mudança comportamental (Hayes & Wilson, 1994).

O presente texto visa ilustrar como esse modelo pode explicar as ocorrências de determinados eventos a partir de uma análise de padrões comportamentais²⁴ apresentados pela personagem Nina (interpretada por Natalie Portman) no filme “Cisne Negro”.

Descrição do Filme “Cisne Negro”, com Enfoque nas Ocorrências Comportamentais da Personagem Nina, sob a Visão da ACT

O filme “Cisne Negro” é uma releitura moderna do clássico balé do russo Piotr Ilitch Tchaikovsky, conhecido como “O Lago dos Cisnes” (estreado em 1877, segundo Prebláguina, 2015). Para aqueles que não conhecem, “O Lago dos Cisnes” conta a história de Odette, uma moça linda, pura e virgem, que foi sequestrada e aprisionada no corpo de um cisne branco, pelo feiticeiro Rothbart. Com o feitiço, de dia, ela e

²⁴ Quando respostas são emitidas por um indivíduo de forma repetida e consistente em uma ou diversas circunstâncias ambientais, hipotetiza-se a existência de um padrão comportamental.

seu séquito seriam cisnes e, à noite, reassumiriam sua forma humana. Esse feitiço poderia ser quebrado somente por um homem que lhe jurasse amor verdadeiro. Com o sequestro de Odette, sua mãe chorou dolorosamente e suas lágrimas transformaram-se num lago em que os cisnes se reuniam.

O Príncipe Siegfried, após ganhar de aniversário um arco e flechas, saiu para caçar na floresta e chegou ao lago dos cisnes. Ao cair da noite, ele vê as aves tornando-se mulheres e logo se apaixona pela Rainha dos Cisnes, Odette, convidando-a para um baile na noite seguinte.

No baile, Rothbart transformou sua filha Odile, deixando-a com a aparência de Odette, como se fosse um “cisne negro” transformado. Odile seduz o Príncipe Siegfried e este lhe jura amor eterno, pensando ser Odette. Ao chegar ao baile, o Cisne Branco percebe que o único que a amou não lhe era mais fiel e, portanto, o feitiço não seria quebrado. Voando de volta para o lago dos cisnes, Odette se depara com o Príncipe Siegfried que lhe pede perdão, e entende que a Rainha dos Cisnes seria para sempre uma ave; desesperada e magoada, o Cisne Branco atira-se no lago e morre, porque somente a morte lhe daria a tão sonhada liberdade.

Baseado nessa história, no filme “Cisne Negro”, o diretor de balé Thomas Leroy (interpretado por Vincent Cassel), à procura de uma nova rainha dos cisnes, selecionou Nina para interpretar o papel de rainha dos cisnes – papel este imensamente desejado pelas bailarinas, inclusive por ela.

Nina era uma jovem de 28 anos de idade, solteira, que morava com sua mãe, Erica (interpretada por Barbara Bershey) em um pequeno apartamento na cidade de Nova York, EUA. Era caracterizada como uma “doce menina”, tímida, frágil e ingênua. Com essas características, o diretor não tinha dúvidas de que ela seria perfeita para o papel de Odette, o Cisne Branco (a romântica princesa que foi transformada em um cisne branco), mas duvidava de que a mesma poderia fazer o papel de Odile, o Cisne Negro. Nina tinha muita técnica, disciplina, mas pouca espontaneidade e sensualidade, e o papel dessa irmã “gêmea do mal” exigiria sensualidade, expressividade e, principalmente, habilidades de sedução.

Antes mesmo de ser selecionada para ser a Rainha dos Cisnes, Nina (N) insistiu ao diretor: “Eu consigo dançar o Cisne Negro!”. Na tentativa de provocá-la e estimulá-la a desenvolver o repertório ousado que caracterizava o Cisne Negro, o diretor (D) respondeu:

D: “Obcecada para que saia perfeito, mas eu nunca a vi deixar-se entregar ao papel. Nunca! Tanta disciplina e para quê?”

N: “Eu só quero ser perfeita.”

D: “O quê?”

N: “Eu só quero ser perfeita.”

D: “Perfeição não significa apenas controle. Significa deixar-se levar. Surpreenda a si mesma para que possa surpreender o público. Transcenda! Poucas pessoas são capazes de fazer algo parecido.”

Neste momento do filme, já é possível notar ocorrências comportamentais apresentadas por Nina que a caracterizam como “perfeccionista”, embora, claro, ela não seja definida unicamente assim. Padrões de perfeccionismo podem gerar elevados rendimentos nas atividades, reconhecimento, mas também podem levar a um elevado nível de sofrimento em decorrência da dificuldade em lidar com erros (o indivíduo não aceita que pode errar) e em receber críticas, bem como à exaustão física e psicológica. Neste sentido, por um lado, há alta probabilidade de desenvolver repertórios “adaptativos”, sofisticados; no entanto, por outro, há probabilidade de estabelecimento de repertórios “desajustados”, “neuróticos” (Stumpf & Parker, 2000) e excessos comportamentais.

Nos testes, antes de ser escolhida para o papel e, depois, nos ensaios, Nina recebeu várias provocações do diretor como, por exemplo, quando ele a beijou forçadamente, quando a seduziu na dança, quando pediu para ela se masturbar em casa, etc. Além dessas provocações, também recebeu várias críticas pela dança ingênua e delicada que era capaz de executar, na qual não havia, de acordo com o diretor, sedução e entrega ao papel de Cisne Negro. Neste contexto, Nina passou a ouvir palavras/frases que a faziam sentir-se insegura, desprotegida, desafiada, diferentemente do que costumava ouvir de sua mãe: “Você vai convencê-lo, de uma maneira ou de outra”; “Você vai brilhar”; “Minha doce menina”; dentre outras. O contexto da relação de Nina com sua mãe era bastante infantilizado; já no contexto da relação com o diretor e o papel, havia uma nova exigência: ser sedutora e sensual/erótica.

Nas duas primeiras vezes em que Nina tentou se masturbar, por sugestão do diretor, não obteve sucesso, supostamente por apresentar rigidez em cada movimento. Masturbar-se e soltar-se a levavam a um caminho oposto ao que havia aprendido. Ela estava presa a uma história de seguir regras²⁵ e quase nenhum contato com as contingências naturais relacionadas a essa área da vida. Não se dava o “direito de viver” e, se tivesse essa oportunidade, era “apenas por algumas horas”. No filme, isto só foi possível quando, ao sair com Lilly (representada por Mila Kunis), esta colocou droga em sua bebida. Nesse mesmo passeio, tem-se outro exemplo da restrição da vida ao balé; um rapaz perguntou a Nina: “Me diga quem você é?”, e ela res-

²⁵ Regras são estímulos antecedentes verbais que sinalizam/especificam uma contingência. Instruções, ordens, avisos e conselhos são exemplos desses estímulos antecedentes (Baum, 1994/1999; Skinner, 1969/1984).

pondeu: “Sou bailarina” e, então, o rapaz disse: “Queria saber o seu nome” e só assim ela respondeu: “Nina”.

Nota-se, ao longo do filme, o sofrimento psicológico de Nina. Esse sofrimento parece resultar de uma vida muito restrita a certos eventos. Quando exposta a novas contingências, as quais lhe exigem habilidades comportamentais ainda não adquiridas, Nina se esforça ao extremo para mostrar-se capaz, quando, na verdade, está indo além de seus limites físicos e psicológicos. Para Hayes e Smith (2005, p. 1), “os seres humanos lutam contra suas formas de dor psicológica: suas emoções e pensamentos difíceis, suas lembranças desagradáveis, e suas necessidades e sensações não desejadas. Eles pensam nisto e se preocupam com isto, têm ressentimentos, antecipam e temem”²⁶. Vale ressaltar que os sentimentos de cada um, em uma dada situação, resultam de sua história de exposição às contingências de reforçamento e estão sob controle de um conjunto de estímulos ambientais atuais (Skinner, 1974/2006). Portanto, os sentimentos passam a ser dicas tanto das contingências em operação, como da história de condicionamento.

Alguns personagens, em especial, influenciaram intensamente o estabelecimento do sofrimento psicológico da protagonista em sua busca incansável por perfeição e/ou libertação: a mãe, que cobrava empenho e perfeição; o rígido diretor do espetáculo; a bailarina novata, Lilly, que tinha todos os atributos do Cisne Negro (comportamentos ousados, sensuais), representando, constantemente, uma ameaça para Nina, por almejar o papel de rainha dos cisnes, mas sendo posteriormente usada como uma “aliada perfeita” na busca de Nina pelo cisne negro. Além disso, havia também a relação de Nina com a ex-bailarina principal da companhia, Beth Macintyre (interpretada por Winona Ryder): Nina a admirava, sentiu-se culpada ao substituí-la e foi hostilizada por Beth em uma das cenas do filme.

Com essas provocações, críticas e cobranças do meio social, Nina começou a se cobrar mais, exacerbando o padrão comportamental de busca da perfeição. Ela não aceitava que podia errar. Como dito anteriormente, essa inflexibilidade pode levar os indivíduos a se tornarem mais susceptíveis a uma larga variedade de fatores de sofrimento (Hayes e cols., 2008). No contato com essas contingências aversivas, Nina foi gradualmente apresentando subprodutos (respostas colaterais) dessas mesmas contingências: (a) pensamentos obsessivos em relação ao possível fracasso, à competitividade e à perseguição da rival, e (b) comportamentos caracterizados como psicóticos, tais como ouvir vozes e ver cenas que não correspondiam à realidade física, e diante das quais Nina estabelecia e mantinha uma luta comportamental con-

²⁶ Tradução livre das autoras, a partir do trecho: “Human beings *struggle* with the forms of psychological pain they have: their difficult emotions and thoughts, their unpleasant memories, and their unwanted urges and sensations. They think about them, worry about them, resent them, anticipate and dread them”.

tra seu próprio sentir, o que gerava maior estranheza aos membros de sua comunidade verbal. Esses comportamentos psicóticos podem ser entendidos como conjuntos de ocorrências comportamentais estabelecidas e mantidas por contingências ambientais como qualquer outro comportamento, embora julgados pela comunidade verbal como sendo “estranhos” (i.e., não coerentes com a realidade). O comportamento psicótico, como qualquer outro comportamento, é parte do mundo de eventos observáveis, aos quais se aplicam os métodos da ciência natural (Skinner, 1959/1999).

Logo no início do filme, já é possível notar que se trata de uma história perturbadora. O reflexo do rosto de Nina no vidro do metrô, os closes dos pés maltratados pela dança, a câmera que seguia por trás da bailarina, enquanto ela andava tensa na sua jornada rumo à perfeição e quando percorria a rua preocupada com as transformações em sua vida, até então dócil.

Aos poucos, Nina foi demonstrando um sofrimento psicológico, pois não conseguia distinguir entre o que era real e o que era fruto de sua imaginação, apresentando o padrão de fusão cognitiva, uma vez que começou a responder literalmente aos seus eventos privados. Gradativamente, seus comportamentos se sobrepuseram ao enredo de “O Lago dos Cisnes”. Um lado negro, exemplificado pela essência de sua feminilidade, passou a ser produzido e tomou conta da maior parte de sua vida sem que ela, obviamente, conseguisse controlá-lo.

O sofrimento pode ser fruto de contingências de reforçamento nas quais a sociedade estabelece uma série de contextos verbais que alteram a nossa compreensão e dificultam nossa “convivência” com os sentimentos. Como dito anteriormente, aprendemos a acreditar que os sentimentos são a causa dos eventos públicos e que devemos controlá-los para que os comportamentos se modifiquem e os problemas sejam resolvidos. Isto resulta num sofrimento psicológico intenso, como podemos observar na personagem Nina. Ela se sentia incapaz de ser perfeita, embora empregasse todo seu tempo e energia na tentativa de sê-lo. O balé, com sua disciplina rigorosa e a constante busca da perfeição, acabou se configurando como um cenário cruel para Nina. A relação de Nina com a mãe e o balé, supostamente desde pequena, era uma fonte responsável por modelar o padrão perfeccionista e estabelecer a meta de papel principal em “O Lago dos Cisnes”. Na expectativa de conseguir a posição de destaque na companhia de balé para interpretar o Cisne Branco e o Cisne Negro, Nina chegou ao extremo. Apresentou sinais de distúrbios alimentares, auto-flagelação, delírios e alucinações, exibindo uma série de comportamentos instáveis. Indivíduos que sofrem por alguma razão tendem a apresentar uma inflexibilidade psicológica que pode resultar em processos considerados patológicos como depressão, ansiedade e demais desordens comportamentais (Hayes e cols., 1999).

O perfeccionismo está relacionado, por exemplo, a mulheres com um diagnóstico de anorexia, bulimia nervosa e sintomas relacionados com os comportamentos alimentares de risco – *e.g.*, restrição na dieta, preocupação extrema com o peso e aspecto corporal, e desejo de ser magra (Joiner, Heatherton, Rudd, & Schmidt, 1997). Já o autoferimento está relacionado com a esquiva de experiência (ou mesmo, esquiva de si mesmo), de acordo com evidências diretas fornecidas por Chapman, Gratz e Brown (2006). Quando todas as tentativas usadas pelo indivíduo para lidar com o problema (*e.g.*, dor, sofrimento, etc.) não geraram soluções, o indivíduo pode ser levado a engajar-se numa forma extrema de esquiva de experiência: o suicídio (Baumeister, 1990; Chiles & Strosahl, 2005; Hayes e cols., 2008). Isto foi o que aconteceu com Nina. Ela respondeu de forma extrema às estimulações aversivas. Sobre isso, podemos notar que a esquiva de experiência pode criar condições para o surgimento de problemas clínicos que podem resultar na autodestruição, pois, para o indivíduo, essa passa a ser a única alternativa que lhe resta diante do intolerável sofrimento emocional. Segundo Baumeister (1990), um psicólogo social e da personalidade, a grande maioria das notas de suicídio descreve a libertação emocional como o propósito final de autodestruição, e que o suicídio pode então ser o último passo na tentativa de escapar de si mesmo. Esse sofrimento, composto por uma rede de relações estabelecidas e mantidas por contingências ambientais, pode ser compreendido e analisado a partir de uma perspectiva comportamental.

Na visão analítico-comportamental, as causas de um determinado comportamento são investigadas a partir das contingências e não da mente ou de uma estrutura cognitiva. A perturbação não está na mente, mas nas condições ambientais às quais o indivíduo tem sido exposto. Portanto, a possibilidade de correção está nas contingências (Skinner, 1989/1995). Entende-se por contingência qualquer relação de dependência entre eventos ambientais ou entre eventos comportamentais e ambientais (Skinner, 1953/2007; Todorov, 1985); por exemplo, em uma contingência operante de dois termos (R->S): a ocorrência da consequência depende da ocorrência da resposta (Catania, 1998/1999; de Souza, 2001). Assim, as contingências ambientais presentes na vida da protagonista podem ser compostas pelo excessivo controle exercido pela mãe (*i.e.*, apesar da idade de Nina, 28 anos, sua mãe a tratava como uma criança ao estabelecer a hora de chegar em casa, decidir com quem ela deveria sair, ajudá-la a trocar a roupa ao chegar em casa, insistir em saber em detalhes onde e com quem estava e o porquê da demora; etc.) e pelas exigências do balé (*i.e.*, cobranças frequentes do diretor para que Nina desenvolvesse as habilidades necessárias para representar o papel de Cisne Negro, isto é, espontaneidade, sensualidade e sedução. As frequentes repetições de habilidades opostas ao Cisne Negro resultavam em críticas por parte do diretor, o que comprometia suas atividades diárias).

Como se pode observar no filme, Nina era uma jovem que vivia sob os cuidados e as vontades da mãe “frustrada”. Esta teve que deixar o balé muito cedo ao engravidar de Nina, dedicando-se à maternidade. A mãe demonstrava-se muito preocupada com a carreira de bailarina (“aquela que eu abdiquei para tê-la”, a mãe dizia, muito provavelmente responsabilizando Nina por essa abdicação). Nina cresceu em um ambiente em que seu comportamento era controlado, manipulado pela mãe. O quarto de Nina era infantilizado, tinha vários ursos de pelúcia, borboletas como enfeites, etc. Suas vestimentas eram de cores suaves (i.e., branca, rosa ou cinza suave); geralmente, ao se deitar, a mãe colocava uma caixa de música ao lado da cama para que Nina pudesse ouvir uma música relacionada ao contexto das bailarinas; a mãe ligava frequentemente para saber onde a filha estava, etc. Tratava-se, portanto, de um ambiente propício para que Nina se tornasse uma menina submissa, dependente, insegura, frágil, sem amigos, que não questionava a mãe e, portanto, um ambiente que favorecia a insensibilidade às contingências ambientais naturais, os déficits e excessos comportamentais apresentados pela bailarina.

Por meio de seus comportamentos delirantes e alucinatórios, Nina conseguia, de fato, enfrentar a mãe e encontrar a liberdade, indicando uma possível função da crise. Podemos observar isto na cena em que Nina teve sua última crise ao chegar à sua casa, na qual ela agiu agressivamente (de forma verbal e não verbal) com sua mãe quando esta exigia explicações para o que estava acontecendo. Devido a essa crise, sua mãe tentou impedi-la de fazer o papel de rainha dos cisnes, mas Nina enfrentou a mãe, dizendo que aquela doce menina se foi. “Eu sou a Rainha dos Cisnes. Você é aquela que nunca saiu do lago”. Aqui, ela pareceu demonstrar firmeza em suas palavras e atitudes. Ao chegar ao local onde seria o grande espetáculo, Lilly, que de acordo com o diretor do espetáculo era a mais preparada para assumir o papel de cisne negro caso precisasse, estava se preparando para entrar no lugar de Nina. Esta assumiu o seu lugar, dizendo: “Eu vim para dançar e eu vou dançar”. O diretor, surpreso e também satisfeito ao perceber firmeza nas palavras de Nina, disse: “A única pessoa no seu caminho é você mesma. É hora de esquecer você. De se soltar”. Após cair no palco, durante a sua primeira apresentação, justamente por “ter ficado em seu próprio caminho” (ela viu a imagem de seu próprio rosto na face de Lilly, que estava na plateia), Nina voltou ao camarim e lá encontrou uma Lilly imaginária. Entendendo que, como disse Thomas, precisava se livrar de si mesma, Nina atacou e matou a Lilly imaginária com um pedaço de espelho e escondeu o corpo dela. Ao fazer isto, Nina se sentiu forte e viveu intensamente o Cisne Negro no palco, recebendo vários aplausos. Sentiu-se livre, perfeita ao conseguir fazer o papel de cisne negro tão maravilhosamente bem.

Ao voltar ao camarim e, logo, receber Lilly fazendo-lhe elogios pela linda apresentação, Nina se assustou, tomando consciência do que havia feito. Na verdade, ela havia ferido a si mesma. Nina chorou dolorosamente ao tomar consciência e, logo,

pôde viver a dor dessa descoberta apresentando a parte final da peça na qual o Cisne Branco, sentindo-se traído, se joga em um penhasco. Ao final do espetáculo, o diretor satisfeito diz: “Minha princesinha, eu sempre soube que você conseguiria!”. Quando o diretor viu o ferimento de Nina, perguntou: “O que você fez?” e Nina respondeu: “Eu me senti... perfeita! Foi perfeito!”.

Em resumo, o presente filme conta-nos a história de uma luta constante pela perfeição, na qual grande parte dos comportamentos é mantida sob controle de contingências de reforçamento com excesso de controle e exigências. A perfeição passou a ser vista pela personagem Nina como uma forma de sobrevivência; tudo tem que ser exatamente perfeito, mesmo que para isso seja preciso viver ao extremo. Ilustra-se uma história rígida na qual a personagem aprendeu a não aceitar errar, e o meio evoca e valida esse agir. Isto ficou claro em seus comportamentos verbais públicos e privados. Processos verbais privados podem resultar em distúrbios comportamentais quando não balanceados pela aceitação, conscientização e habilidades baseadas em valores (Hayes e cols., 2008).

Diante dessas descrições e possíveis interpretações com base nas contingências sócio-verbais apresentadas durante o filme, a seguir serão apresentadas descrições mais detalhadas de padrões comportamentais apresentados pela personagem Nina e das possíveis contingências ambientais que os estabeleceram e os mantiveram.

Padrões Comportamentais da Personagem Nina

Os analistas do comportamento entendem comportamento como uma relação entre o organismo e o ambiente (histórico e atual) em que ele vive. Comportamentos são, portanto, definidos como interações organismo-ambiente (Rico, Goulart, Hamasaki & Tomanari, 2012; Skinner, 1953/2007; Todorov, 1989). São resultantes de um processo seletivo, abrangendo a história da espécie, do indivíduo e da cultura (Baum, 1994/1999; Skinner, 1981). O analista do comportamento considera sentimentos, somatizações, atitudes, emoções, valores e pensamentos como comportamentos emitidos por um organismo. São variáveis dependentes, resultantes de um processo interativo denominado de contingências. Entende-se por variáveis dependentes (VDs) as respostas emitidas pelo organismo. Estas podem ser mensuradas e dependem de certos eventos ambientais para ocorrerem, isto é, estão sob efeito de “causas ambientais”, sendo essas causas denominadas como variáveis independentes (VIs). Uma VI pode ser qualquer evento, situação do ambiente físico, social ou biológico que provoca modificações comportamentais no organismo. Assim, à medida que interagimos com o meio, existem alterações comportamentais dependentes das VIs (ou seja, elas exercem algum tipo de controle sobre o nosso comportamento).

Ao analisar atentamente os comportamentos apresentados pela personagem Nina, podem-se identificar alguns padrões comportamentais, como perfeccionismo, obsessividade (rigidez, insensibilidade às contingências), baixa autoestima, alta autoexigência, fusão cognitiva, etc. Identificar padrões comportamentais amplia o conhecimento sobre a pessoa ou o cliente, favorece a investigação histórica e possibilita maior segurança quanto ao que pode e o que precisa ser mudado (Marçal, 2005). O Quadro 1 apresenta exemplos de contingências que modelaram e mantinham alguns padrões comportamentais da personagem Nina: relações repetidas entre algumas respostas (VDs) e variáveis ambientais antecedentes e consequentes (VIs). Vale ressaltar que, para a Análise do Comportamento, todos os comportamentos são multideterminados, influenciados por variáveis filogenéticas, ontogenéticas e culturais (Skinner, 1981). As contingências descritas neste quadro ilustram relações funcionais entre os padrões comportamentais da personagem Nina e uma das variáveis ambientais que possivelmente exerce controle sobre um determinado padrão.

Por exemplo, Nina tinha uma história de reforçamento por se comportar (VD) de acordo com as regras – instruções, ordens – da mãe (VIs). O diretor do espetáculo, durante os ensaios, começou a apresentar críticas/desaprovações (VIs) pela sua rigidez nos movimentos; com isso, Nina passou a tentar controlar ainda mais seus movimentos (VD), intensificando o problema. Assim, as estimulações verbais apresentadas pela mãe e pelo diretor podem, neste contexto, ser consideradas VIs pelo fato de exercerem controle sobre o comportamento de Nina, ou seja, produzirem um efeito sobre o mesmo. Com relação às regras emitidas pela mãe, ao segui-las, Nina recebia aprovação, elogios e, claro, evitava o contato com contingências aversivas (e.g., brigas, desaprovações). Já no caso do diretor, Nina passou a se cobrar e exigir intensamente para evitar as desaprovações constantes; ouvir do diretor que o que ela estava fazendo não estava “bom” ou estava “péssimo” era extremamente aversivo, pois sinalizava fracasso e/ou incapacidade.

Antes de dar continuidade a essas descrições, parece-nos necessário fazer um breve relato de características comportamentais comuns em indivíduos qualificados como perfeccionistas, pois isso pode ajudar àqueles que não têm conhecimento desses eventos comportamentais.

Houaiss, Villar e Franco (2001) definem como perfeito aquele indivíduo que apresenta todas as qualidades; que não tem defeito; que é impecável e excelente em tudo que faz; a busca pelo perfeccionismo seria uma busca “patológica” em ser perfeito, afirmam os autores. Segundo Shafran, Cooper e Fairburn (2002), o perfeccionismo clínico pode ser definido como a busca por e a realização de expectativas de realização extremamente exigentes, sem olhar para as consequências adversas que podem ser produzidas. A presença desse padrão perfeccionista pode ser, para muitas pessoas, sinônimo de sucesso, de autorrealização, de excelência, de qualidade, etc.

Percebe-se uma poderosa história de reforçamento contingente ao fazer de determinada maneira. No entanto, o que, geralmente, marca esse padrão comportamental é a tentativa obsessiva e recorrente de evitar erros, aliada ao medo de constatar a possibilidade de imperfeição inerente à condição humana, ao medo do fracasso. Sua função não é simplesmente a de alcançar o sucesso, mas permitir a fuga ou esquiva da derrota e dos erros. Um pequeno erro ou falha geralmente é visto como uma grande falha. Assim, uma característica evidente nesse padrão perfeccionista é a autocobrança. O indivíduo perfeccionista se cobra muito e também é extremamente sensível à cobrança dos outros. Ao não admitir seus próprios erros, com medo de enxergar seus limites, tal indivíduo acaba tendo dificuldade em expor-se a situações nas quais sabe que pode estar sujeito à crítica e à avaliação dos outros (Bueno & Melo, 2007).

Antecedentes (VIs)	Respostas (VDs)	Consequências (VIs) e Provável Processo Comportamental	Relacionado ao Padrão
Regras (ordens, instruções) da mãe	Seguir as regras (comportar-se de forma fixa)	Aprovação e elogio (reforçamento positivo); Evitar discussões (reforçamento negativo)	Insensibilidade às contingências; esquiva de experiências aversivas
Presença do diretor durante os ensaios do balé	Comportar-se de forma fixa, tal como exigido pela mãe (por exemplo, excessivo cuidado para realizar os movimentos)	Críticas por parte do diretor (punição positiva)	Sofrimento psicológico (o fazer que produz contingências aversivas em uma dada situação e contingências positivas em outra situação)
Ensaio do balé, após críticas do diretor	Cuidado maior ao executar os movimentos	Intensificação das críticas por parte do diretor (punição positiva)	Ampliação do sofrimento psicológico; alta autocobrança; baixa autoestima; alta autoexigência
Em casa, com a mãe, não conseguir realizar os movimentos demonstrados pelo diretor	Mente que conseguiu realizar os movimentos ao encontrar com o diretor	Evita punições (reforçamento negativo)	Esquiva de experiências aversivas
Acidente da ex-bailarina	Chora; relata ao diretor que se sente culpada	Atenção do diretor (reforçamento positivo); diretor afirma que ela não é culpada (reforçamento negativo). Sentimento de alívio (da culpa)	Esquiva de experiências aversivas

Quadro 1. Exemplos de contingências tríplexes apresentadas no filme “Cisne Negro”. Deve-se ressaltar que, para a Análise do Comportamento, todos os comportamentos são multideterminados. As contingências descritas neste quadro ilustram relações

funcionais entre padrões comportamentais e uma das variáveis ambientais que possivelmente os controla.

Esse indivíduo se comporta na tentativa de que, a todo e qualquer custo, as coisas que faz ou diz sejam correspondentes ao seu ideal (inatingível) de perfeição, estabelecido e mantido pelas contingências às quais foi e está sendo exposto. Ele acredita que apenas pode ser aceito pelas pessoas caso seja impecavelmente perfeito, sem erros e sem fracassos (Bueno & Melo, 2007). Além disso, acredita que qualquer desvio é suficiente para acabar com todo o seu projeto, pois, para ele, é “perfeição ou fracasso”, “tudo ou nada”. Ele dedica todo o seu esforço a alcançar seu objetivo, e ainda assim sente que tudo que realiza nunca está bom o suficiente devido à sua tendência em acreditar que existe uma forma perfeita de ser e fazer, quando na verdade não há (Macedo, 2013).

Como já mencionado neste trabalho, o perfeccionismo é um padrão comportamental apresentado por Nina. Apesar de várias ocorrências comportamentais que o caracterizam serem funcionais (produzirem reforçamento) em muitos contextos, não o são em outros (não produzem reforçamento ou produzem punição) (Marçal, 2005). Por exemplo, Nina se esforçava ao extremo a cada movimento para desempenhar suas atividades perfeitamente, mas, por isso, na dança, era muito criticada pelo diretor, como pôde ser verificado no diálogo apresentado anteriormente. Esforçava-se excessivamente para obter êxito e sucesso no trabalho, dedicando a maior parte de seu tempo à sua profissão de bailarina e, mesmo assim, parecia demonstrar insatisfação com seu próprio desempenho. Seu valor passou a ser condicionado ao desempenho, assim como tudo que podia receber do outro: até mesmo afeto e aceitação foram contingentes ao fazer bem feito. Outro exemplo do filme que mostra uma característica desse padrão é quando Nina, em casa, ao tentar fazer os movimentos que o diretor havia ensinado durante os ensaios e não conseguir finalizar, disse à sua mãe: “Eu vou falar com ele amanhã. Eu vou dizer que terminei”. Pode-se notar que o dizer aos outros que não conseguiu fazer o que deveria fazer era aversivo e, para evitar entrar em contato com essa estimulação aversiva (assumir que não foi perfeita), escolhia mentir. Ela mentia com a função de evitar a punição positiva e a perda de reforçadores.

Essa busca pela perfeição “idealizada” foi, aos poucos, transformando a vida pessoal e profissional de Nina. Quando, por um instante, alguma coisa não acontece como o esperado pela própria pessoa ou sinaliza fracasso, como nesse último exemplo, a pessoa tende a se sentir frustrada, triste, agressiva e/ou culpada (Bueno & Melo, 2007). Em vários momentos do filme, Nina se comportou agressivamente, tanto física como verbalmente, sinalizando variáveis relevantes de sua relação com a mãe.

Por exemplo, quando a mãe tentou impedi-la de sair com Lilly e quando, no dia do evento, sua mãe a trancou no quarto na tentativa de impedi-la de se apresentar como a Rainha dos Cisnes. Nesse último exemplo, Nina gritou, empurrou a mãe, destrancou a porta e disse: “Eu sou a Rainha dos Cisnes! Você é aquela que nunca saiu do lago”. Aqui é importante apontar a mãe como protagonista nessas contingências, pois o comportamento agressivo de Nina pode ter sido modelado (no sentido de aprendido por modelação ou por observação), e/ou consistir em um contracontrole apresentado por Nina diante do excesso de controle que a mãe operava sobre ela. O contracontrole é o comportamento de escapar ao controle aversivo. De acordo com Skinner (1974/2006), o indivíduo cujo comportamento é controlado passa a agir de maneira que o possibilita escapar de tal controle. Ele age a fim de enfraquecer ou destruir o poder controlador, ou seja, ele se opõe ao controle com contracontrole. Skinner (1974/2006) enfatiza que, quando o indivíduo toma consciência das variáveis que exercem controle sobre o seu comportamento, ou seja, ao ser capaz de analisar as contingências envolvidas na situação, ele é capaz de exercer o contracontrole. A ACT, como proposta terapêutica, pode ajudar o indivíduo a tomar consciência das variáveis de controle e, assim, ajudá-lo a agir satisfatoriamente, contracontrolando as situações aversivas que o cercam.

Nina tendia a concentrar seus esforços no trabalho, negligenciando qualquer evento que se mostrasse como “uma pedra em seu caminho” nessa busca à perfeição, sejam a família, os amigos, sua própria saúde (por não se alimentar direito), etc. As contingências da relação com a mãe foram muito eficazes para o estabelecimento desse padrão comportamental. Fica evidente como a mãe a treinou para isso, aparentemente não tendo sido oferecidas outras fontes de reforçamento ou “formas de viver”.

Comportamentos como o evitar sentir-se frustrada, as esquivas de falhar, de não ter sucesso, de perder o papel foram modelados pela mãe que, inclusive, afirmou: “O papel tem que ser seu!”. Nessas tentativas, a “pessoa perfeccionista” se desdobra, dá o máximo de si para alcançar seu objetivo; entretanto, podem ser observadas dificuldades quanto ao “equilíbrio” de vida dessa pessoa, pois aparecem prejuízos significativos para a saúde física e “mental”. Esse “equilíbrio” pode ser descrito basicamente como uma maneira de viver no meio termo (aceitar errar; aceitar a ideia de que “hoje eu estou triste e amanhã eu posso estar feliz”, etc.), ao invés de viver nas extremidades (*e.g.*, tudo ou nada; sempre ou nunca; etc.). Assim, vivendo ao extremo, Nina, com o alto nível de autoexigência para ser perfeita (forma encontrada por ela de responder às contingências aversivas intensas), começou a desenvolver uma série de comportamentos tidos como problemáticos: alucinações auditivas e visuais, autolesões (arranhar-se), vômitos, etc. Os comportamentos alucinatorios foram acontecendo na vida de Nina de forma cada vez mais intensa à medida que se aproximava o dia da estreia do espetáculo. Ela, na verdade, respondia claramente

às contingências de excesso de controle, de altas expectativas da mãe para ela ser perfeita e protagonista do instituto de dança.

Algumas respostas “problemáticas” observadas em Nina foram idas constantes ao banheiro para vomitar ou ver em outras pessoas sua própria imagem. Em uma cena, ao chegar em casa, Nina foi a um quarto onde a mãe pintava quadros, e lá ela viu as pinturas dos quadros movimentando-se e produzindo sons. Nisso, assustada, correu para o seu quarto e lá os comportamentos alucinatórios intensificaram-se: seu corpo se deformou, seus olhos ficaram avermelhados e, de forma agressiva, impediu a entrada da mãe, batendo a porta em sua mão e gritando para que ela saísse. Nas costas, local onde Nina costumava arranhar-se, ela retirou uma suposta pena de cisne negro. Esta condição ilustra um surto psicótico: auge do padrão de fusão cognitiva.

Geralmente, um indivíduo que, ao longo de sua história, foi excessivamente exposto a reforçamento social positivo de forma contingente ao seu desempenho (i.e., não teve relações em que houve expressão de afeto e valorização, independentemente do que fez), apresenta o sentimento de baixa autoestima, não estando “bem emocionalmente”, como no caso de Nina. Para Álvarez (1996/2002), o sentimento de autoestima consiste na forma como o indivíduo se vê, na avaliação que faz de si mesmo. A autoestima envolve a aprendizagem de valor pessoal: acreditar, respeitar e confiar em si. É a confiança e o respeito por si mesmo aprendidos a partir das contingências sociais e da disponibilização de reforçadores sociais (Guilhardi, 2008). Assim, é produto de contingências de reforçamento positivo de origem social e, de acordo com Guilhardi (2008), um aspecto importante para o desenvolvimento da autoestima é o reconhecimento que os pais expressam ao filho pelos seus comportamentos. A relação com a mãe parece ter sido bem negligente nisso, já que o seu valor dependia do quanto poderia tornar-se uma bailarina de sucesso – amor condicional. Nina estava sempre muito insatisfeita consigo mesma, se autolesionando e se julgando. Por exemplo, desde quando soube da saída de Beth do papel de rainha dos cisnes, lamentou a saída dela e, na noite em que foi apresentada à sociedade como a futura “Rainha dos Cisnes”, ouviu de Beth algumas provocações que a fizeram sentir-se culpada. Entretanto, o que mais mexeu com Nina foi saber, no dia seguinte, que Beth havia se jogado na frente de um carro. Nina sentiu-se culpada como se fosse a responsável pelo ocorrido com Beth, sugerindo que ela aprendeu a se sentir responsável pelo que os outros sentiriam. O sentimento de baixa autoestima pode ser desenvolvido/aprendido por pessoas que sofrem punições sociais relacionadas à não aceitação ou à aceitação condicional, pessoas estas que geralmente são inseguras, criticadas, indecisas e que buscam agradar os outros. Geralmente, são pessoas que tendem a ser perfeccionistas, querem estar no controle de tudo (no caso de Nina, o padrão controlador foi também o modelo da mãe), culpam o outro como o causador dos problemas, temem correr riscos, enxergam as situações de

forma negativa, preocupam-se demais com o julgamento dos outros (*e.g.*, “O que vão dizer/pensar sobre mim?”).

Vale ressaltar que, para Guilhardi (2008, p. 8), “a pessoa com boa auto-estima aprende a exercitar o auto-reconhecimento: discrimina que é capaz de emitir comportamentos e que é capaz de produzir consequências reforçadoras para ela”. Nessa condição, torna-se fundamental o autoconhecimento, pois, como descrito por Skinner: “O autoconhecimento tem um valor especial para o próprio indivíduo. Uma pessoa que se ‘tornou consciente de si mesma’, por meio de perguntas que lhe foram feitas, está em melhor posição de prever e controlar seu próprio comportamento” (Skinner, 1974/2006, p. 31).

Seguindo essa análise, quando Nina foi ao hospital visitar Beth, e também devolver seus objetos pessoais, Beth a culpou por ter roubado suas coisas, mas Nina respondeu: “Não! Eu quero ser perfeita como você!”. O perfeccionista sente-se inferior – e realmente é inferior em relação ao que se cobra. Sobre esse fato, Nina provavelmente pegou os objetos de Beth com o intuito de ser perfeita como ela. Utiliza seu batom, sua lixa de unhas e seus brincos, mas à medida que vai perdendo o controle de si e sendo “invadida” pelo cisne negro vê que os objetos não tinham o poder de torná-la perfeita e, então, resolve devolvê-los à Beth.

Outro exemplo de padrão perfeccionista e, também, obsessivo pode ser observado quando Nina colocou sobre a mesa objetos pertencentes à Beth, como: carteira de cigarros, lixa de unha, batom, etc. Ela os colocou com todo o cuidado para que ficassem em uma posição perfeita. Como já apontando, na maioria das vezes, a pessoa tida como perfeccionista consegue seu objetivo, porém o esforço e o tempo gasto para alcançá-lo são sufocantes ou, até mesmo, destrutivos.

A partir das descrições aqui realizadas, serão apresentadas algumas propostas de intervenção para o caso de Nina.

Propostas de Intervenção de acordo com a ACT

Com base nas interações de Nina com seu meio ambiente, alguns padrões comportamentais puderam ser identificados, especialmente o padrão perfeccionista. Nota-se o quanto o meio social em que ela estava inserida pôde estabelecer e manter a ocorrência de respostas emocionais tão complexas como as apontadas no tópico anterior. Essas respostas, provavelmente, foram frutos de pequenas relações inicialmente estabelecidas, as quais, a partir de novas interações organismo-ambiente, propiciaram o estabelecimento de relações, cada vez mais complexas. Com isso, amplia-se a rede de relações e, claro, dificulta-se a compreensão de sua natureza ou origem. Desta forma, frequentemente, nem o próprio organismo, o sujeito da interação, é capaz de descrever o porquê de ele responder de certa maneira na presen-

ça de certos estímulos, mas não na presença de outros estímulos. Costuma-se observar essa dificuldade para responder a questões tais como: “por que gosto de dançar, mas não de cantar?”; “como aprendi a ser do jeito que sou?”; etc.

Assim, a ACT poderia propor como intervenções clínicas para o caso de Nina questões amplas que a possibilitassem entrar em contato com as contingências ambientais, assim como metáforas ilustrativas que tivessem significado pessoal para a cliente. O primeiro passo nessa direção envolveria a promoção de desesperança acerca da resolução daquilo que Nina julgaria ser o problema, pois o caminho que estava percorrendo, como o de controlar seus eventos privados (*e.g.*, ansiedade, raiva, etc.), não estava produzindo soluções, mas somente intensificando o sofrimento psicológico que já lhe era intolerável. O terapeuta poderia visar a construção de um contexto interacional que favorecesse à cliente a discriminação de como o contexto sócio-verbal no qual ela estava inserida estava constituindo a si mesma. Isso poderia ser feito com colocações do tipo: “Quando isso acontece, como você se sente?”; “Isso é frequente?”; “Como é, para você, sentir-se assim (insegura, incapaz, etc.)?”; “Como você acha que outras pessoas se sentiriam ao passar por uma situação semelhante?”; “Voltando ao que você sente quando é exposta a uma determinada situação, geralmente, como você reage/responde quando se sente assim?”; “Ao fazer da forma como faz, você acha que resolverá o problema?”; “Tem funcionado essa forma de se comportar?”; “Quais os resultados?”; dentre outras.

Além disso, seria possível alcançar o objetivo desse primeiro passo ao trabalhar com a metáfora “homem no buraco” (Hayes, 1987):

“Nina, imagine que você está em um grande campo, com os olhos vendados, e lhe foi entregue uma pequena mala de ferramentas para carregar. Sua tarefa é correr através desse campo com os olhos vendados. No entanto, sem você saber, existem buracos neste campo, e mais cedo ou mais tarde, você acidentalmente cai dentro de um. Agora, quando você cai no buraco, você começa a tentar sair. Você não sabe exatamente o que fazer, assim você pega a ferramenta que parece ser mais útil e tenta sair. Infelizmente, a ferramenta que lhe foi entregue é uma pá. Assim, você cava, mas o cavar é uma ação que faz buracos, e não um meio de sair dele. Você pode tornar o buraco mais fundo ou mais largo ou podem existir outros tipos de passagens que você pode construir, mas você provavelmente permanecerá neste buraco. Você tenta outras coisas como descobrir exatamente como caiu no buraco. Mesmo que você soubesse de cada passo dado, isto não tiraria você do buraco”.

Neste contexto, seria importante levar a cliente perceber que precisava livrar-se da determinação de buscar maneiras de cavar seu caminho de saída e aceitar que está no buraco. A direção estabelecida e mantida não a estava ajudando, ou seja, ela de-

veria perceber que não havia forma de prosseguir até que começasse a encarar o fato de que não há caminho de saída dada a forma como estava agindo (i.e., cavando o buraco). O terapeuta pode, com o uso dessa metáfora, levar a cliente a entrar em contato com as contingências históricas e atuais de sua vida, atentando-se para as respostas verbais e não verbais emitidas por ela durante as sessões, pois estas são dicas importantes para o profissional perceber o efeito da presente interação sobre os comportamentos da cliente e, assim, programar novas contingências que favorecerão o sucesso terapêutico. Esse atentar às dicas é fundamental e deve ser constante, independente da estratégia ou procedimento empregado pelo terapeuta durante a sessão.

Além do uso da metáfora, o terapeuta poderia solicitar tarefas de casa à cliente. Por exemplo: “Tente monitorar seus pensamentos, suas reações emocionais esta semana. A meta disso não é mudar o que está fazendo, e sim perceber o que faz e também o que sente ou pensa”. Com isso, o terapeuta poderia ajudar Nina a entrar em contato com algumas contingências e levá-la a perceber que o fazer de determinada forma estava produzido certas consequências, que estas tinham estabelecido e/ou mantido certos eventos comportamentais e que não seria tentando controlá-los que ela resolveria o problema.

Ao promover a desesperança criativa, o segundo passo seria ajudar Nina a identificar as contingências que a tinham levado a tentar se esquivar de seus sentimentos, conscientizando-a de que a tentativa de controle imediato de aspectos comportamentais era ineficaz, tornando-se um círculo vicioso. Como sabemos, embora Nina ainda não tivesse essa consciência, todo comportamento está sob controle de eventos ambientais, e são sobre estes que devemos trabalhar para que mudanças comportamentais venham a ocorrer. A partir dessas mudanças é que a probabilidade do sentir também pode ser modificada. Esse propósito pode ser alcançado por meio de questões do tipo: “O que, geralmente, acontece para você sentir assim?”; “Quando, geralmente, você sente isso?”; “Quando alguém diz que o como você faz está errado, como você se sente?”; “Dê-me um exemplo de uma situação em que se sentiu culpada (cobrada, ansiosa ou angustiada)”; etc. O terapeuta poderia também apresentar o seguinte exercício de conscientização: “Vou apresentar a você algumas sentenças e não quero que você pense sobre elas”. Por exemplo: “Não pense em sua mãe agora” ou “Não pense em uma bola. Não pense” (dá-se alguns segundos à cliente). “Você pôde não pensar?”. “Por que será?”. Com esse exercício, a cliente pode perceber que eventos privados não são controláveis diretamente e sim sentidos e/ou pensados. Quanto mais eu digo que não quero tê-los, mais os terei. Se você não quer tê-los, os terá, disseram Hayes e cols. (1989). Esses eventos não são você, o eu. Eles são comportamentos e, portanto, determinados pelo meio. Isso não significa que a cliente deveria culpar-se pelos eventos que ocorrem em sua vida, mas tem o objetivo de mostrar que ela é capaz de interagir com tais eventos de for-

mas variadas. Nesse ponto, com base nas descrições de Hayes e cols. (1989) e no como os mesmos empregaram metáforas para ilustrar contingências histórias e/ou atuais da vida do indivíduo, a metáfora do “Tigre faminto”, se colocada adequadamente, poderia ser útil à cliente Nina:

“Imagine você viver na presença de um filhote de tigre que se encontra muito faminto, e constantemente você acredita que será devorada por esse filhote. Para evitar isso, você dá a ele pedaços de carne. Enquanto ele está alimentado, este o deixa em paz. Esse filhote cresce e fica mais perigoso a cada dia, e você o alimenta cada vez mais para evitar ser comida por esse tigre (é o que parece a você). Aos seus olhos, ele mostra-se mais forte a cada vez que o alimenta. Até quando você o alimentará? Você aparenta mais cansada a cada dia, parece perder as forças e o domínio de sua vida. Está deixando de cuidar de você para alimentar esse tigre que cada dia fica mais forte. Como descrito nessa metáfora, “o tigre que você alimenta são seus sentimentos negativos que, quando alimentados (ao tentar controlá-los), tornam-se fortes e dominantes, e você mantém a esperança de que, se continuar a alimentá-los, e tentar só mais um pouco (e um pouco mais), eventualmente, eles o deixarão em paz”.

O que se sabe, e a cliente Nina precisaria perceber, é que quanto mais ela alimentasse o “tigre”, mais força ele adquiriria e mais domínio ele teria, até que a cliente perdesse o controle de sua vida. O modo como Nina era capaz de responder ao mundo à sua volta era, simplesmente, a maneira pela qual pôde aprender até então, isto é, seus comportamentos eram o resultado de contingências de reforçamento às quais foi exposta. Na visão de Skinner (1974/2006), o que caracteriza a maneira como os organismos percebem (ou respondem a) aspectos do ambiente são as contingências de reforçamento a que foram submetidos ao longo de sua vida. “O que é percebido se constrói na história das relações entre o organismo e o seu mundo” (Rico e cols., 2012, p. 44). Nina, então, percebia o mundo da forma como percebia por causa de sua história de reforçamento. Assim, para que houvesse modificações nesse responder perceptual, seria necessária a programação de novas contingências que possibilitassem a discriminação de eventos responsáveis por esse responder.

Nina, aparentemente, no início do filme não demonstrava clareza do forte controle que a mãe exercia sobre ela, ou seja, com as poucas oportunidades ou a ausência de treinos de auto-observação, de autoconhecimento, ela não era capaz de descrever as contingências que produziam sentimentos desagradáveis (angústia, altos níveis de autocobrança e autoexigência, etc.). Talvez, algumas contingências que a estimularam a pensar sobre a pessoa que estava se tornando, aos 28 anos de idade, foram as saídas e conversas com Lilly e as estimulações verbais apresentadas pelo diretor (e.g., “Quando chegar em casa, tente se masturbar”; “Você tem que se

soltar”; etc.). Assim, intervenções que conduzissem Nina a praticar a auto-observação e, claro, a identificar e descrever as contingências que estavam exercendo controle sobre o seu comportamento (os sentimentos desagradáveis) poderiam ajudá-la a encontrar um caminho ou direção diferente da empregada por ela até então, conscientizando-a que lutar, brigar consigo mesma ou contra o seu próprio sentir não resolveria o que tem sentido, e que, especialmente, para que se pudesse estabelecer contato com novas contingências, seria preciso dar um primeiro passo (emitir respostas diferentes); caso contrário, isso poderia nunca ocorrer.

Um terceiro ponto importante para a elaboração dessa proposta de intervenção é promover a separação entre a pessoa que se comporta e o comportamento. Isto se torna viável ao modelar um repertório comportamental no qual Nina não se definisse unicamente pelo padrão perfeccionista (ou somente como a bailarina de “O Lago dos Cisnes”), por exemplo. Ela poderia ser definida por um conjunto de outros comportamentos ou padrões comportamentais, mas devido à ênfase que foi dada a certas ocorrências comportamentais, passou a se autodefinir dessa forma unicamente. O terapeuta poderia conduzir essa intervenção da seguinte forma: “Como você se define? Em quais situações? Como é ser uma pessoa assim? Gostaria de ser diferente? Como?”; “Como os outros (a mãe, os colegas ou o diretor) a definem?”; etc. Poderia também empregar a metáfora elaborada a partir de Hayes, 1987, 2004; e Hayes e Melancon, 1989:

Imagine um rio cheio de peixes. Esses peixes não são, e nunca poderiam ser, o rio. Os peixes são animais que compõem esse rio. Um nunca poderá ser o outro. Você é o rio, mas não os peixes (os sentimentos e pensamentos). Seus pensamentos e sentimentos são os peixes, mas não o rio (ou você). Desta forma, assim como os peixes não são o rio, seus pensamentos e sentimentos não são você. Eles, os eventos privados, são resultantes de suas experiências.

Portanto, os sentimentos e os pensamentos devem ser vistos de um contexto diferente: eles não são você. A pessoa que se comporta é caracterizada por diferentes características comportamentais e não somente por um comportamento ou um único conjunto de ocorrências comportamentais. Por exemplo, a pessoa que frequentemente diz: “Nunca posso errar”; “Tenho que ser perfeita”; “Tenho que obedecer sempre”; etc., acaba por limitar (e muito) o seu repertório comportamental, a possibilidade de ação, para lidar com diferentes situações. Estas formulações são autorregras que podem tornar a pessoa muito insensível às contingências naturais, apresentando uma rigidez comportamental, de tal forma que a situação muda e a pessoa continua a se comportar como antes, sem se adaptar, pois esta é quem ela “é” (Saban, 2011). Como o comportamento é multideterminado, estamos sujeitos a constantes modificações à medida que interagimos com o ambiente. Nessa interação, podemos entrar em contato com contingências aversivas ou não e, claro, podemos nos sentir

alegres ou tristes, ansiosos ou tranquilos, dentre outros sentimentos. O que vai determinar esse sentir positivo ou negativo são as contingências ambientais presentes e passadas às quais estamos sendo ou fomos expostos ao longo da vida, e não, necessariamente, o que “eu quero” sentir. Nem sempre temos consciência das variáveis à nossa volta e, às vezes, mesmo tendo consciência, não sabemos como agir para “sentirmo-nos bem”. Compreender todas as variáveis relacionadas com determinado comportamento é difícil ou praticamente impossível, dada a multiplicidade de contextos a que o indivíduo é exposto ao longo de sua vida (Rico e cols., 2012).

Ainda dentro dessa etapa, é importante destacar que quando uma pessoa desenvolve uma visão conceitual de si mesma, voltada exclusivamente para o conteúdo de seus pensamentos e sentimentos, ela pode se prender a esses conceitos (*e.g.*, “sou perfeccionista”), se comportando com rigidez e inflexibilidade psicológica, na qual dificilmente pode encontrar paz em si mesma. Diferentemente, ao adotar uma visão de eu como contexto, ela se encontra na perspectiva dos eventos, e está mais aberta, sensível às mudanças ambientais. De acordo com Saban (2011), o eu como contexto deve ser vivenciado para ser compreendido inteiramente, e isso pode ser experimentado com o exercício “O observador” (Assagioli, 1971, citado por Hayes, 1987):

“Nina, feche os olhos, permaneça sentada na sua cadeira, e siga a minha voz. Por um minuto agora, volte sua atenção para você nessa sala. Imagine você nessa sala exatamente onde está sentada. Agora, procure entrar em contato com o seu corpo. Note como você está sentada na cadeira; onde e como estão os seus braços, os seus pés, etc. (Pausa). Observe as sensações corporais que estão presentes. Enquanto você observa cada uma delas, somente tome conhecimento da sensação e permita que sua consciência continue (Pausa). Observe agora qualquer emoção que você tiver, e se você tiver alguma, apenas a reconheça (Pausa). Agora, entre em contato com seus pensamentos e apenas assista-os silenciosamente por alguns momentos (Pausa). Agora, eu quero que você perceba que, enquanto você observou essas coisas, uma parte de você as observou. Você observou aquelas sensações... aquelas emoções... aqueles pensamentos... E essa parte de você nós chamaremos de “você observador”. Há uma pessoa lá dentro da sua pele, atrás desses olhos, que está ciente do que eu estou dizendo agora. E é exatamente a mesma pessoa que provavelmente você tem sido a sua vida inteira. Este observador é o você que você chama de você”.

O importante aqui é que a cliente Nina se perceba olhando para eventos privados, passe a não levá-los tão a sério e procure aceitá-los como eventos comportamentais naturais, passíveis de ocorrerem dependendo das contingências ambientais vivenciadas. Portanto, este exercício tem como objetivo favorecer a difusão cognitiva, isto é, enfraquecer a fusão cognitiva e a visão literal das palavras. O distanciamento pro-

posto aqui não significa ignorar os eventos privados, mas entendê-los e vivenciá-los como eles realmente são, comportamentos.

Uma vez que o indivíduo é capaz de perceber que tentar controlar seus próprios sentimentos não resolverá o problema, assim como identifica contingências que produzem tais sentimentos e discrimina entre o eu e o comportamento, torna-se importante ajudá-lo a identificar os valores e as direções que almeja cultivar/seguir, aqueles que favorecerão a obtenção de maior controle de sua própria vida.

Desta forma, seria extremamente importante falar dos valores e direções que Nina espera seguir na vida, especialmente porque se percebe que ela não teve muito poder de escolher sobre qual direção seguir, quais objetivos alcançar, mas, sim, escolheram por ela. Como a mãe não pôde seguir a carreira de bailarina, direcionou a filha a alcançar o que tanto almejava. Assim, as consequências reforçadoras que Nina pôde receber em sua vida, provavelmente, foram em decorrência de respostas que ela apresentava na direção escolhida pela mãe e tentativas que diferiam desse propósito da mãe, provavelmente, eram seguidas de punição ou extinção. Diante disso, essa etapa apresentada pela ACT seria fundamental no caso da personagem, que, supostamente, não tinha ouvido muito frequentemente questões do tipo: “O que você gostaria de ser?”; “Qual direção gostaria de seguir?”; “O que tem feito atualmente é o que gostaria de fazer?”; “Já experimentou fazer coisas diferentes do que têm feito?”; “Como você imagina que seria?”; etc. Estas, portanto, seriam questões interessantes de serem trabalhadas com Nina. Sobre isso, de acordo com Hayes, Strosahl e Wilson (1999), o cliente não precisa explicar ou justificar os seus valores ao terapeuta. Este pode apenas ajudá-lo a descrever de maneira clara quais seriam esses valores. São os valores do cliente que estabelecem o plano de trabalho do terapeuta. Sem eles, não haverá proposta terapêutica (Zilio, 2011). Assim, uma ação passa a ter valor/importância quando está de acordo com os valores do sujeito e a não ter quando vai além desses valores de alguma forma. Os valores são frutos de sua história de vida, isto é, são resultantes de uma história de contingências de reforçamento.

Encorajar Nina a abandonar a luta contra seus sentimentos e a aceitá-los seria o próximo passo. Para Hayes e cols. (1999), “praticar a aceitação e a difusão cognitiva significa caminhar por pântanos de ansiedade, perda, tristeza e confusão” (p. 161). Assim, a luta não deveria ser em como “melhor” controlar seus próprios sentimentos, mas sim em “como” aprender a lidar com as contingências arranjadas pela mãe. Estimulá-la a se expor a novas contingências, a enfrentar eventos antes evitados, assim como trabalhar sua assertividade em relação às regras impostas pela mãe, também parecem fundamentais no presente caso. Ela, dessa forma, não estaria lutando contra seu próprio sentir, mas sim “respeitando-o”, uma vez que sentir é uma resposta do organismo produzida por determinadas estimulações, e o que deve ser traba-

lhado ou alterado são as contingências ambientais responsáveis pelo estabelecimento e manutenção de seus padrões comportamentais. O emprego da metáfora “Cabo de guerra” (Hayes & Melancon, 1988) poderia auxiliar nesse objetivo:

“Nina, é como estar engajada em um cabo de guerra com um monstro. Entre o monstro e você, há um abismo. Você sente que a meta é ganhar o cabo de guerra, ou você será destruída, de maneira que você luta e continua a lutar para não perder essa batalha. Nosso propósito aqui é orientá-la em direção a uma meta diferente. Queremos te ajudar a soltar a corda. (Se a cliente perguntar “Como é que eu faço isso?” responda “Bem, eu não sei. Mas o primeiro passo é ver que o cabo de guerra não pode ser ganho. Fora dele, alguma outra coisa será possível?”).”

De acordo com Hayes e cols. (1989), a única maneira de o cliente parar de lutar com o que sente ou pensa é passar a compreender esses eventos de um ponto de vista diferente do que é o usual.

Ao final deste passo, seria importante observar a quebra dos processos de aprendizagem desenvolvidos em contextos sócio-verbais em que Nina estava inserida, possibilitando a ela aceitar e reduzir a esquiva experiencial. Caso isso não fosse observado, seria importante reavaliar a interação terapeuta-cliente, na tentativa de identificar outros possíveis eventos ambientais que poderiam exercer controle sobre o comportamento de Nina, pois a continuação da esquiva pode sinalizar que o que está mantendo a ocorrência do comportamento ainda não foi identificado, como previsto, e que novas contingências precisam ser arranjadas pelo terapeuta para que tal descoberta seja possível.

Por fim, o compromisso com a mudança é necessário para o sucesso terapêutico. Uma vez que Nina adquirisse repertório para a discriminação de eventos ambientais e comportamentais – para a consciência das contingências reforçadoras e de punição a que tinha sido e estava sendo exposta – e para a aceitação de que, ao ser exposta ao meio, estava sujeita a constantes mudanças comportamentais, sejam elas positivas ou negativas, ela poderia, com a ajuda do terapeuta, estabelecer o compromisso com a direção apontada como relevante no processo terapêutico. Isto pode ser alcançado com discussões como: “Você pode fazer um compromisso e mantê-lo?”; “O que especificamente você poderia fazer esta semana que a ajudaria a enriquecer sua vida?”; “Você faria um compromisso, mesmo sabendo que poderá não cumpri-lo?”; “Como você se sente quando não consegue manter seus compromissos? E quando consegue mantê-los, como se sente?”; etc. Estas e outras questões poderiam ajudar a cliente a comprometer-se com a mudança comportamental na direção relevante.

Todos os passos aqui descritos são importantes e devem ser alcançados, embora, durante a interação terapeuta-cliente, eles não devam ser cumpridos com rigidez por parte do terapeuta, mas com naturalidade e sob efeitos de consequências ou dicas apresentadas pela cliente. Nas sessões iniciais, especialmente, o terapeuta precisa mostrar-se genuíno, caloroso, empático e não diretivo (Hayes e cols., 1989). O mais importante é uma interação positiva durante a sessão terapêutica. Esta, sim, deve ser rica e produtiva.

Portanto, diante da proposta da ACT, o que se pretendia ao final do processo de Nina é que se verificasse a ocorrência de aceitação de sentimentos, a redução de esquiva emocional e o enfraquecimento da fusão cognitiva por parte da cliente (i.e., Nina discriminaria quando estava respondendo literalmente às experiências privadas), refletindo em diminuição de sua autocobrança, autoexigência, dentre outros eventos comportamentais que estavam sob controle aversivo. Dessa forma, Nina poderia expor-se a novos processos de aprendizagem, adquirir um repertório de assertividade de forma que não precisasse chegar àquela condição extrema de sofrimento e suicídio.

Considerações Finais

A ACT visa promover aceitação de determinados eventos privados de forma a ensinar o indivíduo a não se engajar em tentativas de controle de tais eventos, embora culturalmente sejamos ensinados a tentar exercer esse controle e a nos esquivarmos de determinadas situações na tentativa de nos sentirmos bem. Assim, a ACT tem por objetivo levar o indivíduo a perceber que tentar controlar suas emoções não é o caminho que o possibilitará encontrar soluções para os problemas existentes em sua vida. A fonte que gera essas estimulações aversivas não está no próprio comportamento, nas VDs, mas, como dito, nas variáveis ambientais, nas VIs. Estas, sim, são as causas de nossas respostas emocionais, sentimentos ou pensamentos.

Eventos privados são produzidos pelas contingências às quais o indivíduo é exposto. São respostas produzidas por meio da interação organismo-ambiente, acessíveis diretamente apenas ao próprio organismo que se comporta privadamente. Uma vez que o organismo é capaz de sentir porque foi e/ou é exposto a constantes interações com o meio social, e que o sentir como comportamento é um evento dependente de estimulações antecedentes e/ou consequentes para sua ocorrência, não há maneira de se obter controle de sua vida ao tentar controlar diretamente esse sentir. Este não pode ser usado como a causa de si mesmo ou como o agente causador de outros comportamentos, mas deveria ser entendido como causado por algum evento ambiental, o qual deve ser identificado, descrito, analisado funcionalmente para que seja compreendido e então controlado. Como dito, dessa forma, o indivíduo tem mais chances de compreender e exercer controle sobre os reais eventos causadores dos

sentimentos e, assim, responder a inquietações comuns: “Por que eu sou desse jeito?”; “Por que isso acontece comigo e não com o outro?”; “Por que eu tenho medo disso?”; “Por que toda vez que eu digo isso, minha mãe fica brava, grita comigo?”; etc.

No entanto, ao invés de o indivíduo tentar controlar diretamente a ocorrência de tais eventos, a ACT se propõe a ajudá-lo a perceber e aceitar que, dependendo das contingências às quais ele foi ou está sendo exposto, é natural que determinados eventos comportamentais sejam produzidos, e que, se isso é desagradável, gera desconforto, ou é intolerável, é sinal de que alguma coisa não está “legal”, e que essas contingências precisam ser alteradas para que mudanças comportamentais possam ocorrer (Dutra, 2010; Hayes, 1987, 1989, 2004; Skinner, 1981; de Souza, 2001; Todorov, 1985, 1989). Analisar as contingências ambientais responsáveis por esse sentir, identificar contingências que estão operando (ou inferir as que podem ter operado), quando se depara com determinados eventos comportamentais em andamento é o que permitirá possíveis soluções (de Souza, 2001), ou seja, alterando-se determinadas condições ambientais, é possível modificar os comportamentos (dentre eles, o sentir).

A resistência à mudança pode ser grande, e isso é claramente verificada no caso de Nina, com forte histórico de seguimento de regras e com pouca exposição a contingências de modelagem de outros repertórios. Regras, inicialmente, podem facilitar a aquisição de uma classe de respostas, mas o indivíduo, a depender de quão intensamente e de quanto tempo ficou sob controle delas, pode tornar-se insensível às contingências naturais²⁷ e isso pode gerar dependência do mesmo às regras apresentadas pelo outro. Além de gerar dependência, as regras podem também levar o indivíduo a ter dificuldades na tomada de decisões e em variar comportamento (ser criativo).

O indivíduo pode dizer que vive “bem” por ainda não ter vivido/experimentado outras coisas na vida. No entanto, pode estar vivendo um sofrimento psicológico extremo e culpando a si mesmo por sentir o que sente ou, até mesmo, pode achar que o que tem sentido faz parte da vida e que todos nós precisamos passar por isso: “É normal”. Na realidade, o que sente ou acha que sente é produto do meio no qual o indivíduo está inserido. Os sentimentos não vêm do nada e nem de dentro do indivíduo; muito menos devem ser controlados diretamente. Estes são eventos privados produzidos na interação organismo-ambiente e, como descrito neste texto, levar o indivíduo a perceber que lutar contra esses eventos privados não resolverá o problema, mas só o agravará, é crucial dentro da proposta terapêutica da ACT. São também

²⁷ Diz-se que um comportamento está insensível às contingências quando ele não varia de acordo com as alterações ambientais. O indivíduo segue a regra anteriormente formulada, não alterando seu comportamento conforme as mudanças nas contingências de reforçamento e punição (Meyer, 2005; Nico, 1999).

pontos cruciais para o sucesso terapêutico, segundo Hayes e cols. (2008) (a) identificar e descrever contingências, conscientizar-se, aceitar seus próprios eventos comportamentais como um produto e não como causa; (b) levar o indivíduo a identificar ou construir seus próprios valores, pois, de acordo com Hayes e cols. (2008), os valores são escolhidos, e não devem ser impostos ou escolhidos pelo outro; e (c) a partir dos valores, estabelecer o compromisso com a mudança, com o experimentar novas contingências, dando-lhe a oportunidade de agir diferentemente, de experimentar novas situações. Esse conjunto de eventos fará sentido ao verificar modificação tanto no relato do cliente como no comportamento não verbal emitido pelo mesmo durante as sessões. Assim, ao comparar os relatos apresentados no início do processo (*e.g.*, “Eu não quero sentir isso” ou “Eu não consigo controlar o que estou sentindo”) com aqueles apresentados após a intervenção (*e.g.*, “Eu sinto raiva toda vez que minha mãe fica me dando ordens, regras” ou “Hoje, sei que não é tentando controlar o que sinto que poderei resolver os meus problemas. A solução não está dentro de mim, mas fora, na interação”), desde que estes últimos sejam frequentes e regulares, pode-se inferir sucesso terapêutico. Como afirmaram Hayes e Wilson, em 1994, o sucesso pode ser verificado com a redução da esquiva emocional e o aumento da habilidade de assumir e manter compromisso com a mudança comportamental.

Resgatando ou esclarecendo o objetivo desse trabalho, que é o de apresentar uma análise dos padrões comportamentais ou uma ilustração de como o modelo da ACT pode explicar a ocorrência de certos comportamentos, especificamente aqueles apresentados pela personagem Nina, pode-se supor que a personagem emitia um conjunto de comportamentos fortemente governados por regras. Observa-se uma ausência de novas habilidades, e com isso uma dificuldade em variar, em fazer diferente do que já tem feito. Ela repetia, repetia, e esse repetir produzia consequências aversivas (*i.e.*, críticas, provocações constantes), gerando ainda mais sofrimento psicológico. Nina geralmente respondia a essas estimulações ficando calada, lágrimas corriam em sua face, esforçava-se ao extremo para dançar “bem” e receber elogios, aprovações do diretor, e quando não recebia essas consequências positivas, parecia “ficar perdida”, sufocada. A mãe a ensinou a ficar sob controle dos antecedentes e o diretor, forçosamente, durante os ensaios, queria ensiná-la a ficar sob controle das estimulações consequentes. Devido à ausência de repertório para agir sob controle dos eventos consequentes, Nina sofria, sentia-se incapaz, insegura, improdutiva, etc. O filme nos permite inferir que, frente a qualquer evento ambiental, a personagem agiria semelhantemente, ou seja, rigidamente, repetitivamente, pois esse era o repertório comportamental que ela havia adquirido até aquele momento, mesmo sofrendo por agir assim, porém obtendo reforçadores intermitentes.

Como bem colocado por Hayes e cols. (2008), quando o indivíduo é exposto a situações turbulentas, ele pode suprimir os sentimentos negativos ou outros eventos des-

sa natureza, e isso pode ampliar o sofrimento. Esse comportamento de tentar controlar seus próprios sentimentos é um evento muito presente na vida de Nina, e podemos ver, no final do filme, até que ponto isso pode chegar. Nina morre por causa dessa luta, por não aceitar, por não ter aprendido a ver o mundo de forma diferente, pela dificuldade que tinha de mudar, de variar, de tornar-se independente. Infere-se que Nina tenta lutar contra si mesma, contra o que sente; ela queria mostrar para o seu próprio corpo que o que sentia não poderia ser daquele jeito, que ele não podia sentir o que sentia. No entanto, seu corpo apenas estava respondendo às contingências sociais, apenas sinalizava que alguma coisa estava atrapalhando o seu funcionamento saudável, e que tal coisa precisaria ser modificada.

A ACT é a proposta terapêutica empregada para a realização da presente análise, acompanhada de possíveis propostas de intervenção. Entretanto, outras propostas terapêuticas, considerando suas próprias estratégias de trabalho, podem também trazer análises e intervenções relevantes a este caso, como a Psicoterapia Analítica Funcional (FAP), elaborada por Kohlenberg e Tsai (1987, 1991/2006); a Terapia Comportamental Dialética (TCD, ou Dialectical Behavior Therapy, DBT), desenvolvida por Linehan (1993); dentre outras (Hayes, Masuda, Bissett, Luoma, & Guerrero, 2004).

Para qualquer uma das propostas comportamentais, o importante é notar a evolução dos conhecimentos teóricos e práticos sobre processos comportamentais resultantes da interação organismo-ambiente. Essa crescente construção de conhecimento tem ajudado e fornecido ao terapeuta importantes recursos e estratégias para lidar com o sofrimento de seu cliente. Percebe-se uma ausência de estudos em Análise Comportamental Clínica que analisem ou tentem explicar como padrões perfeccionistas podem ser estudados sob a perspectiva da ACT. Essa pode ser uma das justificativas que incentivaram as autoras à realização da presente análise, possibilitando assim mais uma fonte de estudo e pesquisa àqueles que demonstram interesse pelo assunto.

Referências

- Álvarez, M. DA P. (1996/2002). O sujeito na Modificação do Comportamento: Uma análise comportamental. Em V. E. Caballo (Org.), *Manual de Técnicas de Terapia e Modificação do Comportamento* (pp. 61-69). São Paulo: Santos.
- Baum, W. M. (1994/1999). *Compreender o Behaviorismo: Ciência, comportamento e cultura* (M. T. A. Silva, M. A. Matos, G. Y. Tomanari & E. Z. Tourinho, trads.). Porto Alegre: Artmed.
- Baumeister, R. F. (1990). Suicide as escape from self. *Psychological Review*, 97, 90-113.

- Bueno, G. N., & Melo, A. I. S. (2007). Perfeccionismo e baixa auto-estima. Auto-regras: instrumentos viabilizadores. Em R. R. Starling (Org.), *Sobre Comportamento e Cognição: Vol. 19. Temas aplicados* (pp. 174-189). Santo André: ESETec.
- Catania, A. C. (1998/1999). *Aprendizagem: Comportamento, linguagem e cognição* (D. G. Souza, trad. coord.). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Chapman, A. L., Gratz, K. L., & Brown, M. Z. (2006). Solving the puzzle of deliberate self-harm: The experiential avoidance model. *Behaviour Research and Therapy*, 44, 371-394.
- Chiles, J. A., & Strosahl, K. D. (2005). *Clinical manual for assessment and treatment of suicidal patients*. Washington, DC: American Psychiatric Publishing.
- de Souza, D. G. de (2001). O que é contingência? Em R. A. Banaco (Org.), *Sobre Comportamento e Cognição: Vol. 1. Aspectos metodológicos e de formação em Análise do Comportamento e Terapia Cognitivista* (pp. 82-87). Santo André: ESE-Tec.
- Dutra, A. (2010). Esquiva Experiencial na Relação Terapêutica. Em A. K. C. R. de-Farias (Org.), *Análise Comportamental Clínica: Aspectos teóricos e estudos de caso* (pp. 201-214). Porto Alegre: Artmed.
- Fontes, E. (2012). *Perfeccionismo: Comportamento positivo ou negativo?* Retirado no dia 09/01/2013, do site: <http://robertlobato.com.br/perfeccionismo-comportamento-positivo-ou-negativo/>
- Guilhardi, J. H. (2008). Auto-estima, autoconfiança e responsabilidade. Em M. Z. da S. Brandão, F. C. de S. Conte, & S. M. B. Mezzaroba (Org.), *Comportamento Humano – Tudo (ou quase tudo) que você precisa saber para viver melhor* (pp. 63-98). Santo André: ESETec.
- Hayes, S. C. (2004). Relational frame theory, and the third wave of behavioral and cognitive therapies. *Behavior Therapy*, 35, 639-665.
- Hayes, S. C. (1987). A contextual approach to therapeutic change. In N. Jacobson (Ed.), *Psychotherapists in clinical practice: Cognitive and behavioral perspectives* (pp. 327-387). New York: Guilford.
- Hayes, S. C., Bissett, R., Korn, Z., Zettle, R. D., Rosenfarb, I., Cooper, L., & Grundt, A. (1999). The impact of acceptance versus control rationales on pain tolerance. *The Psychological Record*, 49, 33-47.

- Hayes, S. C., Kohlenberg, B. S., & Melancon, S. M. (1989). Avoiding and altering rule-control as a strategy of clinical intervention. In S. C. Hayes (Ed.), *Rule governed behavior: Cognition, contingencies, and instructional control* (pp. 359-385). New York: Plenum.
- Hayes, S. C., Masuda, A., Bissett, R., Luoma, J., & Guerrero, L. F. (2004). DBT, FAP, and ACT: How Empirically Oriented Are the New Behavior Therapy Technologies? *Behavior Therapy, 35*, 35-54.
- Hayes, S. C., & Melancon, S.M. (1989). Comprehensive distancing, paradox, and the treatment of emotional avoidance. In L. M. Ascher (Ed.), *Therapeutic paradox* (pp. 184-218). Guilford Press.
- Hayes, S. C., Pistorello, J., & Biglan, A. (2008). Terapia de Aceitação e Compromisso: Modelo, dados e extensão para a prevenção do suicídio. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva, X*, 81-104.
- Hayes, S. C., & Smith, S. (2005). *Get out of your mind and into your life: The new Acceptance and Commitment Therapy*. Oakland, CA: New Harbinger.
- Hayes, S. C., Strosahl, K., & Wilson, K. G. (1999). *Acceptance and Commitment Therapy: An experiential approach to behavior change*. New York: Guilford Press.
- Hayes, S. C., & Wilson, K. G. (1994). Acceptance and Commitment Therapy: Altering the verbal support for experiential avoidance. *The Behavior Analyst, 17*, 289-303.
- Hayes, S. C., Wilson, K. G., Gifford, E. V., Follette, V. M., & Strosahl, K. (1996). Experimental avoidance and behavioral disorders: A functional dimensional approach to diagnosis and treatment. *Journal of Consulting and Clinical Psychology, 64*, 1152-1168.
- Houaiss, A, Villar, M. S., & Franco, F. M. M. (2001). *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva.
- Joiner, T. E., Jr., Heatherton, T. E., Rudd, M. D., & Schmidt, N. (1997). Perfectionism, perceived weight status, and bulimic symptoms: Two studies testing a diathesis-stress model. *Journal of Abnormal Psychology, 106*, 145-153.
- Kohlenberg, R. J., & Tsai, M. (1987). Funcional Analitic Psychotherapy. In N. S. Jacobson (Ed.). *Psychotherapists in clinical practice: Cognitive and Behavioral Perspective* (Chap. 10). New York: Guilford Press.
- Kohlenberg, R. J., & Tsai, M. (1991/2006). *Psicoterapia Analítica Funcional: Criando relações terapêuticas intensas e curativas* (F. Conte, M. Delitti, M. Z. da S. Bran-

- dão, P. R. Derdyk, R. R. Kerbauy, R. C. Wielenska, R. A. Banaco, & R. Starling, trads.). Santo André: ESETec.
- Kohlenberg, R. J., Tsai, M., Ferro García, R., Aguayo, L. V., Fernández Parra, A., & Virués Ortega, J. (2005). Psicoterapia Analítico Funcional y Terapia de Aceptación y Compromiso: Teoría, aplicaciones y continuidad con el Análisis del Comportamiento. *International Journal of Clinical and Health Psychology*, 5, 349-371.
- Linehan, M. M. (1993). *Cognitive-Behavioral Treatment of Borderline Personality Disorder*. New York: Guilford Press.
- Macedo, A. F. (2013). *Ser Ou Não Ser (Perfeito)? Perfeccionismo e Psicopatologia*. Lisboa: Lidel.
- Marçal, J. V. S. (2005). Estabelecendo objetivos na prática clínica: Quais caminhos seguir? *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 7, 178-188.
- Meyer, S. B. (2005). Regras e auto-regras no laboratório e na clínica. Em J. Abreu-Rodrigues & M. R. Ribeiro (Orgs.), *Análise do Comportamento: Pesquisa, teoria e aplicação* (pp. 211-227). Porto Alegre: Artmed.
- Nico, Y. (1999). Regras e insensibilidade: Conceitos básicos, algumas considerações teóricas e empíricas. Em R. R. Kerbauy & R. C. Wielenska (Orgs.), *Sobre Comportamento e Cognição: Vol. 4. Psicologia Comportamental e Cognitiva – da reflexão teórica à diversidade na aplicação* (pp. 31-39). Santo André: ARBytes.
- Prebláguina, N. (2015). *Um dos balés mais exibidos no mundo, 'O Lago dos Cisnes' celebra 120 anos*. Retirado no dia 01/05/2015, do site <http://br.rbth.com/arte/2015/01/30/um-dos-bales-mais-exibidos-no-mundo-o-lago-dos-cisnes-celebra-120-anos-29247.html>
- Rico, V. V., Goulart, P. R. K., Hamasaki, E. I. M., & Tomanari, G. Y. (2012). Percepção e Atenção. Em M. M. C. Hubner & M. B. Moreira (Orgs.), *Fundamentos de Psicologia: Temas clássicos da psicologia sob a ótica da Análise do Comportamento* (pp. 42-55). Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.
- Saban, M. T. (2011). *Introdução à Terapia de Aceitação e Compromisso*. Santo André: ESETec.
- Shafran, R., Cooper, Z., & Fairburn, C. G. (2002). Clinical perfectionism: A cognitive-behavioural analysis. *Behaviour Research and Therapy*, 40, 773-791.
- Skinner, B. F. (1953/2007). *Ciência e Comportamento Humano* (J. C. Todorov, & R. Azzi, trads.). São Paulo: Martins Fontes.

- Skinner, B. F. (1959/1999). *O que é comportamento psicótico* (Lílian Medeiros, trad.). Retirado no dia 05/01/2013, do site http://www.terapiaporcontingencias.com.br/pdf/skinner/o_que_e_comportamento_psicotico.pdf
- Skinner, B. F. (1969/1984). *Contingências de reforço* (R. Moreno, trad.). São Paulo: Abril Cultural.
- Skinner, B. F. (1974/2006). *Sobre o Behaviorismo* (M. da P. Villalobos, trad.). São Paulo: Cultrix.
- Skinner, B. F. (1981). Selection by consequences. *Science*, *213*, 501-504.
- Sousa, D. D., & de-Farias, A. K. C. R. (2014). Dor crônica e Terapia de Aceitação e Compromisso: Um caso clínico. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, *XVI*, 125-147.
- Stumpf, H., & Parker, W. D. (2000). A hierarchical structural analysis of perfectionism and its relation to other personality characteristics. *Personality and Individual Differences*, *28*, 837-852.
- Zilio, D. (2011). Algumas considerações sobre a terapia de aceitação e compromisso (ACT) e o problema dos valores. *Revista Perspectivas*, *2*, 159-165.
- Todorov, J. C. (1985). O conceito de contingência tríplice na análise do comportamento humano. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, *1*, 75-88.
- Todorov, J. C. (1989). A psicologia como o estudo de interações. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, *5*, 347-356.

CAPÍTULO 11

“TUDO PODE DAR CERTO” – UMA VISÃO ANALÍTICO-COMPORTAMENTAL DA HIPOCONDRIA E DO HIPOCONDRIACO BORIS

Sheila Francisca Machado
Instituto Brasiliense de Análise do Comportamento

Raquel M. Aló
Universidade de Brasília

Título do filme: Tudo pode dar certo

Título original: Whatever Works

Ano: 2009

Diretor: Woody Allen

Produtor: Letty Aronson

Lançado por: California Filmes

Na Psiquiatria, na Psicopatologia e em diversas abordagens psicoterapêuticas, segundo Filippon, Cardoso e Aguiar (2008), Holmes (1997) e Volich (2002), a Hipocondria é considerada um transtorno mental caracterizado por medo, crença ou preocupação irrealista e exagerada do indivíduo em possuir uma doença grave. Ou seja, o hipocondríaco interpreta de forma equivocada sintomas, sinais e sensações corporais, reconhecendo-os como doenças sérias. Essa preocupação exagerada continua existindo mesmo após avaliação médica. Segundo Cunha (1982), o termo *hypo-chondria* vem do grego *hypo-*, que significa de baixo, e *-chondr*, que significa cartilagem. Segundo o DSM-5 (Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, em sua quinta edição, APA, 2014), a prevalência de transtornos como a Hipocondria dentro da prática médica em geral é de 5% a 7% da população que procura o serviço de Psiquiatria.

Guedeney e Weisbrot (2002) relatam que, ao ser introduzida como diagnóstico no século IV a.C., a hipocondria era considerada como uma gastrite. Mais tarde, foi definida por Hipócrates, ainda no século IV a.C., e por Galeno, no século I d.C., como uma doença caracterizada por uma lesão visceral peculiar somada a uma lesão psíquica, e sua causalidade foi atribuída a um temor permanente ou a uma tristeza. Além de Hipócrates e Galeno, outros estudiosos como Sêneca e Lucrécio descreveram a hipocondria como uma enfermidade proveniente de um mal residente na alma humana, que era acompanhada da sensação de aperto no peito (Guedeney & Weisbrot, 2002). As discussões sobre a Hipocondria concentraram-se até a Idade Média nos estudos de Galeno (Volich, 2002).

Na Idade Média, a explicação dada para doenças com causalidade desconhecida, como a Hipocondria, era de possessão demoníaca. A visão sobrenatural da Hipocondria esteve presente entre os anos de 1486 a 1637, quando ainda eram publicados no meio acadêmico materiais marcados pelos mitos e supertições que surgiram a partir de dogmas religiosos. O ano de 1486 é marcado pela publicação do código de caça às bruxas, o qual atribuía à obra do diabo qualquer doença de causa desconhecida. Já em 1637, é publicado o “Discurso sobre o método”, de René Descartes, no qual a reflexão acerca da relação mente e corpo suscita novas causas para as doenças (Volich, 2002). O termo hipocondria apareceu pela primeira vez em um dicionário em 1398, e foi se popularizando entre os anos de 1398 e 1560, deixando de ser um termo conhecido apenas entre a comunidade médica (Guedeney & Weisbrot, 2002).

No século XVII, começou a busca pela objetividade dentro da Medicina e ocorreu um afastamento gradual da Medicina proposta por Hipócrates. Houve várias descobertas no campo que mudaram seu foco do sobrenatural para a busca de critérios diagnósticos e localização da doença, mas ainda não havia a separação entre doenças “mentais” e doenças do corpo. As doenças deixaram de possuir causas místicas e

passaram a ser vistas como causadas organicamente. Com isso, a área médica foi obrigada a se especializar cada vez mais para evitar o erro diagnóstico, um problema que antes era pouco discutido e que passou a ser debatido frequentemente (Guedeney & Weisbrot, 2002).

A Hipocondria no século XVIII era considerada como doença “imaginária”, ou seja, doença “mental”, pois não eram identificadas causas orgânicas para os sintomas relatados pelos pacientes (Guedeney & Weisbrot, 2002). A dificuldade de estabelecer os critérios diagnósticos da Hipocondria e de outras doenças chamadas de mentais residia na dificuldade de reconhecer de forma específica as diferenças entre os sintomas de cada uma dessas doenças, para poder definir nitidamente um diagnóstico diferencial (Volich, 2002).

Pinel (1745-1826, citado por Volich, 2002) deu o *status* de “loucura” e chamou de “neuroses de geração” àquelas condições sem identificação orgânica, dentre elas a Hipocondria. As “neuroses de geração” seriam, mais especificamente, “doenças mentais” cuja causalidade era atribuída ao útero – logo, eram diagnosticadas apenas nas mulheres. Após Pinel, houve muitas mudanças no estudo sobre a Hipocondria. Guedeney e Weisbrot (2002) e Volich (2002) afirmam que o campo das “doenças mentais”, que dá as bases da Psiquiatria e Psicopatologia atuais, se consolidou no século XX com a publicação do primeiro Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM), pela Associação Americana de Psiquiatria.

Holmes (1997) comenta que, até o DSM-II, a Hipocondria foi classificada como um transtorno histérico, ou seja, ligado ao útero e à população feminina. No DSM-III, a nomenclatura “transtornos histéricos” foi substituída por “transtornos somatoformes”. Tais condições seriam caracterizadas pela apresentação de sintomas físicos, porém sem uma causa física subjacente. Contudo, foi apenas a partir do DSM-III-R (APA, 1987, citado por Holmes, 1997) que desapareceu a associação entre os transtornos somatoformes e o sexo feminino.

Percebe-se, ao analisar a história do termo, que houve grandes mudanças tanto na interpretação sobre a atribuição da causa dos seus sintomas, quanto na sua descrição. Em um primeiro momento, considerava-se que a Hipocondria tinha causas físicas desconhecidas, sendo associada a sintomas “psíquicos” ou a um “mal da alma”; em um segundo momento, defendia-se que a Hipocondria era consequência de uma possessão demoníaca; em um terceiro momento histórico, a causa da Hipocondria foi restringida a questões “psíquicas”.

Em publicações recentes, a Hipocondria foi associada aos chamados “transtornos de ansiedade” (Torres, 2001). A maioria dos estudos que comentam sobre Hipocondria a relacionam com os transtornos de ansiedade enquanto uma comorbidade, e acabam enfocando mais o diagnóstico e intervenção do transtorno de ansiedade.

Poucos estudos (*e.g.*, Torres & Crepaldi, 2002) focam na discussão sobre a Hipocondria em si. Outros autores, no entanto, propõem diferenças entre a Hipocondria e transtornos de ansiedade (*e.g.*, Oddone, Del Porto & Gonzalez, 2013).

Em anos mais recentes, alguns autores analisaram comportamentalmente diferentes diagnósticos psicopatológicos (*e.g.*, Abreu, 2006; Britto, 2004; Coêlho & Tourinho, 2008; Dougher & Hackbert, 2003; Marçal, 2007; Martone & Zamignani, 2002; Zamignani & Banaco, 2005). No entanto, os trabalhos de Análise do Comportamento sobre a Hipocondria, em específico, são poucos (*e.g.*, Valls, 2010). O presente estudo tem como objetivo geral realizar uma análise comportamental da Hipocondria, incluindo a sua origem e possíveis variáveis mantenedoras. Para isso, será feita uma análise funcional dos padrões de comportamento hipocondríacos da personagem fictício Boris, que é o protagonista do filme “Tudo pode dar certo” (*Whatever Works*, 2009), de Woody Allen. Por análise funcional, segundo Skinner (1953/2003), entende-se a busca por identificar “as variáveis externas das quais o comportamento é função” (p. 38).

Os objetivos específicos são: (a) analisar como é construído o diagnóstico tradicional e as dificuldades em utilizá-lo; (b) discutir a proposta de diagnóstico apresentada por analistas do comportamento; e (c) ilustrar um caso de Hipocondria a partir da análise de uma personagem fictício, realizando assim seu diagnóstico comportamental.

Diagnóstico Tradicional e as Diferenças Topográficas entre Hipocondria e Outros Transtornos de Ansiedade

A atual organização do sistema de saúde brasileiro convida seus profissionais a estabelecerem diagnósticos que possam ser compreendidos por outros profissionais da saúde na busca por uma atuação multidisciplinar, como se pode constatar a partir da Política Nacional de Humanização (Ministério da Saúde, 2004). A definição de “diagnóstico”, no dicionário Aurélio, relaciona o termo a uma arte de, através da análise de sinais e sintomas relatados por um indivíduo, identificar uma determinada doença (Ferreira, 2004). Cabral e Nick (2006), por sua vez, definem diagnóstico como a identificação e reconhecimento de uma doença.

Na tentativa de padronizar os diagnósticos, foram criadas as classificações diagnósticas apresentadas na Classificação Internacional de Doenças (CID), já em sua 10ª edição. Dentro do CID-10, encontramos uma lista de diagnósticos que aparecem com seus critérios descritos com mais detalhes nas páginas do DSM-IV, os diagnósticos dos chamados transtornos mentais. Com a chegada do DSM-5, alguns diagnósticos foram agrupados, assim criando novas categorias de diagnóstico.

Atualmente, os critérios utilizados para diagnosticar a Hipocondria encontram-se na sessão relativa aos Transtornos de Sintomas Somáticos e Transtornos Relacionados no DSM-5 (APA, 2014, p. 311, grifos do autor):

“Transtorno de Sintomas Somáticos

Critério Diagnóstico 300.82 (F45.1)

A. Um ou mais sintomas somáticos que causam aflição ou resultam em perturbação significativa da vida diária.

B. Pensamentos, sentimentos ou comportamentos excessivos relacionados aos sintomas somáticos ou associado a preocupações com a saúde manifestados por pelo menos um dos seguintes:

1. Pensamentos desproporcionais e persistentes acerca da gravidade dos próprios sintomas.

2. Nível de ansiedade persistentemente elevado acerca da saúde e dos sintomas.

3. Tempo e energia excessivamente dedicados a esses sintomas ou a preocupação a respeito da saúde.

C. Embora algum dos sintomas somáticos possa não estar continuamente presente, a condição de estar sintomático é persistentemente (em geral mais de seis meses).

Especificar se:

Com dor predominantemente (anteriormente transtorno doloroso): Este especificador é para indivíduos cujos sintomas somáticos envolvem predominantemente dor.

Especificar se:

Persistente: Um curso persistente é caracterizado por sintomas graves, prejuízo marcante e longa duração (mais de seis meses).

Especificar a gravidade atual:

Leve: Apenas um dos sintomas especificados no Critério B é satisfeito.

Moderada: Dois ou mais sintomas especificados no Critério B são satisfeitos.

Grave: Dois ou mais sintomas especificados no Critério B são satisfeitos, além da presença de múltiplas queixas somáticas (ou um sintoma somático muito grave).”

No DSM-5 (APA, 2014), é exposta ainda a possibilidade de haver comorbidade dos Transtornos de Sintomas Somáticos com Transtornos de Ansiedade e Depressivos. O manual apresenta os critérios para realizar-se um diagnóstico diferencial entre esses e outros transtornos, como os exemplos a seguir:

“Outras condições médicas. A presença de sintomas somáticos de etiologia incerta não é, em si, suficiente para justificar um diagnóstico de transtorno de sintomas somáticos. Os sintomas de muitas pessoas com transtornos como síndrome do colo irritável ou fibromialgia não satisfazem o critério necessário para diagnosticar transtorno de sintomas somáticos (Critério B). Por sua vez, a presença de sintomas somáticos de um distúrbio médico estabelecido (p. ex., diabetes ou doenças cardíacas) não exclui o diagnóstico de transtorno de sintomas somáticos se os critérios forem satisfeitos.

Transtorno de pânico. No transtorno de pânico, os sintomas e a ansiedade a respeito da saúde tendem a ocorrer em episódios agudos, enquanto no transtorno de sintomas somáticos de ansiedade e somáticos são mais persistentes.

Transtorno de ansiedade generalizada. Indivíduos com transtorno de ansiedade generalizada preocupam-se com múltiplos eventos, situações ou atividades, apenas uma das quais pode envolver a própria saúde. O foco principal geralmente não está em sintomas somáticos ou no medo de doença, como no transtorno de sintomas somáticos.

Transtornos depressivos. Transtornos depressivos são comumente acompanhados por sintomas somáticos. Entretanto, são diferenciados do transtorno de sintomas somáticos pela sintomatologia depressiva central de humor deprimido (disfórico) e anedonia.

Transtorno de ansiedade de doença. Se o indivíduo tiver preocupações extensas a respeito da saúde, porém nenhum sintoma somático ou apenas sintomas somáticos mínimos, pode ser mais apropriado considerar o transtorno de ansiedade de doença.” (APA, 2014, p. 314).

Da descrição do DSM-IV (2002) para a descrição do DSM-5 (2014), houve: (a) uma redução na quantidade de critérios diagnósticos para o transtorno em questão; (b) aumento dos respectivos especificadores; e (c) integração do diagnóstico de Hipcondria a outros transtornos que também recebiam o nome de transtornos somatoformes – ou seja, transtornos em que sintomas físicos presentes e relatados não apresentam causa física demonstrável, sendo assim considerados como de origem psicológica. No DSM-5, tais diagnósticos estão incluídos sob a categoria de Trans-

torno de Sintomas Somáticos²⁸. No DSM-IV, os critérios para a Hipocondria focavam mais na preocupação com “estar doente” e nas diferenças diagnósticas com relação a outros transtornos. O DSM-5, por sua vez, foca menos nas diferenças diagnósticas, deixando-as apenas como subtópico do capítulo, enquanto que a forma dos pensamentos, sentimentos e comportamentos continuaram tendo destaque.

Dalgalarrondo (2008) defende que o diagnóstico psicopatológico é a parte principal do tratamento dos chamados transtornos mentais, pois é a realização desse diagnóstico que permite a compreensão adequada do sofrimento do paciente e, a partir dele, é possível traçar o melhor tipo de tratamento. Para o autor, os aspectos singulares do sujeito também são importantes, mas esse não é o foco principal.

O diagnóstico psicopatológico é feito a partir do modelo da Medicina de Diagnóstico, descrito, por exemplo, por Banaco, Zamignani, Martone, Vermes e Kovac (2012). Mais especificamente, no modelo da Medicina, busca-se uma descrição detalhada do fenômeno, identificação da sua causa e uma previsão do curso que a doença irá tomar. Para o modelo médico, a causa da doença é procurada em anormalidades do corpo, há uma descrição detalhada de como funciona o comportamento “psicopatológico” e um empenho na descrição do desenvolvimento da “doença mental” (ou seja, dos comportamentos “psicopatológicos”), além de uma preocupação em definir o que é normal e o que é anormal (Banaco e cols., 2012).

Ao pesquisar-se nos manuais de psicopatologia, como os de Athayde (1979), Cheniaux (2012), Dalgalarrondo (2008), Paim (1986) e Spoerri (2000), encontram-se a entrevista de anamnese e o exame psíquico como formas de investigar a existência de um “transtorno mental”. Essas obras listam funções “psíquicas” (*e.g.*, sensopercepção, pensamento, memória, atenção, consciência, linguagem, entre outros) a serem avaliadas durante essa entrevista e a descrição da forma como se caracterizaria a alteração dessas funções em diversos transtornos “mentais”. Ou seja, na Psicopatologia, os transtornos mentais são definidos pela determinação de características de tais alterações. É através desse tipo de análise que será dado o diagnóstico tradicional de Hipocondria.

É a partir da visão do modelo médico que nasce o DSM. O sistema de classificação do DSM tem sua importância: é o trabalho de diversos profissionais, cada um com sua abordagem, tentando dialogar, apontando os resultados de suas observações no seu trabalho e buscando um consenso para uma descrição objetiva dos fenômenos (Banaco, Zamignani & Meyer, 2010).

²⁸ No decorrer deste estudo, o termo Hipocondria continuará sendo utilizado visando uma relação mais clara com a literatura relevante sobre o tema. Além disso, a perspectiva do presente trabalho é mais funcional do que estrutural e, portanto, preocupa-se mais com as variáveis mantenedoras do que com a aparência ou com o nome utilizado para o fenômeno.

Contudo, de acordo com autores como Torres e Crepaldi (2002), a Hipocondria tem sido confundida frequentemente com transtornos de ansiedade e, em especial, com o Transtorno do Pânico. Segundo estimativas dos autores a partir da análise de outras pesquisas, de 50% a 70% dos pacientes diagnosticados com Transtorno do Pânico apresentam sintomas hipocondríacos. Já a estimativa para pacientes diagnosticados com Hipocondria que apresentam sintomas de Transtorno do Pânico é de 13% a 17%. Ao apresentarem os critérios de diferenciação entre um transtorno e outro, os autores citam os critérios diagnósticos do DSM-IV e a descrição existente no CID-10.

Dib, Valença e Nardi (2006) apresentam o caso de uma pessoa que chegou ao setor de Psiquiatria com suspeita de Transtorno do Pânico, pois se queixava de arritmia e falta de ar. Durante o tratamento proposto com a medicação comum em casos deste transtorno, a frequência desses sintomas foi diminuindo. Porém, as queixas repetitivas da cliente de possuir uma patologia grave no coração continuaram, bem como as preocupações acerca do que estava descrito na bula na parte de reações adversas da medicação. Os autores chegaram à conclusão de que era provável que a Hipocondria estivesse associada ao quadro dessa paciente. Este é um exemplo de como o sujeito que chega ao consultório pode apresentar sintomas que tornam difícil um diagnóstico inicial de ansiedade ou Hipocondria com base nos critérios do DSM. Nesse caso, o relato de arritmia e falta de ar no momento inicial poderiam enquadrar uma pessoa em mais de um diagnóstico, e foi a análise de mais informações sobre a paciente ao decorrer do tratamento que trouxe a dúvida.

Outro transtorno de ansiedade comumente confundido com a Hipocondria é o Transtorno Obsessivo-Compulsivo (TOC). Torres (2001), por exemplo, baseia a diferenciação entre o TOC e a Hipocondria nos critérios diagnósticos do DSM-IV. O responsável pelo diagnóstico deve analisar o relato do paciente e identificar se a queixa é *de ter medo de ficar doente ou contaminado* – características comuns no relato verbal do sujeito diagnosticado com TOC – ou se o relato verbal é marcado por uma suspeita ou crença de *já estar com uma doença grave*, sem apresentar sintomas físicos que indiquem tal doença – como tipicamente observado na Hipocondria. A autora frisa ainda que o hipocondríaco, diferente do sujeito que se enquadra no diagnóstico de TOC, continuará acreditando estar doente mesmo após o médico especialista lhe dizer que não tem uma doença grave, embasado nos resultados de uma série de exames, por vezes invasivos, aos quais o hipocondríaco se submeteu para encontrar uma doença.

Novamente, a diferença entre um diagnóstico e outro é com relação ao comportamento do indivíduo perante a possibilidade de estar doente. A semelhança entre o TOC e a Hipocondria seria que as preocupações do sujeito são sempre as mesmas e frequentes, podendo em ambos diagnósticos envolver comportamentos obsessi-

vos e/ou compulsivos. Porém, a capacidade do próprio sujeito de reconhecer seu relato como absurdo e desproporcional seria mais característica do TOC do que da Hipocondria (Oddone e cols., 2013). No Transtorno de Sintomas Somáticos – atual classificação da Hipocondria no DSM-5 – não há comportamentos obsessivo-compulsivos com finalidade principal de diminuição da ansiedade (APA, 2014).

Com critérios resumidos, os profissionais que fazem uso do diagnóstico tradicional acabam se deparando com situações onde diferenciar um diagnóstico do outro se torna algo difícil, o que levanta a reflexão a respeito de até que ponto essa forma de diagnóstico pode ser útil na definição da intervenção adequada para cada indivíduo que aparece relatando seu sofrimento. Em vista disso, críticas vêm surgindo a respeito de como esses critérios diagnósticos são selecionados.

Araujo e Medeiros (2003), por exemplo, apresentam algumas críticas ao DSM enquanto sistema diagnóstico. Uma delas diz respeito à descrição dos critérios diagnósticos dentro do DSM, pois nessa descrição a *topografia* do comportamento, ou seja, a sua forma ou estrutura, recebe grande destaque em detrimento de outras variáveis diagnósticas, como a história de aprendizagem do sujeito e a sua cultura. No DSM, encontram-se análises nomotéticas, nas quais relações causais são generalizadas para todos que atendem aos critérios de um diagnóstico, desconsiderando a possibilidade de haver causas diferentes para o mesmo diagnóstico. Por fim, ainda apontam que no DSM há uma visão internalista, pois fatores teoricamente internos ao indivíduo, como disfunções neurais ou psíquicas, são considerados causas para os problemas vivenciados. Essa visão internalista do fenômeno diagnosticado tira o foco de possíveis causas que podem ser analisadas cientificamente.

De acordo com Banaco e cols. (2010), outra crítica ao sistema diagnóstico está relacionada à noção estatística de normalidade. Os autores discorrem que, no DSM, o conceito de normalidade é relativo àquilo que é observado mais frequentemente na população analisada. Aqueles aspectos que possuem baixa frequência nessa população observada são os que seriam denominados de “fora da norma”. Considerando a noção estatística, o comportamento que se repete com mais frequência seria o normal, desconsiderando o tipo de consequência que poderia sucedê-lo. Por exemplo, um país que está há um longo período em recessão financeira pode ter um alto índice de assaltos e violência; logo, pela noção estatística, isso se tornaria a norma, ou o “normal”. Em outras palavras, é ilusório assumir que um fenômeno frequente em uma população é um fenômeno necessariamente “desejável”.

Os critérios do DSM, então, são descrições topográficas do comportamento, dando maior ênfase à *forma* como o paciente se comporta em função de diferentes variáveis, sendo que tais variáveis não são descritas de forma objetiva no critério. Um exemplo é a maneira de apresentar a “preocupação”, no diagnóstico médico de Hi-

pocondria: esta seria uma preocupação em apresentar uma doença necessariamente grave, e tal preocupação é considerada desproporcional e persistente. Se a preocupação for com múltiplos eventos além da doença, se consistir em um delírio, ou se for relacionada a poucos sintomas somáticos, ela não deve ser caracterizada como Hipocondria. Ou seja, apenas a forma da preocupação é priorizada nesse tipo de diagnóstico, o que pode gerar confusões diagnósticas e não chega ao cerne das variáveis causais da preocupação excessiva. Uma alternativa ao diagnóstico tradicional é proposta por vários autores da Análise do Comportamento, como descrito e discutido abaixo.

Diagnóstico Comportamental: Analisando as Contingências da Hipocondria

A proposta diagnóstica de analistas do comportamento difere substancialmente daquela apresentada anteriormente. Na Análise do Comportamento, o diagnóstico considera as contingências respondentes e operantes responsáveis pelos comportamentos envolvidos nas queixas e demandas do cliente. O comportamento respondente é descrito pela relação entre estímulo (S) e resposta (R), onde a resposta é eliciada pelo estímulo (ou seja, S -> R). Por exemplo, um indivíduo que passou por uma intoxicação alimentar após ingerir maionese, em outra ocasião ao sentir o cheiro da maionese (S) -> poderá apresentar náuseas (R) (Baum, 1994/2006; Millenson, 1967; Moreira & Medeiros, 2007; Skinner, 1953/2003, 1974/2006).

O estímulo que irá eliciar a resposta no comportamento respondente pode ser tanto um estímulo incondicionado como condicionado. O estímulo incondicionado (US) é o estímulo que elicia uma resposta incondicionada (UR). A resposta incondicionada é uma resposta reflexa ao US, sendo a relação entre US e UR inata, ou seja, não houve aprendizagem anterior para que o US eliciasse a UR. Por exemplo, ao ouvir o barulho de uma corneta pela primeira vez (US) uma criança pode sentir o coração batendo acelerado (UR). Já o estímulo condicionado (CS) é aquele que elicia uma resposta condicionada (CR) a partir de uma aprendizagem anterior. Antes de ser CS, um estímulo é neutro (NS) para uma determinada resposta, ou seja, não a elicia. Quando o NS é emparelhado ao US (ou a um estímulo anteriormente condicionado), o primeiro pode passar a eliciar, também, uma resposta – a qual denomina-se CR (Baum, 1994/2006; Millenson, 1967; Moreira & Medeiros, 2007; Skinner, 1953/2003, 1974/2006). No exemplo anterior, a criança ouve o barulho de uma corneta (US) enquanto está assistindo a um jogo de futebol (NS) e, depois de quatro jogos ouvindo o barulho da corneta durante as partidas, quando começa a assistir a quinta partida de futebol (CS), já sente o coração acelerando (CR), sendo que não há barulho de corneta ainda.

Diferente do comportamento respondente, o comportamento operante é emitido pelo indivíduo e produz uma mudança em seu ambiente, que afeta a sua probabilidade futura. Esse tipo de comportamento é descrito pela contingência tríplice, onde antecedentes (A) servem de ocasião para a emissão de uma resposta (R), e essa resposta produz consequências (C) que alteram a probabilidade dessa resposta no futuro (ou seja, A: R → C). Por exemplo: uma criança na presença da mãe (A): pede chocolate (R) → e recebe chocolate (C); por isso, na presença da mãe e de variáveis motivacionais específicas, o comportamento de pedir chocolate se tornará mais provável (Baum, 1994/2006; Millenson, 1967; Moreira & Medeiros, 2007; Skinner, 1953/2003, 1974/2006).

No exemplo apresentado, o chocolate funcionou como reforço (Skinner, 1953/2003, 1974/2006). A denominação *reforço* é utilizada para aquelas consequências que, ao serem acrescentadas ao ambiente, aumentam a probabilidade do comportamento que as produziu, e o processo comportamental envolvido é chamado de *reforçamento*; já as consequências cuja apresentação torna a resposta menos provável são chamadas de estímulos aversivos, e o processo comportamental envolvido é chamado de punição.

O que torna um estímulo reforçador ou aversivo é a *história* de aprendizagem de cada organismo, que pode sofrer influência da sua cultura, sua história de vida, e de aspectos fisiológicos (Baum, 1994/2006; Millenson, 1967; Moreira & Medeiros, 2007; Skinner, 1953/2003, 1974/2006). O reforçamento e a punição ainda podem ser divididos em outras categorias: positivo e negativo. Essa diferenciação é relativa à adição ou subtração de estímulos ao ambiente.

No reforçamento positivo, a resposta tem por consequência a adição de um estímulo reforçador no ambiente, aumentando a probabilidade do comportamento. No reforçamento negativo, o aumento da probabilidade do comportamento é relacionado à remoção ou adiamento de um estímulo aversivo, como consequência do comportamento. Na punição positiva, a resposta tem por consequência a adição de um estímulo aversivo no ambiente, o que diminui a probabilidade do comportamento. Na punição negativa, a diminuição da probabilidade do comportamento é relacionada à remoção ou adiamento de um estímulo reforçador, como consequência do comportamento (Millenson, 1967; Moreira & Medeiros, 2007; Skinner, 1953/2003, 1974/2006).

Compreendendo contingências respondentes e operantes que operaram e que operam na vida de um indivíduo, é possível compreender a função do seu comportamento – ou seja, é possível *analísá-lo funcionalmente*. Quando um comportamento é analisado funcionalmente, é possível compreender as circunstâncias em que ele ocorreu, o que o mantém e/ou o que pode diminuir a probabilidade desse compor-

tamento (Marçal, 2010; Moreira & Medeiros, 2007; Skinner, 1953/2003, 1974/2006). O “diagnóstico” de um analista do comportamento é a sua análise funcional do caso (Banaco e cols., 2010; Moraes, 2010; Ruas, Albuquerque & Natalino, 2010).

Conforme observado anteriormente, nas diversas edições do DSM, a descrição dos comportamentos “psicopatológicos”, em geral, e da preocupação hipocondríaca, em específico, restringe-se em grande parte à forma do comportamento, e pouco dá atenção aos outros dois termos da contingência tríplice. Por exemplo, possíveis ocasiões em que essa preocupação aparece (os antecedentes) não são apresentadas, e alguns possíveis resultados (consequências) dessa preocupação não são descritos. Por mais que o Critério A comente sobre haver uma perturbação significativa da vida diária para que se possa diagnosticar o Transtorno de Sintomas Somáticos (ou seja, o DSM descreve uma consequência potencialmente aversiva dos comportamentos hipocondríacos), o texto do DSM-5 comenta com maior frequência sobre os outros critérios. Ou seja, a forma do comportamento ainda é mais valorizada, até mesmo para avaliar a gravidade do caso, como se pode perceber pelo Especificador de gravidade atual. Para os analistas do comportamento, a descrição formal que se restringe ao comportamento do cliente de preocupar-se não fornece informações suficientes para traçar intervenções efetivas, as quais devem envolver mudanças nos antecedentes e consequências dos comportamentos relevantes.

Além disso, no DSM há inferências com relação à forma do pensamento, que é definida como “desproporcional”, mas não dá parâmetros objetivos para definir o que seria um pensamento desproporcional. O grau de desproporção seria mais adequadamente descrito pelo paciente, por outras pessoas que convivem com ele, ou por seu médico? E se o paciente ou outras pessoas descreverem a desproporcionalidade com base em critérios distintos daqueles do médico? A desproporção é baseada nos resultados de exames ou no relato do paciente a cerca das sensações desagradáveis que tem no corpo? O DSM não responde objetivamente a esses casos.

Banaco e cols. (2010) salientam que a dificuldade encontrada pelos analistas do comportamento em utilizar o DSM dentro da sua prática clínica está no seguinte ponto: o DSM apresenta informações escassas para a realização de uma boa intervenção dentro dos padrões da Análise de Comportamento, uma vez que não permite que se chegue a conclusões a respeito da função do comportamento em questão. Cavalcante e Tourinho (1998) argumentam que a falta de uma visão contextualizada dos critérios encontrados nos diagnósticos do DSM gerou críticas à utilidade desses diagnósticos. Daí surgiu a necessidade dos analistas do comportamento em criar um modelo diferente.

O modelo diagnóstico na Análise do Comportamento difere do modelo da Medicina em vários pontos. Em primeiro lugar, a preocupação da Análise do Comportamento é

definir as leis gerais que regem *todos* os comportamentos, e não apenas aqueles caracterizados como “transtornos”. Logo, a importância maior é no entendimento da relação do organismo com o ambiente a fim de entender a *função* do comportamento dito “normal” ou “psicopatológico”. Procura-se explicar e descrever o comportamento a partir da sua probabilidade de ocorrência, sua frequência, sua intensidade e, especialmente, as suas condições mantenedoras, antecedentes mais imediatos e antecedentes históricos. Com isso, é considerado que esses comportamentos funcionam como qualquer outro. Tais comportamentos existem no repertório do indivíduo porque foram *selecionados* por suas consequências – ou seja, eles possuem alguma função. Essa perspectiva invalida a visão do comportamento como “doença mental” (Banaco e cols., 2012).

Contudo, ao realizar-se uma leitura dos critérios diagnósticos apresentando no DSM-5, podem-se encontrar alguns pontos para se refletir acerca desses critérios a partir da visão analítico-comportamental, pois o Manual auxilia na comunicação com outros profissionais e fornece algumas informações relativas à possível topografia do comportamento. Logo, o DSM pode ser útil, já que, segundo Banaco e cols. (2010), identificar a topografia do comportamento é um dos passos da análise funcional.

Realizar um diagnóstico é importante, mas o diagnóstico defendido por Dalgalarondo (2008) é restritivo, focando em sintomas catalogados anteriormente ao contato com o indivíduo como os principais fatores para o entendimento de seu sofrimento. Pouco enfoque é conferido aos fatores contextuais que, para o analista do comportamento, são necessários para um diagnóstico mais amplo do comportamento e entendimento da demanda específica. Assim, uma analista do comportamento não pode se restringir aos critérios apresentados no DSM. O diagnóstico elaborado com base na Análise do Comportamento necessita de mais informações para intervenção do que as apresentadas nesses critérios. Essa falta de informações necessárias para a elaboração de uma *análise funcional* com finalidade de traçar um plano de intervenções dificulta a utilização do DSM na prática da Análise Comportamental Clínica (ACC) como único fator de análise diagnóstica.

Banaco e cols. (2010), Follette, Naugle e Linnerooth (2000), Hayes e Follette (1992), Keefe, Kopel e Gordon (1980), Neno (2003) e Torós (1997) foram alguns dos autores que apresentaram propostas de análise funcional para utilização dentro da ACC. Neno (2003), por exemplo, discorreu a respeito de diferenças de ênfase entre alguns teóricos. Alguns consideram a análise funcional como um método de avaliação do cliente que procura a terapia, enquanto outros a consideram como um meio para definição de uma intervenção mais específica. Porém, a autora frisa que, apesar de divergirem, as definições centram-se na preocupação em identificar relações entre o ambiente e o comportamento, levando em consideração os fatores relativos ao histó-

rico e contingências atuais, tomando tal identificação como base para um planejamento de uma intervenção.

Neno (2003) comenta que “a análise de relações funcionais representa um modelo de interpretação e investigação dos fenômenos naturais” (p. 152). A autora completa afirmando que esse modelo de interpretação foi o que Skinner utilizou dentro da ciência do comportamento. Skinner (1981) explicou que o modelo de análise está baseado em uma noção seletiva, ou seja, múltiplas variáveis irão determinar um comportamento a partir de três níveis de seleção: (1) a filogênese (histórico da espécie humana em termos biológicos); (2) a ontogênese (histórico individual de aprendizagem do indivíduo); e (3) a cultura (histórico de aprendizagem de uma comunidade verbal). Tais variáveis compõem a explicação a respeito da função de um determinado comportamento. Assim, o comportamento pode ser descrito como multideterminado (Marçal, 2010).

Durante o momento de diagnóstico no consultório da ACC, os três níveis de seleção do repertório comportamental do cliente serão investigados. Enquanto é feita essa coleta de dados, são formuladas hipóteses diagnósticas relativas a variáveis que influenciaram a aquisição do comportamento, e que influenciam a sua manutenção ou que enfraquecem o comportamento. Tais hipóteses podem ser reformuladas à medida que novas informações forem aparecendo. Devem-se buscar descrições precisas de comportamentos respondentes e operantes. A partir da investigação das variáveis e da análise das relações entre elas, é delineado e avaliado o plano terapêutico de intervenções (Torós, 1997).

Follette e cols. (2000) argumentam que há duas características básicas de uma análise funcional: (1) ela é interativa, e (2) ela é autocorretiva. Ou seja, durante o processo terapêutico, frequentemente a análise funcional deverá ser realizada e pode ser refeita ciclicamente, começando do primeiro passo até o último passo, enquanto o resultado desejado não for alcançado.

Banaco e cols. (2010) traçam uma ordem de como proceder na investigação no momento de um diagnóstico comportamental. Deve-se começar a análise identificando o que o organismo faz, ou seja, descrevendo-se detalhadamente a *topografia* dos comportamentos relevantes do cliente. Um segundo passo é identificar as mudanças que são produzidas pelo comportamento no ambiente, ou seja, as *consequências* que podem manter ou enfraquecer esse comportamento. O terceiro passo seria a investigação das condições ambientais relevantes que *antecedem* o comportamento, tanto imediatas quanto históricas. Ou seja, a análise funcional descreve os três termos da contingência tríplice operante, ou os dois termos da contingência respondente. A topografia do comportamento tem sua importância nessa análise, mas a investigação dela é apenas um passo da análise, e não a sua finalidade.

Follette e cols. (2000) e Keefe e cols. (1980) incluem na sua descrição dos passos de uma análise funcional o planejamento da intervenção, a implementação e a avaliação dos seus resultados. Com isso, itens como avaliar a motivação do cliente, suas habilidades e reforços em potencial, delinear o plano interventivo, monitorar os efeitos desse plano e modificar a intervenção quando necessário, também entram na análise.

Seja como for, a análise funcional com finalidade diagnóstica não se restringe meramente ao diagnóstico topográfico, mas principalmente a entender as contingências de forma ampla para que se possa propor uma intervenção útil. Um exemplo de diagnóstico a partir da visão da Análise do Comportamento é ilustrado a seguir, a partir do caso do hipocondríaco Boris.

Conhecendo Boris e seu Diagnóstico Comportamental – Uma Análise Funcional da Hipocondria

Anteriormente, foram discutidas questões relativas ao diagnóstico médico e a alternativa da análise funcional do comportamento foi apresentada. Nesta seção, será apresentada uma análise funcional de padrões de comportamentos que, de um ponto de vista médico, provavelmente seriam diagnosticados como hipocondríacos. Trata-se da personagem principal do filme “Tudo pode dar certo” (2009), de Woody Allen. Enquanto o caso é discutido, outros conceitos importantes para a compreensão de uma análise funcional serão apresentados.

A história se passa em Nova York. Nos primeiros minutos do filme, Boris Yellnikoff se apresenta para os espectadores como narrador e protagonista da história, e declara que irá relatar os 4 anos anteriores de sua vida. Pouco é descrito por Boris sobre sua infância e adolescência. Alguns fatos que ele relata são: foi criado em um lar religioso, mas atualmente não segue nenhuma religião, nunca praticou esportes e tinha poucos amigos próximos. Com relação à vida adulta, Boris fornece um pouco mais de informações. Ele conta que já passou por dois divórcios e que está em um novo relacionamento. Pode-se estimar que ele tenha aproximadamente 50 anos.

Boris é Ph.D. em Física e, antes do primeiro divórcio, era professor da Universidade de Columbia, onde lecionava sobre a Teoria das Cordas e Mecânica Quântica. Chegou a ser indicado ao Nobel de Física, mas não ganhou. Conheceu a primeira esposa, Jessica, quando os dois estavam na Universidade de Chicago – “ela tinha um QI elevado e um vestido decotado” (trecho retirado do filme, conforme tradução da fala), conta Boris. Ele acredita que as pessoas são “vermes”, “micróbios”, “cretinos”, ou seja, “seres inferiores” a ele, que seria uma pessoa “extremamente superior e inteligente”.

No início do filme, Boris conta sobre a época em que morava com Jessica e com o filho do casal em um bairro de Manhattan, Beekman Place. Na época em que seu filho estava na faculdade, ele já acordava à noite com medo de estar morrendo naquele exato momento ou em breve.

O funcionamento de seu relacionamento com a primeira esposa é apresentado aos espectadores quando ele relata uma dessas noites em que acorda às 4 horas da madrugada, gritando que está morrendo. Boris desce as escadas em direção à cozinha e a esposa vai atrás, afirmando que ele não está morrendo, que está tarde e que ela precisa descansar. Jessica comenta que os ataques de pânico estão cada vez mais frequentes e pergunta se ele continua tomando seus remédios; enquanto isso, Boris procura a vodka na cozinha. Eles começam a discutir, ela reclama de estar lá, às 4 horas da manhã, pedindo para ele ir dormir, e ele fala sobre o caso que ela teve com outro homem e o que esperava dela quando tomou a decisão racional de se casar: alguém para conversar (ver análise molecular na Tabela 1). Apesar de ser um momento de discussão, o comportamento de discutir parece estar sendo reforçado, pois Boris recebe atenção de Jessica, mesmo que não seja aquela que ele relatava desejar no começo da relação. Os reforçadores que Boris relata esperar ter acesso quando decidiu se relacionar com Jessica são conversas sobre música clássica, arte e literatura.

Música clássica, arte e literatura são estímulos reforçadores para Boris. Skinner (1953/2003) comenta que estar privado ou saciado de estímulos reforçadores pode ser uma condição que altera a probabilidade de um organismo emitir comportamentos que, no passado, produziram tais estímulos. Verneque, Moreira e Hanna (2012) comentam que privação e saciação são operações estabelecedoras (OE), ou seja, operações motivacionais que estabelecem o valor reforçador de um evento. Desse modo, um estímulo pode ser reforçador em alguns momentos (quando há uma OE) e em outros não (quando não há OE; cf. Michael, 1993).

Uma hipótese que pode surgir a partir da cena de discussão do casal na cozinha é que Boris está em privação afetiva, ou de contato social. Tal privação pode funcionar como OE, aumentando a probabilidade de comportamentos que produzem tais contatos, nem que seja para discutir – por exemplo, gritar com a esposa às 4 da manhã, alegando que está morrendo. No final da discussão com a esposa, Boris comenta sobre o quanto, “no papel”, o casal era ideal, porém a relação dos dois já não funcionava mais. Boris se dirige até a janela e pula.

Tabela 1. Análise molecular da crise de Boris quando ele morava com Jessica.

	Antecedentes	Resposta	Consequência
Comportamento Operante	Na cama, 4 horas da manhã OE: Privação afetiva (hipótese)	Levantar da cama e descer as escadas até a cozinha, gritando e dizendo que está morrendo	Esposa levanta junto e tenta conversar com ele, chamando para deitar novamente, dizendo que ele não vai morrer (i.e., atenção da esposa como reforço positivo).
	Estímulo condicionado	Resposta condicionada	
Comportamento Respondente	Sonho sobre doença (hipótese)	Taquicardia, sensação de sufocamento, sudorese.	

Durante a crise de Boris, indicada na Tabela 1, ele apresentou emoções e sentimentos, que devem participar da análise do comportamento de Boris. Skinner (1953/2003) define emoções e sentimentos como nomes para classes de comportamentos que podem acontecer em uma determinada ocasião. Mais precisamente, Darwich e Tourinho (2005) e Millenson (1967) argumentam que, dentro da Análise do Comportamento, é comum falar-se em emoções como uma classe de comportamentos respondentes, ou seja, um conjunto de mudanças fisiológicas que ocorrem no corpo do indivíduo ao ser exposto a um determinado estímulo. Já os sentimentos são geralmente tratados como comportamentos operantes, isto é, a ação do indivíduo no contexto de estímulos ao qual está respondendo. É possível fazer análises funcionais de determinado comportamento de forma a incluir tanto os comportamentos respondentes, emoções, quanto os operantes, sentimentos. Por exemplo, a resposta condicionada (ver Tabela 1) de Boris poderia estar dentro de uma classe de comportamentos chamada ansiedade enquanto emoções, assim como seu comportamento operante estaria na mesma classe, ansiedade, sendo considerada como sentimento.

Mais ao final da discussão, Jessica para de contra-argumentar com Boris. Nesse momento vimos uma reação diferente do protagonista, pois a consequência que parecia manter o seu padrão hipocondríaco (i.e., a contra-argumentação de Jessica) foi removida. Trata-se de um exemplo de extinção operante. Na extinção operante, uma resposta operante deixa de ser reforçada, podendo ocorrer variações comportamentais e/ou respostas emocionais como efeitos colaterais desse processo (Moreira & Medeiros, 2007).

Quando a esposa de Boris para de contra-argumentar com ele – ou seja, coloca em extinção os seus argumentos –, ele se joga da janela em algo que ele chama de tentativa de suicídio. Uma possível análise desse episódio é a de que tal tentativa de suicídio foi um exemplo de variabilidade comportamental induzida pela extinção (e.g., Abreu-Rodrigues, 2005). Outra análise possível identifica a tentativa como es- quiva de uma vida sem os reforçadores obtidos no relacionamento com Jessica. O filme não mostra, entretanto, se houve algum tipo de reforço após a tentativa frustra- da de suicídio, mas pode-se hipotetizar que uma das consequências em curto prazo desse comportamento foi dor e internação no hospital; em longo prazo, Boris ficou manco, e os culpados por isso, de acordo com ele, foram os médicos que não reali- zaram seu trabalho adequadamente.

Contra-argumentações e discussões parecem ser estímulos reforçadores para Boris, como ilustrado em diversas situações no decorrer do filme (ver exemplos na Tabela 2). Quando alguém argumenta com ele, Boris contra-argumenta, assim dando conti- nuidade à comunicação. Dessa forma, o comportamento de contra-argumentar de Boris tem maior probabilidade de ocorrer novamente em uma nova interação social. Uma contingência similar é percebida com relação ao comportamento de queixar-se.

Tabela 2. Análise molecular do comportamento operante de Boris interagindo com as pessoas.

Antecedentes	Resposta	Consequência
Com a esposa ou em uma roda de amigos OE: Privação afetiva (hipótese)	Queixa-se	As pessoas respondem com contra-argumentos ou são sarcásticas (reforço positivo).
Com a esposa ou em uma roda de amigos OE: Privação afetiva (hipótese)	Argumenta contra a con- vicção dos outros	Algumas pessoas continuam argumentando a favor do seu ponto de vista (reforço positivo); Outras pessoas se levantam e vão embora (punição negativa), ou ficam em silêncio (extinção).

Boris frequentemente se comunica com as pessoas queixando-se sobre sua vida, sobre estar com uma doença grave, sobre a política, a economia, o sistema racista, religião, entre outros. Tais queixas constituem-se em comportamento verbal (Skin-

ner, 1974/2006), ou seja, comportamento operante no qual o reforço é mediado por outra pessoa que faz parte da comunidade verbal à qual o indivíduo pertence. O comportamento de falar, por exemplo, é reforçado por outra pessoa que está ouvindo o falante, ou seja, pela audiência. Um exemplo disso está em uma cena em que Boris, sentando com seus amigos à mesa de uma cafeteria, começa a queixar-se dos dirigentes religiosos em geral e seus amigos ouvem e contra-argumentam com ele a respeito de suas ideias.

Após se divorciar de Jessica, Boris se muda para o centro de Nova York, passando a morar sozinho, e vira professor de xadrez. Pode-se hipotetizar que a perda do Prêmio Nobel funcionou como uma operação estabelecadora para a sua troca de profissão, bem como o final do relacionamento com a esposa. Boris relata encontros constantes com os amigos, que também são intelectuais e alguns são professores universitários, para discutir assuntos variados em uma mesa de alguma lanchonete, cafeteria, um restaurante ou na casa de algum deles.

O problema que mais aparece no filme é a falta de habilidades sociais de Boris. Por exemplo, em mais de um momento ele aparece maltratando alunos de xadrez ou discutindo com o responsável do aluno, que se irritava pela forma que viu seu filho sendo tratado por Boris, ou porque o filho relatou ter sido maltratado por ele. A Tabela 3 descreve a contingência envolvida em uma briga de Boris com a mãe de um aluno.

Em uma noite, ao voltar de um restaurante (situação descrita na Tabela 3), o protagonista conhece sua segunda esposa, Melody, que estava mendigando do lado de fora da casa de Boris. Ela pede para ficar na casa dele, expõe sua história e ele acaba aceitando que ela fique. A maior parte do filme se desenvolve mostrando a relação entre os dois.

Nesse momento inicial do relacionamento, onde Boris está conhecendo Melody, ele começa a mostrar aos espectadores suas regras e rituais. Baum (1994/2006) e Skinner (1974/2006) definem regra como um estímulo verbal que indica ou descreve uma contingência, ou seja, a probabilidade de reforço para um determinado comportamento, em uma determinada ocasião. Regras podem tomar a forma de uma sugestão, uma ordem, um conselho, uma instrução, entre outros, e podem ser geradas por outra pessoa ou formuladas pelo próprio indivíduo, a partir de regras anteriores ou de contingências por ele vivenciadas (Meyer, 2005). Boris apresenta três regras, das várias que ele segue, durante o filme:

1. “Uma pessoa deve cantar feliz aniversário para si própria duas vezes enquanto lava as mãos, para se livrar dos germes”;
2. “Antes de sentar na privada, deve-se cantar o hino à bandeira”; e
3. “O amor, apesar do que te dizem, não conquista tudo. Nem sequer costuma durar. No final, as aspirações românticas de nossa juventude são reduzidas a 'no entanto, funciona'. Certo?” (trecho retirado do filme, conforme tradução da fala de Boris).

Tabela 3. Análise molecular do comportamento de Boris discutindo com a mãe de um aluno.

Antecedentes	Resposta	Consequência
No restaurante com os amigos, mãe de um aluno vai até Boris e reclama por ele ter jogado o tabuleiro no filho dela	Boris chama o filho dela de idiota e pede para ela não levá-lo mais às aulas, porque ele não pode ensinar um “zumbi cabeça-oca”	Mãe contra-argumenta que o filho é brilhante, dando audiência para Boris (reforçamento positivo)
Mãe diz a Boris que, quando o marido chegar de viagem, vai bater nele	Boris fala para ela que o marido deve estar a traindo na viagem	Mãe vai embora e amigos também vão embora (punição negativa)

Nas regras 1 e 2, as consequências seriam espantar os micróbios que estão no banheiro e que causam doenças graves. A consequência reforçadora negativa seria, então, “permanecer saudável”. A regra 3 é uma descrição das experiências de vida de Boris, que pretende ensinar a Melody a contingência que descreve uma relação amorosa. O “no entanto, funciona” é uma expressão que o personagem utiliza em diversas situações do filme, para explicar como aquilo que é inexplicável por sua lógica racional pode acabar “dando certo”. Ou seja, quando Boris não consegue compreender as contingências em vigor, sua explicação é “no entanto, funciona”; essa explicação é reforçada, pois as outras pessoas o questionam na tentativa de compreendê-la, dando ainda mais audiência ao personagem.

Tabela 4. Análise molecular de um passeio de Boris e Melody.

Antecedentes	Resposta	Consequência
No Túmulo de Grant	Fica ofegante, fala com a voz trêmula, passando a mão no estômago	Melody fala sobre morte e túmulos (extinção)
Na frente do Túmulo de Grant, Melody faz perguntas e conta sobre sua vida	É sarcástico ao comentar o que ela conta	Melody continua falando com ele sobre o que ela fez e pergunta sobre sua vida (extinção)

Nos primeiros dias em que Melody se hospedou na casa de Boris, ele a levou para conhecer pontos turísticos de Nova York. Nessa ocasião, o espectador acompanha a visita deles ao Túmulo de Grant, um monumento histórico. Lá, Boris começa a ficar ofegante, com a voz trêmula, passando a mão no estômago enquanto fala com Melody sobre nunca ter visitado o local e agora entender porque nunca se deve ir a um túmulo. Melody começa a falar sobre o que sua mãe dizia a ela sobre túmulos e morte, Deus e o céu. Com isso, Melody põe em extinção o comportamento de queixar-se de Boris e, ao invés de repetir o padrão de discussão com a ex-esposa, Boris e Melody conversam. No final da conversa, Melody pergunta se ele quer ser enterado ou cremado, e ele diz que não quer falar sobre isso. Ela continua falando, e diz que quer ser cremada. Ele fala para ela “calar a boca” e ela diz que, quando se é cremado, não há vermes. Com isso, a expressão facial de Boris muda. Durante toda a conversa, o comportamento de queixar-se que está aparentemente consolidado no repertório de Boris encontrou uma forma de audiência diferente daquela que a primeira esposa fornecia, sendo reforçado o comportamento de conversar sem se queixar (Tabela 4).

A consequência que Melody normalmente apresenta para Boris, ouvi-lo sem questionar e/ou concordar com o que ele a ensina, é parecida com o que é comum na relação professor-aluno – um tipo de relação que Boris provavelmente tinha quando era professor universitário. O professor em sala de aula leciona sobre um conteúdo, e tem a atenção dos alunos como consequência. Esse aluno, ao conversar com o professor, frequentemente faz perguntas, colocações, e, em algumas situações, reproduz a fala do professor ao conversar com outras pessoas. Melody, com o passar dos meses, começa a reproduzir diversas falas e a forma de apresentar argumentos de Boris em conversar com diversas pessoas.

Melody também presencia uma noite em que Boris acorda gritando, passando a mão no estômago. Ela se aproxima dele, pergunta sobre o que está sentindo naquele momento, e comenta que ele está suando. Ele afirma que antigamente, quando

acordava suando, com mal estar, e sentindo que ia morrer, acreditava que estava com AIDS. Ela continua cuidando de Boris, sem questionar se o que ele estava sentindo era um erro de percepção. Nessa situação, Melody consequenciou a resposta de ansiedade de Boris de uma forma diferente do usual em outros grupos sociais, pois deu afeto, atenção e o acolheu – ao invés de brigar, julgar ou falar que ele precisava voltar a tomar remédio. Ainda assim, porque lhe deu atenção, pode-se hipotetizar que Melody reforçou positivamente o comportamento ansioso de Boris (Tabela 5).

Tabela 5. Análise molecular de crise noturna de Boris quando ele morava com Melody.

Antecedentes	Resposta	Consequência
No meio da noite, após nova crise, Melody pergunta como ele está, comenta que ele está suado	Boris explica que é só um terror noturno, medo da escuridão, mas que antes achava que estava com AIDS, enquanto passa a mão no estômago	Melody pergunta se ele quer alguma coisa, se o estômago está doendo, liga a TV (reforço positivo)

Uma operação estabelecida presente em vários momentos do filme é a privação afetiva de Boris. Quando casou pela primeira vez, é possível que ele estivesse à procura de alguém para conversar. Quando Boris casou com Melody, ela já cuidava dele e o maior reforçador vindo de Melody era seu cuidado e sua atenção, já que ela não tinha “um QI elevado” (de acordo com Boris). No momento em que Melody fala que está apaixonada e pede para casar com Boris, ele descreve o que tem a oferecer: “mau-humor, hipocondria, fixações mórbidas, raiva contida e aversão ao ser humano”. Por outro lado, durante o filme, o espectador pode entender outra coisa que Boris tinha a oferecer: alguém para cuidar, o que para Melody parece ser um reforçador. Mesmo após ouvir Boris se queixar, Melody continua conversando com ele sobre outros assuntos, mais uma vez oferecendo como reforço audiência e afeto para Boris.

Depois de casados, Boris consegue perceber os reforçadores que Melody tem para oferecer: poucas exigências (por exemplo, não pede por filhos), cuidados nas noites de pânico, companhia no hospital quando Boris é mordido por um mosquito e acha que está com câncer, e não ser uma fonte de estresse para Boris. Há também outro reforçador que Boris não relata: Melody muitas vezes não entende o que Boris fala, logo não o contesta, mas pede para ele explicar o que quis dizer. Assim, Melody fornece uma audiência para os assuntos sobre os quais Boris sabe falar, além de re-

produzir o discurso dele para outras pessoas, por exemplo, para sua mãe. Durante o filme, Boris não fornece informações suficientes sobre a frequência de suas crises no período de mais de um ano que passou casado com Melody.

A sogra de Boris, mãe de Melody, possivelmente é fonte de extinção para o comportamento de queixar-se, pois o ignora, fala com todos os presentes menos com ele ou quando fala com ele são comentários depreciativos. Oferece, no entanto, algum reforçador para o comportamento de queixar-se: ela contra-argumenta com Boris quando o assunto é religião. O sogro de Boris, pai de Melody, também possivelmente coloca o comportamento de Boris em extinção com relação ao comportamento de queixar-se, ignora-o quando se conhecem, fala com a filha sem olhar para ele e o manda “cuidar da própria vida”. Ambos, Boris só foi conhecer após mais de um ano de casamento, quando apareceram repentinamente em sua casa, cada um em um momento diferente.

Um dia, em sua caminhada rotineira até sua casa, Melody avisa a Boris que se apaixonou por outra pessoa. Boris responde que isso já era esperado, que ele pode entender, e apresenta novamente sua teoria sobre relacionamentos e casamentos. Pela primeira vez no filme, o espectador vê Melody contestando Boris, contra-argumentando com ele sobre casamento, amor e os sentimentos que se deve ter com o final de um relacionamento. Melody recolhe seus pertences e vai embora de casa. Boris, em casa, sozinho novamente e em privação afetiva, joga-se da janela. Possivelmente, a segunda tentativa de suicídio também é um exemplo de variação comportamental induzida pela extinção, pois com Melody o deixando, os reforços que Boris tinha a partir da relação com ela, como a afetuosidade e o cuidado, deixam de existir. Por outro lado ou adicionalmente, pular da janela pode ter sido um comportamento de esquiva de uma vida sem os reforçadores oferecidos por Melody. De qualquer forma, esta foi outra tentativa de suicídio frustrada, pois ele cai em cima de uma mulher que passava na rua com seu cachorro.

Apesar de o espectador não ter acesso às consequências da primeira tentativa, pode-se hipotetizar que durante sua estadia no hospital houve cuidados da primeira esposa, da equipe do hospital, do filho e dos amigos. Já após a segunda tentativa de suicídio, Boris conhece uma pessoa nova, que contra-argumenta com ele e que alega ser “médium”. Sua nova companhia provavelmente tem um padrão bem diferente do padrão acadêmico ao qual Boris está acostumado, por conta de seu círculo social. O primeiro casamento representava a união de duas “grandes mentes”, a segunda esposa era como uma aluna, e a possível terceira é outra relação que o espectador já não poderá conhecer, pois Boris para de expor sua história por aqui.

Para fechar o diagnóstico tradicional e topográfico de Boris a partir do filme, podem-se frisar alguns comportamentos que condizem com os critérios diagnósticos do

DSM-5: a reclamação da dor no estômago, que ele julga ser uma úlcera que ainda não foi identificada (Critérios A e B), mesmo depois de passar mais de 6 meses passando por várias endoscopias com resultado normal (Critérios B e C); acreditar e se queixar de que qualquer marca no corpo (*e.g.*, picadas de mosquito) é sintoma de um câncer (Critério B1); acreditar e relatar que estava morrendo de AIDS por acordar suando e com dor no peito (Critério B1); ataques de pânico no meio da noite por achar que está morrendo (Critério B2). Especificadores: persistente, já que dura há mais de seis meses, e grave, já que atende a pelo menos dois sintomas especificados no Critério B e pelas múltiplas queixas somáticas (úlcera, HIV-positivo, câncer).

Para o diagnóstico comportamental, além da topografia dos comportamentos descritos, antecedentes e consequências são considerados. A dor no estômago surge em situações de controle aversivo (*i.e.*, situações que envolvem reforçamento negativo ou punição), assim como provavelmente os outros sintomas físicos. Mesmo sendo desagradáveis, esses sintomas geram reforçadores positivos como o cuidado, a audiência e a atenção de outras pessoas. Queixar-se desses sintomas parece ser a forma pela qual ele aprendeu durante sua história de vida a se relacionar com outros indivíduos. Outra resposta do repertório comportamental que Boris apresenta frequentemente em sua interação com as pessoas é o de argumentar a favor de alguma hipótese. Tal forma de interação foi desenvolvida, provavelmente, dentro do ambiente acadêmico e consolidada em outros ambientes por conviver com pessoas que também são acadêmicas, como os amigos e a primeira esposa, que consequenciam essa resposta de forma reforçadora. Contudo, tal comportamento pode trazer consequências aversivas quando emitido em situações em que está com pessoas que não o conhecem, que não têm perfil acadêmico ou em que o contra-argumentar não seja uma consequência reforçadora.

Sinteticamente, alguns padrões comportamentais de Boris que podem ser observados no filme são: (1) déficit de repertórios de habilidades sociais, como os de assertividade e de empatia (colocar-se no lugar do outro; por exemplo, com seus alunos de xadrez); (2) repertório de queixar-se ou contra-argumentar em situações de interação social, como por ser visto na interação com os amigos; (3) baixo repertório de discriminação de sentimentos e emoções – por exemplo, em uma discussão com os amigos, Boris diz que quer Melody fora de sua casa, para logo depois aceitar se casar com ela; e (4) reações à extinção como ser sarcástico, doutrinar, ofender e a autoagressão física, que funcionam em poucas situações. Com relação ao último padrão citado, pode-se perceber a necessidade de desenvolver um repertório que resulte em menos malefícios para ele e para os que convivem com ele ao lidar com contingências de extinção.

Pode-se perceber que privação afetiva é um estímulo antecedente nesses padrões em grande parte das ocasiões em que são apresentados. Tais padrões podem ter

sido adquiridos de diferentes formas. Por exemplo, pode-se hipotetizar que os pais de Boris tinham um padrão hipocondríaco ou de queixas parecido com o dele, e que serviram como modelo em termos de habilidades sociais. Talvez os seus pais lhe dessem mais atenção quando ele se queixava de estar doente, quando contrariava algo em que os pais acreditavam, ou quando era sarcástico com relação ao que os pais falavam. Os comportamentos hipocondríacos e antissociais de Boris possivelmente se mantiveram com o passar dos anos por conviver com pessoas que lhe davam atenção contingente a tais comportamentos, e até mesmo por encontrar pessoas com padrões parecidos com os dele.

Caso Boris procurasse terapia, alguns objetivos da intervenção dentro da ACC provavelmente seriam: (1) ampliar o repertório de habilidades sociais, assim desenvolvendo um repertório alternativo que permitisse acesso a mais reforçadores do que o comportamento de queixar-se nas situações de interação social; (2) ampliar o repertório de autoconhecimento e auto-observação, a fim de que Boris conseguisse tanto discriminar quanto expressar seus sentimentos e emoções de forma a se beneficiar e não prejudicar nem a ele próprio, e nem os outros; e (3) desenvolver um repertório alternativo para lidar com as situações de extinção, para que ele pudesse lidar com essas situações sem que houvesse perda de relacionamentos e/ou danos físicos. Tal repertório alternativo, assim como os outros repertórios a serem desenvolvidos, seria definido em conjunto com Boris, a partir das análises funcionais realizadas.

Esses objetivos que o analista do comportamento poderia traçar seriam definidos após as análises moleculares e molares dos comportamentos de Boris, incluindo, após investigação, detalhes que não aparecem no filme, como a aquisição do comportamento de queixar-se. De acordo com Marçal (2010), entende-se por análise molecular aquelas que são realizadas a partir da contingência tríplice, enquanto a análise molar visa entender um comportamento dentro de um contexto, assim levando em consideração tanto os eventos históricos quanto sua função para o indivíduo, possibilitando a identificação de um padrão comportamental.

Há necessidade de se incluir também, na investigação, possíveis fatores culturais que possam funcionar como estímulos antecedentes verbais ou não verbais para certos comportamentos de Boris e para pessoas do seu meio social. Por exemplo, Boris faria parte de uma cultura que defende a necessidade de medicalização para se permanecer “normal”? Ou mesmo uma cultura que valoriza a alegria, logo, aquele que não é alegre, nessa cultura, estaria fora da norma? Qual é a visão de saúde para a cultura em que Boris está incluído? Assim, os três níveis de seleção dos comportamentos hipocondríacos de Boris seriam levados em consideração durante a elaboração dos objetivos. Após estabelecer tais objetivos, as intervenções seriam selecionadas e o seu efeito na vida de Boris seria avaliado.

É importante frisar que a análise funcional estaria presente durante todo o processo terapêutico, sendo reformulada à medida que novas informações e/ou mudanças nas contingências forem acontecendo. A avaliação da eficácia de cada uma das intervenções relativas aos objetivos traçados poderia ser realizada com base (1) no aumento dos episódios em que Boris apresentasse um repertório que lhe trouxesse mais reforçadores em situações de interação sociais do que o repertório que apresentava anteriormente a intervenção, (2) no aumento da frequência dos comportamentos de conversar sem queixar-se nos momentos de interação social, (3) em melhores descrições de Boris acerca das contingências de sua vida diária, bem como os efeitos sentidos por ele (i.e., desenvolvimento do repertório de auto-observação e autoconhecimento), e (4) na apresentação de respostas frente a contingências de extinção onde ele não sofresse danos físicos e nem perdesse pessoas que considerasse importantes em sua vida.

Considerações Finais

A análise do comportamento do personagem Boris traz a reflexão sobre o quanto um diagnóstico comportamental permite uma visão mais ampla do caso do que um diagnóstico tradicional. Quanto mais elementos forem acrescentados a esse diagnóstico comportamental, maior será o entendimento do psicoterapeuta acerca do caso estudado e das possibilidades de intervenção.

A compreensão da *forma* como Boris se comporta é um fator importante, mas não é o único que deve ser investigado com cuidado. Os estímulos ambientais que antecedem seu comportamento e os que ele produz com suas ações também são relevantes, pois ajudam a entender como tais formas de agir se mantêm e quais consequências poderiam ser usadas para modificar os comportamentos “psicopatológicos” de Boris.

De acordo com Banaco e cols. (2012), os comportamentos chamados de “psicopatológicos”, para os analistas do comportamento, são déficits ou excessos comportamentais do indivíduo. Os autores comentam que tais comportamentos e aqueles ditos “normais” são adquiridos e mantidos da mesma forma (ou seja, por meio de interação com o ambiente); a diferença é que os comportamentos “psicopatológicos” apresentados por alguns indivíduos ocorrem numa frequência ou intensidade maior ou menor do que se vê na população em geral, o que seria o motivo para haver “estranhamento”. Ou seja, tais comportamentos não são necessariamente prejudiciais – a menos que tragam algum tipo de sofrimento para o indivíduo que os apresenta ou para os que com ele convivem.

Com a finalidade de padronizar o diagnóstico dos comportamentos “psicopatológicos”, a APA (2002) tem buscado produzir um manual atóxico desde a 4ª edição do DSM, que possa ser usado por profissionais de diversas abordagens na elaboração

de um diagnóstico. No entanto, os critérios para a realização do diagnóstico do DSM e os defendido por Dalgarrondo (2008) podem ser considerados limitados. Tais critérios e o diagnóstico tradicional ao qual tentam atender podem até certo ponto servir de ponte para comunicação entre profissionais, mas, levando em consideração a diversidade de abordagens da Psicologia com visões diferente do mesmo fenômeno, o manual universal de diagnóstico que os membros da APA elaboraram não atende a todas as necessidades dos profissionais. Tomando a Hipocondria como exemplo, o diagnóstico tradicional pode auxiliar na economia de termos para a comunicação – ou seja, pode servir como um resumo para uma série de comportamentos tipicamente apresentados em conjunto; no entanto, o hipocondríaco não se resume apenas aos comportamentos descritos no DSM, e nem apresentará todos os comportamentos descritos, necessariamente. Além disso, conforme discutido anteriormente, descrever comportamentos em sua topografia não é suficiente para determinar suas funções e, portanto, não é um meio satisfatório para elaborar-se uma intervenção.

É importante lembrar também que o ato de fazer um diagnóstico consiste em dar um nome a um conjunto de comportamentos respondentes e operantes. Assim, o diagnóstico nada mais é do que uma ou mais palavras que resumem os principais padrões comportamentais de uma pessoa, ou seja, um rótulo. Ryle (1900-1976, citado por Baum, 1994/2006) discute sobre rótulos que podem ser dados a uma categoria e como podem ocorrer alguns equívocos na hora de decidir os elementos que compõem essa categoria. De acordo com Ryle, no senso comum, ao definir-se o que compõe a lista de comportamentos de cada rótulo, por vezes incorre-se no erro de colocar o nome do rótulo como um comportamento que compõe o grupo. Isso consiste em um erro lógico, pois o nome da categoria não pode ser um membro da categoria – ao contrário, a explicação torna-se inconsistente e circular. A partir dessa visão, simplesmente rotular a pessoa com o diagnóstico de Hipocondria não explica os comportamentos que ela apresenta. A Hipocondria não é a causa dos comportamentos do hipocondríaco, é apenas o nome que se pode dar a um conjunto de comportamentos que um indivíduo emite.

O rótulo dado pode servir como regra (i.e., um estímulo antecedente verbal que descreve a contingência em vigor, ou parte dela; Baum, 1994/2006) para o indivíduo e para seu meio social, que podem acabar se comportando de forma a corresponder ao diagnóstico proferido. Assim, o hipocondríaco poderia emitir comportamentos condizentes com aqueles que a regra descreve, e seu meio social pode reforçar esses comportamentos em detrimento de outros que o indivíduo também apresenta, mas que não tem correspondência com a regra. Logo, a pessoa passa a se comportar de acordo com o seu diagnóstico.

Outra questão com relação a esse tipo de explicação pode ser vista em Baum (1994/2006), que comenta que uma explicação mentalista – aquela que atribui a

causa do comportamento à mente ou conceitos assemelhados – tem como uma das objeções o fato de apresentar argumentos redundantes, ou seja, inferem que um comportamento é causado por uma entidade fictícia e que essa entidade fictícia é inferida a partir do comportamento. Com isso, pode surgir a necessidade de criação de novos conceitos, pode-se transformar um conceito em uma coisa, ou um conceito tomar uma forma cíclica de explicação. Um exemplo desse tipo de explicação pode ser vista no caso da Hipocondria, que é definida pela percepção errônea de se estar doente, enquanto a percepção errônea de se estar doente é definida como Hipocondria.

No caso do personagem Boris, é possível identificar comportamentos tipicamente enquadrados no DSM-IV como característicos tanto de Transtornos de Ansiedade quanto de Hipocondria, bem como alguns estímulos que geram e mantêm a ansiedade do personagem. A alternativa apresentada pelo DSM-5, ao criar o Critério B2 (nível de ansiedade persistentemente elevado acerca da saúde e dos sintomas), já ameniza a dificuldade de se fazer o diagnóstico diferencial, porém não soluciona definitivamente o problema, já que critérios semelhantes podem aparecer em outros diagnósticos relativos aos transtornos de ansiedade. Entender a relação entre esses estímulos e o comportamento de Boris seria essencial para a elaboração de um plano de intervenção comportamental, independente da decisão sobre qual o diagnóstico tradicional mais adequado, já que alguns diagnósticos continuam possuindo semelhanças de acordo com o DSM-5 e ainda possibilitam comorbidades. Porém, por se tratar de uma personagem de um filme, há uma visão restrita das contingências históricas e atuais às quais Boris foi/está sendo exposto – por vezes, foi necessário levar hipóteses sobre partes das contingências, ocasionando uma visão limitada quando comparada com a análise dos comportamentos de um indivíduo em contexto terapêutico. Logo, em um contexto terapêutico perguntas para conhecer melhor as contingências precisariam ser feitas a Boris.

Por meio dessas hipóteses, foi possível conhecer um pouco da hipocondria de Boris, que provavelmente é diferente da hipocondria de outra pessoa. Também se procurou discutir as críticas que os analistas do comportamento fazem ao diagnóstico tradicional, tal como a alternativa funcional proposta por eles. Por fim, espera-se que a discussão sobre as possíveis diferenciações entre os diagnósticos de analistas do comportamento e aqueles apresentados nas diferentes versões do DSM possa contribuir para a compreensão das dificuldades encontradas ao se diagnosticar um indivíduo considerando apenas a forma, ou seja, a topografia do seu comportamento.

Referências

Abreu, P. R. (2006). Terapia Analítico-comportamental da depressão: Uma antiga ou uma nova ciência aplicada. *Revista de Psiquiatria Clínica*, 33(6), 322-328.

- Abreu-Rodrigues, J. (2005). Variabilidade comportamental. Em J. Abreu-Rodrigues, & M. R. Ribeiro (Orgs.), *Análise do Comportamento: Pesquisa, teoria e aplicação* (pp. 189-210). Porto Alegre: Artmed.
- American Psychiatric Association (APA, 2002). *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais* (4a ed., M. R. Jorge, trad.). Porto Alegre: Artmed.
- American Psychiatric Association (2014). *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais* (5a ed., M. R. Jorge, trad.). Porto Alegre: Artmed.
- Araujo, J. R., & Medeiros, C. A. (2003). Classificação Diagnóstica: O que a Análise do Comportamento tem a dizer? Em H. de M. Sadi, & N. M. dos S. Castro (Org.), *Ciência do Comportamento: Conhecer e avançar* (Vol. 3, pp. 117-125). Santo André: ESETec.
- Aronson, L., & Tenenbaum, S. (Produtores), & Allen, W. (Diretor). (2009). *Whatever Works* [Filme]. Califórnia: California Filmes.
- Athayde, J. S. (1979). *Elementos de psicopatologia* (4a ed.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Banaco, R. A., Zamignani, D. R., Martone, R. C., Vermes, J. S., & Kovac, R. (2012). Psicopatologia. Em M. M. C. Hübner, & M. B. Moreira (Orgs.), *Temas clássicos da Psicologia sob a ótica da Análise do Comportamento* (pp. 154-166). Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.
- Banaco, R. A., Zamignani, D. R., & Meyer, S. B. (2010). Função do Comportamento e do DSM: Terapeutas analítico-comportamentais discutem a psicopatologia. Em E. Z. Tourinho, & S. V. de Luna (Orgs.), *Análise do Comportamento: Investigações históricas, conceituais e aplicadas* (pp. 175-191). São Paulo: Roca.
- Baum, W. M. (1994/2006). *Compreender o Behaviorismo: Comportamento, cultura e evolução* (M. T. A. Silva, M. A. Matos, G. Y. Tomanari, & E. Z. Tourinho, trads.). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Britto, I. A. G. de S. (2004). Sobre delírios e alucinações. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 6(1), 61-71.
- Cabral, Á., & Nick, E. (2006). *Dicionário técnico de Psicologia* (14a ed.). São Paulo: Cultrix.
- Cavalcante, S. N., & Tourinho, E. Z. (1998). Classificação e diagnóstico na clínica: Possibilidades de um modelo analítico-comportamental. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 14(2), 139-147.

- Cheniaux, E. Jr. (2012). *Manual de Psicopatologia* (4a ed.). Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.
- Coêlho, N. L., & Tourinho, E. Z. (2008). O conceito de ansiedade na Análise do Comportamento. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 21(2), 171-178.
- Cunha, A. G. (1982). *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Dalgalarrodo, P. (2008). *Psicopatologia e semiologia dos transtornos mentais* (2a ed.). Porto Alegre: Artmed.
- Darwich, R. A., & Tourinho, E. Z. (2005). Respostas emocionais à luz do modo causal de seleção por consequências. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 7(1), 107-118.
- Dib, M., Valença, A. M., & Nardi, A. E. (2006). Transtorno de pânico e Hipocondria. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, 55(1), 82-84.
- Dougher, M. J., & Hackbert, L. (2003). Uma explicação analítico-comportamental da depressão e o relato de um caso utilizando procedimentos baseados na aceitação. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 15(2), 167-184.
- Ferreira, A. B. D. H. (2004). *Novo dicionário eletrônico Aurélio*. Curitiba: Positivo.
- Filippon, A. P. M., Cardoso, B. M., & Aguiar, R. W. (2008). Psicoterapias para Transtornos Somatoformes. Em A. V. Cordioli (Org.), *Psicoterapias: Abordagens atuais* (3a ed., pp. 600-615). Porto Alegre: Artmed.
- Follette, W. C., Naugle, A. E., & Linnerooth, P. J. (2000). Functional alternatives to traditional assessment and diagnosis. Em M. J. Dougher, & S. C. Hayes (Eds.), *Clinical behavior analysis* (M. Delitti, trad., pp. 99-125). Reno: Context Press.
- Guedeney, C., & Weisbrot, C. (2002). A história da Hipocondria. Em M. Aisenstein, A. Fine, & G. Pragier (Orgs.), *Hipocondria* (M. Seincman, trad., pp. 31-55). São Paulo: Escuta.
- Hayes, S. C., & Follette, W. C. (1992). Can functional analysis provide a substitute for syndrome classification? *Behavior Assessment*, 14, 345-365.
- Holmes, D. S. (1997). *Psicologia dos Transtornos Mentais* (2a ed., S. Rosa, trad.). Porto Alegre: Artmed.
- Keefe, F. J., Kopel, S. A., & Gordon, S. B. (1980). *Manual prático de avaliação comportamental*. São Paulo: Manole.

- Marçal, J. V. S. (2007). Análise comportamental clínica de casos de transtorno do pânico: Sintomas iguais, intervenções diferentes. Em R. R. Starling (Org.), *Sobre Comportamento e Cognição: Vol. 19. Temas aplicados* (pp. 314-325). Santo André: ESETec.
- Marçal, J. V. S. (2010). Behaviorismo radical e prática clínica. Em A. K. C. R. de-Farias (Org.), *Análise Comportamental Clínica: Aspectos teóricos e estudos de caso* (pp. 30-48). Porto Alegre: Artmed.
- Martone, R. C., & Zamignani, D. R. (2002). Esquizofrenia: a Análise do Comportamento tem o que a dizer? Em H. C. Guilhardi, M. B. B. P. Madi, P. P. Queiroz, & M. C. Scoz (Orgs.). *Sobre Comportamento e Cognição: Vol. 10. Contribuições para a construção da teoria do comportamento* (pp. 305-316). Santo André: ESETec.
- Meyer, S. B. (2005). Regras e auto-regras no laboratório e na clínica. Em J. Abreu-Rodrigues, & M. R. Ribeiro (Orgs.), *Análise do Comportamento: Pesquisa, teoria e aplicação* (pp. 211-228). Porto Alegre: Artmed.
- Michael, J. (1993). Establishing operations. *The Behavior Analyst*, 16, 191-206.
- Millenson, J. R. (1967). *Princípios de Análise do Comportamento* (A. A. Souza, & D. Rezende, trads.). Brasília: Coordenada.
- Ministério da Saúde (2004) *Humaniza SUS: Política Nacional de Humanização: a humanização como eixo norteador das práticas de atenção e gestão em todas as instâncias do SUS*. Brasília: Ministério da Saúde.
- Morais, D. L. (2010). Caso clínico: Formulação comportamental. Em A. K. C. R. de-Farias (Org.), *Análise Comportamental Clínica: Aspectos teóricos e estudos de caso* (pp. 171-178). Porto Alegre: Artmed.
- Moreira, M. B., & Medeiros, C. A. (2007). *Princípios básicos de Análise do Comportamento*. Porto Alegre: Artmed.
- Neno, S. (2003). Análise funcional: Definição e aplicação na terapia analítico-comportamental. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 5(2), 151-165.
- Oddone, K. R., Del Porto, J. A., & Gonzalez, C. H. (2013). Transtornos do Espectro do Transtorno Obsessivo-Compulsivo. Em A. R. Torres, R. G. Shavitt, & E. C. Miguel (Orgs.), *Medos, dúvidas e manias: Orientações para pessoas com transtorno obsessivo* (2a ed., pp. 117-134). Porto Alegre: Artmed.
- Paim, I. (1986). *Curso de Psicopatologia* (10a ed.). São Paulo: EPU.

- Ruas, S. A., Albuquerque & Natalino, P. C. (2010). Um estudo de caso em terapia analítico-comportamental: Construção do diagnóstico a partir do relato verbal e da descrição da diversidade de estratégias interventivas. Em A. K. C. R. de-Farias (Org.), *Análise Comportamental Clínica: Aspectos teóricos e estudos de caso* (pp. 179-200). Porto Alegre: Artmed.
- Skinner, B. F. (1981). Selection by consequences. *Science*, 213(4507), 501-504.
- Skinner, B. F. (1953/2003). *Ciência e comportamento humano* (J. C. Todorov, & R. Azzi, trads.). São Paulo: Martins Fontes.
- Skinner, B. F. (1974/2006). *Sobre o Behaviorismo* (M. da P. Villalobos, trad.). São Paulo: Cultrix.
- Spoerri, T. H. (2000). *Manual de Psiquiatria: Fundamentos da clínica psiquiátrica* (8a ed., S. P. Reis, trad.). São Paulo: Atheneu.
- Torós, D. (1997). O que é Diagnóstico Comportamental. Em M. Delitti (Org.), *Sobre Comportamento e Cognição: Vol. 2. A prática da Análise do Comportamento e da Terapia Cognitivo-comportamental* (pp. 98-103). São Paulo: ARBytes.
- Torres, A. R. (2001). Diagnóstico diferencial do transtorno obsessivo-compulsivo. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 23 (Supl 2), 21-23.
- Torres, A. R., & Crepaldi, A. L. (2002). Sobre o transtorno de pânico e a Hipocondria: uma revisão. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 24(3), 144-151.
- Valls, D. R. B. (2010). *Análise comportamental de relatos verbais repetitivos*. Monografia de Conclusão de Graduação em Psicologia, Centro Universitário de Brasília, Brasília, DF.
- Verneque, L., Moreira, M. B., & Hanna, E. S. (2012). Motivação. Em M. M. C. Hübner, & M. B. Moreira (Orgs.), *Temas clássicos da psicologia sob a ótica da Análise do Comportamento* (pp. 76-87). Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.
- Volich, R. M. (2002). *Hipocondria: Impasses da alma, desafios do corpo*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Zamignani, D. R., & Banaco, R. A. (2005). Um panorama analítico-comportamental sobre os Transtornos de Ansiedade. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 7(1), 77-92.

CAPÍTULO 12

DON JON: PORNOGRAFIA, MASTURBAÇÃO E RELACIONAMENTOS AMOROSOS

Felipe Rosa Epaminondas
Universidade São Judas Tadeu

Título do filme: Como não perder essa mulher

Título original: Don Jon

Ano: 2013

Diretor: Joseph Gordon-Levitt

Produtor: Ram Bergman e Nicolas Chartier

Lançado por: Voltage Pictures

Don Jon é o filme que marca a estreia de Joseph Gordon-Levitt (*Inception*, 500 dias com ela) como escritor e diretor em um longa-metragem de Hollywood. O protagonista do filme é Jon Martello (Joseph Gordon-Levitt), um rapaz mulherengo de Nova Jersey, que além de ficar com várias mulheres que conhece nas baladas, faz uso excessivo de masturbação com pornografia. Apesar do tom de comédia estar presente em vários momentos do filme, as experiências de Jon com a masturbação e seus relacionamentos amorosos são uma oportunidade para o espectador refletir sobre a superficialidade observada em alguns relacionamentos nos dias atuais.

Carpenedo e Koller (2004) descrevem que muita coisa mudou nos relacionamentos amorosos junto com as mudanças sociais e culturais desde a década de 40 até os dias de hoje. Entre essas mudanças, enquanto no passado esses relacionamentos pareciam ter um compromisso mais sério, com o tempo os jovens passaram a buscar mais liberdade de escolha e de experimentação e, conseqüentemente, se tornaram menos compromissados. Segundo Banaco, Nico e Kovac (2013), observa-se cada vez mais em nossa sociedade a “cultura do eu” se sobrepondo à “cultura do nós”, evidenciando-se através de dificuldades no estabelecimento de relações conjugais e afetivas. A nossa sociedade incentiva comportamentos como competir, controlar, ser feliz a qualquer preço e o “outro”, em geral, é visto unicamente como fonte de prazer pronto para nos servir.

Esta forma de se relacionar é apresentada no filme através do namoro entre Jon e Barbara (Scarlett Johansson). Em contrapartida, outra forma de se relacionar é apresentada quando ele se envolve com Esther (Julianne Moore). Sendo assim, analisar o filme “Don Jon” se mostra útil para conhecermos um pouco mais sobre algumas das variáveis que mantêm as pessoas em relacionamentos amorosos, em especial as variáveis sociais, e como a qualidade sexual e o autoconhecimento interferem na qualidade destas relações.

Sinopse

Jon é um rapaz de 20 e poucos anos, de descendência italiana e residente da cidade de Nova Jersey. No início do filme ele se apresenta dizendo que se importa com poucas coisas na vida, como seu corpo, seu carro, sua casa, sua família, “suas garotas” e pornografia. Logo na primeira cena, o personagem aparece ligando seu computador e sua voz, narrando a mesma, diz que o som de abertura do computador o deixa “duro como uma pedra”. Em seguida, descreve o seu “ritual masturbatório”: sem se tocar, ele começa vendo fotos e, depois que fica mais excitado, passa para os vídeos e só depois que encontra um vídeo “perfeito” ele dá início à masturbação até atingir o orgasmo.

Seus amigos mais próximos o chamam de “Don Jon” pela sua capacidade de ficar com diferentes garotas atraentes em suas noites de balada (uma alusão a Don

Juan). No início do filme, vemos Jon com seus amigos dando notas de 0 a 10 para garotas em uma festa até que ele encontra Barbara, que segundo ele é nota 10, e vai falar com ela. Eles se olham, dançam, se beijam rapidamente e em seguida ela vai embora contra a vontade de Jon, que volta para a festa.

De volta, Jon encontra outra garota e repete com ela tudo o que fez com Barbara: eles se olham, dançam, se beijam e no final ele a leva para sua casa onde terminam a noite transando. Após a relação, enquanto a garota está dormindo, Jon sai da cama e vai para o computador se masturbar assistindo à pornografia, enquanto narra a cena explicando que faz isso porque, para ele, garotas reais são boas, mas não tanto quanto as da pornografia. Ele começa dizendo que não gosta de fazer sexo oral, e que na vida real a única maneira dele receber sexo oral é fazendo também, e que, quando recebe, é sempre por pouco tempo. Além disso, também reclama da posição “papai e mamãe”, de ter que usar camisinha (dizendo que “vaginas do mundo real podem matar”) e de ter que ejacular dentro da camisinha, e não no rosto da parceira como acontece nos filmes. Por fim, após gozar e se limpar, Jon volta para a cama. Em uma cena posterior, Jon aponta algumas desvantagens da pornografia, sendo que uma delas é o fato de que, de vez em quando, ele encontra um vídeo com uma garota tão perfeita que nem mesmo as mulheres mais bonitas com quem ele sai chegam perto.

Aos domingos, Jon vai à igreja com a família e se confessa ao padre, contando quantas vezes se masturbou e quantas vezes fez sexo fora do casamento durante a semana. No almoço conhecemos sua família: sua irmã Monica (Brie Larson), que passa a maior parte do tempo calada mexendo no celular; seu pai Jon (Tony Danza), obcecado por futebol americano, e sua mãe Angela (Glenn Headly), que sonha com o dia em que Jon encontrará a mulher de sua vida.

Jon passa os próximos dias procurando Barbara, até que consegue encontrá-la e saem para almoçar juntos. Barbara o convida para ir ao cinema e eles vão assistir a um filme de comédia romântica. Jon narra esta cena dizendo que não gosta de como estes filmes são repetitivos e diferentes da realidade, repetindo a história de um mocinho e uma donzela que se apaixonam, brigam, reatam e vivem “felizes para sempre”. Ele não consegue entender como as pessoas assistem a isso acreditando que é verdade.

Após um mês de relacionamento, Jon começa a estudar durante a noite por sugestão de Barbara e após o primeiro dia de aula ela vai à sua casa passar a noite e eles transam pela primeira vez. Depois da transa, Jon se levanta da cama para ver pornografia, assim como fez com a garota que conheceu na festa no início do filme, só que desta vez Barbara acorda e o surpreende assistindo aos vídeos pornográficos. Ela fica enojada e após uma discussão, para que ela não o deixe, ele diz que se tra-

tava apenas de um vídeo enviado por um amigo como brincadeira e que ele não costuma assistir pornografia, prometendo nunca mais ver este tipo de material.

Após este episódio, Jon tenta parar de assistir pornografia, mas não consegue, então ele deixa de assistir quando ela está por perto, mas passa a assistir a vídeos pelo celular em outros lugares, como no carro e durante as aulas noturnas. Nestas aulas, ele acaba conhecendo uma colega chamada Esther, uma mulher mais velha que ele, que não se encaixava no estereótipo das garotas das festas nem das atrizes pornô. Em um dia de aula, Esther dá-lhe de presente um DVD erótico da década de 1970. Ela diz que o viu assistindo ao vídeo pornográfico no celular e que imaginou que ele gostaria do filme, pois era muito mais sensual e com menos fingimentos. Jon não gosta do presente e sai dizendo que nos vídeos que ele assiste não há fingimentos, as pessoas transam realmente.

Em um certo dia, Barbara olha o histórico do navegador do computador de Jon e vê que ele havia acessado 42 sites pornográficos naquele dia. Ela fica furiosa com o fato de Jon continuar assistindo a pornografia e ter mentido para ela e o confronta após sua aula. Em uma discussão, ele diz que todo homem assiste a pornografia e ela não entende por que ele precisa fazer isso se eles fazem sexo regularmente. Quando ela pergunta por que ele assiste pornografia ele responde com outra pergunta: como você assiste às comédias românticas? Barbara diz que filmes e pornografia são diferentes, pois premiações são dadas aos filmes e Jon responde que filmes pornográficos também são premiados.

No fim da discussão, Bárbara termina o relacionamento e Jon volta a se masturbar com maior frequência, atingindo um recorde de 11 masturbações em um dia. Embora ele descreva estar feliz por estar solteiro e poder fazer o que quiser quando quiser, ele aparenta estar se sentindo mal e se isolando socialmente.

Apesar do término Jon continua frequentando as aulas noturnas e, em um dia, após a aula, faz sexo com Esther em seu carro. Depois da transa, os dois conversam sobre sexo e masturbação e nesta conversa Jon diz que não consegue “se desligar” (*lose myself*) no sexo como faz na pornografia, e ela pergunta se ele já tentou parar de ver ou se masturbar sem assistir a pornografia.

Uma semana depois, ele vai com Esther à casa dela e diz que tentou se masturbar sem assistir à pornografia mas não conseguiu. Esther explica que os vídeos que ele assiste “não são saudáveis”, pois são muito diferentes do sexo de verdade e por isso ele tem problemas com garotas na vida real e prefere ver pornografia à ter relações sexuais. Em seguida, ela diz para ele que a maneira como ele faz sexo é “unilateral”, como se a mulher não estivesse lá, e que se ele quer “se perder” no sexo (como ele se perde na pornografia) ele deve se perder em outra pessoa. Depois da conversa,

Jon toma um banho e eles transam no sofá da sala. Dessa vez, o sexo foi lento, tranquilo, e Jon pareceu sentir prazer.

Na cena seguinte, Jon aparece indo para a igreja animado em seu carro cantando “*Good Vibrations*”²⁹. Ele finalmente conta para a família que seu relacionamento com Barbara acabou, para a tristeza de seus pais. A irmã de Jon, em sua única fala do filme, diz que acha o término uma coisa boa, pois Barbara tinha seus próprios planos e queria alguém que só fizesse tudo por ela.

No final do filme, Jon reencontra Barbara em um café e pede desculpas por tudo o que aconteceu entre eles. Ele diz que ela lhe pediu muitas coisas e ela responde que “quando um homem ama uma mulher, ele não se importa com isso e faz tudo o que ela pede”. Jon então questiona se isso não seria “unilateral”. O filme se encerra com Jon descrevendo que apesar de nunca ter gostado de contato visual, gosta de olhar para Esther e que isto o deixa “duro como uma pedra”. Além disso, diz que consegue “se perder” nela quando estão fazendo sexo, e que sabe que ela “se perde” nele também.

Diagnósticos Psiquiátricos Relacionados ao Uso Excessivo de Internet e Pornografia

A adicção ou uso excessivo de pornografia não é um diagnóstico descrito na quinta edição do Manual Diagnóstico e Estatístico dos Transtornos Mentais (DSM-5) (American Psychiatric Association, 2014). Por causa disso, vários diferentes termos são encontrados na literatura que podem se referir a diferentes conjuntos de comportamentos relacionados ao mesmo tema e que trazem prejuízo ao indivíduo, como “dependência de sexo”³⁰ (e.g., problemas financeiros decorrentes de gastos com garotas de programa) e “dependência de internet”³¹ (e.g., se afastar dos amigos ou família por ficar horas na internet) (Ley, Prause & Finn, 2014).

Ainda se questiona se o uso excessivo de internet (ou pornografia) seria uma dependência com aspectos compulsivos e impulsivos ou comportamentos decorrentes de outros transtornos como a depressão. Durante o desenvolvimento do DSM-5 (APA, 2014), alguns psiquiatras defenderam a inclusão do diagnóstico de dependência à internet devido à presença de comportamentos topograficamente semelhantes

²⁹ Shakir, A. Q.; Wahlberg M.; Wahlberg D., & Hartman D. (2010). *Good Vibrations* [Gravada por Mark Wahlberg & The Funky Bunch e Loleatta Holloway]. Em *Music for the People* [CD]. Santa Monica, CA: Interscope Records.

³⁰ “*sex addiction*” (tradução de Ley, Prause & Finn, 2014).

³¹ “*internet addiction*” (tradução de Ley, Prause & Finn, 2014).

ao uso excessivo, tolerância³² e abstinência³³ frequentemente vistos em transtornos relacionados ao uso de substâncias (Pies, 2009). Block (2008), por exemplo, defende que conceitualmente o uso excessivo de internet faria parte do espectro dos transtornos do impulso envolvendo o uso de computador com três subtipos que se diferem de acordo com o conteúdo do material buscado: jogos, temáticas sexuais ou conversas e e-mails. No entanto, Pies (2009) aponta que ainda não se tem medidas fisiológicas para a síndrome de retirada para a dependência à internet com tanta exatidão como se tem para pacientes dependentes de opióides ou barbitúricos, por exemplo. Além disso, o autor diz não conhecer estudos que avaliam a tolerância de indivíduos dependentes de internet, ou seja, que precisam aumentar a quantidade ou intensidade do uso de estímulos relacionados à internet para produzirem uma mesma sensação de prazer.

Por outro lado, críticos do diagnóstico argumentam que o uso excessivo de internet seria uma manifestação decorrente de outros transtornos, como a depressão ou um transtorno de personalidade. Pies (2009) cita como exemplo desta posição Ha e cols. (2006), que selecionaram 12 crianças e 12 adolescentes que preenchem o critério para dependência de internet de acordo com a Escala de Dependência de Internet de Young (1996) e realizaram entrevistas estruturadas com o objetivo de identificar comorbidades psiquiátricas. Das 12 crianças avaliadas, sete foram diagnosticadas com Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade e dos 12 adolescentes, três apresentavam transtorno depressivo maior, um deles esquizofrenia e outro transtorno obsessivo-compulsivo. Além disso, no estudo de Kratzer e Hegerl (2008), no qual foram avaliados 30 participantes com “uso patológico de internet”, 27 apresentavam comorbidades psiquiátricas (sendo metade transtornos de ansiedade) em contraste com um grupo controle, em que apenas sete de 30 apresentaram comorbidades. No entanto, não foi possível concluir com estes estudos se o uso excessivo de internet seria causa ou consequência destes outros transtornos identificados. Além disso, ainda fica aberta a possibilidade de outras variáveis desconhecidas levarem ao desenvolvimento de um transtorno e, ao mesmo tempo, do uso excessivo.

No fim das contas, o DSM-5 (APA, 2014) incluiu em seu capítulo sobre dependências o jogo patológico (junto às dependências à substâncias) mas não à internet, com a justificativa de que o jogo patológico ativa sistemas de recompensa do cérebro de maneira semelhante às drogas de abuso e produzem comportamentos comparáveis aos observados em dependentes de substâncias. Outros excessos comportamentais

³² “A tolerância (...) é sinalizada quando uma dose acentuadamente maior da substância é necessária para obter o efeito desejado ou quando um efeito acentuadamente reduzido é obtido após o consumo da dose habitual” (APA, 2014, p. 484).

³³ “Abstinência (Critério 11) é uma síndrome que ocorre quando as concentrações de uma substância no sangue ou nos tecidos diminuem em um indivíduo que manteve uso intenso prolongado. Após desenvolver sintomas de abstinência, o indivíduo tende a consumir a substância para aliviá-los.” (APA, 2014, p. 485). Consumir uma substância para diminuir uma sensação desagradável configura uma contingência de reforçamento negativo.

como adicção a sexo, exercício ou compras não foram incluídos pela falta de pesquisas que comprovem que as mesmas seriam diagnósticos específicos. Além disso, o transtorno de jogos na internet foi incluído em uma seção anexa como condições que carecem de mais estudos (APA, 2014).

Com relação ao uso excessivo de materiais pornográficos, Voon e cols. (2014) buscaram avaliar a relação entre comportamentos sexuais excessivos e o uso de pornografia. Neste estudo, 19 sujeitos com “comportamentos sexuais compulsivos” (CSC) e 19 sujeitos controle foram avaliados através de uma série de escalas de ansiedade, depressão, impulsividade, traços obsessivo-compulsivos e propensão ao uso de drogas. Em seguida, todos foram submetidos à exames de ressonância magnética funcional (RMF) enquanto eram expostos a vídeos com e sem conteúdo sexual. Posteriormente, eles deveriam descrever o quanto sentiram desejo sexual e o quanto gostaram dos vídeos. Durante a avaliação dos participantes, os sujeitos do grupo CSC apresentaram maiores escores de ansiedade e depressão, sendo que dois tinham o diagnóstico de transtorno de ansiedade generalizada, um de fobia social e outro história de transtorno de déficit de atenção e hiperatividade durante a infância. Além disso, 11 relataram sentir dificuldade para obter ereção durante as relações sexuais, mas não frente a materiais com conteúdo sexual. As alterações cerebrais observadas nos exames de RMF foram semelhantes às observadas em pacientes dependentes de drogas como nicotina, cocaína e álcool quando apresentados estímulos relacionados à estas drogas, no entanto, as descrições dos participantes sobre o quanto haviam gostado das imagens não foram diferentes do grupo controle. Os autores concluíram a partir disso que embora os participantes com CSC sintam mais “vontade” (*craving*) de buscar estímulos sexuais, eles não sentem mais prazer com eles do que outras pessoas. Ao se discutir estudos de imagens cerebrais, é importante lembrar que estas imagens não apontam para causas internas do comportamento, mas sim para partes encobertas do comportamento, ou seja, os dados observados nesta pesquisa não são a causa da vontade ou dos comportamentos de busca de prazer. De um ponto de vista analítico-comportamental, estes dados podem ser entendidos como a observação de alterações fisiológicas semelhantes às observadas no cérebro de adictos quando relatam sentir vontade na presença de seus estímulos eliciadores. Alterações estas que não interferiram nos relatos de prazer.

A partir deste e outros estudos nas neurociências que buscam investigar as atividades cerebrais relacionadas ao consumo de pornografia (Kühn & Gallinat, 2014; Mechelmans & cols, 2014), algumas páginas na internet defendem que o excesso de pornografia pode levar à disfunção erétil, embora publicações científicas que descrevam a relação entre estas duas variáveis ainda sejam escassas. O site *Your Brain*

*on Porn*³⁴ reúne vários textos, notícias e vídeos de palestras sobre disfunção erétil induzida por pornografia e apresenta relatos de homens que voltaram a ter ereções em suas relações sexuais depois de abandonarem o uso da pornografia. Outros sites, como o RebootNation³⁵ e o NoFap.org³⁶, servem como grupos de apoio de usuários que decidiram parar de se masturbar para voltar a ter ereções nas relações. Neles, os usuários trocam experiências e oferecem suporte uns aos outros, e a quantidade de relatos de usuários nestas páginas mostra que este é um tema que merece atenção de pesquisadores.

Considerando o que foi discutido até o momento, é difícil, se não impossível, encaixar o personagem Jon em um diagnóstico específico, o que não é necessariamente um problema, visto que para a Análise do Comportamento “mais importante do que a descrição das respostas que trazem os indivíduos aos consultórios, é o conhecimento da função que essas respostas apresentam nesse ambiente” (Banaco, 1999, p. 4). Através de análises funcionais, identifica-se as relações estabelecidas entre indivíduo e ambiente que produziram e mantêm os comportamentos-problema, além de permitir a experimentação de modificações nessas relações (Banaco, 1999). Deste modo, não faria muita diferença ao analista do comportamento a inclusão do uso excessivo de internet ou pornografia no DSM ou outro manual classificatório, no entanto, conhecer as similaridades e diferenças destes padrões de comportamentos podem auxiliar o clínico a fazer as análises funcionais dos comportamentos dos seus clientes.

No filme, Jon apresenta excessos e déficits comportamentais que eventualmente passam a lhe causar problemas, como: (a) uso excessivo de pornografia; (b) gasto de tempo buscando estímulos pornográficos até encontrar um vídeo que considera mais excitante (semelhante ao processo de tolerância); (c) busca por material pornográfico mesmo após relações sexuais; (d) assistir à pornografia em locais inapropriados (semelhante ao uso de droga para evitar sintomas de abstinência); (e) dificuldade para interromper o uso de pornografia, mesmo dizendo ser capaz (observado em usuários dependentes de substâncias); (f) incapacidade de desenvolver intimidade sexual e objetificação das mulheres com quem se relaciona, limitando o prazer sentido nas relações sexuais.

Breve Histórico do Estudo da Sexualidade

Compreender a sexualidade humana não é só estudar o ato sexual em si. A sexualidade envolve também, além do sexo, sentimentos, fantasias, desejos e sensações.

³⁴ <http://www.yourbrainonporn.com>

³⁵ <http://www.rebootnation.org>

³⁶ <http://www.nofap.com>

Uma das primeiras obras científicas do tema na idade contemporânea é o livro *Psychology of Sex*, publicado em 1896, pelo médico inglês Havelock Ellis. Esta obra foi considerada obscena e considerada ilegal para a publicação até 1935 na Inglaterra (Silva, 2001).

Já no século XX, entre os anos 40 e 50, o biólogo Alfred C. Kinsey se destacou no estudo da sexualidade ao realizar com sua equipe mais de 16 mil entrevistas sobre comportamento sexual humano. As entrevistas falavam sobre orientação sexual, fantasias sexuais, formas de masturbação e de se alcançar o orgasmo, entre outros tópicos e os seus resultados desafiaram o que era considerado como sexualidade normal e abriu caminho para a rediscussão e redefinição de vários comportamentos sexuais (Silva, 2001).

Na abordagem analítico-comportamental se destacam o casal William Masters e Virginia Johnson (1976) que observaram mais de 10 mil casos de atividades sexuais com suas equipes. Entre suas contribuições, eles descreveram a atividade sexual como um ciclo que envolve diferentes fases, com base na atividade fisiológica do organismo, além de serem os primeiros autores a descrever diferentes “disfunções” sexuais e delinear psicoterapias para estas disfunções sexuais. Segundo Silva (2001), eles chamaram os comportamentos-problema de disfunções se referindo ao não funcionamento de algo que está vinculado às fases do ciclo sexual.

Posteriormente, Helen Kaplan (1974/1977) sintetiza os conceitos psicodinâmicos e comportamentais utilizados até então nos estudos da sexualidade humana, apresentando um modelo trifásico para a resposta sexual humana baseada nos sistemas neurofisiológicos distintos de cada uma: desejo, excitação e orgasmo (Silva, 2001).

Kaplan chama de desejo o que outros autores já haviam descrito como libido ou “energia sexual”. O desejo pode ser entendido como o interesse por atividades sexuais e costuma ser medido através da quantidade de comportamentos (públicos e privados) emitidos por uma pessoa relacionados a sexo. Kaplan descreve que o desejo é ativado quando entramos em contato com estímulos sexuais e quando estamos em estado de abstinência (privação). Em contrapartida, o desejo diminui após a atividade sexual (saciação) ou em situações de perigo ou ansiedade. É importante destacar que a autora deixa claro que os mecanismos neurobiológicos específicos do desejo ainda precisavam ser elucidados, portanto, seu conceito foi, em grande parte, baseado em inferências (Kaplan, 1974/1977; Silva, 2001).

No entanto, a partir das descrições da autora, pode-se observar semelhanças com o conceito de operações motivadoras, que são “todo e qualquer evento ambiental (seja uma operação ou condição de estímulo) que afeta um operante (...) alterando a efetividade dos estímulos consequentes (...) e modificando a frequência de classes de respostas que produzem essas consequências” (Aureliano & Borges, 2012, p.

35). Ao discutir esse conceito, Michael (1993) cita variáveis sexuais em animais, apontando como exemplo mudanças hormonais em mamíferos fêmeas com a passagem do tempo que podem aumentar o valor reforçador do contato sexual com um macho. Entretanto, ele afirma em seguida que em humanos esta situação é complexa e pouco compreendida. Com o surgimento do diagnóstico de “Desejo Sexual Hipóativo” no DSM-III (1980), houve um aumento de pesquisas na área, mas apesar disso, ainda não há um consenso nas ciências do comportamento em uma definição operacional do desejo sexual (Agmo, Turi, Ellingsen & Kaspersen, 2004).

A segunda fase do ciclo da resposta sexual humana envolve o fenômeno da excitação crescente (por isso o nome excitação), objetivamente manifesta pela vasocongestão genital. Bloqueios nesta fase levam, nos homens, à insuficiência erétil e, nas mulheres, à ausência ou diminuição de lubrificação vaginal (Cavalcanti & Cavalcanti, 2012).

A fase de orgasmo é marcada pelo pico de prazer experienciado pela pessoa. Cavalcanti e Cavalcanti (2012) descrevem que “do ponto de vista psicofísico, durante a resposta sexual, o indivíduo é submetido a um estado de crescente excitação, chegando a um ponto em que ela é tão intensa que detona um reflexo de alívio acompanhado por agradável sensação de prazer psicofísico” (p. 309). Dificuldades nesta fase são definidas como distúrbios da ejaculação e anorgasmia.

A Sexualidade no Filme Don Jon

Cavalcanti e Cavalcanti (2012) destacam a importância de se estudar a sexualidade levando em conta os aspectos biológicos, psicológicos e socioculturais. Do ponto de vista biológico, todo indivíduo saudável nasce com um organismo capaz de responder a estímulos eróticos. Quanto aos aspectos psicológicos, cada pessoa apresenta sua visão sobre o sexo, sendo importante a satisfação pessoal ou adequação sexual do indivíduo, que deve estar satisfeito com o seu comportamento sexual e o de sua parceria. Além disso, os comportamentos sexuais provocam alterações no meio social além de serem influenciados pelo meio social, ou seja, o grupo sociocultural do qual fazemos parte pode modelar nossos comportamentos sexuais. Um indivíduo pode-se ver completamente satisfeito pessoalmente, mas não estar dentro das normas sociais definidas pelo seu grupo, ou vice-versa (Cavalcanti & Cavalcanti, 2012).

No filme observamos como os comportamentos promíscuos de Jon são mantidos por reforçamento social: Jon frequenta as baladas junto com o mesmo grupo de amigos, que o admira e reforça seus comportamentos. Beltrão e Medeiros (2014), em uma análise do filme “Alfie, o Sedutor”, identificam o mesmo repertório comportamental no protagonista. Eles apontam que Alfie não só fica com diferentes mulheres, mas também faz questão de tornar isto público, concluindo que “ser reconhecido como alguém que já seduzira várias mulheres seria muito reforçador para alguém

que se descreve um sedutor, como Alfie” (p. 41). A mesma conclusão se encaixa no caso de Jon, que parece se divertir mais seduzindo as mulheres na frente dos amigos e depois contando para eles como foi a transa do que com o ato sexual em si.

Biologicamente, Jon é um rapaz saudável, sendo capaz de obter ereções frente a estímulos sexuais e ter relações sexuais satisfatórias. Do ponto de vista psicológico (ou ontogenético), podem-se observar algumas peculiaridades nos comportamentos sexuais de Jon: um exemplo é apresentado logo no início do filme, quando ele liga seu computador e diz que o som de início deixa seu pênis ereto. Tal fato poderia ser explicado através do paradigma do condicionamento respondente, que Moreira e Medeiros (2007) definem como “uma forma de aprendizagem em que um estímulo previamente neutro passa, após o emparelhamento com um estímulo incondicionado, a eliciar uma resposta reflexa” (p. 46). Neste caso, o estímulo neutro seria o som de início do computador, que após o emparelhamento com as imagens eróticas (estímulos incondicionados) passa a eliciar uma resposta reflexa (excitação e ereção peniana).

A masturbação em si não é um comportamento problemático. Segundo McCarthy (1981), o rapaz comum, solteiro, de classe média não tem relações sexuais frequentemente e a maior parte de sua descarga de tensão sexual ocorre sob a forma de masturbação. Além disso, a masturbação é uma maneira adequada de a pessoa aprender sobre suas próprias respostas sexuais e de aumentar sua sensibilidade à estimulação sexual. No entanto, com o uso excessivo de pornografia, Jon passa a considerá-la mais excitante que o ato sexual com uma parceira. O personagem descreve várias características negativas sobre a relação sexual, o que pode nos levar a questionar se uma pessoa na vida real, que ache o sexo tão desprazeroso, seria capaz de manter uma ereção e atingir o orgasmo. Mesmo preferindo a pornografia à uma transa real, Jon estava satisfeito com sua situação, pois conseguia sentir prazer no ato sexual, e considerava seus relacionamentos satisfatórios. O seu uso de pornografia se tornou um problema a partir do momento em que Barbara fica sabendo do mesmo. No filme, quando ela vê Jon assistindo a um vídeo pornográfico uma discussão é iniciada e as consequências decorrentes são bons exemplos de controle aversivo.

Segundo Moreira e Medeiros (2007), o controle aversivo pode ser definido como “o controle do comportamento por contingências de reforço negativo e punição” (p. 83). Jon estava assistindo vídeos pornográficos e Barbara briga com ele, fazendo com que ele diminua o seu uso dentro de casa. Esta briga pode ter efeito de punição positiva, definida como “consequência do comportamento que reduz sua frequência pela adição de um estímulo aversivo do ambiente” (p. 84). No caso, a bronca de Barbara seria o estímulo aversivo, e o comportamento que diminuiu de frequência foi o de assistir pornografia dentro de casa. Como forma de contracontrole, ou seja,

para impedir que ela mantenha o controle sobre seus comportamentos, Jon começa a emitir um comportamento de esquiva (mantido pela evitação do contato de um estímulo aversivo), que é assistir aos seus vídeos, utilizando seu celular, em outros lugares, como no carro e durante as aulas, evitando produzir outra briga.

Em outros momentos da relação entre os dois também é possível observar este tipo de controle, em que Jon emite comportamentos para evitar perder a namorada, mesmo se sentindo “preso” ou entediado. Um exemplo é quando nos primeiros encontros ele vai com ela ao cinema assistir a um filme que não gosta. Depois, quando já estão namorando, ela critica o fato dele limpar a própria casa e pede para ele parar de falar sobre isso na frente dela. Além disso, na academia, ela critica o fato dele recitar suas orações enquanto faz os exercícios, e ele logo faz uma cara de aborrecimento. Frente a tantas críticas (que podem ter função punitiva), pode-se perguntar o que manteria Jon neste relacionamento. Uma possível resposta seria os reforçadores positivos sociais de ficar com Barbara: ela era uma mulher bonita, considerada “nota 10” pelos amigos e bem vista pela sua família. O problema disso é que, nos momentos em que o casal estava a sós, ele não parecia estar contente. Em uma cena, os dois estão jantando em um restaurante e, enquanto ela fala sobre assuntos cotidianos, ele está pensando em pornografia.

Quando Barbara descobre que ele continua assistindo à pornografia, outra discussão entre eles acontece e Jon diz que não entende como ela pode assistir a tantas comédias românticas e que, do seu ponto de vista, não há nenhum problema em assistir pornografia, que seriam mais reais do que os filmes que Barbara assiste. Joseph Gordon-Levitt, o diretor e ator principal do filme, em entrevista (Hamilton, 2013), relata que as pessoas costumam acreditar que a vida real é como nos filmes e agem de acordo com expectativas criadas a partir destes filmes, ao invés de estabelecer uma conexão mais íntima com sua parceria. Ele descreve que tentou mostrar isso através das expectativas que Jon e Barbara desenvolvem acerca dos relacionamentos com base no material que consomem. Enquanto Jon esperava que em uma relação sexual ideal as mulheres deveriam agir como as atrizes pornô, Barbara esperava que em um relacionamento amoroso ideal os homens agissem como nos filmes românticos que assistia. Esta idealização de Barbara é apresentada em momentos como quando ela se incomoda após ele falar sobre limpar o chão de sua casa, dizendo que este não é um assunto apropriado para um homem e quando, em uma das últimas cenas do filme, ela diz para Jon que quando um homem ama uma mulher de verdade, ele deveria fazer de tudo por ela.

Em nossa cultura é comum pessoas descreverem regras sobre o que deve ser feito nos relacionamentos amorosos. No livro “Mitos Conjugais”, Lazarus (1985/1992) descreve algumas regras que, apesar de serem frequentes em nossa cultura, na verdade são mitos, por descreverem relações funcionais inexistentes ou que aca-

bam por prejudicar a saúde do relacionamento. Um destes mitos apresentados pelo autor é o de acreditar que em um relacionamento é responsabilidade de uma pessoa fazer a outra feliz. Segundo ele, em um relacionamento saudável não é responsabilidade de nenhum cônjuge fazer o outro feliz, pois cada um é responsável pela sua própria felicidade, e esperar que o outro lhe traga a felicidade está relacionado a um estado de passividade ou até mesmo de letargia.

Outro exemplo que se encaixa neste mito é o do personagem de Joseph Gordon-Levitt no filme “500 dias com ela”, em que ele se comporta em função de agradar a parceira para evitar perdê-la (Pereira & Medeiros, 2014). Segundo Banaco, Nico e Kovac (2013), é importante que em um relacionamento conjugal saudável que os comportamentos de ambos os indivíduos estejam entrelaçados de forma a produzirem ganhos para o bem comum.

No mesmo livro, Lazarus (1985/1992) destaca outro mito conjugal, o de que “os bons maridos consertam tudo em casa e as boas esposas fazem a limpeza” (p. 68). O autor relata que enquanto hoje em dia a cultura tem destacado a igualdade de direitos e o colapso dos estereótipos sexuais rígidos, muitos ainda acreditam que um cônjuge que não cumpra suas tarefas na hora e forma adequada está faltando com suas obrigações conjugais, o que não está errado, mas nas divisões de tarefas, muitas vezes ainda há atribuição do que seria “trabalho de homem” e o que seria “de mulher”. Barbara parece concordar com estes padrões de gênero quando fala para Jon que limpeza não é assunto de homem. Joseph Gordon-Levitt (Hamilton, 2013) diz que acredita que a mídia, em especial os filmes, tenha uma parcela de responsabilidade na manutenção destes estereótipos.

Até então Jon levava seus relacionamentos interpessoais de maneira egoísta e superficial, tratando suas parceiras como objetos de prazer, dando notas para sua aparência e as rejeitando após uma noite de sexo. Como já foi discutido, este padrão de comportamento é mantido pelo reforçamento social dos colegas. Jon não via problemas nisso até começar a se relacionar com Esther e ela dizer para ele que a transa não é tão boa. Segundo ela, a maneira como ele faz sexo é “unilateral” e do seu ponto de vista era como se, para ele, ela não estivesse presente. De acordo com Cavalcanti e Cavalcanti (2012), o comportamento sexual é também uma ação social, pois produz uma consequência no parceiro, que pode ser agradável ou desagradável para ambos. “Com justa razão, já se disse que o ato sexual não é algo que se faz a alguém, mas algo que se faz com alguém” (p. 3). Até o momento, Jon não tinha se atentado para as reações que produzia em suas parceiras, portanto essas reações não tinham relação de controle sobre seus comportamentos sexuais. Isto pode ser observado em uma cena em que, após a transa com uma moça, ela parece se sentir frustrada e dá um “tapinha” nas costas dele.

Esther diz para Jon que ele precisa aprender a “se perder” em outra pessoa durante o ato sexual e deixar a outra pessoa “se perder” nele. Traduzindo em termos mais objetivos, ele precisa se atentar aos comportamentos emitidos pela outra pessoa e às reações que estes comportamentos produzem nele, ou seja, aprender a ficar sob controle não só das próprias sensações corporais decorrentes do ato sexual, mas também dos comportamentos emitidos pela parceira. Deste modo, ele se tornaria capaz de identificar as reações de prazer da parceira e quais comportamentos produzem essas reações, abrindo a possibilidade de ser reforçado por essas reações.

Além disso, Esther pergunta para Jon se ele já tentou se masturbar sem usar pornografia e ele diz que sim (provavelmente mentindo). Em outro momento, ele diz que tentou, mas que sem pornografia, ele não conseguiu atingir o orgasmo, o que seria um exemplo de como as respostas sexuais de Jon estavam condicionadas à pornografia e não às sensações corporais produzidas pela autoestimulação.

Acredita-se, que em nossa cultura, os homens sejam mais facilmente excitados pela visão e as mulheres pelo toque (Cavalcanti & Cavalcanti, 2012). Apesar disso, durante a relação sexual, todos os nossos sentidos são estimulados, como o tato durante um beijo ou o olfato durante o sexo oral. Inclusive, aprender a se atentar e ficar sob controle das sensações corporais é um objetivo comum em muitos processos de psicoterapia com foco na sexualidade, produzindo resultados benéficos principalmente em casos de disfunção erétil, inibição ejaculatória em homens e disfunções orgásmicas femininas (Rodrigues Jr., 2001).

Skinner afirma que a pessoa está mais consciente quando aumenta sua capacidade de discriminar e descrever seus comportamentos, sendo assim, o autoconhecimento seria a discriminação e descrição de seus comportamentos e as contingências que os mantém (Skinner, 1974/1982). Quando Esther ajuda Jon a identificar outros estímulos presentes no ato sexual que podem interferir em seus comportamentos, ela está trabalhando seu autoconhecimento, assim como é feito em psicoterapia. “Criar condições para a discriminação das contingências que controlam os comportamentos é a condição básica para a eficácia do processo terapêutico” (Delitti, 1993, p. 42).

Uma das maneiras de se aumentar a sensibilidade a estímulos presentes na relação sexual é através de uma técnica chamada focalização sensorial ou foco sensorio. Em um primeiro momento a técnica é apresentada ao casal como um exercício de massagem, em que uma pessoa acaricia a outra em diferentes partes do corpo com exceção dos genitais. Enquanto recebe os toques, a outra pessoa deve descrever suas sensações. Após algumas repetições, o terapeuta pode solicitar variações da técnica, como alterar posições, modificar a intensidade e estilo dos toques, incluir óleos de massagem ou cremes, permitir o contato dos genitais, etc. Mais detalhes

sobre esta e outras técnicas podem ser lidos em Cavalcanti e Cavalcanti (2012) e Rodrigues Jr. (2001).

O autoconhecimento é um objetivo comum na psicoterapia com ou sem foco na sexualidade e pode fazer com que as pessoas façam escolhas que produzam resultados mais positivos e, conseqüentemente, sejam mais felizes. Embora Jon não apresente um transtorno sexual específico nem passe por nenhuma terapia estruturada, o filme serve como exemplo de como comportamentos sexuais se relacionam com todo o repertório comportamental de uma pessoa. O relacionamento de Jon com Barbara, mesmo cheio de problemas, pode ter sido importante para ele reconhecer o que não é bom para ele, e que estar com uma mulher “nota 10” não é o que faz um relacionamento ser agradável. Com Esther, Jon aprendeu a identificar comportamentos compatíveis com a manutenção de um relacionamento amoroso mais saudável e relações sexuais mais prazerosas. Na última cena com os amigos, ficamos sabendo que eles estavam em uma balada e Jon conheceu uma garota que considerava bonita, mas que não quis ficar com ela porque não gostou da conversa.

Ao final do filme, Jon está em um relacionamento estável com Esther e descreve algumas mudanças em seus comportamentos, inclusive uma diminuição do uso de pornografia. Podemos pensar que com Esther ele aprendeu a sentir prazer e satisfação sexual em uma relação a dois, coisa que anteriormente ele só conseguia se masturbando assistindo à pornografia. Embora no passado ele conseguisse ficar com várias mulheres, ele o fazia mais sob controle de aprovação social (como discutido anteriormente) do que para obtenção de prazer sexual. Isto faz sentido quando observamos as descrições de Jon em relação às vantagens da pornografia em relação às mulheres da vida real, que ele descreve como sendo mais “chatas”. Além disso, ele não ficava saciado após as relações sexuais e ia para o computador se masturbar.

Enquanto Jon narra o seu relacionamento com Esther, ele deixa claro que aprendeu a valorizar coisas de uma relação a dois que antes não eram reforçadoras. As cenas finais mostram eles no parque, em um restaurante comendo enquanto conversam e sentados na frente de um prédio enquanto ela chora e ele a faz companhia. Ele também descreve que ele não se preocupa em casamento e outros planos para o futuro e que ela nem consegue falar sobre essas coisas, e aparentemente isto não é um problema para eles, o que é um indicativo de que ele não está mais sob controle do que os outros acham que será importante para ele, mas sim da própria relação entre os dois, que é uma relação mantida por mais reforçamento positivo do que controle aversivo.

Considerações Finais

O filme apresenta ainda outros temas que valem a pena ser discutidos, como o machismo e as expectativas socioculturais dos papéis de gênero. Isto é observado não só nos comportamentos de Jon, mas também na figura do seu pai, “machão” como ele, que dá em cima de sua namorada descaradamente na frente da sua mulher, que reproduz o papel feminino pregado pela sociedade. No entanto, o presente capítulo teve como objetivo discutir temáticas mais específicas à sexualidade: a masturbação, o uso excessivo de pornografia e sua interferência na satisfação sexual de uma pessoa e variáveis relacionadas na manutenção dos relacionamentos afetivos em nossa sociedade atual.

Com relação ao uso excessivo de pornografia e masturbação, a psiquiatria e as neurociências têm pesquisado sobre a possibilidade desse conjunto de comportamentos ser um transtorno mental específico ou uma comorbidade de outros transtornos. De qualquer maneira, o analista do comportamento procura enfatizar as relações funcionais entre as repostas observadas e os estímulos ambientais. Sendo assim, através de análises funcionais é possível observar que, no caso de Jon, o uso excessivo da masturbação e pornografia estava diretamente relacionado com a baixa qualidade dos relacionamentos afetivos que mantinha com as garotas que conhecia.

Sobre as variáveis relacionadas na manutenção dos relacionamentos afetivos, podemos observar o caso de Jon como um exemplo de uma pessoa que emitia comportamentos de controlar, competir e buscar ser feliz a qualquer preço e usando as mulheres como forma de obtenção de prazer e aprovação social dos amigos. Em seguida, Esther ensina Jon a se atentar para outros aspectos importantes de uma relação a dois, e ele passa a apreciar a relação e a sentir prazer sexual com ela, diminuindo o seu uso de pornografia.

Por fim, com o desenvolvimento da “cultura do eu”, o crescimento da indústria pornográfica e o acesso cada vez mais fácil à pornografia na internet, não seria ingenuidade supor que queixas clínicas relacionadas a estes fatos apareçam cada vez com maior frequência nos consultórios de psicologia. Sendo assim, estudar a sexualidade humana se torna cada vez mais importante para o aprimoramento da prática clínica do psicoterapeuta.

Referências

American Psychiatric Association (1980). *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais* (3a. ed.). Porto Alegre: Artmed.

American Psychiatric Association (2014). *Manual Diagnóstico e Estatístico dos Transtornos Mentais: DSM-5* (5ª ed.). Porto Alegre: Artmed.

- Agmo, A., Turi, A. L., Ellingsen, E., & Kaspersen, H. (2004). Preclinical models of sexual desire: conceptual and behavioral analyses. *Pharmacology, Biochemistry and Behavior*, 78, 379-404.
- Aureliano, L. F. G., & Borges, N. B. (2012). Operações motivadoras. Em N. B. Borges & F. A. Cassas (Orgs.), *Clínica Analítico-comportamental: Aspectos teóricos e práticos* (pp. 32-39). Porto Alegre: Artmed.
- Banaco, R. A. (1999). Técnicas cognitivo-comportamentais e análise funcional. Em R. R. Kerbauy & R. C. Wielenska (Orgs.), *Sobre Comportamento e Cognição: Vol. 4. Psicologia Comportamental e Cognitiva – da reflexão teórica à diversidade na aplicação* (pp. 75-82). Santo André: ARBytes.
- Banaco, R. A., Nico, Y., & Kovac, R. (2013). A relação de casal frente aos novos padrões sociais. Em C. Zeglio, I. Fitonelli Jr., & O. M. Rodrigues Jr. (Orgs.), *Relações Conjugais: Discutindo alternativas para melhor qualidade de vida* (pp. 17-26). São Paulo: Zagodoni.
- Beltrão, A. K. V. B., & Medeiros, C. A. (2014). “Alfie, o sedutor”: A promiscuidade masculina no olhar comportamental. Em M. R. Ribeiro & A. K. C. R. de-Farias (Orgs.), *Skinner vai ao cinema: Volume 2* (pp. 38-63). Brasília: Instituto Walden 4. Retirado de http://www.walden4.com.br/livros/w4/pdf/iw4_skinner_vai_ao_cinema_v2_1a_ed_2014.pdf.
- Block, J. J. (2008). Issues for DSM-V: Internet addiction. *American Journal of Psychiatry*, 165, 306-307.
- Carpenedo, C., & Koller, S. H. (2004). Relações amorosas ao longo das décadas: Um estudo de cartas de amor. *Interação em Psicologia*, 8(1), 1-13.
- Cavalcanti, R., & Cavalcanti, M. (2012). *Tratamento clínico das inadequações sexuais* (4ª ed.). São Paulo: Roca.
- Delitti, M. (1993). O uso de encobertos na terapia comportamental. *Temas em Psicologia*, 1(2), 41-46.
- Hamilton, J. (2013, 25 de agosto). DON JON Interview: Joseph Gordon-Levitt [arquivo de vídeo]. Retirado de <http://youtu.be/NIVVbWBeOPU>.
- Kaplan, H. S. (1977). *A nova terapia do sexo* (O. B. Silva, trad.). Rio de Janeiro: Nova Fronteira. (Obra trad. publicada em 1974).
- Kratzer, S., & Hegerl, U. (2008). Is “internet addiction” a disorder of its own? A study on subjects with excessive internet use. *Psychiatr Prax*, 35(2), 80–83.

- Kühn, S., & Gallinat, J. (2014). Brain structure and functional connectivity associated with pornography consumption: The brain on porn. *JAMA Psychiatry*, 71(7), 827-834.
- Lazarus, A. A. (1985/1992). *Mitos Conjugais* (J. C. V. Gomes, trad.). Campinas: Editorial Psy.
- Ley, D., Prause N., & Finn, P. (2014). The emperor has no clothes: A review of the 'pornography addiction' model. *Current Sexual Health Reports*, 6(2), 94-105.
- Mechelmans, D. J., Irvine, M., Banca, P., Porter, L., Mitchell, S., et al. (2014). Enhanced Attentional bias towards sexually explicit cues in individuals with and without compulsive sexual behaviours. *PLoS ONE*, 9(8), 1-7.
- McCarthy, B. (1981). *O que você (ainda) não sabe sobre a sexualidade masculina* (L. R. S. S. Malta, trad.). São Paulo: Summus.
- Michael J. (1993). Establishing Operations. *The Behavior Analyst*, 16(2), 191-206
- Moreira, M. B., & Medeiros, C. A. (2007). *Princípios básicos de Análise do Comportamento*. Porto Alegre: Artmed.
- Pereira, H. C. F., & Medeiros, C. A. (2014). "500 dias com ela": Análise comportamental de relações afetivas. Em M. R. Ribeiro & A. K. C. R. de-Farias (Orgs.), *Skinner vai ao cinema: Volume 2* (pp. 64-89). Brasília: Instituto Walden4. Retirado de http://www.walden4.com.br/livros/w4/pdf/iw4_skinner_vai_ao_cinema_v2_1a_ed_2014.pdf.
- Pies, R. (2009). Should DSM-V designate "internet addiction" a mental disorder? *Psychiatry (Edgemont)*, 6(2), 31-37.
- Rodrigues Jr., O. M. (2001). Focalização sensorial. Em O. M. Rodrigues Jr. (Org.), *Aprimorando a saúde sexual: Manual de técnicas de terapia sexual* (pp. 137-141). São Paulo: Summus.
- Silva, M. C. A. (2001). A história da terapia sexual. Em O. M. Rodrigues Jr. (Org.), *Aprimorando a saúde sexual: Manual de técnicas de terapia sexual* (pp. 19-73). São Paulo: Summus.
- Skinner, B. F. (1974/1982). *Sobre o Behaviorismo* (M. da P. Villalobos, trad.). São Paulo: Cultrix.
- Voon, V., Mole, T. B., Banca, P., Porter, L., Morris, L. et al. (2014). Neural correlates of sexual cue reactivity in individuals with and without compulsive sexual behaviours. *PLoS ONE*, 9(7), 1-10.

Young, K. S. (1996). Internet addiction: The emergence of a new clinical disorder. *Cyberpsychol Behav*, 1(3), 237-244.

CAPÍTULO 13

MARKETING SOCIAL E COMPORTAMENTO DO CONSUMIDOR: TENSÕES ENTRE O CONTROLE NO CONSUMO DE TABACO E A INDÚSTRIA DE CIGARROS EM “OBRIGADO POR FUMAR”

Diego da Silva Lima

Universidade Federal de Goiás – Regional Jataí

André Amaral Bravin

Universidade Federal de Goiás – Regional Jataí

Fábio Henrique Baia

Universidade de Rio Verde

Título do filme: Obrigado por Fumar

Título original: Thank You for Smoking

Ano: 2005

Diretor: Jason Reitman

Produtor: David Sacks

Lançado por: Fox Searchlight Pictures/Room 9 Entertainment

O filme “Obrigado por Fumar” é uma adaptação do livro homônimo escrito por Christopher Buckley (1994/1996). O enredo é centrado na vida profissional de Nick Naylor (interpretado por Aaron Eckhart), um lobista da indústria do tabaco. Nick é vice-presidente e porta-voz da Academia de Pesquisa sobre o Tabaco, situada em Washington, D.C., criada e mantida pelo conjunto das mais poderosas companhias de cigarro americanas. Na década de 1990, as evidências científicas sobre a relação entre fumar e câncer de pulmão, enfisema e outras doenças já são amplamente aceitas pelo público em geral, o que coloca Naylor em uma posição difícil: ele é frequentemente responsabilizado pelas 1200 mortes que ocorrem por dia, relacionadas ao tabaco.

Em um debate transmitido ao vivo pela TV, Nick toma uma atitude audaciosa: anuncia que a indústria do tabaco investirá 50 milhões de dólares em uma campanha antifumo entre adolescentes (enquanto a proposta original era de uma campanha de 5 milhões condenada ao fracasso). Ao fazer este anúncio, promove uma imagem positiva da indústria do tabaco, no mesmo momento em que denigre a imagem de um de seus opositores no debate, o Secretário de Saúde e Serviços Humanos Ron Goode (Todd Louiso), dizendo que ele se aproveita da imagem de pacientes com câncer para conseguir verbas para seu departamento. Esse episódio é representativo da estratégia usada por Nick rotineiramente em seu trabalho: levar seus opositores ao descrédito, evitando rebater os argumentos levantados contra a indústria do tabaco.

Nick tenta conciliar essa rotina profissional com a educação do filho de 12 anos, Joey (Cameron Bright), cuja guarda é compartilhada com sua ex-exposa Jill (Kim Dickens). Ao tentar explicar para os colegas de escola de Joey sua rotina profissional, Nick logo começa a fazer um discurso sobre como as crianças devem desconfiar do que é dito a elas por autoridades, causando constrangimento em Joey e em sua professora.

Uma forma que Nick e seus dois outros colegas lobistas Bobby Jay (David Koechner), do setor de armas, e Polly Bailey (Maria Bello), do setor de bebidas alcoólicas, encontraram para lidar com suas rotinas difíceis, foi criar uma reunião informal secreta que eles passaram a chamar de “MOD Squad – Merchants of Death” (Mercadores da Morte). Os integrantes desse grupo discutem acontecimentos de seus setores de atuação e compartilham estratégias que usam para driblar seus opositores e manipular a opinião pública.

O senador Ortolan Finisterre (William H. Macy), para o qual Ron Goode trabalha, divulga um projeto de lei que obriga a todas as companhias de cigarro a colocar nos maços de cigarro a imagem de uma caveira, com o dizer “veneno” embaixo dela. Finisterre ataca o fato de as companhias de cigarro utilizarem personagens animados em sua publicidade, atraindo a atenção das crianças. O senador também anuncia que fará uma audiência no congresso, aberta à indústria no tabaco, para discutir o

projeto de lei. Vendo o setor do tabaco ameaçado, a Academia de Pesquisa sobre o Tabaco faz uma reunião para pensar em um plano para retomar a participação do setor no mercado. Nick sugere que o marketing no cinema é o caminho para a indústria recuperar seu lugar de outrora. Ele argumenta que o cigarro, nos filmes, começou a ser associado a uma figura estrangeira ou psicopata, muito diferente do passado onde fumar era visto como algo elegante, muitas vezes associado a sexo e romance.

Nick é enviado a Los Angeles com a missão de contatar Jeff Megall (Rob Lowe), produtor de Hollywood, para concretizar seu plano de reintrodução do marketing em filmes. Jeff sugere criar uma cena de atores fumando em um filme situado no futuro, pois assim permaneceriam longe da opinião pública de que o cigarro faria mal à saúde, por causa de todos os avanços tecnológicos e sociais representados no filme. Após o acordo entre eles, Nick recebe a informação sobre os valores que as companhias de cigarro teriam que pagar para incluir o cigarro no filme: 10 milhões de dólares se um dos atores principais fumasse sozinho, e 25 milhões de dólares se o casal de atores principais fumassem juntos, sendo os 5 milhões de dólares a mais justificados pelo efeito que a cena de os dois fumando, após uma cena de amor, teria no público.

Ainda em Los Angeles, Nick é convocado para lidar com outro problema para a indústria do tabaco: Lorne Lutch (Sam Elliott), antigo ator que fazia os comerciais da Marlboro, que desenvolveu câncer. Em função do dano que Lutch havia causado à imagem da indústria de cigarro, e prevendo o dano que ele ainda poderia causar, Nick é designado para levar uma quantia generosa de dinheiro a ele, sugerindo implicitamente que ele não deveria fazer estardalhaço sobre sua condição. Nick então dá duas opções a Lutch: ou ele denunciaria à mídia que estava sendo subornado pelas indústrias de tabaco e destinaria o dinheiro para a criação de uma fundação de vítimas do tabaco, ou ele ficaria em silêncio e manteria o dinheiro para si. Nick previa, com muita segurança, que Lutch não iria conseguir resistir a uma oferta daquela magnitude, por isso sugere a primeira opção apenas para pressionar o ator a manter o dinheiro para si. Lutch aceita a oferta e se mantém em silêncio.

Em um debate com o senador Finisterre, Nick é ameaçado de morte ao vivo em rede de televisão por um telespectador que fez um telefonema. Algum tempo depois, a ameaça se concretiza: Nick é sequestrado, e tem o corpo cheio de adesivos de nicotina, o que quase o levou à morte, não fosse a tolerância à nicotina que seu organismo desenvolveu com o hábito de fumar. Nick então explora o episódio frente a mídia, colocando-se na condição de vítima, e enfatizando o fato de que adesivos de nicotina (utilizados por dependentes do cigarro em fase de recuperação) fazem mal à saúde. Sua estratégia dá certo e a reputação de Nick cresce. Porém, a imagem pública de Nick não permanece positiva por muito tempo: a repórter Heather Hol-

loway (Katie Holmes), com quem Nick se envolvera sexualmente, acaba publicando uma matéria revelando informações comprometedoras sobre sua vida pessoal e seu trabalho. O episódio leva à demissão de Nick.

Mesmo demitido, Nick comparece à audiência no congresso convocada pelo senador Finisterre. Na audiência, os argumentos a favor do projeto de colocar uma caveira nos maços de cigarro são muitos: as pessoas passariam a associar o cigarro a outros produtos perigosos à saúde que já carregam essa imagem, as pessoas reagem mais à imagens que à palavras, e a parcela da população americana que não sabia ler também poderia ter acesso à informação de que os cigarros fazem mal à saúde. Nick desafia todos os argumentos de forma audaciosa, confessando que acreditava nos danos que o cigarro causava à saúde, mas que ainda sustentava que o público tinha a liberdade de escolha. Ele cita o fato de que pela lógica dos proponentes do projeto, também seriam necessárias imagens de caveiras nos carros, porque causam acidentes, e no queijo rico em colesterol, pois causa aterosclerose. A atitude de Nick o leva a receber a proposta de retornar a seu antigo emprego, proposta rejeitada por Nick para demonstrar coerência com seus princípios a seu filho, que estava na audiência.

Obrigado por Fumar – o Livro

A indústria do tabaco retratada no livro (década de 1990) não estava em um bom momento. Havia uma ameaça de que os impostos sobre o produto aumentassem drasticamente, o governo estava defendendo a ideia de proibir totalmente a publicidade do tabaco, os processos estavam se acumulando, e as agências de saúde estavam divulgando uma imagem cada vez mais negativa do tabaco, com base em estudos sobre sua relação com doenças crônicas.

Nick Naylor, no enredo original do livro, começa em uma crise profissional. Nick já não concorda mais em sustentar a atitude evasiva e as respostas ambíguas da indústria do tabaco às afirmações de que o cigarro faz mal à saúde, pois o público já não se convence mais com esse discurso. Ele sustenta que a melhor estratégia é reconhecer os danos que o cigarro pode causar à saúde, mas promover as qualidades e os prazeres do hábito de fumar. Mas essa atitude cria atritos entre Nick e seu chefe, BR (J. K. Simmons), que sustenta que a indústria do tabaco deve continuar negando e desacreditando as evidências. Nick é ameaçado de perder o emprego, caso não apresente um plano de ataque da indústria do tabaco.

A ideia do marketing em Hollywood é a resposta de Nick à imposição de seu chefe, mas a proposta não surpreende BR. O que mantém Nick em seu emprego é a proteção que conquista do Capitão (Robert Duvall), grande magnata do tabaco, que vê sua lealdade após sua aparição no programa onde anuncia audaciosamente a campanha antifumo milionária. O Capitão aprovou a ideia do marketing do tabaco nos

filmes de Hollywood (que é repassada a ele como se BR tivesse tido a ideia) e passa a acompanhar o projeto pessoalmente, designando Nick para executá-lo. O salário de Nick aumenta consideravelmente por ordem do Capitão.

No enredo do livro, diferente do enredo do filme, o sequestro de Nick tem um papel mais central. O sucesso de Nick após o seu sequestro, traduzido na grande cobertura da mídia que ele conquista, chama a atenção de agentes do FBI, que começam a investigar a vida de Nick. Eles acompanham seu sucesso na mídia e seu aumento salarial significativo, suspeitando que o sequestro tenha sido algo armado por Nick para promoção pessoal. Nick luta para revelar quem são os verdadeiros autores de seu sequestro, e ao mesmo tempo o Capitão propõe a ele assumir a culpa pelo crime que ele não cometeu, oferecendo-o uma recompensa gigantesca, apenas para manter o nome da indústria do tabaco limpo. A morte do Capitão muda esse quadro, colocando Nick em uma posição difícil, pois ele já não tinha credibilidade nenhuma para revelar os verdadeiros autores do seu crime. Não vendo outra opção que não assumir a culpa pelo crime, Nick é preso e desiste de continuar trabalhando para o *lobby* do tabaco.

Comportamento do Consumidor

Tanto o filme “Obrigado por Fumar” quanto o livro no qual se baseia (Buckley, 1994/1996), ilustram a importância do marketing na manutenção de um setor econômico como o do tabaco. As estratégias levantadas pela Secretaria de Saúde e Serviços Humanos de associar o cigarro a veneno e à morte, e as estratégias contrárias levantadas pela Academia de Pesquisa sobre o Tabaco de associar o cigarro a sexo, romance e *status* social movimentam recursos pessoais e financeiros gigantescos. A trama desenvolvida no filme corrobora com a ideia de que o comportamento de consumo, além de ser mantido pelas características intrínsecas de algum produto ou serviço, é mantido também por variáveis ambientais alheias ao produto em si, como o apelo e o reconhecimento social para citar como exemplos (Foxall, 1988). Essa tese tem sido desenvolvida nas últimas décadas pelo Behavior Perspective Model (BPM) (Foxall, 1993, 1998; Foxall e cols., 2006; Oliveira-Castro & Foxall, 2005), uma perspectiva analítico-comportamental sobre o comportamento de consumo. Cabe, portanto, introduzir o BPM para em seguida discutir como suas formulações se aplicam ao mercado do tabaco, mais precisamente o demarketing do cigarro³⁷.

Foxall (1993) propôs que o BPM é baseado em dois princípios gerais da Análise do Comportamento: (1) a frequência com que um comportamento acontece é função

³⁷ Demarketing significa reduzir a demanda por um produto ou serviço deliberadamente, por exemplo, eliminando a publicidade ou mudando o seu conteúdo, aumentando custos do produto ou dificultando o acesso do consumidor (Kotler & Levy, 1999).

das consequências que esse comportamento gerou no passado; e (2) os determinantes do comportamento devem ser encontrados no ambiente, e não dentro do indivíduo. Como o BPM é uma aproximação do paradigma operante para discutir o comportamento de consumo, é possível compreendê-lo à luz da contingência tríplice (Skinner, 1953/2000; Todorov, 2012), conforme se observa na Figura 1, que usa o consumo do cigarro para exemplificar esse tipo de análise.

A aquisição de cigarros – uma resposta complexa, que envolve se deslocar até uma loja e interagir com vendedores – é um comportamento que possivelmente foi tanto reforçado através das propriedades eliciadores da nicotina e/ou reconhecimento por algumas pessoas, quanto punido pelo prejuízo financeiro, problemas de saúde e/ou rejeição por outras pessoas. Em uma loja, lugar em que esse comportamento ocorre, existem estímulos discriminativos sinalizando essas diferentes consequências. Por exemplo, pode haver uma mensagem publicitária destacando o *status* social da pessoa que consome determinada marca de cigarro, ou uma mensagem imposta pelas agências de saúde alertando sobre os danos do cigarro à saúde). Toda essa análise precisa levar em conta se o cenário de consumo é fechado, isto é, arranja estímulos discriminativos de forma a compelir um padrão específico de comportamento, ou aberto, onde o comportamento do consumidor não é tão restringido (e, portanto, mais difícil de prever). Embora o modelo tome como base a contingência tríplice elementar estudada no laboratório animal, ele cria a divisão entre consequências utilitárias e informativas para acomodar resultados da pesquisa experimental com humanos verbalmente capazes, e integra o conceito de amplitude do cenário (cenário aberto ou fechado) da economia comportamental. Essa adaptação da contingência tríplice permite uma visão mais completa da situação de consumo, como será demonstrado a seguir.

A Aprendizagem do Consumidor: Variáveis Antecedentes, Consequências Utilitárias e Consequências Informativas

As variáveis antecedentes no BPM têm um papel análogo ao do estímulo discriminativo na contingência operante estudada em laboratório: elas sinalizam que certas consequências seguirão um comportamento naquele contexto. As variáveis antecedentes presentes no ambiente de consumo dependem da história de aprendizagem de cada consumidor (Foxall e cols., 2006): enquanto para um consumidor ver um produto de determinada marca é um estímulo discriminativo para os operantes de pegá-lo e comprá-lo, para outro consumidor pode não ser, devido à história de reforçamento ou punição de cada consumidor com aquela marca. Ela pode, por exemplo, atender as necessidades de um consumidor, enquanto não atende as necessidades de outro. Para um consumidor de baixo poder aquisitivo, o valor de uma marca mais cara pode sinalizar um possível punidor (perda maior de dinheiro), mas para um

consumidor de alto poder aquisitivo, o valor de um produto não tem esse efeito sinalizador.

Figura 1. Esquema conceitual do Behavior Perspective Model, utilizando com exemplos possíveis contingências operando no consumo do tabaco. Consequências escritas em verde são reforçadoras, e consequências escritas em vermelho são punidoras. Essa análise sempre é limitada pela amplitude do cenário: em cenários fechados, há mais certeza sobre o papel de cada variável ambiental, em cenários abertos, há mais ambiguidade.

A frequência de um determinado comportamento de consumo poderia ser interpretada apenas como uma função da utilidade que algum produto proporciona para um consumidor. Nesse sentido, a frequência de comprar um produto da marca A seria superior à frequência de comprar um produto da marca B porque o produto da marca A, por exemplo, é mais prático, ou mais saboroso, ou, de forma mais geral, satisfaz melhor as necessidades do consumidor do que o produto da marca B. Teorias no campo da economia que adotam essa perspectiva de considerar apenas o valor de uso de um produto, entretanto, têm sido consideradas insuficientes, e em muitas instâncias têm sido substituídas por outras teorias que reconhecem também o *status* social proporcionado pelo produto e a autoavaliação do consumidor como elementos relevantes no comportamento de consumo (Oliveira-Castro & Foxall, 2005).

Além disso, experimentos com humanos verbalmente capazes têm demonstrado que o desempenho desses participantes geralmente é pouco controlado por pontos, dinheiros e comida, mas é muito controlado por indicadores que demonstram o quão bem a pessoa está indo quando comparada com outras pessoas (Foxall, 1998; Oliveira-Castro & Foxall, 2005). O desempenho desses participantes também é demasiadamente controlado por instruções verbais (regras que descrevem contingências) e não pelas contingências em si (Foxall, 1998). Um outro resultado existente na literatura é o de que quando consumidores de energia elétrica recebem indicadores sobre seu comportamento de consumo ao longo do tempo, seu comportamento de economizar é melhorado (Foxall, 1998; Hayes & Cone, 1981).

Todas essas linhas de evidência convergem para um ponto central no BPM: o valor de uso de um produto não é o único determinante da frequência do comportamento de consumo. Esse ponto levou à distinção entre *reforçadores utilitários*, que são os reforçadores advindos do uso do produto em si, e entre *reforçadores informativos*, que são as reações das demais pessoas a um determinado comportamento de consumo, e frequentemente dizem respeito à informação que o indivíduo recebe sobre seu desempenho enquanto consumidor (Foxall e cols., 2006).

Os diferentes níveis de reforçadores utilitários e informativos permitem criar uma taxonomia dos comportamentos operantes do consumidor (Oliveira-Castro & Foxall, 2005). É possível haver um operante classificado como hedonismo, mantido por altos níveis de reforçadores utilitários, mas pouco mantido por reforçadores informativos, por exemplo, comprar alimentos saborosos ou drogas para consumo individual. É possível também haver um operante classificado como realização, que é mantido por altos níveis de reforçadores utilitários e informativos, como no caso de comprar um tênis novo, onde o consumidor opta não apenas por um tênis confortável, mas um que seja confortável, bonito, e seja de uma marca que dá algum *status* social. Outra classe é conhecida por acumulação, e é mantida por um baixo nível de reforçadores utilitários, mas altos níveis de reforçadores informativos, por exemplo, comprar ingressos para uma peça de teatro, sem ter um interesse genuíno nas apresentações, mas um interesse em compartilhar isso com outras pessoas. Há, por fim, operantes classificados como manutenção, que possuem nível baixo tanto de reforçadores utilitários quanto informativos, por exemplo, fazer as compras mensais do supermercado, escolhendo uma marca mediana ou de baixo custo.

Amplitude do Cenário de Consumo

O cenário de consumo é o conjunto de eventos que sinalizam para o indivíduo as consequências de comportamentos específicos (Foxall, 2006). Por exemplo, em uma loja, a disposição dos produtos, a atitude dos vendedores ao abordar o consumidor, a quantidade de alternativas de marcas para um mesmo produto, os anúncios de promoções, a publicidade no ponto de venda, sinalizam diferentes consequências para diferentes respostas de consumo.

Uma propriedade geral do cenário de consumo é sua amplitude, isto é, se ele é um cenário fechado ou aberto. Cenários fechados são aqueles que compelem um padrão específico de comportamento de consumo por dispor de um número pequeno de alternativas (Oliveira-Castro & Foxall, 2005). Esses cenários são mais previsíveis e permitem um grau maior de controle sobre o comportamento através da manipulação de variáveis ambientais (Foxall, 1993). Os cenários abertos, por sua vez, são caracterizados por uma maior quantidade de opções para o consumidor, o que leva a uma maior imprevisibilidade do comportamento e menor controle desse comportamento através da manipulação de variáveis ambientais.

Essa distinção tem sua origem na pesquisa básica com animais em economia comportamental. Hursh (1980) observou que em algumas situações a alimentação dos animais dependia exclusivamente de seu desempenho nas sessões experimentais (sistema fechado); já em outras situações os animais recebiam alimento fora das sessões experimentais como forma de controlar seu peso (sistema aberto), portanto sua alimentação dependia apenas em parte de seu desempenho nas sessões expe-

rimentais. Quando os animais eram expostos a um esquema de reforçamento que exigia mais respostas para obter alimento do que o esquema ao qual os animais estavam habituados, a taxa de resposta dos animais no sistema fechado aumentava, enquanto a taxa de respostas dos animais no sistema aberto diminuía. Essa situação é análoga a estudos no campo da economia: em sistemas econômicos abertos, com muitas opções, o consumo de uma *commodity*³⁸ específica é altamente sensível ao aumento de preço (o consumidor pode optar por uma *commodity* substituta ou deixar de consumi-la), enquanto em sistemas econômicos fechados, o consumidor, sem outras opções, continua consumindo a *commodity* mesmo que o preço aumente. No cenário aberto, diz-se que a demanda é elástica, e no segundo cenário diz-se que a demanda é inelástica (Lea, 1978; Oliveira-Castro & Foxall, 2005).

Em sistemas fechados há um conjunto limitado de opções, e pessoas outras que não o consumidor podem arranjar estímulos discriminativos de forma a facilitar um comportamento desejado, e frequentemente há pressões coercitivas para manter um determinado padrão de consumo (Foxall e cols., 2006). Uma economia artificial de fichas (tais como as que se estabelecem em instituições psiquiátricas, onde os internos ganham fichas por bons comportamentos que podem trocar por bens ou privilégios), por exemplo, é um sistema econômico fechado (Battalio e cols., 1974; Oliveira-Castro & Foxall, 2005). Mas em muitas situações de consumo do dia-a-dia, que são o principal objeto de estudo do BPM, é necessário lidar com um sistema aberto. Tais sistemas são caracterizados por várias oportunidades de consumo, ausência de pressões coercitivas (Foxall e cols., 2006), e por uma maior imprevisibilidade do comportamento (Oliveira-Castro & Foxall, 2005). Um consumidor que pode visitar várias lojas, ou tem acesso a várias marcas de um mesmo produto, está em uma situação representativa de um cenário aberto.

A distinção entre cenários fechados e abertos é relevante pelo fato de que uma análise em um cenário aberto, como o das economias de mercado, o papel de cada variável ambiental é menos preciso e menos claro quando comparado com a análise de um cenário fechado, como o do laboratório animal ou da economia de fichas. Entretanto, o fato de os cenários abertos serem mais complexos não significa que os princípios básicos da Análise do Comportamento não sejam mais aplicáveis, o que acontece é que existirá mais ambiguidade sobre quais são os elementos relevantes da contingência, produzindo proposições de caráter mais interpretativo, e não de caráter explicativo, tais como as levantadas em estudos experimentais (Foxall, 1993). Essa ambiguidade, argumenta Foxall (1998), pode ser reduzida na medida em que essa interpretação é baseada em um corpo sólido de conhecimento, tais como o construído por outras ciências como o marketing, e não apenas fruto de uma consideração superficial da situação sendo analisada.

³⁸ Commodity é qualquer bem ou serviço que satisfaz uma necessidade e tem valor.

O Mercado de Tabaco

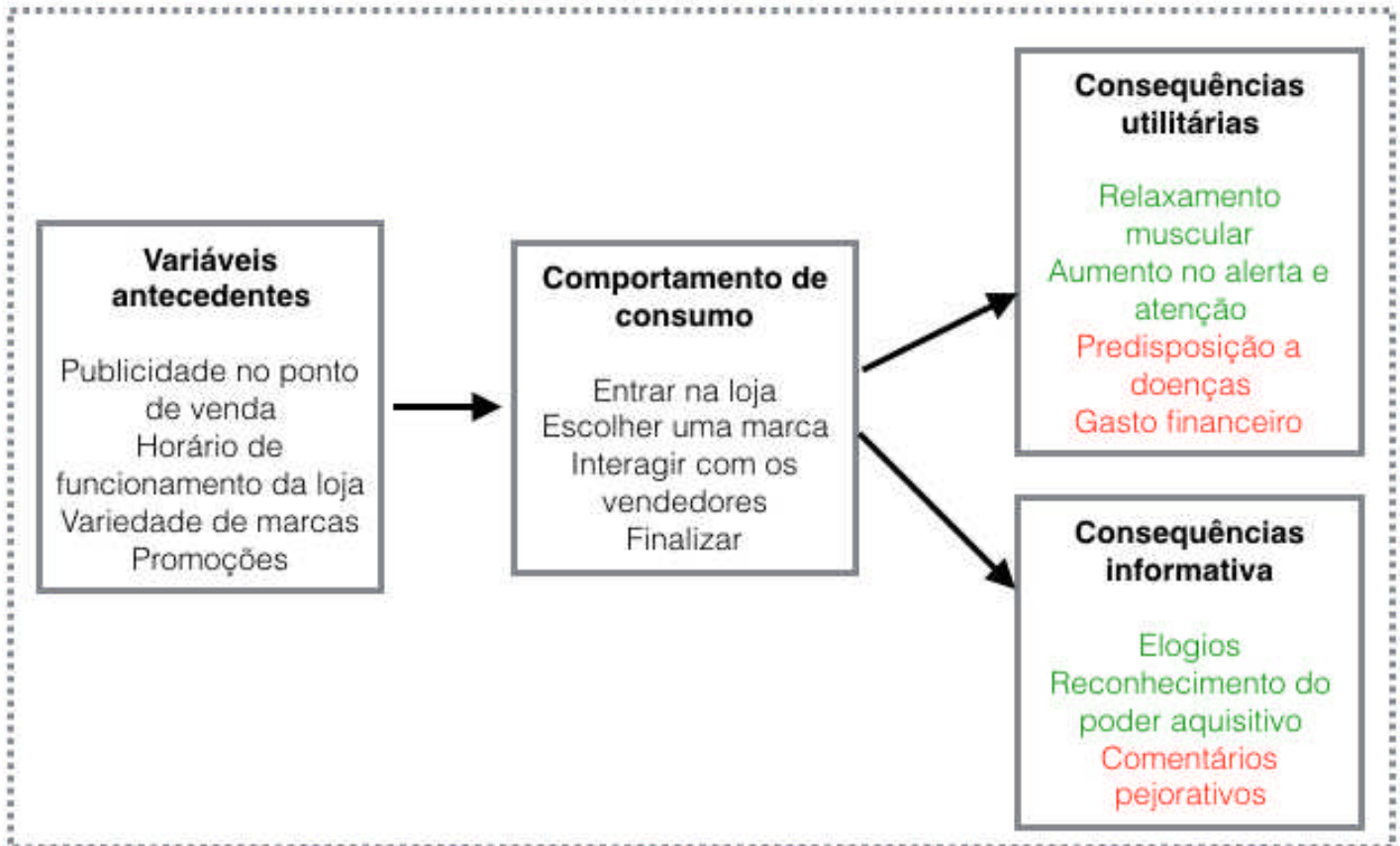
Os reforçadores utilitários dos produtos do tabaco envolvem as propriedades eliciadoras (estímulos incondicionados – US) da nicotina (e.g., bloqueio de receptores nicotínicos), o que gera estados fisiológicos (respostas incondicionadas – UR) que em um nível de análise operante (função discriminativa; estímulo discriminativo – S^D) é discriminado como relaxante e de melhora no alerta/atenção. A depender de uma série de processos de aprendizagem (e.g., Poling, Byrne & Morgan, 2000), esta estimulação proprioceptiva pode funcionar como S^D para outros desempenhos operantes de modo que dentre os reforços utilitários do uso do tabaco, além do reforço “alteração fisiológica”, outros reforços podem fazer parte do *hall* de reforços utilitários para um dado consumidor (e.g., aprendizagem estado-dependente – Overton, 1971).

Quanto aos punidores utilitários do consumo de tabaco, a literatura (Silva, 2012) tem extensivamente trazido acometimentos à saúde advindos do uso prolongado do tabaco. Além dos já conhecidos efeitos carcinogênicos, de impotência sexual, das doenças respiratórias e a predisposição e agravamento às cardiopatias e acidentes vasculares, poder-se-ia citar a própria abstinência e tolerância como consequências aversivas (i.e., potencialmente punidoras) do uso do tabaco. Além disso, o BPM (Foxall, 1993) também coloca como punidor utilitário do consumo, a própria perda de dinheiro (perda de reforçador condicionado). Por esta razão abstinência e tolerância podem ser compreendidos como punidores utilitários. Na abstinência (Organização Mundial de Saúde – OMS, 1993) é necessário o uso (consumo) da substância (tabaco) para retirar os efeitos fisiológicos desagradáveis advindos de sua metabolização no organismo. Na tolerância (OMS, 1993), é necessário o uso (consumo) da substância (tabaco) em quantidades progressivamente maiores para se gerar alteração fisiológica desejada. Portanto, dentro de uma análise molar, abstinência e tolerância são mecanismos que favorecem o consumo de tabaco, o que gera maior perda de dinheiro. Em resumo, para a análise do consumo de tabaco, o BPM pode apoiar-se na literatura biológica, da psicofarmacológica e da farmacologia comportamental, para apontar quais seriam os reforços e punidores utilitários do consumo de tabaco.

Quanto aos reforçadores informativos, consumidores de tabaco podem gerar reforços informativos como prestígio e um senso de realização conferido por terceiros por reconhecerem o seu alto poder aquisitivo para lidar com este tipo de produto (e.g., fumar charutos cubanos), e eventualmente formar um círculo de relações onde o consumo daquele dado produto é tema das discussões do próprio grupo (fumantes de cachimbo que se juntam para “degustar” uma dada qualidade – *brand* – de tabaco). Da mesma forma, punidores informativos podem advir do consumo do tabaco. Comentários pejorativos de terceiros podem imperar para aqueles que consomem tabaco, como ser tachado de esnobe (por exibir o presumível poder aquisitivo), ser apontado como uma pessoa que “fede a cigarro” ou como responsável por “fortale-

cer a indústria do câncer”. Mesmo quando o produto é o cigarro, diferentes reforços ou punições informativas são dispostos a depender da marca utilizada. Urge salientar, para a dimensão das consequências informativas, que estas são sempre media-

Cenário aberto ou fechado



das por terceiros e neste sentido dizem respeito a comportamento social e verbal (cf. Skinner, 1953, 1957).

Quando Nick Naylor propõe que a indústria do tabaco invista no marketing em filmes, para promover uma imagem pública do cigarro que seja vinculada a sexo e romance, é possível pensar que, para as pessoas que estejam vendo o filme, haja uma sinalização de uma série de reforçadores informativos para o consumo do tabaco – a pessoa pode se dispor a fumar ao observar como as consequências para fumantes envolvem ser socialmente aceito, ser esteticamente agradável, ter acesso a parceiros sexuais, entre outras possibilidades. Já quando o Senador Ortolan Finisterre trabalha para aprovação de um projeto de lei que coloque a imagem de uma caveira e a palavra “veneno” nos maços de cigarro, é possível que ele esteja sinalizando uma série de punidores utilitários, como a exposição a agentes tóxicos, possibilidades de adoecimento e morte, etc. O trabalho de Nick envolveu também o episódio de subornar uma importante imagem pública do tabaco, Lorne Lutch, para que esse se mantivesse em silêncio. O discurso que Lorne estava em posição de fazer,

combinado à sua imagem de alguém com problemas sérios de saúde vinculados ao uso prolongado do tabaco, seria uma grande ameaça à indústria do tabaco por estar, de acordo com o BPM, sinalizando um significativo punidor utilitário, que é a doença decorrente do uso contínuo de tabaco.

O comportamento de consumir tabaco, portanto, é mantido por seus reforçadores utilitários (aumento no alerta e relaxamento devido à nicotina), mas também pode ser mantido por uma série de reforçadores informativos em potencial, colocando o tabaco na categoria “realização” de acordo com a taxonomia do BPM (Oliveira-Castro & Foxall, 2005). As estratégias de marketing comercial, que promovem o produto, exploram os reforçadores informativos, procurando sinalizar ao máximo para o consumidor essas contingências (fumar promove aceitação social, reconhecimento, etc.). Já as estratégias de demarketing (que procuram desencorajar o consumo, como as promovidas por agências governamentais de saúde), sinalizarão os punidores em potencial para esse consumo.

O Consumo do Tabaco e Políticas Públicas

Várias medidas para desencorajar o uso de tabaco têm sido adotadas no mundo (Universidade de Waterloo e cols., 2013). Em vários países, a publicidade nos meios de comunicação e nos pontos de venda é proibida, as empresas de tabaco são proibidas de oferecer patrocínios, e produtos como o cigarro não podem estar em promoção. Em alguns países, como a Austrália, as embalagens de cigarro são genéricas, sem logomarcas, cores ou descritores. Em alguns casos, como em alguns territórios australianos, o Canadá, o Reino Unido e a Noruega, os maços não podem ser expostos nos pontos de venda, sendo que os comerciantes apenas possuem tabelas com descrições em texto dos produtos e dos valores. Muitos países proíbem elementos específicos, como é o caso do Brasil, que impediu que as marcas coloquem descritores como “light”, “baixos teores” e “suave”, que sugerem ao consumidor que o produto possui menos riscos à saúde. Outra medida é a presença de advertências sanitárias, que são mensagens e imagens (muitas vezes repulsivas) alertando para os perigos do tabaco, tais como a prevista no projeto de lei do Senador Finisterre no filme, e existentes em alguns países como a Austrália e Brasil (Universidade de Waterloo e cols., 2013).

As restrições à presença do tabaco no cenário do consumidor, no Brasil, datam desde 1998, quando foram impostas restrições aos horários das propagandas de cigarros na televisão, cinemas e teatros. Durante a década de 1990, medidas específicas foram implementadas, como a proibição de publicidade enganosa e abusiva, e recomendações para que não fossem transmitidas imagens de atores fumando, ou que organizações não aceitassem patrocínio das empresas de tabaco. Entretanto medidas de âmbito geral só tomaram forma na década seguinte. Em 2000, toda a

publicidade de produtos do tabaco foi proibida, com exceção da que ocorria nos pontos de venda; em 2001 foram proibidos descritores como “light” ou “suave” nos produtos, e advertências sanitárias ocupando todo o verso das embalagens foram impostas às empresas de tabaco (o Brasil foi o segundo país no mundo a adotar essa medida); em 2011, a publicidade nos pontos de venda através de pôsteres, painéis e cartazes também foi proibida (embora a exposição dos produtos ainda seja permitida no país), e estipulou-se que as advertências sanitárias deveriam ocupar também 30% da frente das embalagens até 2016 (Universidade de Waterloo e cols., 2013). Os impostos sobre produtos derivados do tabaco têm aumentado sistematicamente no Brasil desde 1990, o que tem sido considerado como a medida mais eficiente para desencorajar o uso do tabaco no mundo todo (Universidade de Waterloo e cols., 2014).

Outras medidas que visam restringir a presença do tabaco são as legislações sobre os ambientes livres de tabaco, que tem por objetivo eliminar o fumo passivo. No Brasil, inicialmente surgiram leis locais limitando o consumo de tabaco em ambientes públicos. A lei 13.541/2009 do Estado de São Paulo (“lei antifumo” como ficou conhecida), por exemplo, proibiu o fumo em qualquer lugar de uso público totalmente ou parcialmente fechado, como bares, restaurantes, casas noturnas e outros ambientes fechados, sendo permitido fumar apenas em lugares públicos abertos, como vias públicas, ou em casa. Vários outros estados adotaram leis semelhantes, até que em 2014 passou a vigorar uma lei de âmbito nacional com as mesmas regras (Organização Pan-Americana da Saúde, 2014).

A implementação dessas políticas no Brasil veio acompanhada de quedas significativas no comportamento de consumo de produtos derivados do tabaco. Em uma década, o número de fumantes no país caiu quase pela metade, de 34.8% da população em 1998 para 18.5% em 2008 (Levy, Almeida & Szklo, 2012). Dados mais recentes apontam que essa queda continua, de uma prevalência de 19.3% em 2006 para 15.6% em 2012 (INPAD, 2013). Estima-se que, em 2013, apenas 15% da população brasileira seja usuária de produtos derivados do tabaco (IBGE, 2014). Os relatórios do sistema de Vigilância de Fatores de Risco e Proteção para Doenças Crônicas por Inquérito Telefônico - Vigitel (Ministério da Saúde, 2006-2013) corroboram com esses achados, demonstrando uma queda constante no consumo de tabaco no país (Figura 2).

Levy e cols. (2012) procuraram elaborar um modelo para explicar o impacto isolado de cada política pública sobre a diminuição da prevalência de consumo de tabaco no Brasil considerando todo o período de 1989 (antes das primeiras políticas de aumen-

to de imposto) até o ano de 2010, quando o país já havia adotado uma série de medidas de aumentos de impostos, restrição da publicidade, e ambientes livres do tabaco. O modelo dos autores sugeriu que caso o aumento dos impostos sobre o produto fosse sido aplicado isoladamente, ele reduzira o consumo em 27.1%, comparado com uma redução de 7.6% caso as políticas de ambientes livres do tabaco fossem aplicadas isoladamente, e comparado com uma redução de 7.7% caso as restrições de marketing fossem aplicadas isoladamente, dentre outras medidas. O modelo previu que o conjunto das políticas públicas foi responsável por 45.9% da redução da prevalência do tabaco, o que equivale a uma redução de aproximadamente 58.000 mortes relacionadas ao tabaco.

As políticas públicas de restrição do marketing de tabaco podem ser entendidas como intervenções no cenário de consumo. Ao proibir a veiculação de comerciais na mídia, o marketing nos pontos de venda ou a exposição dos produtos no local de venda, as agências reguladoras estão eliminando um conjunto de estímulos que sinalizam os reforçadores utilitários e informativos para o comportamento de consumir o produto. Ao eliminar esses estímulos discriminativos, o cenário de consumo está se tornando mais aberto, ou seja, o comportamento do consumidor está sob menos controle de estímulos discriminativos arranjados por terceiros. De acordo com o BPM, um cenário aberto está relacionado a sentimentos de “liberdade”, e “controle do próprio comportamento” (Foxall e cols., 2006). Um ponto interessante em se observar é a grande aprovação da população das políticas de restrição da publicidade (88% da população de fumantes aprovam essas políticas, conforme a Universidade de Waterloo e cols., 2013).

As políticas de demarketing – como adicionar imagens repulsivas e advertências nas embalagens e pontos de venda – também podem ser compreendidas como intervenções no cenário de consumo. Nesse caso, as agências reguladoras estão adicionando uma série de estímulos que sinalizam os punidores utilitários e informativos para esse comportamento. Muitos fumantes tendem a reagir às imagens nos maços de cigarros, como cobri-las (18%), tirar de vista (17%) ou colocar os cigarros em outros pacotes (11%) (INPAD, 2013), que são comportamentos de fuga ou esquiva, o que sugere que esses estímulos são aversivos e/ou são efetivos em sinalizar os punidores utilitários para o consumo do produto. Nesse sentido, as políticas públicas estão tornando o cenário de consumo mais fechado, por tornar o comportamento de consumo mais determinado por estímulos discriminativos não arranjados pelo consumidor.

Moore (2005) aponta que um efeito colateral do demarketing de tabaco é a criação de normas culturais e sociais de que fumar é algo inaceitável, e a criação de atitudes negativas e estigmas para com pessoas que fumam. Tais atitudes podem servir como punidores informativos, ou seja, um *feedback* socialmente mediado sobre o

comportamento de fumar, provindo de amigos, família, colegas de trabalho, etc., que desencoraja esse comportamento.

O aumento de impostos sobre os produtos do tabaco pode servir como punidor utilitário para o comportamento de consumo, pois o consumidor precisa abrir mão de mais dinheiro para ter acesso ao produto. No Brasil, 74% dos fumantes em 2009 e 62% dos fumantes em 2013 relataram que o preço do cigarro os levou a pensar em parar de fumar, de acordo com a amostra do ITC-Brasil (Universidade de Waterloo e cols., 2014).

As leis de ambientes livres do tabaco podem ter a função de punidores informativos, na medida em que o fumante pode ser chamado atenção, ameaçado de ter que enfrentar a polícia ou ofendido por fumar perto de outras pessoas em bares, restaurantes, ou no trabalho. Tem sido demonstrado que essas leis impactam o consumo de tabaco: um ano após a implementação da lei antifumo no estado de São Paulo, a quantidade de fumantes classificados como fumantes pesados (que consomem dois ou mais maços de cigarro por dia) na cidade de São Paulo caiu 31% (Portal da Lei Antifumo, 2011). Essa queda pode se dever à diminuição dos ambientes em que a pessoa pode fumar (fechamento de cenário), após impostas tais contingências aversivas previstas na lei.

Considerações Finais

O objetivo do presente capítulo foi introduzir uma proposta comportamental para a compreensão do comportamento do consumidor, denominada de Behavior Perspective Model (BPM). O mercado de produtos do tabaco, representada de forma cômica – mas verossímil – no filme *Obrigado por Fumar*, foi um exemplo de aplicação desse modelo.

O BPM, enquanto um modelo interpretativo tem potencial para contribuir com a avaliação e planejamento de políticas públicas de um setor como o do tabaco. Diferentemente das abordagens predominantes do comportamento do consumidor, de cunho mentalista, que enfatizam variáveis internas como atitudes, intenções e memórias, o BPM tem por fundamentação a descrição das variáveis situacionais que impactam o consumo (Oliveira-Castro & Foxall, 2005). Foxall (1998) argumenta que por mais que uma descrição que não derive de uma análise experimental seja limitada, é possível fazer interpretações consistentes, desde que sejam baseadas em dados empíricos, tais como os levantados por pesquisas de campo e levantamentos.

Há frequentemente o entendimento de que estratégias de marketing existem para o interesse único e exclusivo do vendedor de um produto ou serviço. Entretanto, existe um contínuo que vai das estratégias de marketing pensadas para aumentar a margem de lucro de um vendedor, até as estratégias pensadas para o bem-estar do

consumidor. O personagem Nick Naylor é um exemplo de um agente que está em um extremo desse contínuo, pois seu emprego é pensar a maximização dos lucros da indústria do tabaco. Já as estratégias de marketing social, pensadas e implementadas por agências de saúde nacionais e internacionais, estão no outro extremo, pois têm como objetivo melhorar o bem-estar dos consumidores de um produto. A área de pesquisa que envolve comportamentos de consumo não pode ser entendida como uma ferramenta que está à serviço exclusivo da influência sobre o consumidor para aumento das vendas. O presente capítulo também tentou ilustrar como, na indústria do tabaco, o conhecimento dessa área pode ser útil para se pensar a qualidade de vida dos consumidores.

Referências

- Battalio, R. C., Fisher Jr, E. B., Kagel, J. H., Basmann, R. L., Winkler, R. C., & Krasner, L. (1974). An experimental investigation of consumer behavior in a controlled environment. *Journal of Consumer Research*, 1(2), 52-60.
- Buckley, C. (1994/1996). *Obrigado por Fumar*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Foxall, G. R. (1993). A behaviourist perspective on purchase and consumption. *European Journal of Marketing*, 27(8), 7-16.
- Foxall, G. R. (1998). Radical behaviorist interpretation: Generating and evaluating an account of consumer behavior. *The Behavior Analyst*, 21(2), 321-354.
- Foxall, G. R., Oliveira-Castro, J. M., James, V. K., Yani-de-Soriano, M. M., & Sigurdsson, V. (2006). Consumer behavior analysis and social marketing: The case of environmental conservation. *Behavior and Social Issues*, 15(1), 101-124.
- Hayes, S. C., & Cone, J. D. (1981). Reduction of residential consumption of electricity through simple monthly feedback. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 14(1), 81-88.
- Hursh, S. R. (1980). Economic concepts for the analysis of behavior. *Journal of the Experimental Analysis of Behavior*, 34(2), 219-238.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (2014). *Pesquisa Nacional de Saúde 2013. Percepção do Estado de Saúde, Estilos de Vida e Doenças Crônicas*. Retrieved from: <ftp://ftp.ibge.gov.br/PNS/2013/pns2013.pdf>
- Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia para Políticas Públicas do Álcool e Outras Drogas – Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia para Políticas Públicas do Álcool e Outras Drogas – INPAD (2013). *II LENAD – Levantamento Nacional de Ál-*

cool e Drogas - O Consumo de Tabaco do Brasil. Retrieved from: <http://inpad.org.br/lenad/resultados/tabaco/resultados-preliminares/>.

Kotler, P., & Levy, S. (1999). Demarketing, yes, demarketing. In *Brands, consumers, symbols, & research* (pp. 75-84). Thousand Oaks, CA: SAGE Publications, Inc.

Lea, S. E. (1978). The psychology and economics of demand. *Psychological Bulletin*, 85(3), 441-446.

Levy, D., Almeida, L. M., & Szklo, A. (2012). The Brazil SimSmoke policy simulation model: The effect of strong tobacco control policies on smoking prevalence and smoking-attributable deaths in a middle income nation. *PLoS Medicine*, 9(11). doi: 10.1371/journal.pmed.1001336

Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde, Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa (2006). *Vigitel Brasil 2006: Vigilância de fatores e risco e proteção para doenças crônicas por inquérito telefônico*. Retrieved from: http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/vigitel_brasil_2006.pdf

Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde, Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa (2007). *Vigitel Brasil 2007: Vigilância de fatores e risco e proteção para doenças crônicas por inquérito telefônico*. Retrieved from: http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/vigitel_brasil_2007.pdf

Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde, Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa (2008). *Vigitel Brasil 2008: Vigilância de fatores e risco e proteção para doenças crônicas por inquérito telefônico*. Retrieved from: http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/vigitel_brasil_2008.pdf

Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde, Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa (2009). *Vigitel Brasil 2009: Vigilância de fatores e risco e proteção para doenças crônicas por inquérito telefônico*. Retrieved from: http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/vigitel_brasil_2009.pdf

Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde, Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa (2010). *Vigitel Brasil 2010: Vigilância de fatores e risco e proteção para doenças crônicas por inquérito telefônico*. Retrieved from: http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/vigitel_2010.pdf

Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde (2011). *Vigitel Brasil 2011: Vigilância de fatores e risco e proteção para doenças crônicas por inquérito telefônico*. Brasília: Ministério da Saúde. Retrieved from: http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/vigitel_brasil_2011

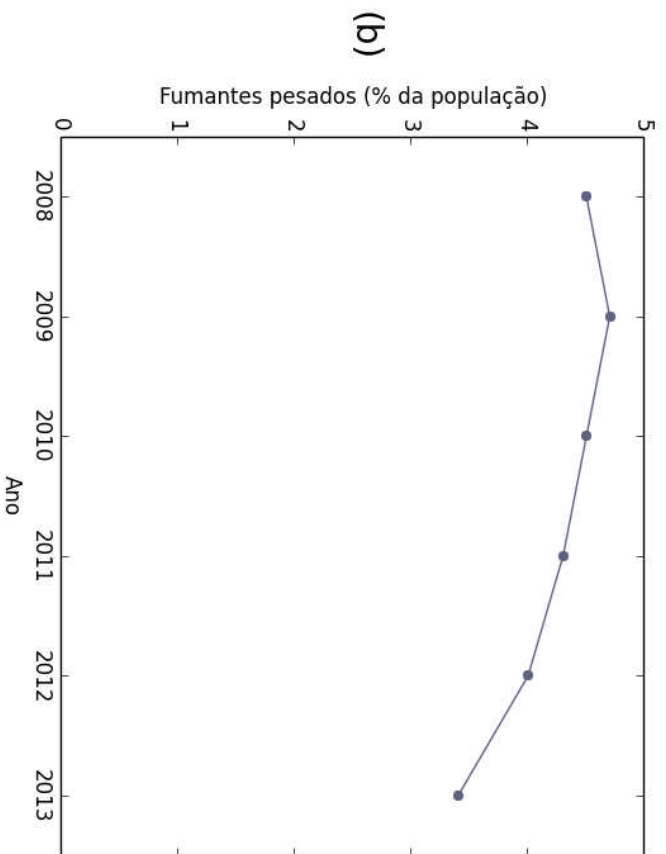
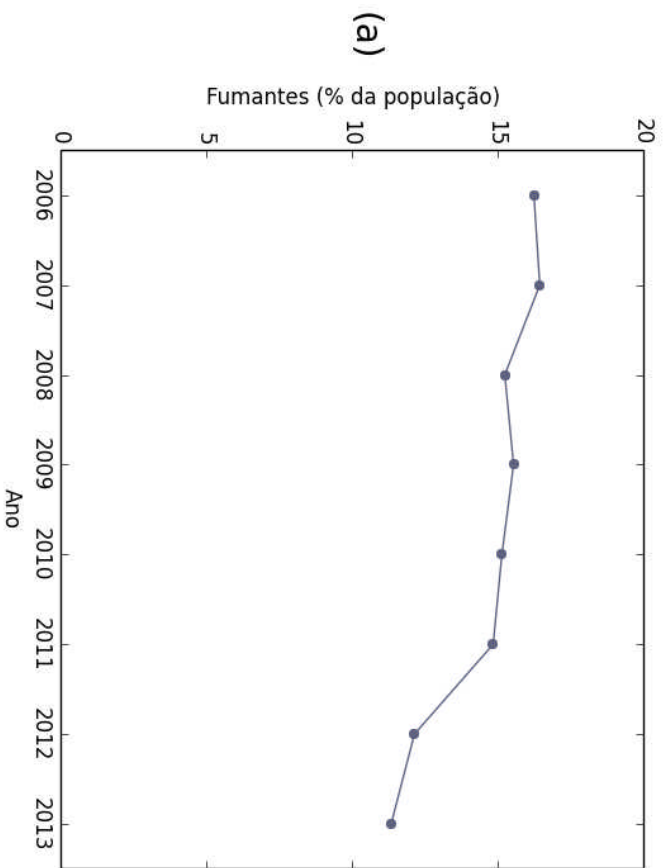


Figura 2. (a) Prevalência de pessoas fumando no Brasil entre os anos de 2006-2013. (b) Prevalência de pessoas fumando 20 ou mais cigarros ao dia entre os anos de 2008-2013. Os gráficos foram construídos através da análise das tabelas publicadas nos relatórios do sistema Vigil, publicados entre 2006 e 2013. (Ministério da Saúde, 2006-2013).

- Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde, Departamento de Vigilância de Doenças e Agravos Não Transmissíveis e Promoção da Saúde (2012). *Vigitel Brasil 2012: Vigilância de fatores e risco e proteção para doenças crônicas por inquérito telefônico*. Retrieved from: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/vigitel_brasil_2012
- Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde, Departamento de Vigilância de Doenças e Agravos Não Transmissíveis e Promoção da Saúde (2013). *Vigitel Brasil 2013: Vigilância de fatores e risco e proteção para doenças crônicas por inquérito telefônico*. Retrieved from: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/vigitel_brasil_2013
- Moore, R. S. (2005). The sociological impact of attitudes toward smoking: Secondary effects of the demarketing of smoking. *The Journal of Social Psychology, 145*(6), 703-718.
- Oliveira-Castro, J. M., & Foxall, G. R. (2005). Análise do comportamento do consumidor. Em J. Abreu-Rodrigues, & M. R. Ribeiro (Orgs.), *Análise do comportamento: Pesquisa, teoria e aplicação* (pp. 283-353). Porto Alegre: Artmed.
- Organização Mundial de Saúde – OMS (1993). Classificação de Transtornos Mentais e de Comportamento da CID-10. Descrições Clínicas e Diretrizes Diagnósticas. Porto Alegre: Artmed.
- Organização Pan-Americana da Saúde (27 de agosto de 2014). Publicado Decreto que regulamenta Lei Antifumo [Artigo de notícia em Website]. Retrieved from: http://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=4645:publicado-decreto-que-regulamenta-a-lei-antifumo&Itemid=839
- Overton, D. A. (1971). State-Dependent or “Dissociated” learning produced with pentobarbital. In: J. A. Harvey (Eds.), *Behavioral Analysis of Drug Action* (pp. 59-83). Glenview: Scott, Foresman and Company.
- Poling, A., Byrne, T., & Morgan, T. (2000). Stimulus properties of drugs. In: A. Poling & T. Byrne (Eds.), *Introduction to Behavioral Pharmacology* (pp. 141-166). Reno: Context Press.
- Portal da Lei Antifumo (7 de setembro de 2011). Paulistanos estão fumando menos [Artigo de notícia em Website]. Retrieved from: <http://www.leiantifumo.sp.gov.br/sis/lenoticia.php?id=224&c=6>
- Silva, L. C. C. (2012). *Tabagismo. Doença que tem Tratamento*. Porto Alegre: Artmed.

Skinner, B. F. (1953/2000). *Ciência e Comportamento Humano* (J. C. Todorov, & R. Azzi, trads.). São Paulo: Martins Fontes.

Skinner, B. F. (1957). *Verbal Behavior*. Englewood Cliffs: Prentice-Hall.

Todorov, J. C. (2012). O conceito de contingência tríplice na psicologia experimental. Em J. C. Todorov (Ed.), *A Psicologia como estudo de interações* (pp. 1-9). Brasília: Instituto Walden 4.

Universidade de Waterloo; Ministério da Saúde; Instituto Nacional de Câncer; Ministério da Justiça; Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas; Fundação do Câncer; Aliança de Controle do Tabagismo; Fundação Oswaldo Cruz; Centro de Estudos sobre Tabaco e Saúde. (2013). *Relatório da Pesquisa, I. T. C. Brasil sobre Publicidade, promoção e patrocínio de tabaco*. Retrieved from: http://actbr.org.br/uploads/conteudo/810_ITC_BRAZIL.pdf

Universidade de Waterloo; Ministério da Saúde; Instituto Nacional de Câncer; Ministério da Justiça; Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas; Fundação do Câncer; Aliança de Controle do Tabagismo; Fundação Oswaldo Cruz; Centro de Estudos sobre Tabaco e Saúde. (2014). *Relatório do Projeto ITC Brasil*. Retrieved from: http://actbr.org.br/uploads/conteudo/913_ITC_sumario.pdf

CAPÍTULO 14

RELATOS SELVAGENS: UMA ANÁLISE COMPORTAMENTAL DE ATAQUES DE IRA

Nagi Hanna Salm Costa
Universidade de Brasília

Frederico Santos Veloso
Instituto Brasília

Título do filme: Relatos Selvagens

Título original: *Relatos Salvajes*

Ano: 2014

Diretor: Damián Szifron

Produtores: Pedro Almodóvar, Agustín Almodóvar, Hugo Sigman, Esther García e Matías Mosteirín

Lançado por: Warner Bros. Pictures Internacional, Kramer & Sigman Films e El Deseo.

Descrição do Filme

Indicado ao Oscar na categoria de Melhor Filme Estrangeiro, à Palma de Ouro no Festival de Cannes, com nove indicações ao Prêmio Goya, entre outras, “Relatos Selvagens” conta, com humor sofisticado, seis histórias que envolvem ataques de ira, vingança e violência. O filme, produzido na Espanha e na Argentina, mostra pessoas que são levadas ao limite em situações cotidianas. A película coloca em evidência emoções tidas como primitivas, bárbaras, que estão, ao mesmo tempo, tão presentes na vida das pessoas, e que podem ser exibidas por qualquer um, frente a situações extremas de estresse e indignação.

Com facilidade, o filme leva o público a ter empatia pelos personagens, provocando, inclusive, uma “sensação catártica” em quem já passou por situações semelhantes, mas não pôde responder da mesma forma, devido às regras de civilidade. É especialmente interessante identificar sentimentos tão familiares: uma mistura de desamparo, raiva, com uma vontade de chorar copiosamente e, ao mesmo tempo, de agredir alguém, em situações nas quais nos consideramos injustiçados.

Quem nunca se sentiu impotente ou desrespeitado ao lidar com um chefe autoritário, ao se deparar com pessoas tentando tirar vantagem, frente a burocracias desnecessárias, ou com motoristas imprudentes no trânsito? Por vezes, chegando perto de perder a tolerância, a cortesia, a polidez, a educação, e demais comportamentos de urbanidade? Quase dizendo adeus à assertividade, e recepcionando a agressividade de braços abertos?

“Relatos Selvagens” é um filme sem pudores, onde o foco não é a moral e os bons costumes, mas sim nosso lado mais bruto, primitivo, a realidade não maquiada, e sem filtros. Os personagens não medem as consequências de seus atos ao farezem “justiça com as próprias mãos”. Leis e normas sociais parecem perder a importância frente à necessidade de satisfazer desejos de retaliação. Szifron articula sua trama de forma surpreendente, dando à audiência a impressão de que suas frustrações particulares foram, de alguma maneira, vingadas.

As histórias do filme são independentes – os personagens não se encontram, nem se conhecem. O que todas têm em comum é o fato de serem pessoas estressadas, com raiva, insatisfeitas, com a paciência esgotada, com “sede por justice”, e que decidem lançar mão de soluções extremas para resolverem seus problemas, chegando a utilizar, inclusive, terrorismo e selvageria para tal.

A primeira história se inicia em um aeroporto. Algumas pessoas ganham passagens de avião com data marcada, por conta de sorteios, compromissos de trabalho, entre

outros. Ao interagirem, descobrem que todos conhecem Gabriel Pasternak, um ex-estudante de música clássica, comissário de bordo do avião em que se encontravam. Dentre os presentes no vôo estava uma ex-namorada, que o traiu com seu melhor amigo, o ex-amigo, um crítico musical que fez parte de sua banca de avaliação do conservatório de música, uma antiga professora, o gerente do mercado onde trabalhava, o psiquiatra, entre outros. Todos fizeram Gabriel sofrer em algum momento de sua vida.

Um dos diálogos da história é apresentado a seguir, com tradução aproximada do espanhol para o português, para ilustrar uma das humilhações às quais Gabriel foi anteriormente exposto.

Crítico musical: “Ele apresentou sua tese no concurso do conservatório quando eu era presidente dos jurados, e eu o detruí”.

Ex-namorada: “Sim, eu estava com ele nesse momento. Foi horrível o que lhe disseram! Ficou uma semana na cama após ler a crítica”.

Crítico musical: “É, às vezes é assim, tenho que destruir a autoestima de um pobre infeliz para proteger os ouvidos de toda uma população”.



Figura 1. Primeira história.

O plano de Pasternak era colocar todas as pessoas que um dia o injustiçaram em um avião, assumir o controle do vôo, e jogar a aeronave em cima da casa dos pais, como forma de resolver todas as suas “pendências” de vingança. Não importava que perdesse a própria vida, desde que matasse aquelas pessoas também.

Na segunda história, um sarcástico candidato a prefeito aparece em um restaurante à beira de uma estrada para comer alguma coisa, e é reconhecido pela garçonete.

Garçonete: “Mesa para um?”

Candidato a prefeito: “Creio que você é boa em matemática”.



Figura 2. Segunda história.

Ela faz o pedido do cliente e desabafa para a cozinheira:

Garçonete: “Esse homem é da minha cidade. É um agiota, um mafioso, tirou nossa casa, e por culpa dele meu pai acabou se suicidando. Duas semanas depois do enterro, passou a dar em cima da minha mãe. A assediou tanto que nos forçou a nos mudarmos para cá. Sabe quantas vezes sonhei em tê-lo assim, diante de mim? Tenho muito a dizer a ele!”

Cozinheira: “A dizer?! Por culpa dele seu pai se suicidou, e a única coisa que lhe ocorre é insultá-lo?! Por que não colocamos um pouco de veneno para rato na comida dele? (...) Uma boa dose e em 5 minutos lhe arreventa o coração. (...)”

Garçonete: “Você está louca?! Quer que eu seja presa?!”

A cozinheira diz que estar presa não é tão ruim assim. Não há necessidade de pagar aluguel e ainda existiriam formas de entretenimento disponíveis na cadeia. Ela decide, por conta própria, colocar o veneno na comida do candidato, independente da preocupação esboçada pela garçonete.

Cozinheira: “Assim está esse país. Todos querem que alguém dê às pessoas o que merecem, mas ninguém se atreve a levantar um dedo. Sinta-se orgulhosa, filha. Por uma vez nessa sua vida miserável você está fazendo algo que vale à pena.”

O plano foge ao controle quando um adolescente, filho do candidato, chega ao restaurante e ingere um pouco da comida envenenada. A garçonete se desespera e tenta impedi-lo de comer, chegando, inclusive, a jogar parte da comida no pai do menino, que responde agredindo-a. A cozinheira então, pega uma faca na cozinha, e o apunhala seguidas vezes. Ele morre e ela vai presa.

A terceira história envolve dois motoristas em uma estrada próxima a Buenos Aires. Diego Iturralde queria ultrapassar um veículo, mas o motorista deste impedia propositalmente sua passagem. Quando finalmente ultrapassa o carro, Diego xinga o motorista, e lhe faz um gesto obsceno. Minutos mais tarde, o pneu de Iturralde fura e, enquanto coloca o estepe, avista o tal motorista se aproximando do local onde estava. Iturralde, visivelmente preocupado, entra no carro como tentativa de se proteger.



Figura 3. Terceira história.

Motorista: “O que aconteceu? Você se assustou?”

Diego Iturralde: “Deixa, cara, segue. É sério, já foi. Não estou com vontade de brigar, se te ofendi, te peço desculpas. Me desculpa se te ofendi, ok? (...)”

Motorista: “Por que você não grita o que havia me gritado antes? Como era?”

Diego Iturralde: “Já te pedi perdão, não sei mais o que você quer que eu faça. Se quer brigar, vamos brigar, mas não me parece necessário”

O motorista começa a destruir o carro novo de Iturralde. Os dois começam uma calorosa disputa que termina com a morte de ambos. A polícia, ao encontrar os corpos, se pergunta se o ocorrido se trataria de um crime passional.

A quarta história gira em torno da vida de Simón, um engenheiro que, no dia do aniversário de sua filha, fica responsável por pegar um bolo para ela, após o trabalho, para comemorarem com a família e amigos. Ao sair da loja, ele percebe que seu carro foi guinchado sem nenhuma razão aparente. A companhia responsável pelo guincho cobra encargos elevadíssimos para a retirada do veículo, e ignora argumentações que questionam a validade da infração.



Figura 4. quarta história.

Atendente 1: “O custo do reboque é de \$ 490,00 pesos, e a multa por infração o senhor receberá em casa”.

Simón: “Sim, mas você não escutou o que quero te explicar... O meio-fio estava absolutamente despintado. Não havia nenhuma forma de eu saber que não podia estacionar ali”.

Atendente 1: “Entendo, mas se quiser retirar o seu veículo, tem que pagar a taxa de reboque. Depois, se quiser, pode registrar uma reclamação no Departamento de Veículos (...)”.

Simón: “Hum, não... Olhe, sabe o que vamos fazer? Vou te pedir, por favor, que vá falar com quem você tiver que falar. Eu quero levar o meu carro daqui sem pagar nenhum centavo. Quero que me devolvam o que gastei com o taxi até aqui, e que me peçam as devidas desculpas. (Atendente 1 ri de Simón) Por que está rindo? Estou falando sério! Onde fica o escritório onde vocês pedem desculpas quando cometem um erro?”

Atendente 1: “Olhe, o ato de infração diz que o carro estava mal estacionado, e para nós, isso é prova suficiente. (...) A única maneira de retirar o seu veículo daqui é pagando, caso contrário, se retire e me deixe atender aos outros”.

Simón tenta explicar o ocorrido para outro atendente:

Simón: “Olha, recebi essa multa, já paguei o guincho, mas há um erro porque o meio-fio não estava pintado”.

Atendente 2: “Posso ver?”

Simón: “Sim”.

Atendente 2: “São \$ 560 pesos”.

Simón: “Olha, estou um pouco nervoso, então te peço que, por favor, me escute”.

Atendente 2: “Sim”.

Simón: “O meio-fio estava sem pintar. Acredito que deveriam mandar alguém até o endereço onde guincharam meu carro para verificar que tenho razão. Depois, em nome das autoridades responsáveis, me pedirem desculpas, porque tenho razão. Me dar de volta o dinheiro que gastei com o guincho, e me indenizar por todo esse tempo que estão me fazendo perder.”

Simón argumentou repetidas vezes a injustiça sofrida, uma vez que a empresa guinchava os carros, aplicava as multas e encargos, mas não tinha o cuidado de sinali-

zar adequadamente os locais onde era proibido estacionar. Ao ser novamente ignorado pelo funcionário, parte para a agressão. Seu comportamento vira notícia de jornal, levando-o a perder o emprego, uma vez que seus contratantes não queriam o nome da empresa envolvido em escândalos. Para completar a situação, a esposa de Simón se separa dele e fica com plena guarda da única filha do casal.

Já no limite do estresse, ele decide explodir o estacionamento da companhia, colocando explosivos em seu carro, e estacionando-o em um local em que o meio-fio estava de fato pintado, de forma que não houvesse risco de o carro não ser guinchado. Ninguém saiu ferido da explosão, e esse feito mobilizou a mídia e a população como um todo. Muitos apoiaram a atitude de “Bombita” – como passou a ser chamado após ser preso. Para surpresa das autoridades, os cidadãos apoiaram o feito de Simón. As pessoas provavelmente também estavam cansadas dessa situação, e perceberam o comportamento dele como o de um justiceiro. Simón parecia estar mais feliz na cadeia do que fora dela, e até seu relacionamento com a ex-mulher e a filha aparentava estar melhor. Bombita era um ídolo ali.

A quinta história é sobre um casal que tenta livrar seu filho, Santiago, da cadeia. Ele atingiu uma grávida ao sair de um bar, e não prestou socorro, mãe e criança faleceram. O pai de Santiago, Maurício, um homem muito rico, pede ao caseiro que assuma a culpa. O advogado monta então uma história para o caseiro contar à polícia. Para assumir a culpa pelo rapaz, o pai oferece ao caseiro uma grande quantia em dinheiro. Durante as negociações, advogado, comissário de polícia, e caseiro, tentam tirar proveito da situação, buscando conseguir o maior montante possível. O pai de Santiago, ao perceber o que acontecia, suspende o acordo.

Maurício: “Sabem do que mais, rapazes? Acabou. Não há mais acordo”.

Advogado: “Não, Maurício, espera, como não há acordo?”

Maurício: “Acabou, acabou, terminou, não vai ter nada pra ninguém mais. Santiago, você não queria confessar o que fez? Me parece perfeito! Saia na rua e confesse! Te dei a melhor educação e você sempre fez o que te deu na cabeça (...). São todos um bando de abutres. Mas acabou, eu não matei ninguém.”



Figura 5. Quinta história.

Ao perceberem que poderiam terminar sem dinheiro algum, decidem aceitar uma proposta inferior feita por Maurício. Um dos pontos altos da trama acontece quando o caseiro, ao sair da casa, como principal suspeito pelo crime, é assassinado pelo marido da vítima.

Na sexta e última história, Romina descobre, durante sua festa de casamento, uma traição amorosa do marido, Ariel, com uma das convidadas, Lourdes. Ela fica arrasada, por ter sido enganada e humilhada pelo homem que amava, e chega a pensar em cometer suicídio pulando de cima do prédio onde acontecia a cerimônia. Entretanto, pensa melhor e decide, ao invés disso, fazer sexo com um funcionário que trabalhava na cozinha do hotel onde acontecia seu casamento que fumava no telhado. Quando Ariel aparece procurando por ela, encontra-a com o funcionário, e Romina lhe diz:

“Você não sabe com quem se meteu! Vou te tirar até o último centavo, até a última propriedade que seu pai colocou no seu nome para sonegar impostos vai ser minha. Estamos casados, legalmente casados. Vou passar meus dias a me deitar com qualquer pessoa que me dê o mínimo de atenção, com todo aquele que me dê uma graminha de amor. E quando você pedir o divórcio, vou fazer aulas de atuação pra sentar-me em frente ao

juíz com cara de cachorro molhado, e dizer que ‘estou lutando, estou lutando’. Assim nosso casamento se prolonga indefinidamente. Vou divulgar pelo *Facebook* todos seus segredos. (...) Você será tão humilhado, que sua única saída será pular de uma ponte. E ai sim, quando a morte nos separe, quando a SUA morte nos separe, vou ficar com tudo.”



Figura 6. Sexta história,

Ao retornar à festa, Romina muda sua postura de enganada para agressora, atira “sem querer” a amante em um espelho, e para a surpresa do espectador, reata com o marido no final da cerimônia.

Em todas as histórias, podem-se identificar pessoas comuns passando por problemas cotidianos, mas que, devido a vários estressores antecedentes, respondem com ataques de ira. Mesmo frente ao risco de serem presos, ou à possibilidade de morrerem, os rompantes de raiva acontecem, como se tais consequências exercessem pouco controle sobre o comportamento dos personagens, e expressar seu ódio fosse muito mais importante que qualquer outra coisa.

Este capítulo apresenta, de maneira breve, como a Análise do Comportamento estuda as emoções, em especial a raiva. Propõe algumas intervenções clínicas, em caso de queixas relacionadas a comportamentos agressivos, assim como possíveis estratégias de prevenção de tais comportamentos.

Emoções na Análise do Comportamento

A compreensão das emoções sempre foi de interesse do homem. Em seu livro “A expressão das emoções no homem e nos animais”, publicado em 1872, por exemplo, Darwin relata semelhanças na forma pela qual pessoas de diferentes etnias, e mesmo alguns animais, expressam suas emoções. Fazendo uso de fotografias, desenhos e observações diretas, ele verificou traços e olhares recorrentes em diversos tipos de emoções como raiva, medo, vergonha, dor, amor e afeição (Darwin, 1872/2009).

Skinner (1989/1995) define sentimento como uma forma de “ação sensorial” (p. 14) apresentada frente a determinados estímulos. O sentir, na perspectiva filosófica do Behaviorismo Radical, é compreendido como um comportamento que, mesmo sendo privado (i.e., ao qual apenas o indivíduo que se comporta tem acesso direto), não seria responsável por causar outros comportamentos (Skinner, 1974/1976). Do ponto de vista da Análise do Comportamento, ciência embasada nos princípios do Behaviorismo Radical, não seria necessário recorrer a explicações mentalistas para entender o comportamento. Indivíduos sentiriam raiva e brigariam, por exemplo, ao serem expostos a estímulos ambientais que eliciassem e evocassem tais respostas, e não porque a raiva desencadeou comportamentos agressivos. Assim, a causa estaria na relação com o ambiente externo e não no sentimento de raiva (Millenson, 1967/1975; Skinner, 1974/1976).

Skinner (1981) propõe que nossos comportamentos seriam produto de três níveis de variação e seleção: filogenético, ontogenético, e cultural. O primeiro nível, filogenético, estaria diretamente relacionado ao processo de seleção natural descrito por Darwin, em 1859, em seu livro “Origem das Espécies”. A ideia é que características importantes para a manutenção da espécie, que ajudassem os organismos a sobreviver e se reproduzir, seriam mantidas, enquanto outras tenderiam a não se manter (Darwin, 1859/2007).

Dentre essas características, estariam os comportamentos reflexos, ou comportamentos respondentes, compreendidos como respostas involuntárias emitidas frente a determinadas mudanças no ambiente. O comportamento respondente é descrito como uma relação estímulo-resposta. Eventos do ambiente (estímulos) eliciam/provocam respostas no organismo. Quando uma resposta a um estímulo acontece, sem nenhum tipo de ensino, este estímulo é descrito na literatura como incondicionado. Exemplos de reflexos incondicionados são: piscar na presença de poeira, contrair a

pupila quando esta é exposta à luz, sugar o seio da mãe quando este toca a boca da criança, transpirar frente a elevadas temperaturas (Catania, 1998/2006; Ferster, Culbertson & Boren, 1968/1979; Moreira & Medeiros, 2007; Pierce & Cheney, 2004).

Algumas respostas reflexas podem ser aprendidas por meio de condicionamento. De maneira geral, apresenta-se um estímulo neutro – assim chamado por não eliciar ainda a resposta que será condicionada – juntamente a um estímulo incondicionado. Depois de pareamentos destes dois estímulos, observa-se que o estímulo que outrora era neutro passa a ter a função de estímulo condicionado, eliciando uma resposta condicionada (Baum, 1994/2006; Catania, 1998/2006; Moreira & Medeiros, 2007; Pierce & Cheney, 2004).

Os Padrões Fixos de Ação (FAPs – *Fixed Action Patterns*), por sua vez, seriam comportamentos inatos característicos de uma espécie, que aumentariam as chances de sobrevivência dos indivíduos. Um exemplo de padrão inato de comportamento pode ser observado quando algumas espécies de aves, como os gansos, arrastam seus ovos de volta para o ninho, quando estes, em algum momento, se deslocam para outro lugar (Baum, 1994/2006; Pierce & Cheney, 2004).

Respostas emocionais também teriam sido selecionadas na história evolutiva da espécie, devido à sua relevância para a sobrevivência dos organismos, como o medo e a raiva, por exemplo. Uma resposta de medo, geralmente emitida frente a estímulos que sinalizam perigo ou alguma ameaça, é composta por um conjunto de respostas públicas e privadas que auxiliam na fuga ou luta, por exemplo (Moreira & Medeiros, 2007). No que diz respeito às respostas fisiológicas, pode-se verificar o aumento da velocidade dos batimentos cardíacos, da respiração, aumento da pressão arterial e da sudorese, dilatação da pupila, entre outras. Demais respostas envolvem, por exemplo, correr, gritar, pedir ajuda, se esconder, e até mesmo ficar paralisado (Margis, Picon, Cosner & Silveira, 2003; Steimer, 2002). Enquanto o medo seria importante para proteger o organismo de situações de perigo, a raiva pode ter sido importante por facilitar respostas que levassem o indivíduo a ter acesso a estímulos reforçadores³⁹ primários, que são estímulos selecionados biologicamente para a sobrevivência da espécie, superando obstáculos diversos para alcançá-los (Millenson, 1967/1975). O segundo nível, ontogenético, envolve a seleção por consequências. A ideia é que as consequências de um comportamento controlariam sua probabilidade de ocorrência futura. Este nível está relacionado à história de aquisição do repertório operante do indivíduo (aquele que opera sobre o meio, produzindo consequências). Neste processo, algumas respostas produzem consequências que aumentam a probabilidade de sua ocorrência futura, ou seja, são reforçadas, enquanto outras res-

³⁹ Estímulos reforçadores são eventos ambientais, consequentes à emissão de respostas, que aumentam a frequência ou a probabilidade futura destas respostas. Contrapõem-se aos estímulos aversivos ou reforçadores negativos, que são aqueles que o organismo se comporta para remover ou adiar.

postas produzem eventos que diminuem a probabilidade futura de ocorrência (são punidas) ou entram em extinção, por não mais produzirem consequências reforçadoras naquele ambiente (Millenson, 1967/1975). O terceiro nível refere-se à seleção de práticas culturais, envolvendo comportamentos aprendidos por grupo de indivíduos (Baum, 1994/2006; Catania, 1998/2006).

Cada sociedade desenvolve formas próprias de influenciar/controlar os comportamentos das pessoas que fazem parte dela. Muitas vezes, o controle é exercido por meio de processos punitivos (multas, sanções, prisões, etc.). O indivíduo emite um comportamento tido como não desejável; este comportamento é conseqüenciado com a retirada de um reforçador positivo ou com a apresentação de um reforçador negativo (estímulo aversivo). Esta forma de controle é chamada de controle aversivo (Skinner, 1953).

De acordo com Sidman (1989/2009), as leis são desenvolvidas com o intuito não só de estabelecer quais condutas são socialmente aceitas, mas também de definir as penalidades para quem não cumprir as normas estabelecidas. Advertências, multas, uso de radares no trânsito, monitoramento policial, prisão, são exemplos de estratégias que algumas sociedades utilizam como forma de conter os “instintos mais selvagens” dos indivíduos.

As normas sociais e regras de civilidade nos impedem, na maioria das vezes, de apresentarmos ataques de cólera. Elas funcionam como inibidores ou apaziguadores da raiva e do ódio. A presença de tais normas, entretanto, não suprime a existência de comportamentos agressivos, nem diminuem o valor reforçador das conseqüências que esses comportamentos produzem quando emitidos. Várias das histórias apresentadas em “Relatos Selvagens” mostram pessoas “ignorando” leis. O comportamento dos personagens estava muito mais sob controle das conseqüências reforçadoras da emissão de comportamentos agressivos do que das conseqüências dos comportamentos de seguir as leis e normas de boa conduta social.

Provavelmente, ao serem questionadas sobre as razões de seus comportamentos agressivos, as personagens de “Relatos Selvagens” responderiam com base em emoções como a raiva, sem especificar variáveis ambientais responsáveis por seus comportamentos públicos e privados. É comum, no ambiente terapêutico, relatos de clientes segundo os quais determinados comportamentos agressivos acontecem “do nada”. Há, na verdade, uma dificuldade em discriminarem os estímulos que antecedem a ocorrência destes comportamentos.

Millenson (1967/1975) afirma que, frente à interrupção de reforçadores positivos poderosos ou à apresentação de estímulos aversivos, comportamentos agressivos podem ser apresentados. Nesse sentido, parte do trabalho do analista comportamental

clínico seria ajudar o cliente a identificar estímulos antecedentes e consequentes às respostas emitidas, analisando funcionalmente seu comportamento.

A próxima seção apresenta algumas intervenções que poderiam ser realizadas no contexto clínico.

Possíveis Intervenções Clínicas

Na prática clínica, como dito acima, é importante auxiliar o cliente a identificar contextos antecedentes que controlam seus comportamentos, assim como ensiná-lo a descrever e modificar tais comportamentos, se necessário.

A Análise Comportamental Clínica, ou Terapia Analítico-Comportamental, busca identificar a função dos comportamentos apresentados pelo cliente, assim como as variáveis mantenedoras dos mesmos. O terapeuta desenvolve planos de intervenção nos quais procura diminuir a frequência de comportamentos tidos como problemas, ou seja, aqueles que podem acarretar prejuízo ao indivíduo ou a outras pessoas. Além disso, busca aumentar a ocorrência de comportamentos definidos, em conjunto com o cliente, como desejáveis, e ainda desenvolver repertórios novos, que possam favorecer as interações sociais do cliente (de-Farias, 2010; Ribeiro, 2001).

Algumas pessoas procuram a terapia com a queixa de apresentarem comportamentos agressivos, tendo dificuldade em exibir comportamentos definidos por eles como autocontrolados. Na linguagem cotidiana, por vezes, o termo autocontrole é relacionado a uma capacidade interna do indivíduo de resistir às tentações, de não se deixar levar pelo calor do momento, não ceder a impulsos, ser focado ou disciplinado, por exemplo (Castanheira, 2001).

Na literatura de Análise do Comportamento, o termo autocontrole tem sido definido como a escolha de um reforçador de maior magnitude, em detrimento de um reforçador de menor magnitude, ainda que o seu recebimento aconteça com maior tempo de atraso (*larger-later: LL*). Em oposição ao conceito de autocontrole, tem-se o de impulsividade, que diz respeito à escolha de um reforço de menor magnitude, recebido com menor atraso (*smaller-sooner: SS*). Exemplos cotidianos deste tipo de autocontrole poderiam ser descritos como: optar por guardar dinheiro para realizar uma viagem no final do ano ao invés de gastar dinheiro imediatamente, ou então, cumprir a dieta programada pelo nutricionista no lugar de comer alimentos saborosos, mas calóricos (Ainslie, 1974; Grosch & Neuringer, 1981; Mazur & Logue, 1978; Nery & de-Farias, 2010; Rachlin & Green, 1972; Souza & Abreu-Rodrigues, 2007/2014⁴⁰).

⁴⁰ Souza e Abreu-Rodrigues (2007/2014) realizaram uma análise comportamental do filme “Réquiem para um Sonho”, abordando os conceitos de autocontrole e impulsividade, no primeiro volume de “Skinner vai ao cinema”. Sua análise pode ser útil aos leitores interessados no tema.

Quando estímulos aversivos estão envolvidos, define-se como autocontrole a escolha de estímulos aversivos menores, mais imediatos. A impulsividade, por sua vez, seria a escolha de estímulos aversivos maiores, mas postergados (Deluty, 1978; Lerman & Kodak, 2006). No dia a dia, este tipo de autocontrole poderia ser ilustrado, por exemplo, quando uma pessoa pega uma fila para pagar a conta em dia, faz a revisão do carro exigida pelo seguro ou consulta um médico para *check-up*. Em longo prazo se evita o corte de energia elétrica, a perda do seguro do carro e possíveis problemas de saúde. De maneira geral, o autocontrole e a impulsividade, na Análise do Comportamento, estariam diretamente relacionados ao momento em que as escolhas são feitas (Rachlin, 1991), agora ou depois. Cada uma delas produz consequências diferentes para o indivíduo.

Também se pode observar o paradigma autocontrole *versus* impulsividade nas práticas culturais. Normas e regras sociais podem estabelecer as condições para que comportamentos autocontrolados ocorram com maior frequência. De acordo com Tourinho (2009), as leis podem ajudar na diminuição de comportamentos impulsivos, visto que essa forma de interação pode “produzir consequências aversivas para o grupo” (p. 179).

Todas estas análises são fundamentais para o trabalho do psicólogo clínico. A clínica comportamental é frequentemente utilizada para o ensino de repertórios novos, de relevância para as interações do indivíduo, tanto em sua comunicação verbal, quanto não-verbal (de-Farias, 2010; Del Prette & Del Prette, 1999, 2008). Layng (2006) afirma que é importante ensinar o indivíduo a substituir o uso de comportamentos agressivos pelo uso do comportamento verbal, por exemplo, como forma de controlar seu ambiente. Na segunda história de “Relatos Selvagens”, a garçonete comenta com a cozinheira que tinha coisas a dizer ao candidato. Na opinião da cozinheira, entretanto, ela deveria expressar sua raiva matando o homem. Em ambos os casos, ela “expressaria” seus sentimentos em relação a ele. Entretanto, seria difícil viver em uma sociedade em que todos os desentendimentos fossem resolvidos tirando-se a vida de alguém.

Uma das estratégias utilizadas na clínica para ensinar ou aprimorar repertórios já estabelecidos é o Treino de Habilidades Sociais (THS). O conceito de habilidades sociais se refere a repertórios comportamentais necessários para as interações sociais de um indivíduo, dentro de uma cultura. Comportamentos como cumprimentar, expressar e reconhecer sentimentos, se engajar em conversações, fazer e recusar pedidos, pedir mudanças de comportamentos, se defender, seguir regras, entre outros, são importantes para o estabelecimento de relações interpessoais salutaras (Del Prette & Del Prette, 1999, 2008).

A literatura de habilidades sociais distingue, de maneira geral, três tipos de desempenhos sociais comumente apresentados: passivo, assertivo e agressivo. Dentre os comportamentos identificados como passivos estão, por exemplo, dificuldade na expressão de sentimentos negativos, autodesvalorização, indecisão e desconsideração dos próprios direitos. Comportamentos descritos como agressivos envolvem, por vezes, expressão inadequada de sentimentos negativos, sem preocupação com os efeitos destes comportamentos nas outras pessoas. Comumente se observa desrespeito aos direitos de outrem. Pode-se verificar ainda o uso de expressões no imperativo, juntamente com uma postura, gestos e tom de voz agressivos. Comportamentos assertivos seriam, de maneira geral, os mais desejáveis nas interações sociais, e caracterizados, por exemplo, pela capacidade de expressar sentimentos positivos e negativos, sem ferir ao outro. O indivíduo consegue defender seus pontos de vista e, ao mesmo tempo, respeitar opiniões divergentes. Contato visual, gestos e fala acontecem de maneira adequada, sem constranger ou agredir (Del Prette & Del Prette, 1999, 2008).

É possível que algumas pessoas sejam socialmente habilidosas em determinadas circunstâncias, mas agressivas em outras, por exemplo. O personagem Simón consegue transitar entre comportamentos assertivos, ao solicitar uma revisão da multa aplicada de maneira inadequada e a devolução de seu dinheiro, e comportamentos agressivos quando, já cansado de argumentar em vão, decide se vingar da companhia de seguros explodindo o estacionamento da empresa.

Dentre os procedimentos e princípios de aprendizagem utilizados para os THS, estão a modelagem, a modelação, o uso de instruções, e o ensaio comportamental (Caballo, 2007; Del Prette & Del Prette, 1999, 2001, 2008). Na modelagem, reforçam-se diferencialmente aproximações sucessivas de um comportamento final desejado, exigido-se do indivíduo uma resposta cada vez mais próxima do alvo previamente estabelecido para que o reforço seja liberado (Catania, 1998/2006; Keller, 1954/2007; Leonardi & Borges, 2012; Martin & Pear, 1978/2009; Moreira & Medeiros, 2007; Reese, 1966/1973; Regra, 2008; Skinner, 1953; Whaley & Malott, 1971/1980).

Na literatura, são identificados vários tipos de reforçamentos diferenciais que podem ser utilizados no contexto terapêutico. Dentre eles estão: o Reforçamento Diferencial de Outros Comportamentos (DRO – *Differential Reinforcement of Other Behaviors*), o Reforçamento Diferencial de Comportamentos Incompatíveis (DRI – *Differential Reinforcement of Incompatible Behavior*), e o Reforçamento Diferencial de Comportamentos Alternativos (DRA – *Differential Reinforcement of Alternative Behavior*). Em linhas gerais, esses esquemas de reforço diferencial têm como objetivo diminuir a frequência de determinados comportamentos através do reforçamento de outras respostas.

No DRO, por exemplo, reforçam-se apenas respostas que não são definidas como comportamento-alvo, que seria aquele que se pretende extinguir (Davis & Bitterman, 1971). No caso de uma criança apresentando comportamentos de agressão entre pares, quaisquer respostas de não-agressão poderiam ser reforçadas, por exemplo. No DRI, o reforçamento é contingente à ocorrência de respostas incompatíveis com o comportamento-alvo. No exemplo acima, abraçar ao invés de agredir poderia ser considerado como uma resposta incompatível. O DRA aconteceria frente à emissão de respostas alternativas, que produzissem o mesmo tipo de consequência que o comportamento-alvo. Comportamentos agressivos em crianças podem ter como função chamar atenção. Em um DRA, respostas que produzem este mesmo tipo de consequência poderiam ser reforçadas, como, por exemplo, ser ajudante da professora durante as aulas (Del Prette & Almeida, 2012). É possível combinar esses esquemas de reforçamento durante o planejamento das intervenções, levando-se em conta as idiosincrasias e a dinamicidade do comportamento.

Na modelação, o ensino de novos repertórios se dá por meio da observação e imitação. Uma das técnicas que utiliza modelagem, modelação, e outros procedimentos, para ensinar comportamentos novos é o Ensaio Comportamental (Otero, 2004). De maneira geral, o terapeuta apresenta um modelo de comportamento, o cliente observa, e depois tenta se comportar de maneira semelhante. Podem-se ensinar formas alternativas de interagir com outras pessoas, desde a forma de olhar para as pessoas durante as interações, o tom de voz, os gestos utilizados durante a fala, a velocidade do discurso, entre outras características (Bandura, 1969/1979; Caballo, 2007; Caballo & Buela-Casal, 2007; Kanfer & Phillips, 1970/1974; Otero, 2004; Walker, 1967/1974).

É possível ainda fazer uso de instruções para ensino de comportamentos novos, ou para aprimoramento dos já existentes. O terapeuta pode, por exemplo, instruir seu cliente a estabelecer contato visual durante as interações sociais, sempre que possível (Ayllon & Azrin, 1964; Caballo, 2007). Outras estratégias que podem ser utilizadas são: a biblioterapia (Caballo & Buela-Casal, 2007) e tarefas de casa. A biblioterapia diz respeito à utilização de textos (*e.g.*, livros, revistas, notícias de jornais), normalmente sugeridos pelo terapeuta, com temas relacionados à demanda do cliente, e cuja leitura possa auxiliar o processo de intervenção terapêutica. As tarefas de casa são estratégias importantes para que o cliente aprenda a observar seu próprio comportamento e o de outras pessoas, a fim de registrar adequadamente a ocorrência de determinados comportamentos. Funciona também para avaliar efeitos das intervenções planejadas pelo terapeuta; este dado pode ser medido através do aumento ou diminuição da frequência de comportamentos-alvo, por exemplo (Caballo, 2007).

No plano de intervenções programado pelo terapeuta podem ser inseridas também técnicas de relaxamento. O relaxamento auxilia no controle de respondentes, reduzindo a velocidade dos batimentos cardíacos, da respiração, controlando a sudorese, facilitando a circulação sanguínea, podendo ainda desacelerar eventuais respostas motoras, entre outras funções. Dentre os tipos de relaxamento descritos na literatura, estão o relaxamento progressivo de Jacobson e o passivo de Schwartz e Haynes. No primeiro deles, o terapeuta instrui o cliente a tensionar e relaxar grupos musculares, buscando alcançar um estágio de relaxamento profundo. Já o segundo propõe o relaxamento dos grupos musculares sem utilizar o tensionamento dos músculos, como acontece no de Jacobson (Vera & Vila, 2007).

A Psicoterapia Analítica Funcional (FAP – *Functional Analytic Psychotherapy*), proposta por Robert J. Kohlenberg e Mavis Tsai, sugere que habilidades interpessoais podem ser desenvolvidas durante as sessões, tendo como base a própria interação terapeuta-cliente. Na perspectiva da FAP, comportamentos clinicamente relevantes (CRBs – *Clinical Relevant Behaviors*) que o cliente apresentaria fora da sessão apareceriam também na relação estabelecida entre o cliente e o terapeuta, sendo possível modelar e reforçar diferencialmente tais comportamentos no consultório. A relação terapêutica seria utilizada, portanto, como principal instrumento para promoção de mudanças comportamentais (Kohlenberg & Tsai, 1991/2006).

Mesmo eventuais reações negativas por parte do cliente em relação ao terapeuta podem ser utilizadas no processo de intervenção, tais como sinais de raiva, desapontamento e frustração. Por exemplo, pode haver uma súbita mudança no comportamento não-verbal do cliente: pausas no meio de uma série de sentenças, súbita mudança na expressão, cerrar os punhos, queda de postura. Notar tais respostas é imprescindível, pois auxilia o terapeuta a identificar como o cliente se comporta frente a determinadas situações, incentivando, inclusive, o desenvolvimento de repertórios de autoconhecimento. Pode-se investigar ainda formas alternativas de o cliente lidar com essas situações, que possivelmente também acontecem no ambiente extra-consultório (Kohlenberg & Tsai, 1991/2006).

Como se pode observar, existe uma ampla gama de intervenções possíveis para pessoas que buscam diminuir a frequência de ocorrência de comportamentos agressivos em seu cotidiano. Rompantes de fúria, como no filme “Relatos Selvagens”, entretanto, tendem a ser mais raros, e ao mesmo tempo, seus prejuízos também costumam ser maiores, tanto para quem apresenta este tipo de comportamento, quanto para as pessoas envolvidas. Intervenções para esse tipo de ocorrência poderiam ser indicadas para qualquer pessoa, visto que, independente de idade, etnia ou classe social, nos últimos tempos, as pessoas têm sido expostas de forma incessante a estressores. Cobranças de bom desempenho começam ainda no jardim de infância, e nem sempre se observa a incorporação de hábitos salutares nessas rotinas altamen-

te exigentes. Hábitos regulares de sono, alimentação equilibrada, prática de atividade física, programação de reforços naturais e sociais, em curto, médio e longo prazo, para aliviarem o peso da rotina, por exemplo, são intervenções que podem diminuir as chances de um ataque de ira acontecer. O terapeuta pode ajudar seu cliente a administrar o tempo, de forma a respeitar os limites da saúde, e incluir atividades que possam ajudar a diminuir o estresse de seus dias.

Considerações Finais

Szifron parece ter eleito a faceta mais selvagem e instintiva do comportamento para abordar em seu filme⁴¹. Quantas vezes indivíduos se percebem a segundos de apresentarem rompantes de ira e agressividade? Todos os exemplos do filme deixam em evidência nervos à flor da pele. Expressar a raiva pode, sem dúvida, ser enebriante, aliviando o sentimento de frustração, vulnerabilidade, e conferindo certo empoderamento a quem o faz. Entretanto, este tipo de comportamento é muito mais aceito e bem recebido em um contexto ficcional, como quando Simón é encarado como um ídolo na cadeia. De maneira geral, isso não acontece. Na vida real, coloca-se em jogo a boa convivência, a liberdade e a vida.

Desta forma, também é papel do psicólogo fornecer ajuda nos momentos em que as pessoas se deparam à beira de um “ataque de nervos”. É inquestionável a importância de se extravasar a frustração e o estresse proveniente das situações cotidianas, entretanto sugere-se dar preferência a formas socialmente aceitáveis de fazê-lo. Buscar formas alternativas de expressar sentimentos, e tentar diminuir o poder evocativo de determinados eventos, pode ser interessante. O psicólogo pode planejar intervenções que envolvam estratégias de manejo da raiva e estresse, que trabalhem, de alguma forma, com a ideia de resistência à frustração, juntamente com a realização de THS. Pode sugerir também práticas que auxiliem a concentração e o relaxamento, e propor uma reorganização da rotina do cliente, de forma a garantir a inserção de práticas e hábitos saudáveis, e adicionar fontes de reforçadores na vida do indivíduo, como mencionado anteriormente.

Análises funcionais podem ser realizadas também para identificar situações em que o cliente apresenta comportamentos agressivos, o tipo de comportamento que ele emite e as consequências obtidas, e mesmo propor comportamentos alternativos a estes.

A relação terapêutica é um poderoso aliado no tratamento, e pode ser utilizada como instrumento que promove grandes mudanças no repertório dos clientes, por meio de

⁴¹ Outros filmes bastante interessantes abordam temas como agressividade, violência e preconceito. Podem-se citar “*Crash*, No Limite”, lançado em 2004 e dirigido por Paul Haggis, e “Instinto”, dirigido por Jon Turteltaub, no ano de 1999. Uma análise comportamental de *Crash* foi apresentada por de-Farias e Lima-Parolin (2007/2014), no primeiro volume de “Skinner vai ao cinema”. “Instinto” foi analisado por Albuquerque e de-Farias, em 2014, para o segundo volume da série.

procedimentos que vão desde contracondicionamentos (como a dessensibilização de estímulos que eliciam/evocam raiva) à aprendizagem de novos padrões de interação social.

Uma das estratégias que mais favorecem estes novos aprendizados é o uso do senso de humor. Emparelhar relatos e lembranças, que evocam raiva, com leveza, acolhimento e sorrisos, pode modificar sensivelmente o valor destes eventos, produzindo contracondicionamentos/dessensibilização. Refletir sobre o próprio comportamento, entrar em contato com lembranças que produzem raiva, de uma maneira descontraída, sem muita cobrança ou “peso”, é uma excelente forma de se produzir novos padrões comportamentais (Kohlenberg & Tsai, 1991/2006). Como efeito disto, tem-se a diminuição de resistências por parte do cliente. É importante o reconhecimento, por parte dos psicólogos, de que o riso ou o humor não implicam o não-cumprimento do trabalho. Quem não gostaria de deixar de sofrer sorrindo? Embora a terapia seja um assunto de responsabilidade, ela não necessita ser excessivamente séria. Tanto clientes quanto psicólogos podem enriquecer uma relação com leveza e riso. Depois de nos permitirmos sentir certas experiências dolorosamente trágicas, temos condições também de rir de verdade da maneira tão séria com que encarávamos as situações.

Psicoterapia é muito mais que um conjunto de regras elaboradas sobre o que alguém deve ou não fazer. Psicoterapia é algo muito mais simples e intenso que isto. É uma jornada de trabalho, honesto, entre duas pessoas. É um processo que oferece ganhos para os envolvidos. É uma jornada de amor. O diálogo entre diferentes áreas do conhecimento pode ser útil para pensar em programas de prevenção para comportamentos agressivos, melhorando a qualidade de vida dos clientes e das pessoas que com eles interagem.

Referências

- Ainslie, G. W. (1974). Impulse control in pigeons. *Journal of the Experimental Analysis of Behavior*, 21, 485-489.
- Albuquerque, M. V. S. L., & de-Farias, A. K. C. R. (2014). “Instinto”: Descrição, previsão e controle do comportamento violento. Em M. R. Ribeiro & A. K. C. R. de-Farias (Orgs.), *Skinner vai ao cinema: Volume 2* (pp. 186-220). Brasília: Instituto Walden4. Retirado de http://www.walden4.com.br/livros/w4/pdf/iw4_skinner_vai_ao_cinema_v2_1a_ed_2014.pdf.
- Ayllon, T., & Azrin, N. H. (1964). Reinforcement and Instructions with Mental Patients. *Journal of the Experimental Analysis of Behavior*, 7, 327-331.

- Bandura, A. (1969/1979). *Modificação do Comportamento* (E. Nick & L. Peott, trads.). Rio de Janeiro: Interamericana.
- Baum, W. M. (1994/2006). *Compreender o Behaviorismo: Comportamento, cultura e evolução* (M. T. A. Silva, M. A. Matos & G. Y. Tomanari, trads.). Porto Alegre: Artmed.
- Caballo, V. E. (2007). O Treinamento em Habilidades Sociais. Em V. E. Caballo (Org.), *Manual de Técnicas de Terapia e Modificação do Comportamento* (pp. 361-398) (M. D. Claudino, trad.). São Paulo: Santos.
- Caballo, V. E., & Buela-Casal, G. (2007). Técnicas Diversas em Terapia Comportamental. Em V. E. Caballo (Org.), *Manual de Técnicas de Terapia e Modificação do Comportamento* (pp. 685-718) (M. D. Claudino, trad.). São Paulo: Santos.
- Castanheira, S. S. (2001). Autocontrole: A linguagem do cotidiano e da Análise do Comportamento. Em R. A. Banaco (Org.), *Sobre Comportamento e Cognição: Vol. 6. Aspectos metodológicos e de formação em Análise do Comportamento e Terapia Cognitivista* (pp. 57-73). Santo André: ARBytes.
- Catania, A. C. (1998/2006). *Aprendizagem: Comportamento, linguagem e cognição* (D. G. Souza, coord. trad.). Porto Alegre: Artmed.
- Davis, J., & Bitterman, M. E. (1971). Differential Reinforcement of Other Behavior (DRO): A yoked-control comparison. *Journal of the Experimental Analysis of Behavior*, 15, 237-241.
- Darwin, C. (1859/2007). *A Origem das Espécies* (J. Green, trad.). São Paulo: Martin Claret.
- Darwin, C. (1872/2009). *A Expressão das Emoções no Homem e nos Animais* (L. S. L. Garcia, trad.). São Paulo: Companhia das Letras.
- de-Farias, A. K. C. R. (2010). Por que Análise Comportamental Clínica? Uma introdução ao livro. Em A. K. C. R. de-Farias (Org.), *Análise Comportamental Clínica: Aspectos teóricos e estudos de caso* (pp. 19-29). Porto Alegre: Artmed.
- de-Farias, A. K. C. R., & Lima-Parolin, K. V. (2007/2014). Crash: No limite. Uma análise comportamental de preconceitos e comportamentos discriminatórios. Em A. K. C. R. de-Farias & M. R. Ribeiro (Orgs.), *Skinner vai ao cinema: Volume 1* (pp. 231- 256). Brasília: Instituto Walden4. Retirado de <http://www.walden4.com.br/livros/w4/pdf/iw4_skinner_vai_ao_cinema_v1_2a_ed_2014.pdf>.

- Del Prette, Z. A. P., & Del Prette, A. (1999). *Psicologia das Habilidades Sociais: Terapia, Educação e Trabalho*. Petrópolis: Vozes.
- Del Prette, Z. A. P., & Del Prette, A. (2001). *Psicologia das Relações Interpessoais: Vivências para o Trabalho em Grupo*. Petrópolis: Vozes.
- Del Prette, Z. A. P., & Del Prette, A. (2008). *Psicologia das Habilidades Sociais na Infância: Teoria e Prática*. Petrópolis: Vozes.
- Del Prette, G., & Almeida, T. A. C. (2012). O uso de técnicas na Clínica Analítico-Comportamental. Em N. B. Borges & F. A. Cassas (Orgs.), *Clínica Analítico-Comportamental: Aspectos teóricos e práticos* (pp. 147-159). Porto Alegre: Artmed.
- Deluty, M. Z. (1978). Self-control and impulsiveness involving aversive events. *Journal of Experimental Psychology: Animal Behavior Processes*, 4, 250-266.
- Ferster, C. B., Culbertson, S., & Boren, M. C. P. (1968/1979). *Princípios do Comportamento* (M. I. R. Silva, trad.). São Paulo: Hucitec.
- Grosch, J., & Neuringer, A. (1981). Self-control in pigeons under the Mischel paradigm. *Journal of the Experimental Analysis of Behavior*, 35, 3-21.
- Kanfer, F. H., & Phillips, J. S. (1970/1974). *Os Princípios da Aprendizagem na Terapia Comportamental: Abordagem comportamental e paradigmas de aprendizagem* (Vol 1, T. P. L. Mettel, trad.). São Paulo: EPU.
- Keller, F. S. (1954/2007). *Aprendizagem: Teoria do reforço* (R. Azzi, L. Zimmerman & L. O. S. Queiroz, trads.). São Paulo: EPU.
- Kohlenberg, R. J., & Tsai, M. (1991/2006). *Psicoterapia Analítica Funcional: Criando relações terapêuticas intensas e curativas* (F. Conte, M. Delitti, M. Z. da S. Brandão, P. R. Derdyk, R. R. Kerbauy, R. C. Wielenska, R. A. Banaco, & R. Starling, trads.). Santo André: ESETEC.
- Layng, T. V. J. (2006). Emotions and Emotional Behavior: a Constructional Approach to Understanding Some Social Benefits of Aggression. *Revista Brasileira de Análise do Comportamento*, 2, 155- 170.
- Leonardi, J. L., & Borges, N. B. (2012). A modelagem como ferramenta de intervenção. Em N. B. Borges & F. A. Cassas (Orgs.), *Clínica Analítico-Comportamental: Aspectos teóricos e práticos* (pp. 166-170). Porto Alegre: Artmed.
- Lerman, D. C., Kodak, T., & Addison, L. R. (2006). A preliminary analysis of self-control with aversive events: The effects to task magnitude and delay on the choices of children with autism. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 39, 227-232.

- Margis, R., Picon, P., Cosner, A. F., & Silveira, R. O. (2003). Relação entre estressores, estresse e ansiedade. *Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul*, 25, 65-74.
- Martin, G., & Pear, J. (2009). *Modificação do Comportamento: O que é e como fazer* (N. C. Aguirre, trad.). São Paulo: Roca.
- Mazur, J. E., & Logue, A. W. (1978). Choice in a "self-control" paradigm: Effects of a fading procedure. *Journal of the Experimental Analysis of Behavior*, 30, 11-17.
- Millenson, J. R. (1967/1975). *Princípios de Análise do Comportamento* (A. A. Souza & D. Rezende, trads.). Brasília: Coordenada.
- Moreira, M. B., & Medeiros, C. A. (2007). *Princípios Básicos de Análise do Comportamento*. Porto Alegre: Artmed.
- Nery, V. F., & de-Farias, A. K. C. R. (2010). Autocontrole na perspectiva da Análise do Comportamento. Em A. K. C. R. de-Farias (Org.), *Análise Comportamental Clínica: Aspectos teóricos e estudos de caso* (pp. 112-129). Porto Alegre: Artmed.
- Otero, V. R. L. (2004). Ensaio Comportamental. Em C. N. Abreu & H. J. Guilhardi (Orgs.), *Terapia Comportamental e Cognitivo-comportamental: Práticas clínicas* (pp. 205-214). São Paulo: Roca.
- Pierce, W. D., & Cheney, C. D. (2004). *Behavior Analysis and Learning* (3ª ed.). New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.
- Rachlin, H., & Green, L. (1972). Commitment, choice and self-control. *Journal of the Experimental Analysis of Behavior*, 17, 15-22.
- Rachlin, H. (1991). Self-control. Em H. Rachlin (Org.), *Introduction to Modern Behaviorism* (pp. 264-286). New York: Freeman.
- Reese, E. P. (1966/1973). *Análise do Comportamento Humano* (G. P. Witter, trad.). Rio de Janeiro: Livraria José Olympio.
- Regra, J. A. G. (2008). Modelagem. Em C. N. Abreu & H. J. Guilhardi (Orgs.), *Terapia Comportamental e Cognitivo-comportamental: Práticas clínicas* (pp. 121-143). São Paulo: Roca.
- Ribeiro, M. R. (2001). Terapia Analítico-Comportamental. Em H. J. Guilhardi, M. B. B. P. Madi, P. P. Queiroz, & M. C. Scoz (Orgs.), *Sobre Comportamento e Cognição: Vol 8. Expondo a Variabilidade* (pp. 99-105). Santo André: ESETec.

- Sidman, M. (1989/2009). *Coerção e suas implicações* (M. A. Andery & T. M. Sério, trads.). Campinas: Livro Pleno.
- Skinner, B. F. (1953). *Science and Human Behavior*. New York: The Macmillan Company.
- Skinner, B. F. (1981). Selection by Consequences. *Science*, 213, 501-504.
- Skinner, B. F. (1989/1995). *Questões Recentes na Análise Comportamental* (A. L. Neri, trad.). Campinas: Papyrus.
- Skinner, B. F. (1974/1976). *About Behaviorism*. New York: Vintage Books.
- Souza, A. S., & Abreu-Rodrigues, J. (2007/2014). “Réquiem para um Sonho”: Uma visão comportamental da impulsividade e adicção. Em A. K. C. R. de-Farias & M. R. Ribeiro (Orgs.), *Skinner vai ao cinema: Volume 1* (pp. 125-149). Brasília: Instituto Walden4. Retirado de <http://www.walden4.com.br/livros/w4/pdf/iw4_skinner_vai_ao_cinema_v1_2a_ed_2014.pdf>.
- Steimer, T. (2002). The Biology of Fear – and Anxieties – Related Behaviors. *Dialogues in Clinical Neuroscience*, 4, 231-249.
- Tourinho, E. Z. (2009). *Subjetividade e Relações Comportamentais*. São Paulo: Paradigma.
- Vera, M. N., & Vila, J. (2007). Técnicas de Relaxamento. Em V. E. Caballo (Org.), *Manual de Técnicas de Terapia e Modificação do Comportamento* (pp. 147-165) (M. D. Claudino, trad.). São Paulo: Santos.
- Walker, E. L. (1967/1974). *Aprendizagem: O condicionamento e a aprendizagem instrumental* (C. Ades, trad.). São Paulo: EPU e EDUSP.
- Whaley, D. L., & Malott, R. W. (1971/1980). *Princípios Elementares do Comportamento* (Vol. 1, M. A. Matos, M. L. Ferrara & C. F. Santoro, trads.). São Paulo: EPU.